

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DONIZETE APARECIDO BATISTA

ENTRELAÇAMENTO DISCURSIVO EM QUADRINHOS PUBLICADOS NA  
INTERNET: HUMOR, RELIGIÃO E SEXUALIDADE

CURITIBA  
2016

DONIZETE APARECIDO BATISTA

ENTRELAÇAMENTO DISCURSIVO EM QUADRINHOS PUBLICADOS NA  
INTERNET: HUMOR, RELIGIÃO E SEXUALIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Letras, Setor de Ciências  
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal  
do Paraná, como requisito parcial à obtenção  
do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Linguagem e práticas  
sociais.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lígia Negri

CURITIBA  
2016

**Catálogo na publicação elaborada por Mauro Cândido dos Santos – CRB 9ª-1416.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

B333e Batista, Donizete Aparecido.  
Entrelaçamento discursivo em quadrinhos publicados na Internet:  
humor, religião e sexualidade / Donizete Aparecido Batista. – Curitiba,  
2016. 217 f.: il.; tabs., graf.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lígia Negri.

Tese (Doutorado em Linguística) □ Universidade Federal do Paraná.  
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-  
Graduação em Letras,

1. Análise do discurso. 2. Dialogismo. 3. Carnavalização. 4 - Humor  
e quadrinhos. I. Negri, Lígia. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 400

CDU 81`42





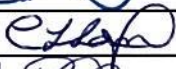
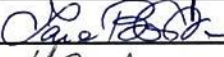

Setor de Ciências Humanas  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

## PARECER

Defesa de tese de doutorado de **DONIZETE APARECIDO BATISTA** para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Os abaixo-assinados Lígia Negri, Presidente, Altair Pivovar, Gesualda dos Santos Rasia, Iara Bemquerer Costa, Marilda L. Pinheiro, Queluz arguíram, nesta data, o candidato, que apresentou a tese: **“ENTRELAÇAMENTO DISCURSIVO EM QUADRINHOS PUBLICADOS NA INTERNET: HUMOR, RELIGIÃO E SEXUALIDADE”**.

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Doutor em Letras**, conforme especificações abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
Dr. <sup>a</sup> Lígia Negri (Presidente)		Apt.
Dr. Altair Pivovar		Aprovado
Dr. <sup>a</sup> Gesualda dos Santos Rasia		Aprovado
Dr. <sup>a</sup> Iara Bemquerer Costa		Aprovado
Dr. <sup>a</sup> Marilda L. Pinheiro Queluz		Aprovado

Curitiba, 21 de novembro de 2016.



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia da Silva Cardoso  
Coordenadora

## AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese implica solidão. Sentar-se diante de livros, fichá-los, depois selecionar trechos, elaborar sínteses e reflexões. Tudo isso acontece de forma muito íntima e solitária. Essa jornada não seria possível sem aqueles que nos acenam nos portos, nas estações de trem, metros e saguões de aeroportos. Pessoas, personagens que, de alguma, possibilitaram essa viagem. São tantos rostos, tantos gestos de carinho que a possibilidade de alguém ser esquecido pelo meio do caminho é muito grande. Peço desculpas se isso acontecer, mas peço também que se incluam na lista “enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, cruzaram pela minha jornada, deixaram palavras de alento, de apoio, de conforto e carinho”.

”. Eis agora alguns dos nomes que tornaram essa jornada menos solitária.

A Lígia Negri, por ser responsável diretamente pela chance dessa viagem; Ao meu companheiro de jornada Maurício, por esses quase onze anos juntos e por sempre, mesmo quando nada fizesse sentido, fez acreditar que eu podia mais;

A minha irmã Angela, por ser, sobretudo, mais amiga e confidente do que irmã;

Ao professor Altair Pivovar pelas sugestões e indicações de leitura na reta final dessa jornada;

À professora Gesualda Rasia pela participação da qualificação e pelas sugestões de ajustes no texto;

À professora Iara Bemquerer Costa pelas sugestões que deu após a leitura crítica do projeto;

Aos meus amigos Vagner, Sabrina, Larissa e Thiago, que tornaram a vivência no exílio em Rio Paranaíba e o exílio promovido pela escrita da tese menos dolorosos;

A Ana Paula Amorim, amiga que me fez acreditar que amizades podem ser infinitas, indissolúveis e incondicionais;

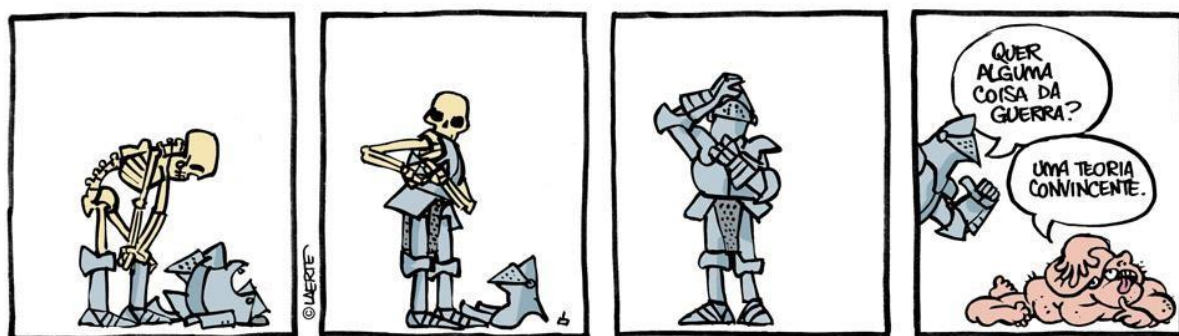
À professora Viviane Bengezen pelo texto do *abstract*;

Ao inesquecível professor Paulo Venturelli pelo contágio bakhtiniano;

À Universidade Federal de Viçosa pelo apoio;

Aos meus pais, Dona Regina e Seu José, pelos primeiros quadrinhos da minha vida;

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, cruzaram pela minha jornada, deixaram palavras de alento, de apoio, de conforto e carinho.



LAERTE. Manual do minotauro

## RESUMO

O presente trabalho procura descrever alguns recursos discursivos responsáveis por sentidos de humor em quadrinhos publicados na internet. A tese investiga, especificamente, quais seriam as estratégias utilizadas pelos enunciadores para constituir um tipo de humor carnavalizante, que consiste no rebaixamento, na dessacralização e na paródia de discursos hegemônicos. Uma das hipóteses levantadas é de que o humor carnavalizante se constitui de um modo peculiar, pois se vale de recursos linguísticos discursivos próprios que dão a ele um calibre diferente de outros estilos humorísticos. As análises desse tipo de humor serão orientadas por um referencial teórico que apreende a língua como uma estrutura cujos componentes formais e elementos externos a ela compõem-se em um todo dialógico, ou seja, uma perspectiva que traz para dentro da sua estrutura, a articulação entre os aspectos formais e sociais. Isso posto, faz-se necessária uma descrição desse objeto de estudo, definindo o que se entende por *língua*, *texto*, *discurso* e *contexto*. Além desses conceitos, buscamos também na AD, em especial, os conceitos de *interdiscursividade*, *semântica global* e de *tradução* de Dominique Maingueneau. Para esse autor, a semântica global é uma metodologia profundamente influenciada pelo dialogismo bakhtiniano, tanto que essa perspectiva, tal como as orientações de Bakhtin, permite integrar todos os planos envolvidos na discursividade, tanto os da ordem do enunciado quanto os responsáveis pela sua enunciação. Justifica-se, desse modo, a relevância que este trabalho dá aos gêneros do discurso, ao estatuto dos enunciadores e aos interlocutores. As relações interdiscursivas serão analisadas dentro do campo religioso, em que se delimitam dois espaços discursivos que, embora se apresentem como antagônicos, constituem-se mutuamente: o espaço das vozes neopentecostais e o espaço das vozes LGBTTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros), em enunciados produzidos desde a liberação das uniões civis entre pessoas do mesmo sexo até a ascensão do pastor e deputado Marco Feliciano à presidência da CDHM (Comissão de Direitos Humanos e Minorias). Ainda, na concepção maingueneana, a tradução diz respeito às formas como cada um desses espaços apreende o Outro e como os enunciados alheios são ressignificados nos termos próprios de cada espaço discursivo, ou seja, cada um dos espaços cria um simulacro do Outro, nos termos orientados pela sua competência discursiva. O humor seria um tipo de “tradução”, de “simulacro” que se faz do Outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso, dialogismo, carnavalização, humor e quadrinhos.

## ABSTRACT

This work aims at describing some discursive resources, which were responsible for humour meanings of comic strips published on the internet. The thesis investigates, specifically, which strategies would be used by the enunciators so it would be possible to constitute a kind of carnivalized humour, which is the destitution, the desecration and parody of hegemonic discourses. One of the hypotheses is that the carnivalized humour constitutes a peculiar way, since it uses its own discursive linguistic resources which give it a different caliber, comparing to other humorous styles. Analyses of this kind of humor will be guided by a theoretical framework that understands language as a structure whose formal components and external elements to it consist in a whole dialogical, that is, a perspective that brings within its structure, the joint between formal and social aspects. Therefore, it is necessary a description of this object of study, defining what is meant by language, text, speech and context. In addition to these concepts, we also seek on the Discourse Analysis, in particular, the concepts of interdiscursivity, global semantics and translation according to Dominique Maingueneau. For this author, global semantics is a methodology deeply influenced by Bakhtin's dialogism, so that this perspective, as the guidelines of Bakhtin, allows all planes involved in the discourse, both those from the order of the stated as those responsible for its enunciation. It is justified, thereby, the relevance of discursive genres to this work, besides the status of enunciators and interlocutors. The interdiscursive relations will be analyzed within the religious field, in which two discursive spaces are delimited, although they are presented as antagonistic, mutually constitute each other: the space of neo-Pentecostal voices and space of LGBTTs voices (Lesbian, Gay, Bisexual and transgender), in statements made since the release of civil unions between same sex until the rise of the pastor and deputy Marco Feliciano to the presidency of "CDHM" (*Comissão de Direitos Humanos e Minorias* - Commission on Human Rights and Minorities). Still, according to Maingueneau's concepts, translation relates to the ways each of these spaces apprehends the Other and how others statements are reinterpreted in the very words of each discursive space, that is, each of the spaces creates a simulacrum of the Other, in accordance guided by its discursive competence. The humour would be a kind of "translation", of "simulacrum" that one makes from the Other.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis, dialogism, carnivalization, humour and comics.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 AS FORMAS DE ENUNCIAÇÃO – TEXTO, DISCURSO E GÊNERO .....</b>	<b>19</b>
2.1 O TEXTO E SUAS DIVERSAS SEMIOSES.....	23
2.2 O DIALOGISMO.....	29
2.3 A ANÁLISE DO DISCURSO E A INTERPRETAÇÃO .....	37
2.4 GÊNEROS DE DISCURSO – UM PRÓLOGO BAKHTINIANO.....	49
<b>2.4.1 Gêneros e as competências necessárias .....</b>	<b>55</b>
2.4.2 A cenografia de Maingueneau.....	68
<b>3 HQs: PASSADO, PRESENTE E ALÉM .....</b>	<b>75</b>
3.1 HQS E OS ECOS DE ANTIGAS VOZES .....	81
3.2 QUADRINHOS NA INTERNET .....	86
<b>4 O RISO E A CARNAVALIZAÇÃO .....</b>	<b>101</b>
4.1 O HUMOR SEGUNDO POSSENTI.....	105
4.2 A CARNAVALIZAÇÃO COMO UMA FORMA DE TRADUÇÃO .....	111
4.2.1 Derrubando deuses do céu .....	122
4.2.1.1 O Deus de Laerte .....	123
4.2.1.2 O boteco dos deuses, de Ruas .....	124
4.3 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A CENSURA E O POLITICAMENTE CORRETO .....	126
<b>5 ESPAÇOS DISCURSIVOS – DISCURSOS RELIGIOSOS NEOPENTECOSTAIS E DISCURSOS LGTBs.....</b>	<b>128</b>
5.1 JACK & ENNIS.....	128
5.2 ROCK & HUDSON .....	136
5.3 UM TUÍTE DE 400 ANOS E AS CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO RELIGIOSO .....	149
<b>6 AS ANÁLISES .....</b>	<b>158</b>
6.1 PIADAS DIVINAS E PIADAS CHEIAS DE HERESIA .....	158
6.2 O PASSADO E O PRESENTE; O ALTO E O BAIXO.....	181
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>202</b>
<b>8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>206</b>

## 1 INTRODUÇÃO



LAERTE. Manual do minotauro.

A história que se segue é uma dessas narrativas de estrutura muito semelhante à das parábolas. Textos que podem ser utilizados como metáforas para uma meia centena de situações da vida “ordinária”. Esse conto, em especial, é muito citado e recorrente em manuais de iniciação à linguística. A narrativa conta sobre quatro hindus cegos que se postaram diante de um elefante. A fim de descrever o bicho, via tato, cada qual tocou em um dado ponto do paquiderme. Para um, que se posicionou diante da tromba, se tratava de uma grande serpente; para outro, que ficou posicionado na lateral, o bicho era um muro. Um deles, ficou com a cauda e definiu o elefante como uma corda imensa. E o último cego, tocou as pernas e imaginou que a criatura era uma enorme pilastra. Cada um deles segmentou o elefante em “realidades” diferentes por conta da posição em que estavam postados (ou – em que se encontravam). De forma mais pragmática e menos metafórica, Borges e Dascal (1991) afirmam que o estudo da linguagem exige que também se recorte, se fragmente o objeto pesquisado. Dessa forma, esse “pedaço da realidade” torna-se uma espécie de simulacro dela, ou seja, o fenômeno da linguagem é recortado e delimitado justamente para que se adeque, caiba dentro dos objetivos de uma dada área da linguística. Assim, a Fonética, a Morfologia, a Sintaxe, a Linguística Textual (LT) e a Análise do Discurso (AD) estão diante de um mesmo “elefante”, ou seja, são ciências que pretendem descrever cientificamente a linguagem, que seria, de acordo com Borges e Dascal (1991) o *objeto observacional*. Vale lembrar que a noção de “realidade” aqui precisa ser relativizada, uma vez que os objetivos da pesquisa também implicam o modo de olhar para essa “realidade”, ou seja, o ‘loteamento’ do

objeto observacional já indica um trabalho humano sobre a realidade. (Borges e Dascal, 1991, p. 19). Cada área da linguística vai seccionar, recortar, analisar e descrever esse objeto dentro das fronteiras, dos objetivos a que se propõe. A AD por exemplo, acredita que não temos acesso direto a uma “realidade”, só podemos atribuir sentidos às coisas do mundo se estivermos dentro de uma dada ideologia, é ela que nos permite interpretar, ver o mundo e significá-lo. O mundo se apresentaria de forma diferente a um grupo de operários, de mulheres negras, de gays, de empresários etc.

A linguística ainda tem alguns detalhes “complicantes” nessa relação com o recorte do objeto a que se propõe descrever. Primeiro, a linguagem é um objeto que possui uma natureza diferente: não é concreta como uma pedra, uma planta ou um animal ou um fenômeno qualquer (um raio, um terremoto etc.). Além disso, as outras áreas da ciência elaboram sistemas específicos para metalinguagem, na linguística, a linguagem é, ao mesmo tempo, o objeto/fenômeno e a expressão desse objeto/fenômeno. (BAGNO, 2014). Um exemplo: termos como *texto*, *discurso*, *enunciado*, *sintaxe*, *oração* etc, denotam, ao mesmo tempo, objetos empíricos, mas também a própria medida, extensão e definição desses objetos. Vamos observar um pouco disso na análise da charge abaixo.



FIGURA 1 – CHARGE ANGELI. FONTE: Disponível em <http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/jazzmetal/2011/06/28/parada-gay-por-angeli/> . Acesso em 20/09/2011

Há, no mínimo dois caminhos, para a análise para esse texto. Um deles parte do princípio de que o cenário que acompanha o texto (entendido aqui como apenas as sequências frasais significativas em português) é irrelevante. O gesto é dissociar os enunciados gramaticais dos demais elementos da cena: os personagens que enunciam, o espaço onde o evento acontece, o tempo, etc. Nessa perspectiva, as análises têm como horizonte os aspectos formais dos enunciados. Esses limites não são impostos, em si, pelo objeto analisado. Eles são, na verdade, delineados pelo olhar subjetivo do analista, ou seja, o cientista secciona aquilo que quer observar e descrever, dentro dos parâmetros disponibilizados pela área da ciência. Para o analista de orientação formal, o que está fora desses valores opositivos e distintivos não é de interesse, a língua encarnada e encenada por falantes empíricos não integra seu *corpus* de pesquisa.

A outra forma de recortar a realidade proposta pela charge é justamente integrar todos os elementos constitutivos do texto, uma perspectiva que focaria a cena “no conjunto da obra”; dessa forma, a leitura demandaria uma articulação entre os enunciados quanto àquilo que se encontra ao seu redor e também fora daquilo que é apreensível no texto, o além dele. O limite não estaria ali, o texto seria entendido como parte de um todo, de um processo que ainda se encontra no prelo. Não teria sua materialidade esgotada no único frame visível aos nossos olhos. Os sentidos não estariam imanentes no texto, como se este fosse uma espécie de caixa de Pandora, que aberta, revelaria todo o seu conteúdo. A leitura não deve ser reduzida a apenas um gesto de atribuir sentidos, como quem coloca “etiquetas” em “objetos” que se encontram disponíveis numa dada realidade. Já havíamos dito que essa “realidade” é mediada por inúmeros filtros, a apreendemos sempre por um dispositivo interpretativo fornecido e instituído por uma posição ideológica. A Análise do Discurso tem como uma de seus objetivos descrever justamente como esses artefatos simbólicos geram sentidos (ORLANDI, 2009). A AD desconfia de que haja um “sentido verdadeiro” que se obteria por meio de uma chave de interpretação. “Não há uma verdade oculta por trás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem (o texto) e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender”(ORLANDI 2009 p. 26).

A AD de vertente francesa é a perspectiva que nos oferece um aparato teórico que melhor atende aos objetivos propostas por essa tese. Optamos, obviamente, por definir nosso objeto de pesquisa a partir da posição que a AD tem sobre linguagem.

Esse ponto de vista considera que a charge não surgiu para suprir demandas apenas comunicacionais ou informativas, como comumente se considera, há uma historicidade que tensiona e que determina os sentidos ali presentes. Por essa razão, o analista do discurso necessita mobilizar outras áreas, além da linguística, para descrever como esses sentidos são constituídos, quais são as instituições que vigiam e velam os significados da charge. Para a AD, os artefatos culturais são, ao mesmo tempo, integralmente linguísticos e integralmente históricos (MAINGUENEAU 2005), ou seja, as unidades do discurso constituem-se de um sistema de restrições, cujos sentidos devem muito a fatores sócio históricos ; por essa razão, a metodologia de análise inclui também elementos não linguísticos. Por conta dessas características, Borges e Dascal (1991) definem a AD como uma das vertentes da linguística que opera com conceitos advindos de outras áreas, ao contrário da semântica formalista, da fonologia, da sintaxe, que se fecham no objeto em si, elas se enquadram no grupo denominado de ciências do núcleo duro da linguística. A AD, por sua vez, é uma disciplina heterogênea, que utiliza quadros metalinguísticos de outros setores, de outras ciências para descrever a língua. Borges e Dascal (1991) valem-se da imagem de *loteamento* para explicar como a ciência funciona, uma aproximação que cabe perfeitamente ao que acontece também na linguística. A ciência, como já vimos, loteia a realidade, a linguística faz o mesmo com a linguagem. Há setores da linguística que se avizinham de áreas como a física, a lógica, a biologia. A AD estaria muito mais próxima dos territórios dominados pela história, sociologia e psicanálise. Tais incursões em territórios alheios mostram-se imprescindíveis para uma análise que necessita ir além da base linguística, ou, na verdade, acredita que a base linguística é motivada, integrada a elementos que se encontram "fora dela". Portanto, a investigação da AD não se contenta com os limites visíveis do texto, pois ele manifesta apenas parte do dizível, (Maingueneau 2005), o artefato textual vai além, estendendo suas fronteiras ao que o precede – à historicidade dos enunciados e à inserção do sujeito nesse emaranhado de vozes - e também se estabelece como uma peça polêmica, gerando, produzindo matéria prima para estofar outros textos. Essa superfície visível e estável é engendrada por um sistema que também delimita uma identidade (mesmo que provisória) desse discurso frente aos demais.

Essa relativa estabilidade é necessária para que o sujeito interaja com seus pares em todos os quadros enunciativos. Se houvesse a necessidade de se

inaugurar uma “estrutura” toda vez que colocamos a linguagem para funcionar, ela seria impossível, ou seja, os gêneros do discurso são estruturas cujas regularidades são tramadas dentro de uma determinada esfera de atuação humana e postas em funcionamento em diferentes práticas discursivas. Os estudos sobre os gêneros do discurso tornaram-se centrais para a AD, em especial, a linha metodológica que Dominique Maingueneau assume. Para o autor, o quadro enunciativo é composto de um complexo conjunto de índices moduladores extralinguísticos de sentido, ou seja, o sujeito enuncia em uma dada posição, e as sequências que enuncia tomam variadas formas de acordo com essa posição. O sujeito, como já adiantamos, se apropria de um formato, há índices que funcionam como uma espécie de força centrípeta, regularizam as formas, porém, há índices que agem como uma força centrífuga, desestabilizando formatos. Por conta desse quadro de forças opostas, o gênero é constantemente atualizado, são essas forças de permanência e fuga que geram a "relativa estabilidade" dos gêneros do discurso.

Assim, os enunciados não se apresentam como segmentos aleatórios de língua natural, mas também como "amostras" de um certo gênero do discurso.(MAINGUENEAU,1993). No horizonte de Maingueneau, os gêneros não devem ser estudados apenas observando os elementos formais, mas deve-se descrever o vínculo indissolúvel que os gêneros têm com os espaços enunciativos onde são instituídos. Bakhtin (2003) já havia antecipado que os estudos sobre os gêneros devem priorizar o processo em que são constituídos e não o produto finalizado.

A análise dos gêneros discursivos precisa ser integrada ao trabalho de leitura e interpretação das peças selecionadas, desde que se observe justamente como a determinação do uso de um gênero deve-se muito mais às circunstâncias da enunciação do que a uma livre escolha do falante. Nesse sentido, o analista deve investigar por que determinados discursos, proferidos em determinadas esferas, investem em um tipo de gênero e não em outros. Essa cautela é necessária, na medida em que se evita pensar nos formatos de textos como entidades absolutas, que apenas veiculam mensagens e/ou informações. A capacidade de produzir e compreender o gênero integra também aquilo que Maingueneau (2005) denomina de *competência discursiva*. Além dessa habilidade, essa competência também integra um *sistema de restrições semânticas*, ou seja, o sujeito está autorizado a enunciar determinadas estruturas validadas em uma dada posição. Paradoxalmente,

o que ele não enuncia também integra parte dos sentidos do que é enunciado. Os textos não podem ser descritos como entidades fechadas sobre si mesmas, que portam sentidos acabados, eles revelam muito mais como espaços de confronto, em que vozes estão em constante embate com vozes antagônicas. É esse jogo que possibilita atribuir sentidos aos enunciados.

O espaço de confronto, do jogo mútuo de restrições, de delimitações semânticas recíprocas é denominado por Maingueneau como *interdiscurso*. As análises que serão realizadas nos artefatos textuais presentes nesta tese buscam justamente compreender como os sentidos são erigidos na relação entre zonas discursivas. Por essa razão, a investigação deve entender o texto como parte de um nó, de uma rede de relações que compõem um arquivo. Os sentidos se encontram além dos limites da materialidade linguística, aliás, ela é mobilizada e constituída, justamente para atender a esse *lá*, de fora dela.

A fim de tornar mais claros os conceitos que ora apresentamos, faremos uma breve análise da figura 1. O texto que abre essa introdução é definido como uma charge, geralmente um gênero de HQs que veicula críticas políticas e sociais com doses de humor. A charge em questão foi publicada na semana em que aconteceria a maior parada gay do mundo: a de São Paulo. O evento consegue reunir, de acordo com os organizadores, mais de um milhão de pessoas. Há dois grupos que se opõem discursivamente no texto. É necessário vincular alguns signos presentes no texto para delimitar as identidades de cada um deles e também validar o percurso de leitura com o qual vamos operar. A bandeira com o arco íris, o colorido que se vê no segundo plano da charge, o cartaz com a palavra *gay*, por exemplo, são marcas semióticas da comunidade LGBTT<sup>1</sup>. As vestimentas dos personagens do primeiro plano são, tipicamente, de autoridades do alto escalão católico. No primeiro plano, dois padres conversam sobre um determinado integrante da parada. A princípio, o enunciado revela uma certa aversão ao sujeito focalizado, é um tipo de enunciado perfeitamente possível e aceitável entre os integrantes desse grupo religioso. Há uma harmonia entre os termos usados pelos padres e entre aquilo que se espera da esfera discursiva em que estão. A conversa termina de maneira inesperada, com uma descrição do participante da parada. O termo “bonitinho” estabelece uma ruptura, uma falha na competência discursiva em relação a quem ele poderia dirigir

---

<sup>1</sup> Lésbicas Gays Bissexuais Travestis e Transgêneros.

essa atribuição. A troca da expressão “Aquele bonitinho” por “aquele que está trajando apenas uma peça de roupa íntima” destituiria os sentidos do humor gerado. O mecanismo linguístico utilizado aí é o de quebrar a expectativa, e, potencialmente, gerar o riso.

O deslize linguístico do religioso revela-se chistoso, ou seja, ao cometer esse ato falho, o locutor revela um aspecto contraditório de sua subjetividade. Para Beristáin, o chiste “realça e reprime ao mesmo tempo alguma distração dos homens e dos fatos. Contagioso, o riso se propaga com o efeito de uma bola de neve” (BERISTÁIN, 2011, p. 69).

Vamos analisar em detalhes uma das materialidades linguísticas da frase chistosa. O sufixo *-inho*, presente no termo “bonitinho”, falado pelo religioso, é classificado pela gramática tradicional como morfema que indica proporção, no caso, implica a redução do objeto, é diminutivo. Entretanto, na prática, o sufixo *-inho* agregado a elementos suprasegmentais (tom de voz, acento) potencializa outros sentidos. Em muitos casos, fica evidente a relação de quem fala com o que se fala ou do que se fala. Assim, sentidos pejorativos e ou carinhosos são muito mais usuais e produtivos do que apenas o efeito de “reduzir o tamanho do objeto”.

No caso da charge, fica evidente que o padre que emitiu o enunciado deixou revelar uma espécie de desejo sexual pelo participante da parada. O primeiro enunciado “veja aquele despudorado, ferindo a moral cristã”, está de acordo com os enunciados possíveis de um religioso dentro da esfera religiosa, de uma FD religiosa. As palavras são capazes de revelar sua filiação discursiva. Dizer *presidente* ou *presidenta*, *invadir* ou *ocupar*, *entrar em confronto* ou *agredir* pode determinar posturas políticas, ideologias diferentes.

Para Voloshinov e Bakhtin, as palavras são signos ideológicos e elas representam, indicam a filiação do sujeito a uma determinada crença, perspectiva.

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é a função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc). (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 2006, p. 114).

Na charge revela-se um aspecto não oficial, marginal do padre, sujeito inscrito dentro da esfera religiosa. O chiste acaba revelando uma expressão não comum, não



própria da atividade religiosa porque, ao invés dele aplicar os parâmetros de interpretação da religião e traduzi-la em seus próprios termos, o padre produz o enunciado tal como seria inscrito no espaço dos ativistas homossexuais. O termo é uma espécie de “estranho no ninho”. Há um deslizamento de sentido, o que gera uma contradição e é nessa fissura que emergem os sentidos do riso. O discurso atribuído ao religioso estabelece, para o leitor, a crítica que se faz ao comportamento hipócrita do clero – de repressão à homossexualidade no discurso e de sua prática velada.

O humor presente na charge se constitui no confronto de dois discursos: um oficial (da religião) e outro, marginal. A depender do lado que os interlocutores tomem, os sentidos de humor podem ou não emergir. Pressupomos então que o humor não é absoluto, nem unânime. Há uma clara trilha de leitura sugerida pelo autor, mas nem todos os leitores fazem esse percurso, se esse caminho for realizado por outras vias, o humor pode se perder (POSSENTI, 1998).

A textualidade da charge foi planejada pelo autor para gerar o riso. Mas já vimos que nem todos são alcançados por essa textualidade. Há leitores que não acham graça, percebem de outra maneira a engenharia com a qual o texto foi erigido. Os que riem, que tipo de riso produzem? Pleno, constrangido (o famoso riso amarelo), sorriem apenas. Que tipo de humor? Negro? Politicamente incorreto? Irônico? Para Possenti (1998) é necessário que se explicita quais as regras ou fatores envolvidos no processo de interpretação e leitura de textos humorísticos, “caso contrário, estar-se-ia recuando para um subjetivismo grosseiro do vale tudo, sem lugar para uma teoria minimamente séria sobre qualquer aspecto da linguagem, ou pelo menos, da interpretação.” (POSSENTI, 1998, p. 52).

Quais seriam as estratégias discursivas/textuais envolvidas para constituir os efeitos de sentido humorísticos na charge? O texto apresenta um setor da sociedade que exerce um grande poder político ainda hoje. Os agentes circunscritos dentro da esfera religiosa são, de certa forma, detentores de um *discurso constituinte*. Um tipo de discurso, segundo Maingueneau (2002), que possui uma grande autoridade (e autoritarismo), cabe a ele a responsabilidade de dar a última palavra, ou seja, são discursos preponderantes e que, por força de uma tradição, estão na base de outros discursos. Há uma assimetria constitutiva dos discursos constituintes em relação aos demais discursos. O exemplo, que Maingueneau (2002) apresenta, ilustra, de maneira mais objetiva, essa força dos discursos constituintes: um jornalista redige uma reportagem sobre aborto e recorre a diferentes autoridades que podem opinar

sobre essa questão: representantes da igreja, da medicina, do direito. O movimento contrário não existe, dito de outra forma, se a igreja redige um documento sobre aborto, ela vai recorrer a termos do seu próprio discurso e não de outros setores. O discurso constituinte é autossuficiente, ele apenas precisa de uma instituição para legitimá-lo, no caso dos discursos religiosos, todo o aparato das tradições religiosas está a serviço disso.

O humor na charge quebra o movimento de paráfrase, insere a instabilidade, provoca uma fissura nesse mundo discursivo. A autoridade do padre é legitimada pelos discursos constituintes religiosos. Ao dizer “bonitinho”, o padre não reconstitui a voz do outro internamente nos termos prototípicos da esfera em que se encontra, trata-se de uma expressão cujo significado é invasor, ou seja, é exposição de uma voz que deveria ser modulada, modificada, traduzida na forma de um simulacro do outro. A polissemia invasora no terreno em que impera a paráfrase cobra-lhe uma parte dos sentidos, essa parte é justamente responsável pela queda, pelo tombo (não literal) do padre. Ele se torna justamente a figura que demoniza. Um ato falho que depõe contra a sua competência discursiva. Podemos definir, a princípio, que esse movimento de relação interdiscursiva produz sentidos de humor. Um tipo de *humor carnavalizante*, na medida em que desestabiliza o *status quo* e evoca sentidos não previstos, dentre os quais, a desconstrução do discurso alheio, o rebaixamento.

O objetivo principal desta tese é investigar como esse mecanismo de tradução carnavalizante funciona, como ele se materializa em estruturas que podem produzir sentidos de humor. Sabe-se que há calibres variados de humor, interessam-nos, portanto, justamente as modulações discursivas que traduzem o outro em uma perspectiva festiva, carnavalizante.

Embora tenhamos delimitado as zonas conflitantes, faz-se necessário que esse recorte seja mais preciso. As análises se centrarão em alguns textos que pertencem ao gênero HQ (charges, tiras, cartuns etc). Em alguns casos, usaremos a expressão *humor gráfico* para o tratamento de textos cujas fronteiras formais são um tanto quanto imprecisas, a diferenciação de charges e cartuns, por exemplo. Os textos selecionados devem também tematizar as polêmicas dentro do campo da religiosidade, os espaços conflitantes (e constituintes) neopentecostais e LGBTTs. Outro elemento importante é a prioridade por textos que têm como suporte o meio eletrônico, via portais de notícias ou páginas de Facebook. A relevância desse

critério se dá justamente pela forma como o meio de divulgação eletrônica tem trazido grandes modificações na relação que os textos divulgados na internet estabelecem com o público leitor. As textualidades mais recentes contam com uma liberdade temática maior, sem as amarras impostas pelo mercado editorial, especificamente em se tratando da produção de HQs. Outro elemento importante é a possibilidade de os gestos de leitura tomarem um direcionamento não linear. A mera inserção de outros sistemas semióticos (imagens, sons) e de *hiperlinks* amplia as possibilidades de agregar outros sentidos (não previstos) ao texto. Além disso, a relação com o público leitor é mais simétrica, pois as barreiras espaço-temporais encontram-se diluídas no hiperespaço. Há uma participação mais incisiva dos leitores e eles chegam a contribuir com repertório para determinados blogs como no caso da comunidade *Tiras e Charges LGBTTS*, do *Facebook*. O recorte temporal deve abranger o período pós legalidade das uniões civis homossexuais no Brasil (maio de 2011) até a nomeação do pastor Marco Feliciano como presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (2013).

Todos esses apontamentos são pertinentes para as reflexões da AD sobre o material concreto em que se veiculam os discursos. Maingueneau (1998), relembra, por exemplo, que a circunscrição de análise da AD ampliou seus limites, hoje há uma grande variedade de temas e gêneros estudados pela AD. Vale lembrar que, quando de sua origem, a AD preocupou-se em ser uma teoria assumidamente de análise marxista, cujos corpora eram constituídos basicamente de textos políticos. Esse era o contexto do final dos anos 1960, a disciplina nascia em um mundo ainda muito calcado na dicotomia oralidade e escrita. Hoje as textualidades se constituem num solo muito variável, em que as fronteiras entre o oral e o escrito foram implodidas. Ademais, é inegável que o texto é um artefato constituído de muitos elementos e não só os verbais. Afinal, todas as semioses estão sujeitas a esse jogo de complementariedade e, ao mesmo tempo, de restrições. Os traços que caracterizam os dois religiosos da figura 1, a seleção do gênero, as relações intertextuais que o texto mantém com as tradições que ele aceita e também as que ele renega, a clivagem etc., são todos índices que devem ser considerados para a interpretação do analista. Afinal, eles integram um conjunto ao qual Maingueneau (2005) denomina de *semântica global*.

Os capítulos desta tese estão organizados na tentativa de melhor apreender os elementos que concorrem para essa semântica global. As análises que

acontecem ao longo desta tese têm dois grandes objetivos, por isso, podemos afirmar que elas, as análises, se prestam a diferentes finalidades. Em um primeiro momento, as análises servem para tornar concretos conceitos básicos em AD, assim, as definições de *sujeito*, *texto*, *formação discursiva*, *ideologia*, por exemplo, são materializadas dentro de algum tipo de análise. Esse conjunto de análises acontece nos capítulos 2, 3, 4 e 5. De posse dos conceitos basilares da AD já explicados, partimos para o segundo grupo de análises, cuja dissecação é o que de fato vai nos possibilitar as possíveis respostas para objetivo central desta tese. Posto isso, a tese organiza-se da seguinte maneira: primeiramente, traçamos a delimitação do nosso objeto observacional, a saber, como a AD define texto, discurso e enunciado. Em seguida, apresentamos os argumentos que mostram como o dialogismo é um fator determinante para a constituição dos textos, dos fragmentos de discursos. O que nos leva a uma discussão sobre a natureza formal dos textos, afinal, os textos são nomeados, os falantes lidam com entidades empíricas que, de alguma forma, posicionam o sujeito e delimitam suas identidades discursivas; os gêneros do discurso. No terceiro capítulo, nos atentaremos para algumas questões relativas ao gênero HQs e como esse conjunto de gêneros, um *hipergênero*, tem se comportado frente às inovações discursivas e textuais promovidas pelo hiperespaço. As HQs analisadas colocam dois campos discursivos em situação de confronto: o religioso, de orientação neopentecostal e o dos Direitos Humanos, especificamente, os discursos LGBTTS. Torna-se importante então, nos determos um pouco nos agentes envolvidos nesses discursos: o religioso e o sujeito homossexual. Todos esses elementos serão, de alguma forma, tematizados em tom humorístico, o que tornou necessárias algumas considerações sobre o humor, especificamente, o humor carnavalizante. Como o terreno preparado, o segundo grupo de análises serão realizadas em alguns exemplares de HQ, retirados de sites pró e contra políticas de inclusão LGBTT. São por intermédio dessas leituras analíticas que testaremos nossas hipóteses e partir da interpretação desses textos, tentar sanar, elucidar o problema já apontado nessa introdução.

Os recortes são necessários, mas sabemos que, ao assumirmos uma orientação dialógica da linguagem, essas delimitações são uma parte mutilada de um todo, um todo emaranhado, de vozes que ecoam de um passado e plantam sementes discursivas de um futuro vindouro, de fronteiras espaço/temporais praticamente infinitas. A parábola dos hindus cegos finaliza com um deles sendo,

repentinamente, curado da cegueira. De posse dos sentidos plenos da visão, ele percebe o elefante todo, então conclama aos demais para abandonarem a cegueira e acreditarem em uma outra narrativa sobre o elefante que não a deles. Os hindus não fazem isso, cegos como estão, preferem a realidade com a qual se encontram agarrados, creem que ela é a única possível. Talvez sejamos um desses cegos, cientes de que há uma voz dizendo que a “realidade” é muito mais complexa do que essa que podemos apresentar. O nosso passeio pelos discursos, nossa tentativa de estudá-los é como um passeio por uma enseada, sabe-se de sua extensão de quase um continente, e de sua profundidade abissal, mas seguimos, na tentativa de um dia, mapear, quem sabe, toda extensão e profundidade dos discursos que nos cercam.

## 2 AS FORMAS DE ENUNCIÇÃO – TEXTO, DISCURSO E GÊNERO



LAERTE. Manual do minotauro

Na introdução de sua *Pequena História da Linguística*, Robins (1979) discorre sobre a habilidade humana de falar, realizada com igual destreza por pessoas de todos os povos, classes sociais e idades. Muitos não se dão conta da complexidade desse aparato biogenético social e das destrezas que realizamos por meio da linguagem. Tal habilidade certamente tem despertado a curiosidade de alguns grupos de pessoas desde sempre. Essa busca por respostas de poucos que nasce, geralmente, no âmbito doméstico, é o que o autor denomina de a “linguística popular” (ROBINS, 1979, p. 1). Há inúmeros mitos que tentavam responder questões acerca da origem da habilidade humana de produzir linguagem. A história da Torre de Babel, por exemplo, pressupõe uma resposta às variedades linguísticas existentes. O próprio fato de Deus atribuir a Adão a função de nomear as coisas existentes indica uma percepção do que a linguagem é capaz e subjacente a isso também a ideia de que a língua seria referencial, uma espécie de espelho fiel da realidade.

Os mitos foram subjugados pela observação e descrição de fatos e eventos, nesse sentido, os gregos e suas primeiras descrições dos elementos que compõem a sintaxe, os hindus e os exercícios primordiais de registrar a pronúncia dos cantos sagrados – um indício do que a fonética seria capaz no futuro, são os primeiros registros de estudiosos que se debruçaram sobre o fenômeno da linguagem.

O que é importante destacar no texto de Robins é justamente a percepção de que as ciências não evoluem na base do rompimento abrupto com uma tradição, a transição é lenta e cheias de nuances, nenhuma revolução científica nasce a esmo, sem motivações, como se irrompendo um silêncio, “os cientistas não partem do nada em cada geração; trabalham, ao contrário, com base naquilo que a cultura de sua

época recebeu como herança. ” (ROBINS, 1979, p. 2) ou seja, há sempre um embate dialético entre uma tradição fundada e uma perspectiva que, fincada nessa tradição, promove fissuras, rupturas.

Para Possenti (2009) há duas formas de se analisar a história do conhecimento: a primeira é de que ele se acumula progressivamente e a obscuridade seria destruída em doses homeopáticas, graças a dois fatores, a inteligência inimputável dos cientistas e a própria organização da pesquisa; a outra diz respeito às rupturas com as epistemes anteriores.

O conhecimento não se produz por acumulação, mas por saltos e mudanças de rumo em relação às etapas anteriores. As novas teorias não são vistas como desenvolvimento e sofisticação das anteriores, mas como efeito, em boa medida, de seu abandono, seja por estarem “esgotadas”, seja porque novas problemáticas, novas vontades de verdade tomam seu lugar. (POSSENTI, 2009, p. 355).

Saussure (1993), por exemplo, estabeleceu uma ruptura com o modelo de estudo e análise de línguas que vinha sendo realizado desde então – o modelo histórico -, apresentou novas problemáticas e também estabeleceu modelos metodológicos e novos instrumentos teóricos para análise. Essas reformulações serviram para dar autonomia à linguística, antes prisioneira dos estudos filosóficos e literários.

Saussure estabeleceu os pilares da investigação linguística e desde então ela foi se ramificando, tornando-se uma ciência heterogênea, composta por vários segmentos que, de certa forma, loteiam o fenômeno da linguagem, cada qual apreendendo um aspecto, um detalhe, um ponto de vista diferente. A linguagem é definida de um jeito pelo semanticista, que diverge do ponto de vista do analista do discurso, por exemplo.

Borges e Dascal (1991) afirmam que a ciência, embora tenha pretensão, nunca apreende a realidade tal como ela é. Tudo não passa de recortes, uma interpretação da realidade. As escolhas, as seleções são sempre reguladas por duas tensões: o objeto observacional e o objeto teórico. Os objetos observacionais de uma dada ciência (um grande núcleo) costumam coincidir. Há setores da biologia que estudam os seres vivos e há muitas formas científicas de se fazer isso. Com a linguagem não poderia ser diferente. Há perspectivas que apreendem uma língua por meio de seus elementos atômicos como os fonemas, e há outras perspectivas cujo

objeto observacional possui uma extensão maior, um exemplo, aquilo que os analistas do discurso entendem como linguagem e a extensão que se dá a esse objeto diverge em muito do objeto observacional da fonética. Que fique claro que não se avalia uma ciência pela proporção de seu objeto de estudo. O que se avalia mesmo são a metodologia e as perguntas a que se propõe elucidar. Sagan traduziu de maneira apaixonada (por mais paradoxal que seja unir paixão e ciência em um enunciado), como é o fazer científico e essa busca por respostas:

A ciência está longe de ser um instrumento perfeito de conhecimento. É apenas o melhor que temos. Nesse aspecto, como em muitos outros, ela se parece com a democracia. A ciência, por si mesma, não pode defender linhas de ação humana, mas certamente pode iluminar as possíveis consequências de linhas alternativas de ação.

O modo científico de pensar é ao mesmo tempo imaginativo e disciplinado. Isso é fundamental para o seu sucesso. A ciência nos convida a acolher os fatos, mesmo quando eles não se ajustam às nossas concepções. Aconselha-nos a guardar hipóteses alternativas em nossas mentes, para ver qual se adapta melhor à realidade. Impõe-nos um equilíbrio delicado entre uma abertura sem barreiras para ideias novas, por mais heréticas que sejam, e o exame cético mais rigoroso de tudo – das novas ideias e do conhecimento estabelecido. (SAGAN, 2006, p. 45)

Se ignorarmos os fatores comerciais que regem as relações de poder dentro do sistema político e econômico em que nos encontramos, poderíamos ingenuamente afirmar que a ciência é movida pela busca de respostas a diversas questões, oriundas dos mais diferentes segmentos da vida humana. A busca por essas respostas instaura uma névoa de instabilidade sobre as verdades ora tidas como absolutas. Logicamente, é uma prerrogativa da ciência, há áreas que dão pouca atenção para isso, sua sustentação é justamente atenuar essas instabilidades, investir no monologismo, na verdade absoluta. A religião, por exemplo, por muito tempo se estabeleceu como um discurso paratópico, constituinte, em que sua autoridade era respaldada pela tradição e pela força de sua instituição. Essa tendência, centralizadora de sentidos, dá vazão a outras áreas investirem na desconstrução desse império monológico. O humor, tema/foco desta tese, analisa as estratégias utilizadas para desconstruir esses discursos.

A ciência possui uma outra dinâmica. Mesmo com respostas aparentemente satisfatórias, ela nunca se conforma, pois há inúmeras vertentes científicas que correm justamente para contradizer, para destronar o que está estabelecido. Uma espécie de



jogo de cadeiras, dinâmico e que possibilita que as engrenagens funcionem. Existem zonas de conflito em torno de algumas questões que certamente nasceram com a humanidade, que geraram inúmeros mitos, contos, explicações. E mesmo hoje, com toda a tecnologia a nossa disposição, elas ainda se mostram intrigantes. *O que é vida?*, *o que é morte?*, *o que é linguagem?*, são algumas delas. O maior problema é justamente de condensar uma resposta que atenda a todas elas. Se perguntarmos a um biólogo o que é *vida*, a um filósofo o que é *pensar* e a um físico o que é o *universo*, as respostas certamente começarão com um titubeante

“puxa, essa questão é difícil de responder” dada a quantidade de expectativas que se espera suprir com a resposta.

Para a linguística, a questão que se aproxima dessa natureza é justamente o que é a *língua/linguagem*. A dificuldade de responder essa questão reside justamente na missão inglória de tentar levar conforto para gregos e troianos (ou formalistas e funcionalistas) uma resposta que seja alentadora para ambos. O livro *Conversas com linguistas*, (XAVIER; CORTEZ, 2003), como o próprio título adianta, investe no repertório de questões intrigantes sobre a linguagem investigadas pela linguística cujas respostas, dadas por teóricos da linguagem das mais variadas filiações teóricas, divergem justamente por conta da posição teórica que ocupam. A pergunta que abre cada uma das entrevistas é justamente uma definição do que seja língua. Grande parte dos entrevistados afirma, de antemão, que essa pergunta é de difícil manejo.

*O que é texto* e *o que é discurso* também são capazes de promover ‘choro e ranger de dentes’ no meio linguístico. Nem mesmo as áreas que tomam o texto (estendendo o termo de forma abarcar desde registros escritos a conversas realizadas no ponto de ônibus num dia de domingo chuvoso em Curitiba) como objeto comum de análise parecem concordar. A Linguística Textual (LT) e a Análise do Discurso (AD) discordam em termos da extensão desse objeto de pesquisa, ou seja, os limites do *texto* não são coincidentes entre as duas áreas. Adiante veremos em detalhes como isso se dá.

Ambas são nascidas nos idos dos anos 1960, um momento em que várias dissidências do projeto estruturalista de Saussure foram notadas. Foram iniciativas de cientistas que se deram conta dos limites do que propunha o mestre genebrino. A linguagem poderia ser descrita formalmente, desde que se deixassem de lado os falantes (considerados pelo estruturalismo como uma espécie de “ruído”). A inquietação era justamente quanto a esse gesto. Muitas questões relativas aos

sentidos e como eles eram gerados e geridos por instâncias que iam além do aparato formal da língua surgiram nesse momento. O sujeito, dentro dessa ruptura, não era mais um “ruído”, era um índice importante para se entender a linguagem, entendida também como mutável, muito mais vinculada às intensas transformações da sociedade humana do que a um arranjo entre as suas unidades formais. As regras eram ditadas de vozes oriundas de um além do sistema, e era necessário estudar a pertinência dessas intervenções. O cerne dessas rupturas já estava plantado dentro do próprio projeto estruturalista, só aguardando o momento, a época propícia para que essas vozes dissidentes emergissem.

## 2.1 O TEXTO E SUAS DIVERSAS SEMIOSES

Textos são entidades materiais. São percebidos concretamente por alguns de nossos sentidos (tocados, vistos, ouvidos). Há textos que não podem ser modificados, devemos aceitá-los, recebê-los e, em muitos casos, até mesmo venerá-los. Há outros que podem ser modificados, alterados e adulterados. Somos constantemente saraivados por palavras consubstanciadas em textos, que podem tomar distintas formas, integrar desde as mais banais conversas de boteco, até as mais empoladas cerimônias. Além de se materializar em textos, o que mais as palavras contêm? Será que são capazes mesmo de serem espelho de uma realidade? Entre elas e o mundo não existe nenhuma espécie de fissura? Ou palavras são receptáculo de sentidos possíveis, que recortam o mundo de acordo com a posição do sujeito no solo histórico. Essa segunda opção desestabiliza a noção de palavra/espelho, de que os sentidos estão, de alguma forma, condenados a permanecer os mesmos, em quaisquer instâncias. Já decretavam Voloshinov e Bakhtin (2006), a palavra é uma arena e para ser esse território de embates, ela precisa se materializar. No dicionário, por exemplo, ela se encontra numa espécie de limbo semântico, os sentidos só lhe são determinados quando lançada na vida, se proferida na boca de alguém dentro de um frame comunicativo concreto. Há que se pensar também na extensão de sentidos que atribuímos à palavra, pois coexistem diferentes maneiras de vocalização dos discursos: os gestos, a música e, logicamente, todas as formas possíveis de ilustrações. Por força de uma tradição milenar ocidental que preconiza a palavra no sentido restrito, justamente por ela estar vinculada a uma cultura considerada mais “cultura e erudita”, acabamos por considerar “pobres” e

“incultas” outras formas de vocalização. Grande parte dos gêneros constituídos de recursos mistos verbovisuais são os que mais sofrem esse tipo de preconceito.

Ao encontro dessas “novas” realidades textuais, Brait (2009) propõe que a noção de texto deve ser sempre repensada, dada a invariabilidade (e também as possibilidades) de materialização dos discursos. Essa transitoriedade tem como fator primário o surgimento de novas tecnologias, que, desde sempre, implementam, ampliam e também dificultam as tentativas de encapsular o texto dentro de um conceito absoluto. Vivemos um momento em que os textos que circulam no meio digital constituem-se de um amálgama de semioses variadas. Barton e Lee (2015) traçam comparações no uso da multimodalidade entre textos “tradicionais” e os que são originalmente constituídos em suportes eletrônicos:

Com o impresso tradicional, o leitor tem escasso controle sobre o *layout* ou fontes. No entanto, quando se trata da multimodalidade na tela do computador, é relativamente fácil para qualquer um produzir textos multimodais. Os usuários podem misturar linguagens, imagens e vídeos e têm grande controle sobre a cor, o *layout* e a fonte. Sites não são apenas *web pages* com conteúdos de diferentes modos de representação; *hiperlinks* são muitas vezes adicionados a palavras e imagens para criar vínculos intertextuais entre múltiplas páginas multimodais. Na comunicação textual interativa mediada por computador, como o e-mail e mensagens instantâneas *emoticons* são frequentemente anexados aos enunciados para marcar a intenção e o tom do escritor. (BARTON; LEE 2015, pp. 47- 48)

Todos esses aspectos devem ser levados em conta para a análise, uma vez que colaboram para a constituição do texto como um todo. Basta lembrar o trabalho que Brait (1996) fez ao analisar os recursos irônicos utilizados nas primeiras páginas dos grandes jornais. A ironia só poderia ser percebida se analisada conjuntamente com os elementos verbais dos impressos: legendas de fotos, manchetes e até mesmo com as notícias. A apreensão da totalidade do texto só seria possível se levássemos em conta o conjunto de elementos que orbitam o “texto”, e há também os recursos que não são perceptíveis na superfície linguística, há a necessidade de uma remissão a estruturas que se encontravam em um outro patamar, ou seja, o recurso da ironia só seria possível se a transportasse:

(...) para uma dimensão diferente da dimensão frasal, desde que seja possível reconstituir parâmetros, levando-se em conta que a configuração textual não pode ser uma simples homologação da

dimensão frasal. De maneira bastante genérica, pode-se dizer que a transposição se dá na medida em que o enunciado, independentemente de sua extensão será observado através das marcas que aí estão assinaladas, produtos de um processo que envolve as relações dialógicas necessariamente existentes entre a instância de produção e a instância de recepção, o que significa considerar no mínimo dois agentes responsáveis pela significação: enunciator e enunciatário. Se o enunciatário não se der conta das articulações entre os segmentos aí envolvidos, a significação irônica não terá lugar. (BRAIT, 1996, p. 65).

Um exemplo mais moderno desse recurso era a manchete em que dizia que José Serra acreditava na vitória contra Dilma Rousseff no segundo turno. A foto apresentava o presidenciável ao lado dos destroços de um Maracanã sendo reformado para a Copa do Mundo. Embora houvesse um certo clima de otimismo no texto sobre Serra, a foto sugeria um clima de desesperança e desolação, todas as pesquisas apontavam a vitória da candidata com uma ampla margem de voto<sup>2</sup>. Fica evidente que a notícia está vinculada, de alguma forma, às outras naturezas textuais. Para Brait (2009) os textos devem ser lidos buscando a integração com textos:

(...)em circulação em diferentes esferas, charges, propagandas, capas de revistas, páginas de jornal, aí incluída a primeira, poemas articulados a desenhos, comunicação pela internet, textos ficcionais ilustrados, livros didáticos, outdoors, placas de trânsito etc.(BRAIT, 2009, p. 144).

Maingueneau (2013) também amplia os limites do termo “texto”. Segundo ele, o texto caracteriza-se por ser uma espécie de porta-voz de diferentes segmentos. Há diferentes formas de marcar essa polifonia, dentre elas, o uso de diferentes associações entre signos linguísticos e signos icônicos. Outro cuidado, é o de não fazer uma leitura seccionada em dois momentos, independentes. Há interdependência entre as tensões além do texto que se materializam na estrutura dos textos e, obviamente, das HQs. A seleção de cores, de estilos deve muito mais a filiação dos autores a uma perspectiva do que a sua liberdade criativa, por exemplo.

---

<sup>2</sup> PICHONELLI Matheus; ALMEIDA, Daniela. **Brasileiros vão às urnas em eleição inédita** no país. . Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/eleicoes/brasileiros+vao+as+urnas+em+eleicao+inedita+no+pais/n1237815747497.html>. Acesso em 22/10/2015.

Em resumo, o texto, em suas diversas manifestações, também integra o conjunto de fenômenos linguísticos contemplados nos limites do objeto observacional da AD. Entretanto, esse objeto não é exclusivo, há áreas da linguística que também constituem seu *corpora* com textos, em especial, a LT. Quais seriam as diferenças de tratamento dadas a esse mesmo artefato?

Pode-se destacar a própria extensão do que se entende por texto, na LT, o texto é a medida. Para AD, ele compõe, integra, ou está dentro das fronteiras de sua investigação. De um lado, uma perspectiva que transborda a medida material do texto e outra, que, a princípio, se concentra ou conforma nele. Maingueneau (2012) observa duas tendências em relação ao tratamento do texto pela LT. Uma centra-se nos elementos constitutivos da tessitura, outra, observa a cognição exigida do falante para atar as unidades do texto, tais como *pronomes*, *conectores*, *tempos verbais* etc. O falante concebido pela AD é diferente. Há uma inconformidade muito grande em atribuir a esse sujeito essa subjetividade inata, os tais elementos cognitivos. Há sim de se considerar o conhecimento do falante e sua habilidade em produzir enunciados, mas esse cognitivismo, para a AD, tem outras fontes não oriundas do próprio falante.

Vale ressaltar também que a AD preocupa-se com as condições que possibilitaram o surgimento de um texto. Assim, o texto não é entendido como objeto autônomo, cujo sentido encontra-se encerrado nele mesmo. Ele é parte integrante de um arquivo, de um conjunto de outros textos, que por sua vez, presta contas a uma dada formação discursiva. As formações discursivas condicionam, inclusive, a sua textualidade e “gramaticalidade”. Por exemplo, não é uma mera opção textual selecionar o termo “presidenta” em substituição de “presidente”, há aqui uma regra de seleção que o falante segue, critério que vai além do que sugere uma gramática *strictu sensu*. Essa perspectiva opõe-se ao estruturalismo, que lidava com uma língua desencarnada, cujos arranjos eram potencialmente ilimitados. Com a inscrição do sujeito nas análises, percebeu-se que a metalinguagem não passava de um engodo, que os arranjos não poderiam ser ilimitados se circunscritos em uma situação distante dos gabinetes de pesquisa. O sujeito vive uma linguagem constantemente tolhida. Há potencialmente infinitas possibilidades de arranjo com a língua, mas o sujeito é condicionado a sua posição, ao espaço que ocupa, a suas filiações ideológicas. A superfície linguística é o elemento concreto, visível de uma estrutura que foge desses limites perceptíveis a olho nu. Muitos sentidos estão postos justamente nesses vãos, não somente no que o falante seleciona (dentre suas possibilidades dada a esfera que

ocupa) para concretizar o ato linguístico, mas também naquilo que se deixa de fora, os silêncios. Ela é **estrutura** e **acontecimento**, já decretava Pêcheux:

A consequência do que precede é que toda descrição – quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual não muda nada, a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que “não há metalinguagem” – está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar outro (...) Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX, 2008, p.53)

Para Freire (2014), o texto torna-se a superfície linguística do discurso, o elemento concreto, tangível do discurso: “A superfície linguística é a ponta do iceberg do sentido” (FREIRE 2014, s/p) O texto necessariamente flerta com o exterior, os sentidos tangem-se mutuamente.

Voese (2004) mostra-se apreensivo com determinadas análises que ignoram a base linguística em que o texto está consubstanciado. Os elementos linguísticos ali organizados não são meros arranjos que possibilitam ao sujeito se comunicar. Há sim uma mobilização dos falantes para que a língua seja literal, o que, pode ser entendido também, como uma espécie de ilusão da *literariedade* da linguagem. Mas os sentidos descumprem essa natureza referencial, são construídos em um amálgama de elementos que escapam da suposta “lucidez” humana. Os atos de fala estão longe de serem meros instrumentos locucionais usados entre dois ou mais falantes. Os engenhos mobilizados por esse gesto, como já adiantamos, compõem uma estrutura muito complexa.

O texto ganhará expressão e sentido quando, tecido, entrar na corrente das interações e usos dos discursos na sociedade. O texto é um tecido confeccionado por uma inteligência; desse ponto de vista, tem um responsável, um autor: uma industriosa máquina humana de produção. Mas o texto só aparece como produto industrial quando enunciado, torna-se discurso. Quando entra numa corrente história. Entra no rio de significados com outros discursos, fazendo sentido à medida que está na relação e em diálogo com outros. (FIGARO, 2013, p. 13)

Para Fiorin (2012), o texto é a manifestação dos discursos, uma espécie de materialização de elementos que pertencem à ordem imanente da linguagem. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso (ou vários discursos), que é, por implicação, anterior a ele. O autor também reafirma que os sentidos não estão apenas no texto, o texto exige que se recorra a outras instâncias para se estabelecer como unidade de sentido, gesto esse que sempre ultrapassa os limites do texto. Não temos acesso à realidade, ela é toda mediada pelos discursos, “assim, a conexão com o que está fora do discurso é uma vinculação com outro discurso. É essa ligação que dá a dimensão histórica ao discurso”(FIORIN,2012, p. 146).

Além da oposição entre discurso e texto, há outra também muito significativa, a distinção entre *frase*, *enunciado* e *texto*. Para todos os efeitos, o termo *frase* é tomado aqui na acepção de Maingueneau (2013), é a expressão que é destituída de “qualquer contexto particular”. Assim a frase “Proibido pisar na grama” solta, sem ancoragem em um uso pragmático é uma frase. Se ela estiver fixada em um placa de madeira e no meio de um gramado verdejante, ela adquire uma função pragmática, filia-se a um determinado “modelo” de texto, reveste-se de algum tipo de ideologia. Só assim, a frase torna-se, de fato, um enunciado. Da mesma forma se esse mesmo enunciado estiver em uma coletânea de poemas, obedecendo a configuração abaixo, também se torna um enunciado com funções diferentes do afixado na placa.

### **É proibido pisar na grama**

O jeito é deitar e rolar<sup>3</sup>

Já *texto* compreenderia o “enunciado como um todo, como constituindo uma totalidade coerente”(MAINGUENEAU, 2013, p.64). O texto também pode ser atribuído a vários autores, como uma entrevista, um debate ou uma mera roda de conversa. Nesses casos, os autores se alternam na constituição da tessitura do texto.

Até então os aspectos aqui ora apresentados insistem na tese de que os textos são constituídos de uma base material, mas que essa base não é autossuficiente para a constituição dos sentidos do texto. Há um além, cuja geografia é composta de inúmeras vozes. Elas podem ser delimitadas por recursos linguísticos variados (aspas, travessões etc.), mas também reverberando no texto sempre como

---

<sup>3</sup> Poema de Chacal (2007, p.214).

resposta a alguém (um alguém que é sempre muitos, que é uma ideia, uma ideologia, uma multidão). Um exercício constante e fundamental para que se estabeleçam sentidos e que dá também sentido de existência do enunciado. O conceito de *dialogismo* é de suma importância para se entender como se dá essa materialidade textual e discursiva, um conceito que gerará, na vertente francesa, a noção de interdiscurso, cujo primado se sobrepõe ao próprio conceito de Formação Discursiva (FD).

## 2.2 O DIALOGISMO



LAERTE. Manual do minotauro.

Salman Rushdie foi condenado em 1989 à morte pelo regime ditatorial do Irã. A sentença foi dada após o autor publicar um livro que seria ofensivo à fé islâmica. O escritor precisou de proteção policial, teve que viver isolado em grande parte da década de 1990. Após essa traumática experiência, escreveu a obra *Haroun e o Mar de Histórias*, em cuja narrativa, um tirano pretende acabar com as histórias que existem e para isso começa a poluir o mar onde elas são tecidas. A história expõe as forças que intencionam instituir um modelo controlador de vozes divergentes, instituir uma ditadura que centraliza e controla os discursos, um império da monofonia. Uma das descrições mais interessantes da obra é justamente sobre o mar que dá título à obra.

E assim Iff, o Gênio da Água contou a Haroun sobre o Mar dos Fios de Histórias, e embora o garoto estivesse se sentindo fracassado e sem esperanças, a mágica daquele Mar começou a exercer um efeito sobre ele. Olhou para a água e reparou que ela era feita de milhares e milhares de correntes diferentes, cada uma de uma cor diferente, que se entrelaçavam como uma tapeçaria líquida, de uma complexidade de tirar o fôlego (...)E como as histórias ficavam guardadas ali em forma fluida, elas conservavam a capacidade de



mudar, de se transformar em novas versões de si mesmas, de se unir a outras histórias e assim se tornar novas histórias; de modo que, ato contrário de uma biblioteca de livros, O mar dos Fios de História era muito mais que um simples depósito de narrativas. Não era um lugar morto, mas sim cheio de vida. (RUSHDIE, 2010, pp 57-58)

A cena descreve metaforicamente como essas correntes fundem-se e criam outras narrativas, todas elas, de alguma forma, relacionadas umas com as outras. Esse dinamismo todo confere ao lugar vitalidade, cor. O grau máximo dessa alegoria é a carnavalização, uma festa da linguagem em que os discursos centrípetos são substituídos pela paródia, pelo riso, pelos discursos centrífugos. Nesse pequeno trecho de livro de Rushdie é possível apreendermos algumas características do *dialogismo* tal como pensado por Bakhtin e pelo Círculo de Bakhtin. Características que apresentaremos ao longo desta seção.

O termo *dialogismo* não é invenção do Círculo de Bakhtin, mas, de acordo com Machado e Wachowicz (2013) o conceito há muito tempo fomenta as discussões sobre a natureza da linguagem. Há vestígios dessa inquietação nos textos clássicos de filósofos como Platão e Aristóteles. Vale lembrar que no contexto da sociedade grega, pouquíssimas pessoas eram letradas, os gêneros eram basicamente orais e os problemas eram resolvidos em audiências públicas. Ali, a capacidade de argumentação do sujeito era testada. Nos discursos proferidos evidenciavam-se tanto a voz do acusado como a dos acusadores.

(...) ao emitir um enunciado, o orador/falante toma como ponto de partida a voz de outro, contrária a sua, e também a voz de um “outro”, que está a seu favor. Logo, o que conhecemos hoje como pessoas do discurso – eu, tu, ele – são efetivamente as vozes constituintes da natureza do discurso que se traduzem como o próprio pressuposto dialógico da linguagem. A origem dessa reflexão filosófica está no pensamento clássico retórico (MACHADO e WACHOWICZ, 2013, p. 87).

O conceito de dialogismo é um dos mais amplos e significativos do universo teórico criado pelo Círculo de Bakhtin. O termo é produtivo e tem gerado outras tantas variantes. O Círculo foi muito minimalista na explicitação desse conceito, que se encontra ecoando ao longo de toda a produção teórica dos integrantes do Círculo. O conceito também é a base de muitas teorias de orientações discursivas. O diálogo é definido não somente como aquele que se realiza entre duas ou mais pessoas.

Geralmente, esses diálogos são orquestrados e predomina certa ‘complacência’ entre os sujeitos. O diálogo a que se refere Bakhtin são os não domesticados, os conflituosos (PONZIO, 2012).

Embora esteja presente em uma determinada corrente da filosofia da linguagem, o termo é notadamente vinculado aos estudos da linguagem realizados pelo Círculo de Bakhtin. Pode-se afirmar que o dialogismo é o conceito cerne do Círculo, como bem atentou Brait.

A natureza dialógica da linguagem é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto das obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico. (BRAIT, 2011, p. 11).

Em *Problemas da poética de Dostoievski* (Bakhtin, 2008) embora seja um texto de análise literária, Bakhtin apresenta detalhadamente como o dialogismo é um componente fundamental para que se valide toda e qualquer análise que se proponha a fazer sobre a linguagem. As descrições provindas de setores mais formais da linguística, de acordo com Bakhtin, não seriam adequadas, uma vez que os procedimentos abstraem “forçosamente todas as relações dialógicas entre eles (textos) enquanto enunciados integrais” (BAKHTIN, 2008, p. 209). A perspectiva bakhtiniana denomina sua metodologia de estudos da língua como *metalinguística* (ou *translinguística*, dependendo da tradução), pois foge do isolamento epistemológico de setores da linguística estruturalista; traz para o campo dos estudos da linguagem outras prerrogativas, integrando interior e exterior.

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral e concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente nessa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.) está impregnada de relações dialógicas. (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 2008 p. 209).

Esse amálgama entre os elementos repetíveis e não repetíveis aconteceria em consonância com o evento enunciativo, ou seja, a linguagem estaria sempre

condicionada a esse exterior, mobilizada não apenas por sua estrutura formal, nem tampouco pelo psiquismo do sujeito, mas em atos em que todos os agentes estão envolvidos, em um jogo que ultrapassa a mera interação face a face, é uma espécie de “comunicação entre diferenças simultâneas” (CLARK e HOLQUIST, 2004, p. 36). A materialização desse dialogismo sempre se dá no nível textual. Destacamos, entretanto, que o sentido de texto nos estudos do Círculo assume uma semântica ampliada, o mesmo transbordamento de sentidos acontece com os termos *enunciado* e *discurso*.

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso anterior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele.

Isso não significa, obviamente, que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico. Nenhum dos signos ideológicos, fundamentais, é inteiramente substituível por palavras. É impossível, em última análise, exprimir em palavras, de modo adequado, uma composição musical ou uma representação histórica.

(VOLOSHINOV; BAKHTIN, 2006: 34).

Se há teorias que distinguem essas três instâncias enunciativas (texto, enunciado e discurso), nos estudos do Círculo de Bakhtin essas fronteiras parecem não delimitadas. Embora os termos sejam usados de maneira indiscriminada, não há nenhuma contradição conceitual entre eles. Castro (1996) afirma que a obra de Bakhtin e do Círculo apresenta uma grande profusão temática e que, a princípio, pode parecer que não há relação entre elas, seriam independentes ou até mesmo contraditórias, mas, de acordo com o autor, os textos se voltam sempre para o mesmo horizonte.

(...) é através do estudo e do entendimento da linguagem como interação que Bakhtin vai projetar sua variedade temática. Por isso, mais uma vez, também é preciso lembrar que essa variedade temática não nasce do acaso e que, portanto, os conceitos que o autor formula nas discussões em que o tema da linguagem não é o tema central sempre devem estar enfocados a partir da lógica da linguagem. (CASTRO, 1996, p. 105)

Brait (2012) também conclui que os termos *enunciado*, *texto* e *discurso* não possuem divergências em relação ao recorte. As três instâncias não se fecham apenas na materialidade concreta do evento, “na dimensão verbal da linguagem humana, mas incluem suas diversas dimensões e planos de expressão”. (BRAIT, 2012, p. 25).

Como já havíamos adiantado, o conceito de dialogismo como elemento constitutivo da linguagem permeia toda a obra de Bakhtin e do Círculo. Em Fiorin (2006) encontramos três dimensões desse conceito, que vão além da interação face a face, comumente conhecido, há camadas mais profundas e complexas.

A primeira dimensão diz que todo o enunciado é uma réplica de outro(s). Da mesma forma que ele responde a alguém, também se lança no terreno da polêmica, gerando tréplicas. Assim, os enunciados jamais seriam expressões “adâmicas”, originais, eles jamais rompem o horizonte do ineditismo, pois integram, na sua materialidade, a resposta a outros enunciados. O discurso nunca se constitui isoladamente, seu fechamento, na verdade, depende de sua relação, da tensão com outros. Ponzio (2012) exemplifica narrando a história de um sujeito que terminou um relacionamento. Ele passa o dia fazendo uma série de coisas, justamente para não lembrar do rompimento, mas chama atenção o fato de que todos seus atos, gestos, pensamentos e palavras se constituem justamente na relação com o ente rompido (e ausente). Maingueneau (1993), retomando Authier-Révuz, também afirma que o discurso é heterogêneo. Essa diversidade de vozes se dá por meio de diferentes recursos, visíveis, palpáveis e outros que estão inscritos em outras instâncias. A essa ausência sentida (e integrante dos discursos) ele chama de *heterogeneidade constitutiva*. Um exemplo dessa postura sempre responsiva dos enunciados pode ser percebida na recente demonização que vem sofrendo os ativistas dos direitos dos homossexuais por parte dos discursos religiosos. O pastor Silas Malafaia, um dos mais proeminentes defensores de uma vertente ultra conservadora das religiões pentecostais cristãs, divulgou um *outdoor* que trazia o seguinte texto: “Em favor da família e preservação da espécie humana. Deus fez macho e fêmea – Gênesis 1:27”<sup>4</sup>. O texto só foi possível se materializar a partir da tensão existente no campo religioso (a questão dos direitos das minorias e a luta por um estado laico em

---

<sup>4</sup> LOPES, Paulo. **Malafaia divulga mensagem homofóbica em outdoors do Rio**. Disponível em <http://www.paulopes.com.br/2010/10/malafaia-distribui-no-rio-outdoors-com.html#.Ve7onPIViko>. Acesso em 08/09/2015

oposição aos que defendem uma leitura literal – e seletiva – do texto bíblico); o *outdoor*, mesmo não exibindo essa crítica de maneira explícita, demonstra uma preocupação com o que os conservadores pentecostais chamam de “agenda gay” - uma espécie de plano de dominação da humanidade por grupos gays para transformá-la em homossexuais o que, conseqüentemente, levaria toda a espécie humana à extinção.

A segunda dimensão diz respeito às marcações visíveis ou não da voz alheia, quando o discurso de outrem é percebido no enunciado. Há inúmeras formas dessa citação se materializar no texto, desde as mais respeitadas até as mais carnavalizantes - as paródias, por exemplo. Maingueneau (1993) detalha essa dimensão em duas facetas. A *heterogeneidade mostrada* e a *constitutiva*, mencionada no parágrafo anterior. A primeira não diz somente a respeito às marcas enunciativas percebidas nos enunciados. Para o autor há inúmeros outros recursos além dos usos de aspas e do discurso direto. O tom irônico, as pressuposições, as negações etc.

A terceira dimensão citada por Fiorin diz respeito à nossa própria constituição como sujeitos. Somos engendrados por inúmeros fios dialógicos, responsáveis pela nossa formatação, pela constituição de nossas subjetividades

Todo produto ideológico leva consigo o selo da individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social. (...)De fato, como já dissemos, todo pensamento de caráter cognitivo materializa-se em minha consciência, em meu psiquismo, apoiando-se no sistema ideológico de conhecimento que lhe for apropriado. Nesse sentido, meu pensamento, desde a origem, pertence ao sistema ideológico e é subordinado a suas leis. Mas ao mesmo tempo, ele também pertence a um outro sistema único e igualmente possuidor de suas próprias leis específicas, o sistema do meu psiquismo. O caráter único desse sistema não é determinado somente pela unicidade de meu organismo biológico mas pela totalidade das condições vitais e sociais em que esse organismo se encontra colocado.  
(VOLOSHINOV; BAKHTIN, 2006, p. 59)

Faraco (2003) reforça essa noção, pois para o autor, o sujeito previsto nas teorias do Círculo de Bakhtin nasce mergulhado em uma atmosfera composta de infindáveis vozes sociais. A constituição do sujeito se dá justamente na forma como ele lida/luta com esse coral de vozes ideológicas.

Como a realidade linguístico social é heterogênea, nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques. O mundo interior é, então, uma espécie de microcosmo heteroglótico, constituído a partir da internalização dinâmica e interrupta da heteroglossia social. Em outros termos, o mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonância e dissonâncias; e em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir. (FARACO, 2003, p. 81).

O sujeito tem um comportamento que se assemelha ao conceito de enunciado bakhtiniano, Não estaríamos cerrados, prontos e acabados. A peça que nos completa não está em nossas mãos, mas nas mãos do outro. É o outro que detém a chave que nos interpreta.

Para Ponzio (2012) há um esforço para que essa conclusibilidade não comprometa outros sujeitos, que sejamos unicamente responsáveis por isso, mas nos é impossível, não há alibi para essa tarefa compartilhada, pois estar no mundo exige que estejamos sempre na condição de “dialogantes”. O fato de se levantar de manhã, vestir uma roupa mobiliza diferentes papéis, homem, professor, pai de família, cristão etc. Esses personagens todos, segundo Ponzio, não estão contentes entre si, e há um embate constante entre eles.

O diálogo é estritamente ligado ao inevitável envolvimento com o outro, e responderá ao outro sem limite de tempo e espaço. O diálogo exorbita da responsabilidade própria de responder por si. A responsabilidade, em geral, é posta como um responder por si. Ao contrário disso, o diálogo no sentido bakhtiniano, é a responsabilidade De um responder ao outro. (PONZIO, 2012, p. 50).

Bakhtin e o Círculo não se preocuparam em categorizar essas características da linguagem. Até porque, como bem apontou Faraco (2003), os trabalhos do grupo eram muito mais de orientação filosófica do que científica. As reflexões sobre a linguagem e a literatura e os conceitos utilizados – *dialogismo*, *polifonia*, *carnavalização* - demandam, na verdade, uma maneira de ver e entender a humanidade e seu modo peculiar de lidar com a linguagem. Desde a compreensão de enunciados corriqueiros até a transmutação desses em enunciados para o uso em esferas mais complexas (filosófica, artística, burocrática etc). Todos esses

gestos, sem exceção, são mobilizados em decorrência do outro, ou seja, eles só se tornam significativos porque há no horizonte de sua origem, a presença do outro e sua relativa posição em um espaço-tempo únicos. Ignorar essa base fundamental da teoria implica “(...) tomar os textos do Círculo pelo que eles não são”. (Faraco 2003 p. 39).

Grande parte dos recorrentes equívocos relacionados a interpretação das obras bakhtinianas decorre da seleção de conceitos e a aplicação desses indiscriminadamente. O método científico, no entanto, requer recortes, é uma premissa científica de que esse *zoom* seja feito, ele é necessário. Esse gesto inviabiliza aquilo que é o projeto bakhtiniano de entender a complexidade da produção humana de linguagem (e a própria humanidade) em que tudo, de certa forma, encontra-se num todo relacionado. Não que os conceitos sejam impossíveis de uma tradução científica, ou dizendo de outra forma, há possibilidade de pensar em uma metodologia a partir do que pensou o grupo, mas certamente essa “tradução” acarretaria perdas, inevitavelmente, a “calculabilidade científica exige o esquecimento da questão do ser.” (FARACO, 2003, p. 40). Basta pensar, por exemplo, nas leituras desfigurantes que o discurso pedagógico fez de Bakhtin: a própria ideia de discurso e também do trabalho com gêneros do discurso são típicos exemplos dessas leituras equivocadas. Como consequência, tem-se o abandono de prescrições gramaticais. E, em seu lugar, um currículo de ensino de língua materna que carrega em conteúdos de normatização dos gêneros de discurso, ou seja, troca-se um tipo de prescrição por outra. Ensinam-se receitas culinárias, por exemplo, isolando suas características formais, desencarnando-as de todo o circuito que esse gênero mobiliza. Extirpa-se o que há de mais vital nele: o próprio agir humano. É a mesma coisa que tentar estudar a vida das borboletas observando-as espetadas em mostruários entomológicos. Sabe-se que esse tipo de observação da linguagem e dos produtos culturais moldados a partir dela é completamente avesso às ideias do Círculo.

É inegável a força das ideias de Bakhtin, sobretudo, nas teorias que estudam o texto e o discurso. Barros (1996) traz um elenco de teóricos dessa modalidade de estudo da língua que de alguma forma foram profundamente influenciados por Bakhtin e o Círculo. Hoje em dia os trabalhos de Adam (2011) Bronckart (2009), Bazerman (2011) e, em especial, Maingueneau apresentam metodologias de análise

de textos que deixam transparecer a profunda influência que sofreram dos conceitos oriundos do Círculo de Bakhtin.

## 2.3 A ANÁLISE DO DISCURSO E A INTERPRETAÇÃO

Até o momento discutimos a noção de texto e como ele possui uma extensão diferente em cada uma das áreas da linguística, em especial, as disciplinas de orientação enunciativa, como o caso da AD e da LT. Uma das principais diferenças fronteiriças entre essas duas áreas é justamente a extensão do texto. O dialogismo, por exemplo, é um dos elementos a se considerar na predeterminação do interior pelo exterior. Esse conceito, muito embora, tenha aí sua repercussão também na LT, está muito mais vinculado a uma ideia de intertextualidade *strictu sensu* e de uma relativa aposta em um cognitivismo que capacite o sujeito a estabelecer essas relações. A questão é apresentar um modelo de análise de textos que assegure uma tentativa de percepção do texto enquanto integrante de um enredamento discursivo, sem que se caia em uma perspectiva subjetivista, reduzida a um jogo de intenções entre falantes esclarecidos. As análises de Maingueneau sempre são orientadas por uma *semântica global*. A título de tornar os conceitos do autor mais concretos, optamos por apresentá-los inseridos dentro de uma análise.

Para Maingueneau (2015) há três eixos que devem ser considerados para o analista do discurso dentro de um processo de leitura e interpretação de textos. Primeiramente, a análise deve considerar os aspectos que garantem a textualidade “material” do texto. O autor denomina essa instância de *texto-estrutura*. Esse movimento evitaria o problema de que muitas análises incorrem. Elas descartam o material linguístico. Consequência de uma espécie de má leitura das metodologias de análise da AD, pois o discurso não estaria numa dimensão imaterial, ele está assentado no texto, entranhado nele.

O segundo eixo diz respeito à forma como os *textos-estrutura* se encaixam numa dada situação discursiva, o que Maingueneau denomina de *textos-produto*, eixo em que se veem imbricadas as necessidades sócio comunicativas que fornecem o horizonte de uso de um determinado texto. Esse horizonte também constitui o falante, serve de norte para as estruturas que ele deve organizar para adequar-se a esse



horizonte. Um outro aspecto importante diz respeito à totalidade dos *textos-produto*. A primeira página de um jornal pode se constituir como um tipo de texto a ser analisado, mas ele é um segmento, uma seção de um todo que é jornal. Nesse sentido, a capa, o editorial, a seção de quadrinhos são todos textos-estrutura que compõem ao final um texto-produto.

Já os *textos-arquivo* têm a ver com o registro, que podem ser na forma de marcação impressa (ou quaisquer outras) ou, também, como memória. Ambos os casos conferem ao texto uma instabilidade e ou volubilidade de sentidos. Parodiando Heráclito, um mesmo texto nunca é o mesmo no fluxo do tempo. Perde-se aqui a noção de fechamento do texto, de acabamento. Um exemplo que se percebe a olhos vistos são as reconfigurações de leitura e texto promovidas pela revolução digital. Quando se lê quadrinhos na internet, por exemplo, esse gesto pode ser diferente de quando se consome a seção de tiras da Folha de São Paulo na versão impressa. A mesma seção no mundo digitalizado oferece um leque de leituras quase infinito. Podese ler os quadrinhos de dias anteriores e até mesmo a própria cronologia dos textos pode se alterar, histórias seriadas que acabam sendo consumidas de trás para frente, e assim por diante. Outras possibilidades são entrar no link do autor, ver outros artistas que constam nos favoritos do quadrinista. Até mesmos os textos de suportes “tradicionais” podem ter uma dinâmica muito parecida com textos da internet. Maingueneau oferece como exemplo a difícil missão de precisar um texto original do conto de fadas *Cinderela*, haja vista as inúmeras versões dessa narrativa que surgem a todo instante. Versões que seguem uma linha parafrástica, de respeito ao texto fundador e outras que investem na ludicidade, na paródia, o que Orlandi (1999) denomina de *textos polissêmicos*. Todos esses arquivos, de uma forma ou outra, modificam, transformam os sentidos do texto. Podemos perceber algumas dessas questões a partir da leitura do cartum abaixo.

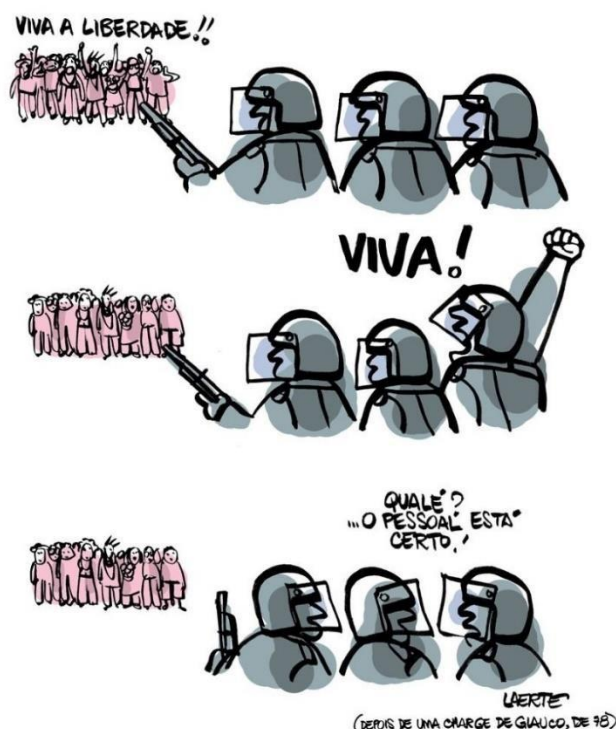


FIGURA 2 – CHARGE AÇÃO POLICIAL

FONTE: COUTINHO, Laerte. Disponível em

<http://noticias.uol.com.br/album/2013/06/18/protestos-pelo-brasil-viram-charges.htm>. Acesso em 15/03/2015

O cartum publicado primeiramente em um blog de quadrinhos apresenta uma versão que traduz, para os dias de hoje, um outro cartum histórico de Glauco, escrito nos anos 1970. Pode-se dizer que se trata mais de um texto homenagem, uma paráfrase do que uma paródia propriamente dita. Como parte de uma página, ele é um *texto estrutura*, possui a textualidade necessária para seu “acabamento”, ou sua unidade imaginária. (ORLANDI, 2009). Os objetos do discurso são introduzidos e recuperados valendo-se de diferentes estratégias. A vinculação da vestimenta dos personagens aos tipos sociais que eles representam, pressupõe o domínio de determinados conhecimentos enciclopédicos do leitor. O enunciado “Qualé? O pessoal está certo!” retoma os objetos de discurso que já foram apresentados, no caso, o grupo de manifestantes no primeiro quadrinho. A expressão “Qualé” adianta uma resposta aos interlocutores mais próximos do policial, colegas de profissão, a uma possível retaliação.

Como *texto-produto* estamos diante de um cartum que integra uma coletânea *online* de textos publicados em virtude dos protestos ocorridos no Brasil em junho de 2013. Uma das grandes dúvidas em relação à classificação desse gênero é saber se ele é uma charge ou um cartum. Há grande controvérsia em relação a isso, primeiramente, se o critério for formal, o texto poderia ser um cartum, já que, estruturalmente, compõe-se de três vinhetas. As charges, por exemplo, geralmente são elaboradas em apenas um quadro. No entanto, essa divisão não se sustenta, visto que há charges que modernamente constituem-se de mais de um requadro<sup>5</sup>. Uma solução relativa encontra-se no campo discursivo que trata tanto as charges quando os cartuns. As charges são compostas a partir de acontecimentos no campo político. Sua interpretabilidade decorre, em muitos casos, da recuperação desses acontecimentos. Já os cartuns operam no campo humorístico cujo acontecimento com os quais se relacionam não são necessariamente recentes. Grosso modo, pode-se dizer que o tipo de humor das charges é mais localizado, e o do cartum teria pretensões universais.

Como *texto-arquivo*, Laerte aproveita os dias de grandes manifestações ocorridas no Brasil do que se chamou aqui de *Primavera Brasileira* para trazer o tema da repressão – presente também no original de Glauco. No mês de junho de 2013, O Brasil viveu uma intensa movimentação popular causada pela comoção. O *Movimento Passe Livre* (MPL) foi às ruas exigir que se anulasse o aumento do preço da passagem dos ônibus em São Paulo. A polícia reagiu com dureza no segundo dia de manifestação, inflada pelos discursos conservadores das redes de TV e jornais do Brasil. Arnaldo Jabor, comentarista da Globo, classificou os manifestantes como baderneiros. O editorial da Folha de São Paulo exigiu, um dia antes, maior rigor da ação policial. A comoção causada pela repressão policial contagiou as grandes capitais brasileiras. As manifestações agora não eram mais apenas pelos R\$ 0,20 do aumento da passagem, mas por liberdade e justiça. Adiante, o movimento vai ser capturado pelos setores que representam a direita mais feroz no Brasil, e inclusive, pelos veículos de comunicação que se fizeram opositores em um primeiro momento, vem a chance de lucrar com a reviravolta à direita do movimento.

---

<sup>5</sup> O espaço em que é delimitada uma cena, uma parte da ação que acontece nos quadrinhos. O requadro também pode ser chamado de “vinheta”.

Há dois grupos sociais representados na história. Os traços gráficos de cada um permite dizer que lado cada um ocupa: o povo e o clamor por liberdade; e a polícia, que geralmente, reprime, coíbe atividades consideradas subversivas. Cada grupo organiza um repertório finito de enunciados, ou seja, embora a língua seja potencialmente capaz de produzir infinitos enunciados, não são todos que podem ser “dizíveis”, cada espaço, cada grupo social delimita o que lhe pertence ou não. Ressalve-se que essas regras são muito menos gramaticais/formais e mais discursivas, digamos assim. A apropriação de um formato, de um “enunciado” não previsto, que não corresponda a prerrogativas dessa formação, é considerada como erro.

O conceito de *Formação Discursiva* (FD) é fundamental para compreender esse evento, ou seja, como cada grupo social apresentado no texto possui um repertório de enunciados possíveis, mas não intercambiáveis, a não ser que haja uma *tradução* desses termos dentro de seu território.

O termo foi empregado primeiramente por Foucault, em *Arqueologia do Saber*. A obra consolida o filósofo como um dos mais importantes pensadores das ciências humanas. Na obra, o autor reformula os princípios de análise de textos e nega a forma como a História Tradicional estudava o homem e os fatos, o sujeito transcendental, inserido em uma narrativa linear, causal e contínua. Para ele, há de pensar que essa visão pretensamente universalizante escondia o intenso jogo discursivo em um dado período. Segundo o autor:

(...) é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las da sombra onde reinam. E ao invés de deixá-las ter valor espontaneamente, aceitar tratar apenas, por questão de cuidado com o método e em primeira instância, de uma população de acontecimentos dispersos. (FOUCAULT, 2004, p. 24)

E como esses jogos definem uma cadeia de saberes e também determinam o que cada jogador pode fazer em uma dada posição, Foucault chama a atenção para a falsa ideia de que objetos lançados no mundo repousam em um berço esplendido até serem sacudidos por alguma espécie de revolução. Na verdade, tudo está imerso em uma intensa luta, um mesmo conceito é disputado por diferentes espaços, há o que Foucault chama de *dispersão de discursos*.

Nesse sentido, não interessa descobrir a origem (o que para o autor torna-se uma empreitada quase impossível de ser feita, dada a natureza imbricada e constitutiva dos enunciados), mas sim porque tal enunciado pode ser dito numa dada conjuntura, por que ele significa o que significa nesse momento e quem está autorizado a emití-lo. Essa dispersão também fere mortalmente a ideia de um sujeito lúcido, fonte do saber. O homem é também uma dispersão de sujeitos, já que pode ocupar vários nichos ao longo de sua trajetória. Em cada espaço desse depreende-se a apropriação de um dado discurso, o domínio efetivo de uma formação discursiva. Se sou pai, branco, heterossexual, cristão, esses espaços (e papéis) vão demandar práticas discursivas diferentes. Esses discursos nunca se sustentam por si sós, como se fossem a última palavra dada, mas são organizados na relação com outras formações, até o que não se diz, de uma forma ou outra, pressupõe uma tensão com os outros discursos. Essa volubilidade garante um dinamismo a essas formações, que precisam sempre se alinhar, se adequar aos discursos de outrem (e vice versa), “(...) ela (a disciplina) lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente de regras” (FOUCAULT, 2004, p. 36).

Um bom exemplo disso é uma declaração que o comediante Didi<sup>6</sup> fez em uma entrevista sobre fazer humor satirizando grupos socialmente estigmatizados. Segundo ele, Os Trapalhões sempre fizeram piadas com minorias, em especial homossexuais e negros, e que nunca foram interpelados judicialmente por isso. Hoje, reclama ele, há uma patrulha intensa do politicamente correto e, possivelmente, os trapalhões não fariam mais graça com esses segmentos. Talvez Renato Aragão não se apercebeu que houve dos anos 1980 para cá um rearranjo político e discursivo. As minorias se tornaram visíveis graças ao domínio de um discurso, essa apropriação implicou também na reestruturação de outras tantas formações, em especial, as humorísticas e as religiosas. Não por acaso, os ataques que os grupos LGBT vêm sofrendo dos conservadores se intensificou, e hoje humoristas como Danilo Gentili, Rafinha Bastos não passam ilesos caso publiquem ou façam piadas com minorias. Outra consequência desse rearranjo é a externalidade de discursos que antes ficavam ocultos. Os setores religiosos, médicos, jurídicos, por exemplo, não se sentiam

---

<sup>6</sup> Renato Aragão crítica humor politicamente correto: gays não se ofendiam. Disponível em [http://www.purepeople.com.br/noticia/renato-aragao-critica-humor-politicamente-correto-gays-nao-sehttp://www.purepeople.com.br/noticia/renato-aragao-critica-humor-politicamente-correto-gays-nao-se-ofendiam\\_a37320/1ofendiam\\_a37320/1](http://www.purepeople.com.br/noticia/renato-aragao-critica-humor-politicamente-correto-gays-nao-sehttp://www.purepeople.com.br/noticia/renato-aragao-critica-humor-politicamente-correto-gays-nao-se-ofendiam_a37320/1ofendiam_a37320/1). Acesso em 26/10/2015

intimidados justamente porque não havia ainda acontecido o apoderamento de uma voz por parte desse grupo e os rearranjos sociais consequentes disso.

Em outras palavras, se não tivesse surgido um conjunto de disposições e os discursos legais, médicos, psiquiátricos, inventando a teoria clínica do homossexual, não teria havido necessidade de se organizar nem de lutar contra uma perseguição. Por isso, quando hoje em dia se fala em “orgulho gay”, não se deve entender essas palavras como uma espécie de autocomplacência, mas como uma reação política de luta e resistência contra um dispositivo de escárnio que ainda existe em muitas partes do planeta. (RIBEIRO, 2010, p. 52).

As zonas discursivas de religião e sexualidade vivem em um clima de constante conflito. Afinal, o silenciamento de questões relativas à sexualidade não padronizadas envolve a formatação do sujeito dentro dos dogmas religiosos, e também o controle de sua sexualidade, tomada aqui sempre como meio de procriação e nunca como expressão de sua vontade, de sua libido. “(...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar”(FOUCAULT, 2011, p. 10). A citação que segue é longa, mas é, certamente, uma das completas definições do que seja uma formação discursiva. O trecho inclui justamente a menção ao devir alheio, o quanto do outro é necessário para que um discurso se estabeleça. Essa relação é constituinte, fundamental.

Uma formação discursiva não é, pois, o texto ideal, contínuo e sem aspereza, que corre sob a multiplicidade das contradições e as resolve na unidade calma de um pensamento coerente; não é, tampouco, a superfície em que se vem refletir sob mil aspectos diferentes, uma contradição que estaria sempre em segundo plano, mas dominante. É antes um espaço de dissensões (sic) múltiplas; um conjunto de oposições diferentes cujos níveis e papéis devem ser descritos. A análise arqueológica revela o primado de uma contradição que tem seu modelo na afirmação e na negação simultânea de uma única e mesma proposição, mas não para nivelar todas as oposições em formas gerais de pensamento e pacificá-las à força por meio de um a priori coator. Trata-se, ao contrário, de demarcar, em uma prática discursiva determinada, o ponto que elas se constituem, definir a forma que assumem, as relações que estabelecem entre si e o domínio que comandam. (FOUCAULT, 2004, p. 176).

Embora haja muitos aspectos em comum entre Bakhtin e Foucault, há uma diferença significativa na forma como os dois teóricos veem os sujeitos. Em Bakhtin, o sujeito age sempre com *responsividade*, já que não pode, de forma alguma se abster dessa realidade, não há álbi para isso.

Assim, ao mesmo tempo em que, como ser social, está restrito em sua expressão ao socialmente possível, em sua condição de agente individual, em vez do coletivo, o sujeito produz discursos que são seus e não repetição do que a sociedade imporia. O sujeito tem naturalmente vivências muito pessoais, mas precisa exprimir isso de maneira que o outro entenda, logo, por meio do que há de comum entre ele e o outro na sociedade e na história. Ele não age sozinho, mas não deixa de ser ele mesmo, nas várias “posições-sujeito”, nos diferentes papéis que assume diante de diferentes interlocutores. É um agente mediador inserido na sociedade e na história; não está submetido a elas como um fantoche, mas ao mesmo tempo não age em isolamento, de si para si, porque não pode situar-se acima da sociedade e da história. (SOBRAL, 2009, p. 56).

Em Foucault, o sujeito é vítima, seu destino está preso a, pelo menos, duas fatalidades, dois esquecimentos: uma vez que é acometido de esquecimentos, age como se fosse ciente e que é a partir dele que emana o enunciado. Na verdade, ocupa um espaço, interpreta um “personagem indiferenciado ou intercambiável” (Foucault 2004 p. 57), uma função que pode ser encenada por outros, desde que atentem para as especificidades discursivas e o aval das instituições reguladoras para essa função. O outro esquecimento diz respeito à ignorância por parte desse sujeito de os enunciados se constituírem num solo conflitante, em uma intermitente batalha com outros. Os enunciados, as palavras são, na verdade, frangalhos de uma guerra. Compõem-se de uma ausência necessária a fim de que busque sua completude no Outro, há em todos os discursos “uma parte do sentido que foi sacrificado para constituir sua identidade”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 39).

A título de exemplificação, podemos observar a análise que Possenti (2012) faz de um texto de Eliane Catanhede. A dissecação do texto aponta, primeiramente, o *ethos* assumido pela jornalista, a formação discursiva a que pertence e também como esse pertencimento indica o que ela pode ou não pronunciar e a quem, de certa forma, ela responde. Há muitas forças compelindo, formatando o texto além da mera intuição do falante ou da obediência a regras quase universais de coesão e coerência. A filiação a uma dada formação discursiva é que vai orientar, de forma decisiva, o conteúdo formal do texto. O trecho em questão segue abaixo:

A causa do MST é justa. A causa de Arafat também. Os dois movimentos simbolizam a eterna luta do pobre contra o rico, do fraco contra o forte. Ambos, porém, **são identificados** com a radicalização

que o Lula e o PT tanto se esforçam para repudiar (grifos nossos). (POSSENTI, 2012, p.247).

Na terceira linha da citação há uma frase em que o sujeito não se encontra “visível” no texto. Afinal, quem são os responsáveis por essa identificação? É um tipo de construção que fere as instruções de grande parte dos manuais de redação que circulam por aí. Mas sabe-se que a filiação ideológica da jornalista, o lugar de onde fala, e aos potenciais leitores (e também de sua competência discursiva) dá completude ao texto. As forças da direita brasileira é que compõem o sujeito (ou o agente da passiva) “oculto”. É possível pressupor isso não de forma gratuita ou uma análise calcada na subjetividade, no puro “achismo”. A conclusão baseia-se, sobretudo, na percepção da conjuntura, da filiação ideológica do semanário, no *ethos* assumido pela autora do texto, um fragmento material de um fluxo discursivo intermitente, que responde a outros textos na medida também que se lança no território da polêmica.

Além da gramática do texto, há de se pensar também na forma como essa conjuntura interfere de modo singular na manipulação de outros signos, no caso, as ilustrações. A capa abaixo é de uma publicação em quadrinhos e ela parece menos ingênua do que o senso comum decreta. O grupo de vilões *Os Metralhas* foi criado pelo genial Carl Barks entre 1943 a 1965. Os ladrões vivem uma obsessão cartunesca

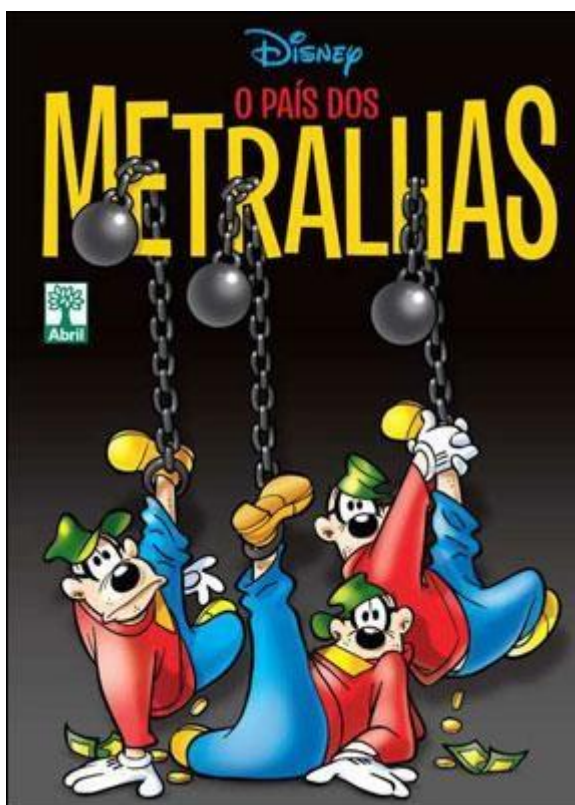




FIGURA 3 – CAPA DA DISNEY.

FONTE: Disponível em <http://www.guiadosquadrinhos.com/capas/disney-o-pais-dosmetralhas/pa003115> . Acesso em 22/03/2013

de pilhar a fortuna do milionário Tio Patinhas. Na concepção original, eles vestiam uniformes que contemplavam na paleta de cores do laranja ao amarelo. Na capa dessa edição especial, eles trajam um uniforme vermelho. Há uma série de fatores externos que invalidam a alternativa de que “foi uma recriação livre da editora Abril”. Vamos aos fatos: O termo *petralha* foi criado pelo colunista e bloqueiro Reinaldo Azevedo. Ele é, certamente, um dos mais respeitáveis (pelo menos pelo círculo de leitores do semanário e de seu blog) representantes da extrema direita brasileira. O neologismo foi criado com base na palavra *metralha* e há aí uma intenção declarada de se fazer um aproveitamento semântico de tudo aquilo que o termo original implica. Azevedo também publicava um artigo de opinião na revista *Veja*, que se tornou nos últimos anos uma espécie de porta-voz dos discursos contrários aos partidos de esquerda, em especial, o Partido dos Trabalhadores e, conseqüentemente, seu maior líder, e ex-presidente, Luís Inácio Lula da Silva.

Ainda sobre a paleta de cores usada na capa, a cor vermelha está atrelada às filiações políticas de esquerda, sobretudo, aos comunistas. Vale lembrar que tal temor ao vermelho já vinha desde o auge da Guerra Fria. Os filmes sobre alienígenas, que tanto assombravam as famílias estadunidenses mergulhadas no *American Way of Life*, vinham de Marte, não por menos, o planeta vermelho – uma clara referência metafórica ao perigo que a antiga União Soviética representava ao ocidente. Essa paranoia foi reinventada com tons tupiniquins durante as manifestações que ocorreram em julho de 2013 e no início do 2º mandato da presidenta Dilma. Os líderes desses movimentos repudiavam com truculência qualquer manifestante que ousasse trajar vermelho. A orientação era de que usasse as cores da bandeira, já que “a nossa bandeira não tem a cor vermelha”.<sup>7</sup> Nesse sentido, priorizamos a leitura simbólica da cor da camisa dos metralhas, uma vez que a expressão “vestir uma camisa” é,

---

<sup>7</sup> IGLECIAS, Wagner. **Resquícios da guerra fria a fixação na bandeira vermelha**. Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/04/resquicios-da-guerra-fria-a-fixacao-na-bandeira-vermelha/> Acesso em 22/09/2015

geralmente, utilizada quando o sujeito defende apaixonadamente uma causa, uma ideologia. Isso justificaria a pouca atenção que temos ao fato da cor da calça ser azul.

A percepção dessas interdiscursividades e de como elas são fundamentais para a seleção de repertório do que pode ou não ser dito numa dada FDs é imprescindível. Esse é o território em que as palavras revestem-se de significação. Dessa forma, as orientações de origem bakhtiniana ou do Círculo de Bakhtin prescrevem uma análise em que se destacam as esferas em que esses textos são constituídos. A relativa estabilidade tem justamente como causa as mais diferentes filiações às mais variadas esferas de atuação humana. Em Possenti.

Cada unidade do discurso seleciona gêneros segundo condicionamentos históricos. Os campos não se expressam em qualquer gênero, mas naqueles constituídos para serem os lugares de manifestação dos sentidos característicos de cada campo, bem como para sua circulação e leitura (POSSENTI, 2012, p. 253)

Diante do exposto, há critérios metodológicos que invalidam algumas posições teóricas e metodológicas sobre a análise e o estudo de gêneros do discurso/textuais. Mais uma vez retomamos Possenti e suas palavras em relação a um ponto de vista científico e aquilo que este omite. Essa omissão, como já vimos, tem a finalidade de proteger, de fortalecer um determinado campo científico. A AD rompeu com diversos paradigmas, apontando justamente aquilo em que as demais áreas das ciências da linguagem eram frágeis – ou não lhes interessava também. Aquilo que se omite, os aspectos frágeis, podem virar estofos de um espantalho, uma espécie de arremedo da perspectiva teórica. Aliás, nem é preciso que esses espantalhos partam de setores comprometidos com a pesquisa, basta lembrar a forma como as esferas religiosas constroem um espantalho com as noções sobre a origem da vida, do universo e com a teoria da evolução de Charles Darwin – ao pregar, por exemplo, que a teoria insinua que viemos do macaco é de uma ingenuidade aterradora. Não que esses aspectos sejam todos de natureza frágil, mas mais uma vez tem a ver com a questão de leitura que esses grupos fazem, do ponto de vista em que se situam.

Em geral, assumimos a construção de uma espécie de espantalho tendo como estofos as teorias que não nos servem para análise. Sobre essa finalidade, Pinker redigiu algumas considerações:

A beleza do espantalho é que ele pode ser usado de inúmeras maneiras. A mais trivial é a luta de boxe com o espantalho, em que se substitui um oponente formidável por um simplório facilmente

derrotável. Mas existe também o espantalho bifásico: primeiro monte a efígie, depois admita que afinal ela não é tão irreal assim, mas arme essa admissão como uma capitulação a suas críticas devastadoras. E há também o espantalho do sacrifício, útil quando se teme estar nas beiradas da respeitabilidade: monte uma versão fanática da teoria de alguém, depois se distancie dela para comprovar sua moderação. É a mesma estratégia que os vendedores de vinho usam quando põem uma garrafa de preço exorbitante em cada prateleira. Eles sabem que compradores inseguros gravitam para a média, portanto, se houver uma garrafa de cem dólares à mostra, eles vão comprar a de trinta dólares, ao passo que, se a garrafa mais cara custasse trinta dólares, eles se contentariam gastando dez. (PINKER, 2008, pp121-122).

Os espantalhos erigidos por nós apresentam o seguinte material de estofo e que portanto, não me servem, não dão conta do que pretendemos com esse trabalho:

- Uma perspectiva que se centre apenas na constituição formal dos elementos do texto; não há interrelação entre o dentro e o fora;
- A relação entre sujeitos e textos se dá por meio de uma pragmática rasa, sem considerar o peso e a relevância dos fatores sócio históricos que, de alguma forma, são fundamentais para a constituição de sentidos;
- Um sujeito autor que é tratado como origem de todo o sentido. Há de se pensar nas instituições de onde o sujeito fala e de como ele é interpelado por elas;
- O texto com um elemento único, dissociado do inesgotável oceano de vozes no qual ele se encontra enredado;
- Uma noção de texto que integra não apenas as produções gráfico verbais, mas toda e qualquer manifestação discursiva valendo-se de diferentes vocabulários sígnicos.

Há duas posições fundamentais em relação ao tratamento que se dará ao texto nesse trabalho. Seguindo as orientações de Maingueneau (2013), o texto é entendido aqui em suas mais variadas manifestações, seja um texto escrito, um filme, uma música. Seja também nas diferentes linguagens que potencialmente o podem constituir, no caso de textos multissêmicos, que se valem de ilustrações, fotografias, diferentes formatos de fontes. Esse tipo de postura valida a análise que se fará das HQs na internet, gênero que se constitui na confluência de muitas outras linguagens. A outra questão diz respeito à distinção já discutida entre texto e enunciado. Para

Maingueneau (2013) enunciado tem o valor de “frase”, sendo utilizado em um contexto particular. E texto quando este pertencer a um dado conjunto de textos cujas particularidades composicionais, conteudísticas e estilísticas e também de usos sejam recorrentes. “Mas quando tal distinção não tiver importância, utilizaremos indiferentemente os dois termos”. (MAINGUENEAU, 2013, p. 64).

Os textos até agora foram tratados de maneira genérica e quase abstrata. Afinal, as pessoas não escrevem textos de reclamação, nem tampouco pagam textos no banco ou seguem um texto para fazer aquele prato principal de um jantar romântico. Os textos se tornam empíricos quando integram as ações humanas, aliás, não há ação humana que não se realize por meio de textos, e eles são moldados, organizados por uma dada atividade social. Nesse sentido, escrevemos cartas de reclamação, pagamos boletos no banco e seguimos receitas culinárias. Nas seções seguintes, apresentaremos uma breve seção sobre algumas teorias sobre gêneros discursivos, em seguida, como essa discussão foi sendo apropriada por um discurso pedagógico no Brasil. Posteriormente, um breve interlúdio com Bakhtin para finalmente apresentar Maingueneau e a perspectiva de gênero com a qual trabalharemos.

## 2.4 GÊNEROS DE DISCURSO – UM PRÓLOGO BAKHTINIANO

Para Bakhtin, não é possível entender a linguagem dissociada de seus usos sociais e nem mesmo a fala pode ser considerada um ato individual, pois sempre é atravessada de outras vozes e sempre é direcionada para alguém. Esse conjunto de ações linguageiras é moldado por muitas variáveis: para quem, onde, finalidade, situação de produção etc. Esse quadro todo exige uma apropriação e (re)criação de um tipo de texto, um gênero do discurso.

O texto mais referenciado de Bakhtin sobre gêneros encontra-se na obra *Estética da Criação Verbal*. Mas há indicações sobre esse assunto nas demais obras do autor. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, publicação atribuída também a Bakhtin, mas certamente resultado das concepções do Círculo, temos por exemplo:

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior

na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc). (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2004, p.114)

Mas é, seguramente, em *Gêneros do Discurso*, texto que integra a obra *Estética da criação verbal* que Bakhtin (2003) lança as bases e os conceitos mais populares e disseminados sobre sua teoria de gêneros. Base sobre a qual vão se solidificar inúmeros outros trabalhos sobre gêneros discursivos.

Em nenhum momento nos trabalhos de Bakhtin sobre gêneros transparece uma preocupação de enquadrá-los dentro de uma taxonomia. A heterogeneidade da linguagem humana e as constantes transformações nas relações de trabalho tornam essa tarefa inócua. O que Bakhtin faz é uma divisão bastante econômica, minimalista até. Os gêneros são divididos em dois grandes grupos: gêneros primários e secundários. Esses dois grupos, como em toda a perspectiva bakhtiniana, mantêm uma relação de complementaridade, ou seja, os gêneros secundários seriam originados dos gêneros primários. Essa diferença se dá justamente nas esferas em que esses enunciados são constituídos. Os primários seriam usados nas esferas domésticas, da vida privada. Os secundários integram esferas mais complexas das relações humanas. Nesse âmbito, as hierarquias sociais são muito mais marcadas e os textos são organizados para atender essa particularidade.

Um dos elementos mais interessantes para percebermos essa relação entre os gêneros primários e secundários nas HQs é o balão, um dos elementos formais mais característicos dos quadrinhos. Os quadrinistas incorporam o diálogo cotidiano, um gênero primário por excelência, ao gênero HQ, dão-lhe acabamento estético e de registro. O exemplo abaixo ilustra bem isso, Cedraz, criador da turma do Xaxado, se apropria da fala regional, cotidiana da região nordeste e somando-a a outras variáveis (aspectos históricos, filiações ideológicas, relações intertextuais e etc) refina e molda um produto discursivo elaborado dentro de uma outra esfera de atuação.



## FIGURA 4 – TURMA DO XAXADO.

FONTE: CEDRAZ, Antonio. **Turma do Xaxado**. Disponível em <http://www.xaxado.com.br/quadrinhos/tiras.html>. Acesso em 01/11/2012

A questão do refinamento, vale destacar, não indica que os discursos primários sejam inferiores, mas diz respeito à própria “natureza” dos discursos secundários. Estes, como já adiantamos, são artefatos “artificiais”, que demandam um conhecimento linguístico/discursivo diferente do nosso conhecimento sobre os primários. Não há aprendizagem formal para se dominar o gênero *bate-papo*, *fofoca*, mas quando esse gênero se encontra transmutado dentro de um gênero como os quadrinhos, há necessidade de uma espécie de treino, de letramento rumo a um domínio efetivo de suas potencialidades discursivas.

As esferas de atividade são “regiões” de recorte socioistóricoideológico (sic) do mundo, lugar de relações específicas entre sujeitos, e não só em termos de linguagem. São dotadas de maior ou menor grau de estabilização a depender do seu grau de formalização ou institucionalização, no âmbito da sociedade e da história, de acordo com as conjunturas específicas. (...) A esfera vai das relações de intimidade familiar ao aparato institucional do Estado, passando por circunstâncias como as que tornam possíveis comentários casuais que desconhecidos fazem um para o outro na rua sobre assuntos cotidianos. (SOBRAL 2009 p. 121).

Os gêneros na caracterização de Bakhtin são compostos de três elementos: *conteúdo temático*, *organização composicional* e *estilo*. Verificaremos como esses elementos compõem o todo enunciativo. Na charge, por exemplo, o conteúdo temático geralmente versa sobre questões políticas e ou acontecimentos jornalísticos. Em relação a sua organização composicional, a charge tem como forma padronizada um quadro único em que se apresenta uma cena. O estilo diz respeito à forma como o autor representa essa cena: traços mais realistas, menos realistas, cores, formas, disposição e composição dos elementos. Vale lembrar que muito pouco dessas escolhas são do âmbito pessoal. A seleção de um estilo ocorre dentro de uma faixa de manobra restrita, o autor pode optar por uma ou outra forma, mas há sempre no horizonte a perspectiva do outro, uma vez que o conjunto sempre visa “a imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado” (Fiorin 2006 p. 62). As definições de Bakhtin jamais encapsulam o gênero dentro de um único critério. Abaixo, um exemplo de como as definições tradicionais de charge não captam a dinâmica dos gêneros.





FIGURA 5 – CHARGE POLÍTICA

FONTE: ANGELI. Disponível em <http://www2.uol.com.br/angeli>. Acesso em 05/11/2012.

A charge de Angeli é composta de vários quadros e cada um deles com uma espécie de legenda, que não é autônoma em cada um deles, mas que permite uma interpretação isolada que associada às demais produz outro efeito de sentido. Há sempre a necessidade de recorrer ao outro quadro e assim sucessivamente até o fim. O tempo representado na charge perpassa mais de trinta anos de vida política no Brasil. A charge colabora com a ideia de que, mesmo sendo de partidos e de contextos diferentes, os políticos repetem a mesma ladainha, ou seja, todo político é igual. O gênero subverte a constituição padrão das charges de representar uma ação em um único quadro, um instantâneo. Apesar dos elementos composicionais modificados, o tema ainda versa sobre o cenário político brasileiro. Além desses fatores, a charge foi publicada primeiramente na área geralmente destinada a esse gênero, lugar que também lhe confere o estatuto de charge política bem como o suporte, no caso, um jornal de grande circulação.

A tira é outro gênero de HQ cuja apresentação formal, estilística é flutuante. Já mencionamos que as HQs são, no senso comum, reduzidas a uma única temática e apenas um público: humorística e infantil, respectivamente. Entretanto, uma recente

produção brasileira tem criado tiras que ultrapassam essas expectativas. Laerte, por exemplo, uma das maiores cartunistas brasileiras, abandonou a temática de humor. Também deixou de produzir histórias com personagens fixos (Piratas do Tietê e Condomínio).



FIGURA 6 – TIRA MODERNA

FONTE: COUTINHO, Laerte. Piratas do Tietê. Disponível em

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#17/10/2012> Acesso em 20/10/2012.

A tira de Laerte, embora apresente uma estrutura formal que remeta a tiras de humor, apresenta uma temática que não é humorística. Ramos (2011) atesta que é um novo gênero de HQ que surge no Brasil, uma modalidade de quadrinhos aberta a experimentações e que abrange temáticas poéticas, filosóficas e ou éticas. Fato que colabora com a tese de Bakhtin, segundo o filósofo, o trabalho de autoria e a seleção de um gênero:

(...)é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. (BAKHTIN, 2003, p. 282).

Essas flutuações temáticas, estilísticas e formais só são possíveis porque as tiras pertencem a um grupo de gêneros em que as coerções sociais exercem menos pressão, ou seja, não há um sobrepeso institucional que atua como uma força centrípeta, regulando seus usos e funções. Paralelamente à tira, há gêneros cuja formatação é rigorosamente vigiada, em que há pouquíssimo espaço para variações. Os gêneros discursivos de esferas oficiais, por exemplo, (regimentos, contratos etc) possuem uma notada estabilidade. Adiante, incluiremos a noção de cenografia de



Maingueneau, que justificaria em termos pragmáticos e discursivos essa volubilidade de formas e temas das HQs.

Os gêneros de instâncias mais oficiais sofrem uma vigilância maior no que diz respeito aos seus componentes formais. Assim, é difícil encontrar um documento em que certos elementos constitutivos estejam ausentes. Nas tiras, isso é relativizado. É possível encontrarmos tiras sem balões, sem vinhetas, e até mesmo há as que apresentam um mínimo possível de elementos iconográficos.



FIGURA 7 – TIRAS SÓ COM BALÕES

FONTE: SARAVALÁ, Marcelo. Disponível em <http://marcelosarava.com.br/>. Acesso em 01/11/2012

A maleabilidade dos gêneros não se restringe ao uso criativo de elementos específicos na composição de cada texto. O aproveitamento das estruturas de gêneros primários na constituição dos secundários indica que não há gênero “puro”. Não raro, os textos citam, parodiam elementos de outros gêneros. Nas esferas mais complexas, esse é um fenômeno muito produtivo. Há dois caminhos possíveis para se entender esse processo. Um viés, pode-se apoiar no aspecto do “relativamente estável”, dando uma atenção especial aos elementos formais e sua flutuação de recursos frente às demandas comunicativas. Marcuschi (2008) denomina esse processo de relações entre gêneros de *intergenericidade*. Como exemplo, observe-se como o gênero “recado, lembrete” é citado na tira de Liniers. Em Maingueneau (1993) esse fenômeno é tratado sob outra ótica. Nesse caso, observa-se que a cena discursiva e os elementos ali arranjados possuem uma intrínseca relação com o ato comunicativo. Ao mesmo tempo que instauram, que possibilitam a comunicação, também os gêneros não apenas se apropriam de determinadas estruturas alheias, mas criam uma cenografia adequada aos propósitos discursivos. A cenografia utilizada por Liniers é de uma pessoa precisa valer-se de algum recurso mnemônico para não perder suas lembranças, a personagem então utiliza do gênero *lista* fim de

se defender dessa. No capítulo seguinte veremos como a cenografia, bem como a cena genérica e a englobante integram o que Maingueneau chama de *semântica global*.

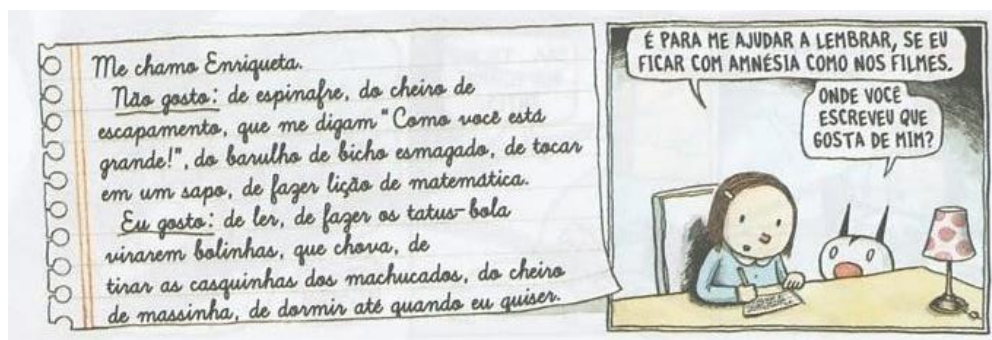


FIGURA 8 – TIRA ENRIQUETA

FONTE: LINIERS. Macanudo. Disponível em <http://www.macanudo.com.ar/>. Acesso em 12/02/2014

### 2.4.1 Gêneros e as competências necessárias

O trabalho com gêneros pode seguir dois caminhos nos labirintos teóricos da linguística. A decisão por um ou outro tem a ver com as proporções do objeto observacional. Se a opção for o entendimento de texto nos moldes da LT, a extensão do objeto é outra em relação àquela até aqui esboçada. Se seguirmos o caminho da AD, a extensão ganha outra medida e abrange um território bastante diverso da LT. Nesse sentido, uma perspectiva que dê conta das nossas pretensões é a da AD, em especial, as orientações de Maingueneau.

Desde os primeiros trabalhos do autor sobre a AD traduzidos no Brasil, evidencia-se uma preocupação de Maingueneau em apontar diretrizes para o analista para a seleção e análise de corpus. Segundo ele, o estudioso em AD não estuda, a princípio, nem autores, nem obras. Ele compõe um corpus de textos, de gêneros do discurso que pertencem a algum agrupamento (a um arquivo). Uma das preocupações de Maingueneau é justamente a de buscar compreender como a sociedade constrói seus artefatos comunicativos e como eles são legitimados. O critério do uso pragmático, concreto e real torna-se uma característica distintiva na concepção de gênero em Maingueneau. O autor estabelece uma diferença entre *gêneros discursivos* de *tipos textuais*, uma distinção baseada em aspectos bem divergentes da elaborada pela LT (MARCUSCHI, 2008), por exemplo. Não caberia nesse espaço detalhar essas

diferenças dada a complexidade do conceito de tipos textuais na LT. Rojo (2005) aponta essas divergências de abordagens no tratamento dos gêneros pela LT e pela AD. Abaixo, uma síntese dessas diferenças

(...) constatamos que podíamos dividir esses trabalhos em duas vertentes metateoricamente diferentes – que, daqui por diante, denominarei *teoria de gêneros do discurso* ou *discursivos* e *teoria de gêneros de texto* ou *textuais*. Ambas vertentes encontram-se enraizadas em diferentes releituras da herança bakhtiniana, sendo que a primeira – teoria dos gêneros do discurso – centrava-se sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos e a segunda – teoria dos gêneros de textos –, na descrição da materialidade textual (ROJO, 2005, p. 185)

Em Maingueneau, as distinções entre tipos e gêneros ocorrem sempre no campo do uso social, ou seja, o autor traça fronteiras que delimitam zonas amplas de uso da língua de áreas mais restritas e limitadas, “os gêneros do discurso pertencem a diversos *tipos* de discurso associados a vastos setores de atividade social” (MAINGUENEAU, 2013, p. 67). O *talk-show*, por exemplo, é um gênero de discurso que pertenceria a um *tipo* de *discurso televisivo*. Da mesma forma, podemos pensar em um *prontuário médico*, gênero que pertenceria a um tipo de *discurso médico*. Maingueneau justifica

Dividimos, assim, a sociedade em diferentes setores: produção de mercadorias, administração, lazer, saúde, ensino, pesquisa científica etc. – setores que correspondem a grandes tipos de discurso. Tais divisões se baseiam em grades sociológicas mais ou menos intuitivas. (MAINGUENEAU, 2013, p. 68)

O uso de um determinado gênero também funciona como uma espécie de “permissão”, de “aval social” para o enunciador, ou seja, que valida o que o sujeito diz e faz isso também pela posição que ocupa. O uso de um gênero como o sermão, por exemplo, valida a posição social do padre ou pastor. Ao mesmo tempo em que o sujeito também se reafirma como dignitário imediato do gênero utilizado.

O estudo dos gêneros também pressupõe a análise dos fatores linguísticos *stricto sensu* nas análises. Estudar as estruturas do texto, sua composição traria diferenças significativas em relação a outras áreas que possuem a linguagem como objeto observacional. Um sociólogo, um jornalista, um psicólogo também analisam a linguagem, mas o analista o faz com outro foco, com outra perspectiva teórica. Um

dos maiores riscos que muitos analistas do discurso incorrem é de fazer estudos que mais parecem trabalhos sociológicos do que linguísticos propriamente ditos. Embora seja uma das áreas da linguística que se mais se avizinha de disciplinas não linguísticas (filosofia, sociologia, psicologia), é imprescindível não deixar elementos que caracterizam a AD como uma área da linguística. Vale lembrar que nem sempre a AD teve essa preocupação:

Durante muito tempo a AD tomou como objeto os corpus por ela apreendidos independentemente dos atos de enunciação que os haviam tornado possíveis. Ao proceder assim, não tinha o intuito de negligenciar as “circunstâncias”, o “quadro” de enunciação, mas por entender tais fatos mais como um conjunto de elementos moduladores do que como uma dimensão constitutiva do discurso. (MAINGUENEAU, 1997, p. 29)

Para Maingueneau, o uso dos gêneros é também uma espécie de fator de economia da linguagem, o falante, para cada situação que encontra, para cada embate, tem um repertório de gêneros possíveis. Nesse sentido, para cada esfera em que o sujeito se encontra, antecipa-se também o que ele encontrará pela frente. Nenhum falante é surpreendido, ele sabe ou pelo menos pressupõe com que gêneros de textos lidará em cada situação sociocomunicativa. Essa dinamicidade facilita e possibilita a compreensão. O quadro enunciativo é organizado em torno do que Maingueneau denomina de “leis do discurso”, ou seja, regras que devem ser seguidas para viabilizar a comunicação. Além disso, cada um dos gêneros de discurso possui suas leis específicas de organização, que dizem respeito ao papel, à encenação de cada um dos constituintes da cena enunciativa.

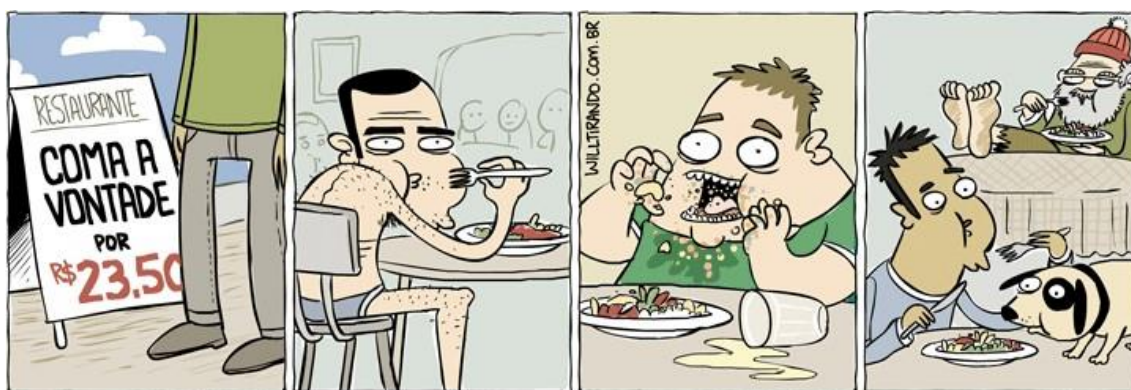


FIGURA 9 – CARTAZ NO RESTAURANTE

FONTE: LEITE, William. Willtirando. Disponível em <http://www.willtirando.com.br/>. Acesso em 04/03/2016

A tirinha apresenta uma situação absurda possibilitada a partir de todas as interpretações possíveis do cartaz “coma a vontade”. Quando nos deparamos com esse tipo de cartaz, pressupõe-se que saibamos que se refere à quantidade de comida que podemos consumir nesse lugar. Diferentemente, por exemplo, de um restaurante que trabalha com o sistema de prato feito, em que não há possibilidade de repetir a menos que você pague por isso. Na tirinha, os personagens não só entenderam esse sentido fixado pelas regras sociais como também somaram outros. O fato de frequentar um restaurante trajando apenas roupas íntimas, colocar os pés sobre a mesa e até mesmo por o cachorro para comer são coisas que, de fato, podemos fazer quando estamos “à vontade” em casa, mas não em um restaurante. Esse domínio a respeito das leis do discurso e dos gêneros, que Maingueneau denomina de *competência genérica*, integra um conjunto de regras às quais ele denomina de *competência comunicativa*.

(...)são componentes essenciais de nossa competência comunicativa, ou seja, de nossa aptidão para produzir e interpretar os enunciados de maneira adequada às múltiplas situações de nossa existência. Essa aptidão não requer uma aprendizagem explícita; nós a adquirimos por impregnação, ao mesmo tempo que aprendemos a nos conduzir na sociedade. (MAINGUENEAU, 2013, p. 45).

Esse conjunto de habilidades reunidas sob esse rótulo não basta. São necessárias outras formas de entendimento para interpretar um enunciado. A *competência enciclopédica* diz respeito a uma série de conhecimentos armazenados ao longo de nossa vivência social, eles são mobilizados toda vez que nos defrontamos com quadro de enunciados variados. Nesse sentido, determinados procedimentos vão sendo incorporados à medida que amadurecemos linguisticamente. Esse conhecimento organiza e orienta nosso comportamento. No caso da tira acima, a maioria das pessoas sabe como se portar em um restaurante e tais comportamentos devem ser diferentes de uma churrascada na casa de parentes. Há uma série de rituais que seguimos diariamente, denominados por Maingueneau de *scripts* ou *roteiros*, “sequências estereotipadas de ações. Seu conhecimento é geralmente indispensável para interpretar os textos, sobretudo os narrativos.” (MAINGUENEAU, 2013, p. 45). O cartaz apresentado na tirinha potencializa duas possíveis leituras: uma que atenda às expectativas sociais de comportamento e outra, que se estabelece nas fissuras da língua, apelando para uma interpretação “livre” que daria aval a toda sorte

de comportamentos inesperados. A piada, como geralmente faz esse gênero discursivo, abraça a segunda leitura, pois lhe é imperativo no âmbito do inesperado, do incongruente.

A *competência genérica* é uma espécie de embalagem, invólucro obrigatório de todo e qualquer discurso. O discurso nunca vem em estado puro, tal como é. Já dizia Marcushi (2008) que toda vez que um usuário da língua põe-se a falar, ele faz isso se apropriando de algum tipo de gênero. Bakhtin, em seu clássico ensaio sobre gêneros decreta:

Falamos através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discursos orais (e escritos). Em termos práticos, nós o empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente sua existência. Como Jourdain de Molière, que falava em prosa sem que disso suspeitasse, nós falamos por gêneros diversos sem suspeitar da sua existência. Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas.(...) Esses gêneros são nos dado quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática. (BAKHTIN, 2003, p. 282).

Mainueneau (2013) também discorre a respeito da habilidade que o sujeito adquire ao filiar-se a um determinado agrupamento de discurso, a FD, e como ele se apropria das orientações em relação à linguagem dadas pela FD. Vimos anteriormente algumas diferenças entre texto, enunciado e discurso. Assim como não há possibilidade da existência de um texto sem a consubstanciação dele com um tipo de formatação, de gênero tem que haver também, concomitantemente, a materialização de algum tipo de discurso e isso só se dá por meio de um enunciado concreto, real. Essa segmentação e exposição dos aspectos formais e discursivos (ideológicos) não obedece a um critério linear, na realidade, não há como precisar como esses elementos se arranjam no todo enunciativo. Vale lembrar que não existe uma instância outra que antecede os discursos, os enunciados são construídos na dinâmica desse interior e do exterior, constituindo-se num amálgama.

Pertencer a uma dada filiação discursiva também pressupõe que o sujeito reconheça e produza enunciados condizentes com ela, o que Mainueneau denomina

de *competência discursiva*<sup>8</sup>. Essa restrição já pudemos observar no cartum (figura 2) de Laerte sobre as manifestações de julho de 2013. O policial, retratado na narrativa, acaba cometendo um equívoco com relação ao que deve dizer no lugar que ocupa. Um exemplo: quando era ministra do turismo, Marta Suplicy<sup>9</sup> disse aos usuários dos serviços aeroviários que eles relaxassem e gozassem, pois os transtornos causados pela crise viária eram inevitáveis. O enunciado soou como uma afronta para milhares de pessoas que enfrentavam um verdadeiro inferno nos aeroportos. Filas imensas, voos atrasados e cancelamentos. A então ministra precisou se retratar.

A frase dita por Suplicy constitui-se como um enunciado cuja gramaticalidade é perfeita. Não há nenhum problema por parte dos falantes em compreendê-la. Entretanto, o comentário causou uma grande polêmica na mídia, sendo reverberado insistentemente nas redes sociais. A frase foi interpretada como um acinte, conotando pouco caso com quem vivia esse caos. Soma-se a tudo isso, o fato de a ministra integrar um governo de orientação populista, uma ideologia diferente das linhas editoriais de grande parte da mídia brasileira, detalhes que justificariam a imensa repercussão dada a essa frase de Suplicy.

Como vimos, a questão não é apenas se a frase é gramatical ou não, mas índices externos que garantam determinadas leituras, interpretações. Há que se considerar não só o sucesso do enunciadador, mas as situações em que ele produziu o enunciado, que instituições validam os sentidos do que diz e que sentidos são permitidos dentro dessas instituições. Pode-se afirmar que Marta Suplicy não dosou as consequências de seu proferimento, uma falha de sua competência discursiva. Se para Chomsky, a mente humana pode gerar infinitos enunciados, socialmente há restrições que intimidam essa produtividade. Um integrante do MST não pode falar como um latifundiário, um professor como um aluno, um ateu não pode falar como um padre etc. Voloshinov faz uma dura crítica aos estudos subjetivistas que reduziam a linguagem a uma mera manifestação individual.

Nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem enunciou: é produto da interação entre falantes e, em termos

---

<sup>8</sup> O conceito de competência discursiva será abordado com maior profundidade nas seções seguintes.

<sup>9</sup> **Marta sobre a crise aérea: 'relaxa e goza'** disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL51536-5601,00.html> Acesso em 11/08/2015.



mais amplos, o produto de toda uma situação social em que ela surgiu. (...) procuramos mostrar que todo produto da linguagem do homem, da simples enunciação vital a uma complexa obra literária, em todos os momentos essenciais é determinado não pela vivência subjetiva do falante, mas pela situação social em que soa essa enunciação. A linguagem e suas formas são produto de um longo convívio social de um determinado grupo de linguagem. A enunciação a encontra pronta no aspecto fundamental. Elas são o material da enunciação, o qual lhe restringe as possibilidades. O que caracterizava precisamente uma dada enunciação – a escolha de certas palavras, certa teoria da frase, determinada entonação da enunciação - é a expressão da relação recíproca entre os falantes e todo o complexo ambiente social em que se desenvolve a conversa. (VOLOSHINOV, 2004, p. 79)

A língua é entendida aqui como um devir constante, não há fechamento, ela é um processo. Paradoxalmente, o número de enunciados de uma dada formação discursiva é finito e limitado, possibilitando ao sujeito uma ilusão de inércia, de ser o centro de sentidos. Essa característica de instabilidade relativa permite aos sujeitos reconhecer e produzir enunciados condizentes a essa posição que provisoriamente ocupa. Como o próprio Bakhtin (2003) já havia dito, se tivéssemos que criar todas as formas possíveis de linguagem, ela seria uma impossibilidade. Recorremos à memória, à tradição, mas ao mesmo tempo, esse processo, que aos nossos olhos parece imóvel, é constantemente roído, pois está assentado em um solo de incertezas.

Essa dinâmica toda é constituída pelas relações conflitantes entre as várias formações discursivas. Deve se levar em conta esse “primado do interdiscurso” já sentenciada Maingueneau (2005). As formações discursivas não são entidades autônomas que preexistam ao discurso. A base de sua formação é calcada no horizonte de apreensão de outras tantas formações discursivas. Essa conjugação de fatores no quadro enunciativo é denominado por Maingueneau de *semântica global*:

(...) um procedimento que se funda sobre uma semântica global não apreende o discurso privilegiando tal ou tal de seus “planos”, mas integrando-os a todos, tanto na ordem do enunciado quanto da enunciação. (MAINGUENEAU, 2005, p. 79).

Nesse sentido, percebe-se como as ideias do Círculo de Bakhtin influenciam a perspectiva de Maingueneau. Para Bakhtin e o Círculo, a linguística precisava romper com o que se fazia até então. As análises pressupunham uma língua desamparada de seus falantes, como se os sentidos fossem constituídos apenas na



relação entre os entes do sistema. A citação é longa, mas profundamente esclarecedora para o aspecto que estamos apresentando.

A linguística, como vimos, está voltada para o estudo da enunciação monológica isolada. Estudam-se documentos históricos em relação aos quais o filólogo adota uma atitude de compreensão passiva. Assim, todo o trabalho desenvolve-se nos limites de uma dada enunciação. Os próprios limites da enunciação como uma entidade total são pouco percebidos. O trabalho de pesquisa reduz-se ao estudo das relações imanentes no interior do terreno da enunciação. Todos os problemas daquilo que se poderia chamar de “política externa” da enunciação ficam excluídos do campo da observação. Consequentemente, todas as relações que ultrapassam os limites da enunciação monológica constituem um todo que é ignorado pela reflexão linguística. Esta, na verdade, não ousa ir além dos elementos constitutivos da enunciação monológica. Seu alcance máximo é a frase complexa (o período). A estrutura da enunciação completa é algo cujo estudo a linguística deixa para outras disciplinas: a retórica e a poética. Ela própria é incapaz de abordar as formas de composição do todo. Eis porque, de maneira geral, não há relação nem transição progressiva alguma entre as formas dos elementos constituintes da enunciação e as formas do todo no qual ela se insere. Existe um abismo entre a sintaxe e os problemas de composição do discurso. Isso é totalmente inevitável, pois as formas que constituem uma enunciação completa só podem ser percebidas e compreendidas quando relacionadas com outras enunciações completas pertencentes a um único e mesmo domínio ideológico. (VOLOSHINOV;BAKHTIN,2004 p. 108)

Para Possenti (2009) essa postura metodológica representou uma das rupturas com o que estava sendo feito até então. Semelhante talvez ao corte efetuado pela revolução copernicana em relação ao modelo que o antecedia.

Os elementos elencados por Maingueneau serão observados da análise de uma pequena história em quadrinhos que se segue. Nela, destacaremos a questão da *intertextualidade*, do *léxico*, os *temas*, o *estatuto do enunciador* e do *coenunciador* a *dêixis enunciativa*, o *modo de enunciação* e o *modo de coesão* – ou *instâncias de enunciação*.



FIGURA 10 – CINDERELA MODERNA

FONTE: KITANI, Adriano. Pirikart. Disponível em <http://www.pirikart.com.br/>. Acesso em 03/03/2013

Para Maingueneau a heterogeneidade do discurso se dá de duas formas; primeiro pela interdiscursividade, não inscrita de forma aparente no discurso, mas de alguma forma presentificada e fundamental para a língua tornar-se semanticamente possível, a *heterogeneidade não mostrada*. Há também a *heterogeneidade mostrada*. Nesse tipo de menção, os textos citados são materializados de alguma forma na superfície dos enunciados. Há muitos recursos textuais para indicar essa “invasão” da voz do outro, do intertexto

O texto parodia o relato clássico da Cinderela, cuja leitura é fundamental para a constituição dos possíveis sentidos requeridos pelo texto. Sabe-se que as versões tradicionais apresentavam uma narrativa em que as figuras femininas estavam conformadas com os papéis sociais a que eram destinadas. A recriação via paródia perverte esse mote. O fato de a personagem principal tratar com desdém o “prêmio” dado pelo príncipe: o benefício do casamento, é prova cabal dessa inversão, afinal, os relatos tradicionais sempre finalizavam suas histórias com a mulher sendo

premiada com a bondade de um homem, de um príncipe, ou eram castigadas – no caso das bruxas, madrastas – por infringirem as leis sociais que domavam seus corpos e padrões de comportamento. A narrativa tradicional da Cinderela filia-se a uma rede de histórias, de narrativas que apresentam basicamente o mesmo enredo: a heroína sofredora que encontra redenção nas mãos de um homem. As narrativas mais modernas, embora bebam da mesma fonte, buscam outros conflitos, o que lhes confere uma relativa distância das narrativas tradicionais. Já havíamos discutido essa tensão entre *parafrástico* (manter a tradição) e o *polissêmico* (alterar, mudar os sentidos). A esse uso da memória na constituição dos textos Maingueneau (2005) denomina de *intertextualidade interna*.

A *intertextualidade externa* diz respeito à seleção de outros textos passíveis de serem citados nessa narrativa. Cada campo seleciona sua formação discursiva e ela também delimita quais textos devem ou não ser retomados. Quando faz uma retomada de um enunciado de uma posição contrária à sua, o faz traduzindo-o para a sua formação – um movimento da interdiscursividade. O conto de fadas, na forma da HQ acima, tem um início muito semelhante ao tradicional, os traços lembram as animações da Disney, geralmente alinhadas ao *status quo*. A partir da segunda vinheta, a narrativa assume o tom feminista e vai com ele até o surpreendente final. A fonte do texto no muro, bem como o tom agressivo fazem menção às pichações de protesto que se veem nas grandes cidades.

Para Bakhtin, nenhuma palavra *fora do sono de dicionário é neutra*. No mundo, lançada no mundo, ela se reveste de sentidos, torna-se signo e é arena de combate, de duelo entre diferentes formações discursivas, a palavra, decreta Voloshinov, “é o signo ideológico por excelência”. (VOLOSHINOV 2006 p. 34). Não há, portanto, um repertório de léxicos de um determinado campo, o que existe é “uma exploração semântica contraditórias das mesmas unidades lexicais por diferentes discursos”(MAINGUENEAU 2005 p. 83). Os sentidos do par *príncipe* e *princesa* são revestidos de diferentes semânticas, dependendo de uma série de fatores: tempo, espaço, esfera, enunciadores etc. Nos contos tradicionais, o primeiro termo representa a força, o poder; o segundo, o elemento subjugado, submisso. Nas remissões modernas, a autoridade do patriarcado é desnudada e as princesas possuem uma outra consciência, que lhe habilita a apontar as contradições desse sistema político, ideológico.

Maingueneau define o tema de maneira abrangente, ou seja, o tema seria aquilo de que o discurso trata. Não faz sentido dissecar os temas que estão localizados nas unidades atômicas do texto. Se a prerrogativa é de uma semântica global, tudo o que há no enunciado corrobora para a unidade, “o conjunto temático se desdobra a partir dele” (MAINGUENEAU, 2005, p. 85). No enunciado, converge ainda, um conjunto de temas impostos e temas compatíveis. Os impostos subdividem-se em temas compatíveis e temas incompatíveis. A HQ acima apresentada tem como tema o discurso feminista. Na totalidade, os temas compatíveis estão orientados no sentido de convergência com a formação discursiva. Os incompatíveis seguiriam por uma outra vereda, mas integram a totalidade do texto por conta da primeira premissa. A fala das filhas da madrasta, por exemplo, segue um caminho oposto à orientação da temática do texto, mas eles estão, de alguma forma, alinhados ao todo. Os temas específicos teriam uma relação harmoniosa com as leis que organizam o discurso. Nesse sentido, a fala da Cinderela, o vandalismo gráfico do muro estariam em consonância com o tema, devidamente inscrito numa dada formação discursiva, ou seja, há um tom subversivo, de revolucionário na versão modernizada da Cinderela.

A formação discursiva também institui os enunciadores e coenunciadores. As formações discursivas estabelecem estratégias para dar legitimidade aos autores e coautores. É necessário também que o portador da enunciação revista-se de um aparato discursivo que lhe confere corporeidade. A noção de *ethos* contribui para o entendimento desse gesto.

A especificidade de um *ethos* remete, de fato, à figura de um “fiador” que, por meio de sua fala, se dá uma identidade em acordo com o mundo que supostamente faz surgir. Tal problemática do *ethos* leva a contestar a redução da interpretação a uma simples decodificação; alguma coisa da ordem da experiência sensível funciona no processo de comunicação verbal. As “ideias” suscitam a adesão do leitor por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser. (MAINGUENEAU, 2008, p. 72).

O fato de o autor selecionar o gênero HQ para constituir uma história que se articula na paródia de um texto clássico da literatura mundial, pressupõe um determinado tipo de *ethos*. Colabora também para a construção do caráter desse autor, o suporte onde o texto será exibido e também o público a que se destina. A internet, por exemplo, é de fácil acesso a um determinado grupo, mas também serve

como contenção e interdição a tantos outros. A questão da cenografia de que o gênero se apropria será discutida adiante desse trabalho.

O tempo também imprime suas marcas no texto. Os enunciados são frutos de uma *episteme*, de uma rede de saberes próprios de sua época. A *déixis enunciativa*, outro elemento que compõe a semântica global de Maingueneau, diz respeito justamente à emergência do texto e à possibilidade de seu surgimento, e às condições que o tornaram possível. A paródia do conto da Cinderela e sua orientação declaradamente feminista só foi possível graças a uma série de conquistas sociais: as sufragistas com a campanha pelo voto, no início do século passado, passando pela efervescência da revolução sexual dos anos 1960.

O *modo de enunciação* diz respeito à “maneira de dizer” do texto, de seu tom. Esse tom dá voz e corporalidade ao enunciador. Maingueneau utiliza o termo “incorporação”:

1. O discurso, por meio de seu corpo textual, faz o enunciador encarnar-se, dá-lhe corpo;
2. Esse fenômeno funda a “incorporação” pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com o outro;
3. Essa dupla incorporação assegura, ela própria “a incorporação imaginária” dos adeptos do discurso. (MAINGUENEAU, 2008, pp. 94-95).

Há ótimos exemplos de como se dá essa incorporação e como ela se integra à comunidade discursiva da qual ela deriva. Os discursos religiosos das vertentes neopentecostais proferidos por pastores têm utilizado muitas expressões oriundas de um vocabulário bélico<sup>10</sup> (campo de batalha, guerra, soldado, inimigo etc). Esse tom não apenas constitui um caráter de líder severo ao pastor, mas também, ao mesmo tempo, institui uma maneira de ser, uma corporalidade.

A HQ, por outro lado, investe em um tom humorístico, próprio dos textos dúbios. O gênero, como já havíamos adiantado, tem um forte apelo junto ao público jovem, em especial às meninas que, desde muito cedo, são sequestradas por uma indústria que investe na formatação dos papéis de gênero. O caráter iconoclasta e a linguagem cheia de gírias e palavrões dão uma corporalidade jovial e rebelde a esse enunciador.

E por fim, o *modo de coesão*, que diz respeito aos elementos concretos e

<sup>10</sup> Tom 'bélico' de alguns líderes evangélicos cria clima propício à intolerância, diz pastor.

Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150622\\_entrevista\\_pastor\\_pai\\_jp](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150622_entrevista_pastor_pai_jp) Acesso em 15/08/2015

materiais do enunciado responsáveis pela intradiscursividade. As retomadas, as elipses, o uso de determinados sinônimos, além de costurarem palavras, frases e parágrafos, também dão indícios do posicionamento ideológico do autor. Referir ao príncipe como “um cara assim” ou “monarcas tem o pau pequeno”, não apenas garante a progressão do texto, evitando a tal (e mal compreendida) repetição de termos, mas também um posicionamento ideológico. Possenti (2012) critica algumas análises da LT que pressupõem um autor consciente de suas escolhas para organização do texto, uma vez que esse sujeito filiado a uma dada FD tem um repertório limitado pela própria FD, além de uma competência discursiva que impele a selecionar determinados termos em detrimento de outros. Assim, na progressão textual, um partidário da causa latifundiária tem pouquíssimas chances de utilizar o termo “ocupação”, “militantes”, “trabalhadores” para se referir aos integrantes do MST, as expressões mais prováveis para essa FD seriam “baderneiros”, “invasores”. Possenti chama a atenção justamente para a falsa ilusão de que se escreve um texto como se todas as possibilidades do sistema estivessem à disposição do sujeito. Há forças de fora para dentro que cancelam ou não determinadas “escolhas” lexicais. Além disso, o uso de relatores lógicos, a seleção de modalizadores, contribuem para a inscrição do texto em uma determinada FD. Na HQ já discutimos como a seleção lexical é condizente com a formação discursiva de inscrição do texto, como também a organização textual imagética, os relatores lógicos, todos em perfeita sintonia com as instituições cuja vocalização se encontra potencialmente representada no texto.

A posição da AD é muito clara sobre esta questão: “defende” as linguísticas que são, em algum sentido, formais, o que significa fundamentalmente que concebe (bate-se em favor da tese da) a organização ou estrutura da língua como sendo independente dos sujeitos. Mais que isso, defende que ela os precede. (POSSENTI 2012 p. 242).

Apesar de considerar os componentes formais da língua, a semântica, para a AD é o único elemento não-linguístico da linguagem. A mobilização das instâncias que atribuem sentidos aos enunciados é uma empreitada da AD. Essa investigação se dá por meio de uma perspectiva que apreende os sujeitos ocupando uma dada posição. Essas coordenadas são dadas por fatores históricos, sociais. Entende-se que não há álibi para a linguagem, tornar-se signo demanda constituintes extralinguísticos, essa é uma condição *sine qua non*. Posto assim, tudo o que se torna signo é passível dessa

análise, incluindo os textos e suas múltiplas semioses, os chamados multissêmicos. As HQs inserem-se nesse conjunto de textos, uma vez que sua vocalização mobiliza semioses diversas. Poderia se considerar analisar as HQs a partir de uma perspectiva formalista qualquer, há inúmeros tratados sobre isso, mas a questão é, até que ponto as respostas dadas por esses estudos satisfazem o ponto de vista que elegemos?

Se a AD pretender dar conta dessa semântica global, ela também pode, pelos seus próprios instrumentos de análise, nos ajudar nessa empreitada. É certo que os aspectos formais das HQs são importantes, o tamanho da fonte, a diagramação das vinhetas, a disposição dos balões, o estilo, por essa razão recorreremos aos teóricos que descrevem essa “gramática” visual das HQs e não aos estudos genéricos de gramáticas visuais. Se consideramos o gênero como linguagem autônoma, que possui, segundo Pivovar (2007), critérios próprios de *conclusibilidade*, nada mais coerente do que descrever as HQs os com instrumentos próprios, elaborados por estudiosos que dedicaram anos de pesquisa nesse sentido. Entretanto, tudo que se insere numa página de HQ, se torna, como já havíamos dito, linguagem, signo.

E aí, os sentidos são geridos por áreas que estão além da vinheta e além da sarjeta.

#### 2.4.2 A cenografia de Maingueneau



FIGURA 11 – COCA-COLA

FONTE: LEITE, William. Willtirando. Disponível em [www.willtirando.com.br](http://www.willtirando.com.br). Acesso em 05/04/2016

O texto acima é um quadrinho? Não haveria hesitação em responder positivamente se ao invés de uma história retirada do site *willtirando* tivéssemos

inserido uma tira de Garfield, Mônica, Recruta Zero ou Hagar. A tira em questão deixou de fora os elementos mais característicos de uma HQ, os balões, as vinhetas (os requadros) e a presença de um personagem (fixo ou não). Outra questão é a própria narratividade, pois geralmente espera-se que tirinhas narrem uma história, mas o que se tem aqui é uma espécie de lista, tal como uma lista de compras, de coisas para fazer etc. Por conta dessa carência de elementos, não é de surpreender a relutância de muitos leitores em classificar esse texto como tira, como HQ. Explicitaremos as razões teóricas que nos permitem classificar o texto como tira.

Os discursos tomam um determinado formato. Essa materialização, segundo Maingueneau (2013), é um aspecto muito importante para o analista. Houve um momento em que bastava estudar o texto escrito na página de um livro (em se tratando dos estudos literários). Hoje, segundo o autor:

(...) estamos mais conscientes de que o *midium* não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele impõe coerções sobre seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. (MAINGUENEAU, 2013, p. 81).

O fato de ter sido publicado em um blog de HQs cujo autor é um dos mais populares quadrinistas da rede já dá pistas de que esse texto, embora fuja dos padrões existentes no próprio blog, é uma HQ, uma tira, especificamente. As tiras tradicionais são consideradas por Ramos (2011) como uma espécie de gêneros muito próximos da piada. Geralmente são compostas de três vinhetas cujo final é inesperado. A estrutura “segue as estratégias textuais de construção de sentido das piadas” (RAMOS, 2011, p. 207). O próprio autor já apontava nesse estudo, o surgimento de um novo gênero em quadrinhos, denominado por ele de *tiras livres*.

Até o momento usamos o termo HQ indiscriminadamente, sem nos importamos muito se nos referimos a uma tira, a um trecho de uma história seria, a uma charge, a um cartum ou a uma *graphic novel*. Todas podem ser consideradas como HQ, pois teriam elementos formais coincidentes, mas cada uma delas seria um gênero autônomo. Ramos (2014) defende que as HQs são, na verdade, um *hipergênero*:

(...) que agrega elementos comuns aos diferentes gêneros quadrinísticos, como o uso de uma linguagem própria, com elementos visuais e verbais escritos, e a tendência à presença de sequências textuais narrativas. Tais características seriam percebidas em uma gama de gêneros autônomos, unidos por esses elementos



coincidentes. Entre eles, os variados tipos de tiras. (RAMOS, 2014, p. 30).

As tiras livres descritas por Ramos (2014) teriam como características o fato de não possuírem um personagem fixo. Há uma grande variação da forma, prevalecendo a experimentação gráfica e os temas versam sobre outras questões que não apenas o humor, como nas tiras tradicionais. Caracterizam-se, principalmente, por experimentações com relação à narratividade, muitas histórias apresentam uma ruptura da estrutura *apresentação, problematização, clímax e desfecho*, há quebra de linearidade e experimentação dos elementos espaço-temporais.

Para Marcuschi (2010), as transformações sociais também se refletem na forma como usamos e interagimos com os textos. O advento da internet, por exemplo, modificou a forma como nos comunicamos. Se antes havia a carta pessoal, hoje esse gênero foi suplantado, primeiramente pelo e-mail. Atualmente, há toda sorte de softwares instalados em celulares que fazem esse papel. O autor considera que os gêneros emergentes possuem sua contraparte em gêneros prévios, no caso do email, por exemplo, suas características mantêm um acentuado parentesco com a carta pessoal. Marcuschi denomina esses novos formatos de *gêneros emergentes*:

Pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. A par disso, a rapidez da veiculação e sua flexibilização linguística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais. (MARCUSCHI, 2010, p. 16) .

A tira que abre essa seção é um típico exemplar de um gênero novo, cujo suporte primeiro é um *blog* da internet e é inegável que esse suporte imprime formas típicas (e novas) de leitura, de recepção e de interpretação. Como analisar esses gêneros que surgiram com o advento da internet? Possenti (2012) nos dá algumas pistas. Ele considera muitos procedimentos de análise de gêneros discursivos verdadeiros *franksteins* teóricos, uma miscelânea de conceitos oriundos de muitas teorias, sem que se explicita em que medida elas são, de fato, compatíveis. Segundo ele, a AD se interessa pela análise dos gêneros justamente pelo fato.

(...) de que cada unidade de discurso seleciona gêneros segundo condicionantes históricas. Os campos não se “expressam” em

quaisquer gêneros, mas naqueles que são construídos para serem os lugares de manifestação dos sentidos característicos de cada campo, bem como para sua circulação e leitura. São selecionados ou construídos aqueles que se constituem formas “ótimas” para materializar cada tipo de discurso. Assim, não é em qualquer gênero que um discurso qualquer se materializa, nem o gênero uma questão de escolha do enunciador/autor, mas uma (quase) imposição do campo (e dos “meios”). Cada discurso seleciona seus gêneros, segundo critérios diversos (sua eficácia, sua operacionalidade). (POSSENTI, 2012, p. 253).

Possenti (2012) assinala que o caminho de se analisar o gênero por meio do conceito de *cenografia* de Maingueneau mostra-se mais coerente com as prerrogativas da AD, uma vez que se explica porque em determinados campos a força centrípeta mantém a estabilidade do gênero sob rédeas severas e em outros há uma implosão de formas e sentidos. O conceito de cenografia, evitaria, de acordo com Possenti, que se utilizassem noções confusas como *intergenerecidade*, *hibridismo* e ou *transgressão de gênero*.

A conceituação de Maingueneau em relação às cenas da enunciação compõe-se de *cena englobante*, *cena genérica* e a *cenografia*. A *cena englobante* diz respeito ao tipo de discurso a que um dado gênero pertence. No caso da tira que abre essa seção, é possível definir como um discurso humorístico. O desfecho surpreendente da tira relembra o caso polêmico de um senhor que encontrou um rato dentro de uma garrafa de Coca-Cola. O vídeo com sua declaração foi visualizada por milhões de pessoas, a comoção foi tamanha que a empresa precisou divulgar um vídeo mostrando o alto grau de tecnologia envolvida no envasamento do refrigerante o que impossibilitaria qualquer tipo de contaminação e muito menos a entrada de um rato nos reservatórios da bebida<sup>11</sup>. Maingueneau (2013) afirma que essa classificação mais ampla não é suficiente. Os usuários da língua confrontam-se com gêneros de discurso, razão pela qual o autor, na sua caracterização, acrescenta a cena genérica. Assim, o discurso humorístico poderia ganhar a forma de uma piada numa dessas antologias vendidas em aeroportos, de um *sketch* de TV, de uma letra de música satírica. No caso acima, o discurso humorístico tomou a forma de uma tirinha. Segundo Maingueneau, a cena englobante e a cena genérica:

---

<sup>11</sup> A reportagem sobre o homem que supostamente achou rato se encontra no link abaixo, bem como o vídeo explicativo que a empresa deu para os consumidores: <http://www.e-farsas.com/consumidorhttp://www.e-farsas.com/consumidor-encontra-cabeca-de-rato-em-garrafa-de-coca-cola.html>[encontra-cabeca-de-rato-em-garrafa-de-coca-cola.html](http://www.e-farsas.com/consumidor-encontra-cabeca-de-rato-em-garrafa-de-coca-cola.html)

(...) definem conjuntamente o que poderia ser chamado de quadro cênico do texto. É ele que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero de discurso. (MAINGUENEAU, 2013, p. 97).

As cenas genéricas delimitam a estrutura formal de um gênero, engendrando expectativas. Eles são, de acordo com Maingueneau (2015, p.120), a “realidade tangível e imediata” do usuário. A cada gênero são agregadas as seguintes expectativas (MAINGUENEAU, 2015):

- *Um ou mais finalidades* – os objetivos languageiros que se pretendem com o uso de um determinado gênero;
- *Papéis para parceiros* – como se dá a divisão de responsabilidades do gênero, dito de outra forma, os direitos e os deveres estabelecidos pelos gêneros;
- *Um lugar apropriado para seu sucesso* – o gênero pode se dar em um lugar de existência concreta (uma sala de reuniões, um escola) ou espaços virtuais como na web, as emissões de rádio;
- *A temporalidade* – os gêneros podem ser efêmeros (o caso de um *snap*<sup>12</sup>, cujos prazos de leitura e visualização são definidos pelo usuário da rede social). A periodicidade pode variar;
- *Um suporte* - O meio não é apenas o lugar onde o gênero é afixado e ou exibido. Ele também exerce profundas marcas nos textos. Uma propaganda na TV de um produto vai incondicionalmente variar se for exibida no rádio por exemplo (a presença de um narrador, efeitos sonoros etc). O suporte “ é indissociável de seu modo de existência material, tanto que ele próprio condiciona sua forma de transporte e arquivamento”. (MAINGUENEAU, 2015 p. 122);
- *Uma composição* – dominar um gênero também implica conhecer sua estrutura, o seu encadeamento. Há gêneros que possuem uma rigidez na organização de seus módulos, o caso de documentos oficiais e textos da esfera acadêmica. Há outros que se assemelham a “funções”

---

<sup>12</sup> *Snap* vem da redução de um aplicativo de comunicação virtual chamado *Snapchat*. A singularidade dessa rede social decorre da efemeridade de seus textos: uma foto publicada dura o limite de tempo imposto pelo usuário, passado isso, a foto se apaga. As trocas verbais (chats) também não ficam registradas. O aplicativo é muito popular entre os jovens.

que se realizam ao longo da interação, eles podem se manifestar por meio de um número grande de planos de texto;

- *Um uso específico de recursos linguísticos* – Os gêneros possuem um repertório delimitado pela sua materialidade. Ou seja, os textos inscritos em uma esfera comercial, burocrática, utilizará uma linguagem mais formal, repleta de termos próprios dessas esferas.

O leitor não se depara com a cena englobante em estado puro e tampouco com ela materializada em um dado gênero de discurso. Para o autor, além dessa base material, é preciso constituir uma *cenografia*. O texto, é, na verdade, “o rastro de um discurso em que a fala é “encenada”. (MAINGUENEAU, 2013, p. 250). Essa encenação legitima o texto e também o próprio ato enunciativo.

A cenografia implica, desse modo, um processo de enlaçamento paradoxal. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é, ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde a fala é precisamente a cenografia exigida para a enunciar como convém, segundo o caso, a política, a filosofia, a ciência – , ou para promover certa mercadoria. (MAINGUENEAU, 2014, p. 98).

O processo de legitimidade da tira que estamos analisando consta, primeiramente, da harmonia entre as três cenas. A proposta da tira é produzir humor, nesse sentido, ela se inscreve como piada. As tirinhas, embora haja um movimento recente e cada vez produtivo de serem tematizadas por outras cenas englobantes (política, filosófica, poética), são historicamente instituídas como gêneros de humor. Essa base permite que a cenografia selecionada possa ser, em especial nessa tira, uma lista. Se houvesse uma tradução desse texto, substituindo, por exemplo, a cena genérica por uma encenação muito próxima do evento de fala, instituído pelo gênero, lista ou bilhete de geladeira, dificilmente haveria humor. Textos dessa natureza, geralmente são produzidos para fins mais práticos que de provocar o riso, a menos que isso seja “previsto” na cena englobante, ou seja, a menos que o final da lista aparecesse um elemento surpresa, que rompesse com as expectativas, gerando,

nesse caso, o humor. As HQs, assim como os gêneros publicitários, literários, permitem uma gama variada de encenações.

### 3 HQs: PASSADO, PRESENTE E ALÉM

O mercado editorial brasileiro de HQs vive um bom momento, um contexto que fomentou a publicação de inúmeras obras em quadrinhos e também muitos livros teóricos a respeito desse gênero. Um outro filão bastante procurado pelos fãs de HQs são obras que fazem uma retrospectiva do gênero, que procuram contar sua origem. Os trabalhos de Goida e Kleinert (2011); de Moya (1977); Patati e Braga (2006); são obras que cobrem um espectro temporal de mais de cem anos de consolidação desse gênero. As obras supracitadas são mais generalistas. Há obras que optam por historizar um detalhe, que pode ser um elemento formal, uma temática, um autor ou até mesmo um gênero específico. Mourillhe (2013), por exemplo, conta um pouco da história das HQs focando-se em um item composicional típico do gênero em questão, no caso, os balões. Já o foco de Grant (2012) foi a seleção de uma temática específica, os super-heróis, um dos filões editoriais mais populares de HQs do mundo. O recorte de Robinson (2011) prioriza as temáticas cômicas para contar a história das HQs. O autor narra a transformação de publicações que traziam caricaturas em diferentes gêneros cômicos de HQs que temos hoje: os cartuns, as tiras, as histórias mais longas. Garcia (2012) opta por contar a trajetória dos gêneros mais sérios, de pretensões artísticas mais elevadas: as *graphic novels*.

Outra forma de contar a história das HQs é buscar suas longínquas raízes em gêneros primários que foram tomando outras formas, solidificando-se e instituindo práticas languageiras novas, que tinham como característica (e por isso podem ser considerados gêneros secundários) um afastamento das interações presenciais face a face. Quais seriam as primeiras manifestações dessa forma de comunicação e como foi esse “refinamento” ao longo do tempo? Certamente é uma questão cuja resposta se encontra em uma fronteira muito distante de nós, mas há algumas incursões teóricas que podem nos ajudar nesse sentido. Bazerman (2005), faz uma investigação sobre a origem dos diversos gêneros que surgiram no esteio das cartas oficiais, e de como a multiplicação e a ramificação de usos e funções desse gênero estão atreladas às intensas modificações observadas na sociedade ao longo de seu desenvolvimento.

Bazerman (2005) afirma que parte dos gêneros do discurso surgiram para dar conta de situações comunicativas em que a interação face a face torna-se ineficiente.

As formas como a sociedade passou a usar a escrita é um bom exemplo disso. Uma cultura que recém tinha aprimorado os instrumentos de escrita, e que utilizava-a em poucos gêneros, praticamente registros de atividades contábeis. Grande parte dos gêneros ainda eram orais.

Os primeiros símbolos escritos são, pois, de contas agrícolas. Outras placas informam sobre a organização social dos sumérios. Assim fica-se sabendo que a comunidade religiosa do templo de Lagash empregava 18 padeiros, 31 cervejeiros sete escravos, um ferreiro etc. Constata-se, ainda, que os sumérios inventaram não somente a moeda, mas também o empréstimo a juros. (JEAN, 2008, pp. 13-14)

À medida que novas relações de interação vão surgindo e com elas novas formas de comunicação, os gêneros orais precisam passar por um processo de “refinamento”. Uma das causas desse processo é distância espaço-temporal entre os agentes da cena comunicativa. Nos gêneros primários, esse cenário é emergencial e imediato, sincrônico ao ato comunicativo. A perspectiva bakhtiniana é minimalista, porém, está longe de ser simplista, há muitos elementos envolvidos na “transformação” de gêneros primários em secundários.

Bazerman estende esse raciocínio para as cartas, primeiramente oriundas do que o autor denomina de *gêneros de performance pública* (mesmo orais, são gêneros secundários, pois envolvem uma série de posturas e rituais diferentes de uma interação imediata). Por exemplo, não há necessidade de se passar por um processo de aprendizagem formal para saber bater papo descontraidamente com o colega de trabalho, mas é necessário preparo para falar em uma reunião de negócios sobre um novo projeto. Os gêneros, segundo ele, são responsáveis por nos ajudar “(...)a navegar dentro dos complexos mundos da comunicação escrita e da atividade simbólica.” (BAZERMAN, 2011, p. 90). Os gêneros nos dão as diretrizes para nosso comportamento linguístico, são uma espécie de guia que nos indica questões relativas à situação social e institucional, quais são os propósitos, o que cabe ao leitor e ao autor, as razões e também a ideologia e que pode-se esperar de conteúdo das ações linguísticas relativamente estabilizadas. (BAZERMAN, 2011).

As cartas teriam uma origem nos gêneros orais, base comum de todos os gêneros usados na sociedade. Os primários, como já apontamos, são usados nas relações, mais íntimas, mas à medida que se afastavam desse ambiente e se desgarravam de uma situação comunicativa mais imediata, precisavam

instrumentalizar-se de recursos que dessem conta desses contextos não sincrônicos. Vale lembrar que nas conversas cotidianas, os elementos que remetem para fora dos enunciados, proferidos no ato comunicativo, encontram-se, geralmente, no mesmo tempo e espaço. Nas cartas, quando já usadas por esferas mais complexas precisaram encontrar recursos mais sofisticados para dar conta da ausência do interlocutor, bem como da distância espaço-temporal; explica-se assim a necessidade de as cartas terem data e assinatura. Houve também a necessidade de incluir, por exemplo, indícios que provariam a veracidade da missiva, ou seja, elementos que comprovassem a identidade do emissor. Os selos, por exemplo, têm essa função.

Outra mecânica criada para garantir a idoneidade do documento foi estabelecer critérios de distribuição e propagação desse gênero (a criação de mensageiros oficiais, de estatais responsáveis pelos trâmites). Assim, as cartas vão se especializando, sedimentam-se determinados gêneros: as cartas comerciais que se transformaram em cartas de crédito, apólices de seguros etc.

Os comandos orais dos que têm autoridade também foram transformados muito cedo em gêneros escritos reconhecíveis, como ordens, leis, códigos e proclamações, estendendo o seu controle sobre amplos domínios e períodos de tempo, atribuindo maior responsabilidade a esses princípios abstratos. Contudo, mesmo que todos pudessem reconhecer as palavras de autoridade, é difícil saber se um conjunto particular de comandos advinha de uma autoridade legítima corrente e se aquela autoridade, particularmente a grande distância, tinha poder e meios suficientes para monitorar e impor tais comandos. (BAZERMAN, 2011, pp. 92-93).

A conclusão de Bazerman é de que muitos gêneros dos quais nos valemos hoje guardam um parentesco remoto com as cartas. Sua metodologia de investigação abre um precedente sobre a origem de outras formas de comunicação “relativamente” estabilizadas na sociedade, dentre elas, como não poderia de ser, os quadrinhos. Seria possível traçar um antepassado “textual” e “discursivo” das HQs? Que gêneros foram esses? McCloud (2007) busca essa origem num remoto período pré-histórico da humanidade, nas inscrições das cavernas em que o homem procurava narrar um fato por meio de imagens justapostas. Essa dinâmica viu-se também nas inscrições egípcias, nas tapeçarias e, inclusive, nos vitrais das igrejas em que se contava a Paixão de Cristo usando para cada cena, uma janela.



A partir das pistas dadas por Mcloud, Pivovar (2007) traça uma espécie de odisseia desse gênero, que aos poucos constitui-se como um espaço em que a linguagem pictórica não era mais um mero recurso ilustrativo da escrita, ou seja, os quadrinhos elaboraram uma maneira muito própria de lidar com ela. O gênero foi sendo aprimorado ao longo de sua jornada, novos recursos foram mobilizados para substituir a escrita ou integrá-la à narrativa, “texto e imagem diluem-se num novo formato discursivo, no qual não há como interpretá-los isoladamente, nem tampouco como simples, ainda que bem resolvida, associação” (PIVOVAR, 2007, p. 110). Não que a escrita seja considerada um elemento coadjuvante, mas deve-se compreendê-la como parte integrante de um gênero, que não se sobrepõe ao todo da obra. Reiteramos que é possível a existência de narrativa, de textualidade em HQs que não possuem uma única linha escrita, a prova disso, são autores que mobilizam outros aparatos que podem assumir as vezes da vocalização via linguagem verbal, sem nenhum tipo de prejuízo à textualidade.

Pivovar identifica, então, três aspectos fundamentais para a consolidação dos quadrinhos como gênero e como este foi sendo elaborado para criar uma força elocutiva peculiar: o processo de *singularização* (a voz de um indivíduo que assoma a de uma multidão e que a representa); o *registro da voz* desse sujeito; e, por fim, o *princípio de conclusão* típico desse gênero. Esses elementos encontram-se geminados desde os primeiros registros de narrativas seriadas (estejam elas inscritas no suporte que for). Note-se que ainda não podemos considerá-los como quadrinhos, até porque ainda não tinham o que Pivovar denomina de uma “consciência de si”, ou seja, as potencialidades discursivas que esse tipo de gênero poderia desempenhar na sociedade. A melhoria do desempenho desse gênero será dada na medida em que novas demandas sociais emergem, inclusive também, os aparatos tecnológicos que possibilitem seu aprimoramento. Isso se dará precisamente com o desenvolvimento da tecnologia de impressão. Optamos por não refazer essa trajetória já muito registrada nos trabalhos de Mcloud (2007) e Pivovar (2007), partiremos de um ponto histórico mais recente.

Em meados do século XVIII, as publicações satíricas encontram-se no limiar dessas transformações. Continham caricaturas de personalidades conhecidas e ou influentes da época. Isso justificava sua grande popularidade junto ao público. Aliás, uma temática que encontra-se muito produtiva até hoje em muitas publicações, os

tabloides sensacionalistas, por exemplo, vendem-se graças à exploração da vida alheia de celebridades e subcelebridades.

(...)artistas ingleses consagrados, William Hogarth, James Gilray e Thomas Rowlandson, usaram o desenho para comentários sobre a política, a moda e a vida social. Os desenhos (muitas vezes incorporando palavras dentro de balões) produzidos por estes artistas foram publicados sob forma de imagens – algumas a (sic) preto e branco, outras colorida à mão – e vendidas em lojas por toda a cidade de Londres. O seu trabalho, bem como o dos seus contemporâneos, também se tornou popular no continente europeu. Por vezes, as gravuras foram reunidas e publicadas em formato de revistas. Vistas em sequência, elas podem ser consideradas como uma forma primitiva de banda desenhada. O principal elemento desses desenhos, quase sempre contendo duras críticas sociais, era a caricatura, uma prática que se crê ter começado na Itália. (CLARK; CLARK, 1991, p. 6).

O passo adiante seria a justaposição desses quadros para potencialmente gerar narratividade. O leitor via-se agora compelido a completar com informações que não estavam entre uma cena e outra. Nascia aí um dos princípios de *conclusibilidade* dos quadrinhos. Um tipo de fechamento que não se encontra encerrado no gênero em si, mas de um intenso trabalho de leitura por parte do leitor (todos os gêneros, de certa forma, exigem isso, mas usam técnicas variadas, diferente da dos quadrinhos).

Os balões também são um aprimoramento das ferramentas de enunciação. Se antes eram usados com finalidades diversas, sem que houvesse necessidade de que a enunciação estivesse, de alguma forma, diluída no gênero, no qual se integra, o registro da fala usando balões só pode ser considerado como consolidado a partir do momento em que seus objetivos são, juntamente com o material icônico, representar a singularização de um sujeito, não de um individualismo, mas alguém localizado, que fala o que fala justamente pela posição que ocupa.

Vejamos como esses três aspectos se apresentam em uma tira contemporânea



FIGURA 12 – O ROBÔ COM REMORSO

FONTE: DAHMER, André. Malvados. Disponível em <http://www.malvados.com.br/>. Acesso em 22/04/2015

A tirinha de André Dahmer foi publicada no *blog Os malvados*, do próprio Dahmer. É uma espécie de portfólio eletrônico que reúne suas tirinhas. Os textos destilam um humor irônico sobre as relações humanas, as contradições e as agruras desses tempos de redes sociais. A tirinha em questão, enquanto singularização de uma voz, indica um sujeito, no caso, o robô, cujo comportamento deixar transparecer numa posição desanimadora e niilista em relação à humanidade.

O registro da voz se dá na própria inscrição da tira num dado espaço temporal – o título faz menção a essa era. Os cenários construídos indicam um espaço bélico, de guerra. O personagem autômato, um robô construído para matar que, surpreendentemente, se mostra mais humano que seus próprios criadores.

O princípio de conclusão transparece nos estereótipos de que o autor se vale para garantir a personificação dos sujeitos (bem como as inscrições discursivas que os engendram). O recurso também é requisitado ao leitor para ele se aperceber da passagem do tempo na narrativa, constituída de intervalos não muito longos. É necessário também inferir sobre trabalho de que é responsável o robô e a conclusão surpreendente que se revela no último quadrinho da narrativa: os humanos conseguem ser mais cruéis que as máquinas, que deveriam ser criaturas programadas apenas para seguir ordens.

O amplo painel histórico dos quadrinhos apresentados nesse capítulo teve como objetivo apontar os muitos vetores determinantes na consolidação e popularização desse gênero. As técnicas inovadoras de vocalização e de narratividade, as temáticas desenvolvidas e a formação de um público consumidor – que hoje revela-se cada vez mais segmentado e diverso – foram alguns desses

aspectos discutidos. Apesar de toda essa complexidade, o gênero sofre uma espécie de exílio, que o aparta dos produtos culturais tidos como relevantes e eruditos. No capítulo seguinte retomaremos algumas palavras já dito sobre essa questão, aprofundaremos nas vozes de especialistas que investem no fim desse exílio, que os quadrinhos possam ser considerados uma forma genuína e peculiar de arte.

### 3.1 HQS E OS ECOS DE ANTIGAS VOZES

Em 2006, as HQs foram incluídas no catálogo do Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE). O ato significou uma vitória tão importante como a conquista do prêmio Pulitzer para *Maus*, de Art Spiegelman em 1996. Há razões para comemorar. As HQs, como gênero, sempre foram consideradas como não pertencentes a uma alta cultura. As questões de sua origem e dos vínculos que foram se agregando ao gênero o afastaram do *hall* de gêneros mais nobres. Pivovar (2007) enumera dois tipos de discursos sobre as HQs. Os que ecoam vozes de antigos discursos, que reiteram aquilo que se constituiu como conceito de um gênero. E outros que agem como uma espécie de advogados de defesa do gênero. Os textos responsivos constituem-se sempre no horizonte dos detratores das HQs, procurando, de alguma forma, tomar frente e apontar as qualidades inerentes das HQs. Um caso para ilustrar o que dissemos acima: o caso da inserção de uma obra de HQ na coleção de livros das bibliotecas estaduais paulistas. A Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo havia selecionado a obra *Dez na Área, Um na Banheira e Ninguém no Gol*, da editora Via Lettera, para o programa que distribui livros às bibliotecas escolares do Estado. A obra em questão apresentava palavrões e nudez e portanto, não foi pensada para o público infanto-juvenil. Não demorou muito para que pais, pedagogos e jornalistas polemizassem a questão. O fato foi amplamente explorado pela mídia. Ramos (2009) coletou algumas das frases proferidas no calor do debate:

"Eu achei um horror isso" 19.05 - Governador José Serra, em entrevista ao "SPTV 1ª Edição", telejornal local da TV Globo - "Quería saber como isso foi parar nas escolas. Eu sou mãe, o senhor também tem família, filhos, netos. A gente fica até assustado quando acontece uma coisa dessas." 19.05 - Carla Vilhena, apresentadora do "SPTV 1ª Edição", na formulação de pergunta a Serra - "Eu aliás achei de muito

mau gosto. Desenho, tudo"19.05 - Governador José Serra, na mesma entrevista ao "SPTV 1ª Edição" <sup>13</sup>

Cada um desses interlocutores dá voz a diferentes pontos de vista sobre um mesmo acontecimento. O político, o jornalista e o artista tomam a palavra, retiram-na do seu sono de dicionário e a revestem de ideologias. Ideologias cuja origem não se dão na emergência do fato em questão, mas possuem uma espécie de tradição, de história, ou seja, esses enunciados estão alinhavados a outros tantos, ditos, reditos nesse mais de um século de surgimento das HQs. São o que Pivovar denomina *de enunciado referencial*:

Delineadas o que chamei de *vinculações*, o passo seguinte é a leitura de manifestações de naturezas diversas sobre as HQs, extraídas de diferentes meios de comunicação escrita. Para melhor entender essas manifestações, convém separar dois tipos de enunciados: como dito anteriormente, num, as histórias em quadrinhos são usadas como referência a um campo de sentido a que o autor quer remeter o leitor. Não tematiza as HQ e não se propõe a discutir os sentidos que sua referência suscita; aceita-a e os atualiza. Pressupõe que o leitor compartilhe dessa vinculação e julgue de acordo com as intenções que lhe são propostas. (PIVOVAR, 2007, p. 73)

Uma situação vivida por Scott McCloud explicita o primeiro tipo de discursos sobre as HQs. O autor relata que quando tornou o estudo e a produção de quadrinhos, seu projeto de vida, essa empreitada foi vista com desdém por muitos. Grande parte das pessoas, segundo McCloud (2007 p. 3), acredita que os quadrinhos “eram material de consumo infantil, com desenhos ruins, barato e descartável”.

A experiência pessoal de McCloud reafirma a longa tradição negativa de considerar as HQs como subliteratura, um produto cujo valor cultural é mal visto. Um conjunto de saberes que enquadram as HQs dentro do que Pivovar (2007) denomina *de estatuto político*. Em linhas gerais, o estatuto político seria uma espécie de identidade discursiva, depositada nas HQ ao longo da história.

Para Garcia (2012), se as HQs tivessem seguido a tradição de um Töpfer, famoso cartunista sueco nascido em 1799, elas já gozariam de um prestígio como o romance e os demais gêneros literários. Nos jornais, suportes onde encontraram um público cativo, a seção das HQs era separada dos suplementos literários e mesmo

<sup>13</sup> **O caso Dez na área.** Disponível em

[http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/namidia/arch2009http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/namidia/arch2009-05-01\\_2009-05-31.html05-01\\_2009-05-31.html](http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/namidia/arch2009http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/namidia/arch2009-05-01_2009-05-31.html05-01_2009-05-31.html)

Acesso em 21/09/2011

que houvesse um material de altíssima qualidade, havia também muito material de qualidade duvidosa. Assim, os quadrinhos, indiscriminadamente, foram colocados dentro de um mesmo balaio, vinculados a uma experiência de consumo ligeira, sem grandes pretensões, um gênero que se opunha a tudo aquilo considerado arte.

Colabora ainda o fato de que o nome *comics* (cômico) indicaria, primeiramente, o universo temático abordado pelos quadrinhos. Esse horizonte primeiro de significação se esvaziou, tanto que há, dentro do gênero *comics*, quadrinhos que não têm a pretensão de serem engraçados. O universo infantil seria outra característica atrelada ao gênero. Essa associação se dá pela necessidade de repassar a esse público conceitos mais simples e menos elaborados, as ilustrações de um texto, por exemplo, seriam facilitadores nesse sentido. Todos esses recursos facilitadores o afastam de um público maduro. O caso *Dez na área* ilustra, de maneira bastante clara, como esses vínculos estão na superfície do gênero, pois, ao classificar a obra, fez-se sem qualquer análise mais sistemática, nem se cogitaram outras possibilidades de recepção e nem mesmo de temática. A lógica que prevaleceu foi: há textos e desenhos, é infantil.

A primeira (vinculação), como diríamos, foi o cômico. Outra forte vinculação se deu com o universo infantil e, com relação a isso, é preciso considerar aspectos que se manifestam sutilmente: a compreensão da criança como um ser com limitações intelectuais, do que decorre que o material de leitura que lhe deve ser fornecido tem de ser “simples”, “leve”, em suma “fácil”. (PIVOVAR, 2007, p. 72)

Pivovar apresenta várias ocasiões em que as HQs se tornam, de alguma forma, centro de debates e de onde emanam os discursos reducionistas, mesmo que sutilmente. Garcia (2012) relembra que as repercussões da premiação da HQ *Maus*, de Art Spiegelman, com o Pulitzer de melhor romance, iam do espanto, ao desdém. Era muito comum, encontrar pérolas como “ganhou o prêmio, apesar de ser quadrinhos”, “Muito embora seja uma HQ, mereceu a premiação.” (GARCIA, 2012) Seguidamente, outras vinculações aliaram-se as duas já apresentadas.

Ao não-culto, não-escolar;  
 Às intenções mercantilistas;  
 Ao inútil, por associação a uma ideia de lazer concebida como atividade que não exige esforço intelectual e, por isso, não ensina.  
 (PIVOVAR, 2007, p. 73)

Ficam explicitadas as razões de a escola não aceitar as HQs na sua agenda, justamente por conta desse estatuto político e de todas as vinculações já citadas.

(...) isso implicaria abrir mão do estatuto político que ela (escola) detém e deixar-se “invadir” por uma perspectiva cultural que não é defendida pelo modelo escolar. A entrada dos quadrinhos em sua fortaleza romperia os cânones a que ela tem se apegado desde seu surgimento. No seu esforço de manutenção do poder, a escola mantém-se precavida contra a invasão de quaisquer enunciados que possam miná-lo. (PIVOVAR, 2007, p. 84).

Em contrapartida aos discursos que seguem uma tradição de negligência às HQs, há vozes que se colocam em uma posição de defesa desse gênero, postura que Pivovar denomina de *enunciado responsivo*, “expresso por quem está tematizando os quadrinhos e respondendo a interlocutores velados no texto.” Em resumo, ambas as manifestações discursivas mantêm uma relação constitutiva com as vinculações que ora apresentamos. O primeiro grupo desses enunciados colocam-se numa posição parafrástica em relação às vinculações negativas atribuídas aos quadrinhos. O segundo grupo procura desconstruir essas vinculações.

Mesmo dentro do grupo de postura responsiva e de defensiva dos quadrinhos, há diferentes perspectivas teóricas que orientam a forma como as HQs, o artefato textual, é compreendido, constituído. Pode-se afirmar que selecionamos duas vertentes: uma vertente que não se alia, a princípio, aos ramos da linguística moderna, uma vez que sua forma de apreensão do objeto realiza-se por outros vieses. A outra, já recrutara o que a linguística tem a oferecer nesse quase um século de existência.

Essas leituras se apropriam, por exemplo, de novas teorias sobre leitura e recepção de textos, bem como de questões relativas à constituição dos enunciados, uma discussão dos gêneros e também, o que mais nos apraz, sobre as inscrições ideológicas, constitutivas dos textos.

A primeira vertente possui como representantes os teóricos Will Eisner, artista renomado que viveu na efervescência dos anos de ouro dos quadrinhos. Além de um brilhante artista, Eisner (1999); (2013) também foi um dos intelectuais mais comprometidos na busca de reconhecimento dos quadrinhos como linguagem artística refinada. Ele definiu os quadrinhos como “arte sequencial”, uma definição que se tornou muito utilizada, discutida pelos estudiosos de quadrinhos e de textos.

Scott McCloud é outro destaque. O teórico é um dos mais importantes pensadores dos quadrinhos da atualidade. O autor publicou uma trilogia teórica sobre quadrinhos – *Desvendando os quadrinhos* (2007); *Reinventando os quadrinhos* (2006) e *Desenhando quadrinhos* (2008). McCloud reconhece a importância e a relevância do legado de Eisner, mas também aponta algumas fragilidades da obra do teórico pioneiro, um delas diz respeito a definição de quadrinhos de Eisner, McCloud a considera muito ampla. A fim de tornar mais precisa, McCloud delimita fronteiras em sua definição de HQs. Para o teórico, os quadrinhos seriam “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinada a transmitir informações ou produzir uma resposta no espectador” (McCLOUD, 2007, p. 9) – A definição é menos abrangente, porém, sua assunção como metodologia para análise de HQs implica na exclusão de gêneros tradicionais como as charges, por exemplo. McCloud elaborou um universo teórico específico para se analisar e interpretar quadrinhos. Para o autor, se há uma luta para que os quadrinhos sejam reconhecidos como uma linguagem autônoma, é necessário também que os instrumentos de análise sejam exclusivos, não tomados das artes gráficas, do cinema ou da literatura. Tanto Eisner quanto McCloud inscrevem-se em um quadro teórico mais tradicional (tomando-se as devidas distinções entre eles), mais formalista.

Thierry Groensteein (2015) também elaborou um quadro teórico muito próprio para a leitura e interpretação das HQs. Porém, diferentemente de Eisner e McCloud, Groensteein filia-se a uma perspectiva mais “textual/discursiva”. É inegável a influência da LT em muitos trechos de sua obra. Para o teórico a unidade mínima de análise seria a vinheta, um elemento formal que difere de outros gêneros icônicos, como as ilustrações e ou quadros. A vinheta não teria um fechamento, ela é fragmentária, vive numa espécie de interdependência da vinheta que segue e da que antecede. As vinhetas não funcionam de maneira isolada, elas são entidades enunciáveis, descritíveis, interpretáveis e apreciáveis. Também estabelecem uma espécie de jogo criado pela superfície imagética, gerando expectativas, que podem ou não ser confirmadas na progressão da leitura. Cria-se, segundo Groensteein, de uma vinheta para outra, os “quadros-fantasmas”, vinhetas geradas pelas ações inferenciais dos leitores.

O Brasil também tem contribuído, e muito, no campo teórico sobre quadrinhos. No final dos anos 1960 e na década de 1970, quando os discursos negativos em relação às HQs eram a maioria, um grupo de estudiosos provocou um levante positivo,



defendendo a relevância e a autonomia dos quadrinhos como forma de linguagem artística. (VERGUEIRO; RAMOS; CHINEN, 2013). A resistência tinha como sede a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Dentre os teóricos, vale destacar MOYA (1977), que publicou uma coletânea de artigos chamada *Shazam!* Apesar de ter alguns artigos de qualidade teórica duvidosa, a obra tornou-se um clássico imediato nos estudos dos quadrinhos. Outro teórico de importância impar é GAGNIN (2014). A obra *Os quadrinhos* vale-se dos pressupostos teóricos da semiótica *greimasiana*. O texto é também um clássico obrigatório para quem estuda e escreve sobre quadrinhos.

As produções teóricas mais recentes no Brasil sobre quadrinhos têm, a princípio, duas preocupações: apresentar uma metodologia de análise de quadrinhos teoricamente consistente e, ao mesmo tempo, vinculada às novas definições. Nesse sentido, os trabalhos têm oferecido novas perspectivas em relação aos estudos mais tradicionais tais como filiações a correntes da linguística (a LT e a AD). Os trabalhos de Ramos (2009); (2011) e (2014) se inscrevem nesse grupo. A outra preocupação das publicações sobre quadrinhos é oferecer um viés utilitário/pedagógico do gênero. Várias obras são voltadas para a prática pedagógica, seja descrevendo os elementos formais do gênero ou apresentando modelos de trabalho, de metodologia para a sala de aula. Os seguintes autores e obras são representativos nessa temática: Barbosa; Ramos; Vilela; Rama; Vergueiro (2008), Vergueiro; Ramos (2009); Santos Neto; Paulo da Silva (2013).

### 3.2 QUADRINHOS NA INTERNET

A implementação de novas tecnologias funciona como uma espécie de pedra atirada em uma superfície de um lago. As reverberações começam tímidas, próximas do centro, mas aos poucos vão se estendendo até tomar conta de toda a extensão, de tudo aquilo que se encontra em seu raio de alcance. As modificações ocorridas com o advento e a popularização da internet são inegáveis. Ela deu seus primeiros passos no final dos anos 1960 como fruto de uma série de inovações tecnológicas na área da comunicação e transferência de dados, foi primeiramente usada como forma de comunicação entre as universidades estadunidenses, até estender seus domínios para todo o globo. A popularização dos computadores pessoais nos idos dos anos

1980 e a melhoria da transferência de dados sacramentaram de vez a internet como presença quase obrigatória em todos os setores da vida moderna. Uma revolução que não se aplica somente na forma como consumimos informação, mas também em profundas transformações nas relações sociais e na constituição das nossas subjetividades.

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual...Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de funda que ultrapassa amplamente a informatização. (LEVY, 1996, p. 11)

Dentre os inúmeros gestos alterados pela internet, a leitura foi um dos aspectos mais notadamente modificados. Primeiramente, houve uma grande profusão de gêneros adaptados para atender às demandas das novas formas de interação, de relações de trabalho e de consumo. Concomitante a essa multiplicação dos bens de letramento, houve também um aumento na produção e distribuição desses materiais.

Para Fischer (2005) o cenário atual representa uma ruptura com o passado, “a comunicação era lenta, imperfeita, restrita e cara. Agora, é instantânea, confiável, na maioria das vezes, irrestrita e barata.” (FISCHER, 2005, p. 278). Essas novas demandas cobram um preço, a que estejamos, de certa forma, conectados, consumindo informação incessantemente. Chartier (1998) considera que estejamos vivendo o terceiro momento da nossa relação com a cultura escrita. No primeiro, prevalecia o temor de que a cultura letrada sucumbisse. Nesse sentido, na Antiguidade, criou-se a figura do copista, responsável por perpetuar e salvar obras consideradas relevantes. A segunda inquietação decorre do temor que as obras reproduzidas sofram algum tipo de intervenção externa, de deturpação, “a mão do escriba pode falhar e acumular os erros”, na era da tipografia, a responsabilidade sobre os erros recaía sobre os tipógrafos, os revisores e, mais recentemente, os editores. Na atualidade, vivemos plenamente a terceira fase: a do excesso de informações, vindas das mais variadas fontes. Essa imensidão de dados disponibilizados na internet tornou mais difícil determinar as fontes e também a idoneidade das informações veiculadas, ou seja, foram necessários criar instrumentos de legitimação frente a grande proliferação textual.

A proliferação textual pode se tornar obstáculo ao conhecimento. Para dominá-la, são necessários instrumentos capazes de triar, classificar, hierarquizar. Mas, irônico paradoxo, essas ferramentas são elas próprias novos livros que se juntam a todos os outros. (CHARTIER, 1998, p. 99).

Esse cenário de profusão de textos para serem consumidos vai de encontro a um dos maiores receios de uma determinada parcela da classe intelectual das décadas de 1950 e 1960: a que a palavra sucumbiria frente às produções imagéticas.

A popularização da TV foi considerada por muitos, o canto do cisne da cultura letrada. A sinopse da obra-prima de Ray Bradbury<sup>14</sup>, *Fahrenheit 451*, materializa esse tipo de discurso. A trama apresenta um mundo distópico em que o ato de ler tornou-se um gesto permissivo e potencialmente revolucionário. Na obra, o receio era tamanho que os detentores de livros eram perseguidos e os livros queimados e destruídos. Nessa sociedade, as imagens assumiram a função antes realizadas pelas palavras.

Esse receio e essas previsões alarmantes denotam um conceito próprio do quadro teórico das décadas 50/60. Como já afirmou Chartier (1998), a leitura não é um conceito absoluto. Ela é variável, pois as relações entre bens de letramento e sociedade também se transformaram ao longo do tempo.

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p. 77).

Os processos que envolvem a substituição de uma tecnologia por uma nova são, geralmente, conturbados e brutais. Assim foi, segundo Chartier (1998) com a transição do livro em rolo pelo códex, da mesma forma, com o surgimento dos livros impressos em detrimento dos textos dos copistas e, mais próximos dos nossos dias, as rupturas causadas pela modernização das técnicas de impressão e, consequentemente, a popularização e distribuição dos bens de letramento. Nesse

---

<sup>14</sup> Mais uma vez, a imagem é tida como um elemento menor ou subalterno ao texto. Sabe-se que as imagens podem ser tão permissivas e potencialmente revolucionárias tanto quanto os textos verbais.

último caso, houve uma relutância em aceitar que os bens de leitura poderiam ser efêmeros, consumidos de maneira ligeira e casual, como acontece na leitura dos jornais, por exemplo.

Vivemos um momento em que há um relativo desenvolvimento no que Chartier (1998) denomina de *democratização do acesso à representação*. Se antes os papéis eram estritamente separados, hoje percebe-se uma interferência cada vez maior de grupos que eram renegados a meros papéis de consumidores. Um exemplo dado por Chartier (1998) ilustra bem esse fato: as diferenças notadas entre redator e leitor são profundamente abaladas quando entram em jogo as cartas dos leitores. Pode-se pensar também nas possibilidades de representação potencializadas pela internet. Há sites feministas, de operários, de negros, enfim, de grupos que possivelmente jamais encontrariam espaços em mídias tradicionais nos últimos 30 anos. “O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro” (CHARTIER, 1998, p. 91).

Esse cenário de representatividade também indica que as pessoas estão consumindo e produzindo mais textos. As páginas das redes sociais, os aplicativos de envio e recebimento de mensagens são constantemente alimentados por toda a sorte de textos variados: depoimentos, notícias, tiras, charges, *memes*. A grande quantidade de informações e um cotidiano cada vez mais repleto de atividades tem tornado muito mais comum a *leitura utilitária* (Fischer, 2005), ou seja, textos que precisam ser consumidos rapidamente para dar conta de alguma demanda social, rótulos, legendas, correspondências comerciais, textos instrucionais, propagandas. Há uma crescente aversão ao consumo de textos que exigem uma leitura de longo prazo<sup>15</sup>, de fruição, como os romances, por exemplo.

No atual quadro, o ato de ler ganhou novos sentidos com o advento do hipertexto. A leitura de um texto “físico” cuja materialidade é composta de folhas não exige o leitor do exercício de preencher lacunas. A leitura de textos na internet, cuja materialidade agora é feita de *bits*, pode pôr a mostra, por mais ínfimo que seja diante do engenho da mente humana, os gestos de relacionar outros textos, outras leituras.

A tela, segundo Levy (1996) revela-se como se fosse uma janela “a partir da qual o leitor explora uma reserva potencial.” (LEVY, 1996, p. 39)

---

<sup>15</sup> Nas redes sociais abundam campanhas contrárias a leitura do que se denomina “textão”. O Twitter, por exemplo, tem grande penetração entre os jovens justamente por que oferece um conteúdo de textos que não ultrapassa o limite de 144 caracteres, ou seja, pouco menos de cinco linhas.

As formas de interação se modificaram e conseqüentemente, a linguagem passou por intensas transformações. Para Crystal (2004) a internet é uma espécie de marco para a interação humana, (assim como foi a fala e a invenção da escrita) uma espécie de revolução cuja reincidência consome milênios da história da humanidade:

Revoluções dessa magnitude são na verdade acontecimentos raros. O primeiro meio de comunicação foi, naturalmente, a fala que surgiu na raça humana entre 30 mil e cem mil anos atrás. Depois, há cerca de dez mil anos, em algumas partes do mundo, encontramos o surgimento da escrita. Esses dois meios têm mantido a raça humana se comunicando satisfatoriamente desde então, cada um deles sendo facilitado de vez em quando pela chegada de tecnologia nova – em especial a telefonia e as transmissões de rádio e TV, no caso da fala; e a impressão e o telégrafo, no caso da escrita. Devemos também reconhecer a relevância de um terceiro meio de comunicação para um setor importante da sociedade – a língua de sinais, que teve sua história obscura até começar a ser sistematicamente registrada no século XVIII, e que existe hoje de várias formas. Mas um meio de comunicação novo que afetasse toda a sociedade não aparecia há dez mil anos. (CRYSTAL, 2004,p. 76).

As implicações são tão complexas que até mesmo a propalada dicotomia entre fala e escrita vê-se ruir diante das novas formas de linguagem.

A velha e falaciosa equiparação – escrita=formalidade / fala=informalidade se originou, como dissemos, do preconceito dos primeiros gramáticos contra a língua falada e de sua atitude de hipervalorização da escrita literária antiga, tomada como única forma “correta” de uso da língua. No entanto, essa associação, que já nasceu equivocada, se torna ainda mais descabida nos dias de hoje em que, graças aos avanços tecnológicos, é possível usar a escrita para a produção de textos efêmeros e altamente informais (como as mensagens enviadas por telefone celular), ao mesmo tempo que é possível registrar de modo mais duradouro a produção oral mais monitorada (gravações em mídias de diversos tipos). Já existe mesmo toda uma produção literária de narrativas breves destinadas a serem lidas na tela do telefone celular ou dos chamados *tablets* (suportes para a leitura de livros, jornais, revistas etc. digitalizados) (BAGNO, 2011, p. 351).

No esteio dessas modificações, novos gêneros discursivos surgem, primeiramente respaldados pelos gêneros “originais” ou já consagrados pelo uso. Entretanto, aos poucos, as novas modalidades comunicativas adquirem uma identidade própria, uma “consciência de si” (Pivovar, 2007) e de todas as suas potencialidades comunicativas. O e-mail, como um dos primeiros tipos de textos que

surgiram na alvorada da internet, assumia as vezes da carta comercial ou pessoal.

Hoje é inegável sua independência desses gêneros a tal ponto que muitos estudiosos não o consideram nem como gênero, mas como suporte para outros tantos tipos de textos. Suporte entendido aqui como o espaço em que o gênero é exposto, exibido. Pode ser também o meio de propagação de um dado gênero. Muitas vezes a transposição de um suporte para outro pode trazer modificações em um mesmo gênero. Por exemplo, uma propaganda na TV funciona de uma forma, no rádio, ela deve ser adaptada para esse meio, para esse suporte. (MAINGUENEAU, 2013). Para Macloud (2006) todas as novas formas de linguagem que surgem são calcadas no modelo hegemônico. Assim foi, por exemplo, com a escrita, que apresentava um vínculo muito forte com a oralidade. Modernamente falando, a TV nos seus primórdios apresentava uma linguagem muito semelhante à do rádio e do cinema. A lógica vale também para as *webcomics* ou *hqtrônicas*<sup>16</sup>, profundamente vinculadas ao modelo tradicional.

Assim como qualquer outro gênero, os quadrinhos na internet também são lidos e interpretados “pelos filtros dos antigos” (McLOUD,2006). O desenvolvimento das *webcomics*, ou *hqtrônicas*, bem como sua difusão e produção integram o rol das 12 (doze) revoluções pelas quais os quadrinhos precisaram passar para se estabelecer, definitivamente como um gênero de potencialidades comunicativas e artísticas quase infindáveis. Seriam elas:

1. Os quadrinhos como literatura;
2. Os quadrinhos como arte;
3. Os direitos dos criadores;
4. Inovação mercadológica;
5. Percepção pública;
6. Escrutínio institucional;
7. Equilíbrio dos sexos;
8. Representação das minorias;
9. Diversidade de gêneros;
10. Produção digital;
11. Difusão digital;

---

<sup>16</sup> Neologismo criado por Franco (2008) para quadrinhos criados para serem lidos na internet. A palavra é composta de duas partes: **HQ-**, de histórias em quadrinhos, e **-trônicas**, que refere-se aos meios digitais.

## 12. Histórias digitais. (MCLOUD, 2006)

Todas as revoluções estão, de alguma forma, relacionadas, mas apenas as seis últimas se mostram muito relevantes para nosso trabalho. Primeiramente, nosso objetivo é analisar os quadrinhos produzidos fora do âmbito comercial. Sabe-se que o aval comercial é restrito a poucos gêneros, dada a dinâmica onerosa que envolve todo o processo de elaboração de uma HQ. Nesse sentido, o mercado das HQs se ressent de gêneros alternativos, prefere investir em narrativas cujo retorno é mais garantido, a saber, as narrativas de super seres e as infantis. Esse tipo de atitude, segundo Mcloud (2006) restringe muitos outros estilos de narrativas. A difusão digital possibilita uma redução da rede comercial que se estende do criador até o consumidor final, no caso o leitor.

O mercado tradicional dá pouco espaço para autores que investem em outros gêneros e que possuem um outro olhar. Excluem-se então, narrativas feitas por mulheres. O mercado editorial de HQ é predominantemente masculino, e as mulheres reproduzidas nessas narrativas atendem às exigências desse público. Não raro, grupos de feministas têm questionado a forma como as mulheres são retratadas nas HQs. Uma das últimas polêmicas envolve a forma como a Mulher Gato<sup>17</sup> foi desenhada na capa de uma edição *#0 Catwoman*, em que as posturas, e as curvas acentuam o papel meramente decorativo (e também de objeto sexual). Raramente vê-se personagens masculinos em poses que ressaltam seus atributos físicos.

Apenas recentemente veio à tona a quantidade expressiva de mulheres que produziam e faziam quadrinhos. Um bom exemplo disso, são as produções de Marge (1904-1993), criadora da personagem *Luluzinha*, personagem que estreou em 1935 e fez muito sucesso (GOIDA & KLEINERT, 2011). É de praxe nas suas narrativas, Luluzinha impor-se diante de um mundo predominantemente masculino. A insistência da personagem em pertencer ao Clube do Bolinha é emblemática nesse sentido (MERINO 2001). Muitas de suas histórias também pervertem a divisão socialmente estabelecida de gêneros. Lulu, sempre que pode, põe-se a fazer coisas (e com muita destreza) concernentes ao universo masculino. Uma rápida comparação, por

---

<sup>17</sup> **Mulher-gato sensual da HQ da heroína gera discussão sobre anatomia.** Disponível em <http://omelete.uol.com.br/quadrinhos/noticia/mulher-gato-capasensual-da-hq-da-heroína-gerahttp://omelete.uol.com.br/quadrinhos/noticia/mulher-gato-capasensual-da-hq-da-heroína-gera-discussao-sobre-anatomia/discussao-sobre-anatomia/>. Acesso em 06/10/2015

exemplo, entre a *Mônica*, de Maurício de Souza e a Lulu de Marge, evidencia o quanto as narrativas da primeira são menos politizadas e refém dos clichês que abundam sobre o caráter e o universo feminino.

Dentre as hqtrônicas nacionais destacamos a produção de algumas cuja autoria é de mulheres: *Bichinhos de jardim*, de Clara Gomes; o blog *Como eu realmente*, de Fernanda Nia. Há sites e comunidades que reúnem notícias e produções de autoria feminina, entre os quais destacamos o site *Lady's Comic* e, no Facebook, *Zine xxx*.

Além das mulheres, a revolução dos quadrinhos deve possibilitar também uma maior visibilidade de grupos marginalizados. Há uma carência de publicações em que se revele o ponto de vista dos gays, das lésbicas, negros, deficientes físicos, enfim, toda sorte de minorias cujas vozes são praticamente ignoradas pelo mercado editorial de HQs. Mcloud(2006) acredita que a visibilidade dada a essas minorias pelos quadrinhos possibilita um (re)conhecimento desses grupos pelos demais e ao mesmo tempo contribui para a quebra de preconceitos. Para Mcloud (2006), é fundamental que haja, de fato, produções elaboradas por pessoas integrantes de grupos minoritários, não que isso seja uma condição *sine qua non*, mas ele acredita que somente uma pessoa que teve uma experiência concreta de situações de preconceito e exclusão seria menos propensa a produzir estereótipos.

Todavia, é razoável dizer que, quando se trata de uma condição social ou física que somente uma minoria experimenta, os membros dessa minoria terão vantagem em retratá-la. . O máximo que os outros fazem é presumir. E embora pressupostos sejam inócuos em matéria de dragões e naves estelares...eles podem criar uma visão distorcida na cultura popular quando membros de uma dada minoria, por qualquer razão, têm pouco ou nenhum foro. (MCLOUD, 2006, p. 106).

É certo que esse cálculo de Mcloud possui exceções. No Brasil há artistas que possuem uma empatia com grupos marginalizados sem que de fato pertençam a esse grupo. Isso pode ser percebido na forma como Henfil dava voz às minorias no Brasil. O artista sempre foi um combatente da exposição e da imposição da cultura estadunidense de quadrinhos sobre os jovens brasileiros. Suas criações tinham tonalidades da cultura nacional: Graúna, Zeferino e Fradim, esse último, mostrava histórias de dois frades que se viam em situações cômicas e ao mesmo tempo



degradantes, mas “que de fato sempre apresentavam, no fundo, uma mensagem de solidariedade para com as minorias e desprivilegiados”.(VERGUEIRO, 2011, p.50).

Laerte é outra artista que cria algumas tiras revelando a voz das minorias, em especial, as pertencentes à comunidade LGBTT. O blog *Muriel Total* narra as peripécias de Muriel (antes Hugo) que se lança em um mundo discursivo completamente hostil aos que não se encaixam no padrão hegemônico de identidade de gênero e de sexualidade.



FIGURA 13 – HUGO TRANSGÊNERO

FONTE: COUTINHO, Laerte. Muriel Total. Disponível em [http://murieltotal.zip.net/arch2010-05-30\\_2010-06-05.html](http://murieltotal.zip.net/arch2010-05-30_2010-06-05.html). Acesso em 6/10/2015

A comunidade *Cartazes e Tirinhas LGBT*, do Facebook, apresenta um imenso repertório de textos de semioses diferentes para promover a causa dessas minorias. Os textos apresentam temáticas variadas, ora constituem-se de *memes*, cartazes, tiras, charges e cartuns.

O que se percebe ao comparar essas produções de quadrinhos feitas na internet, apesar da grande profusão de temas, estilos e gêneros são algumas características formais compartilhadas. Franco (2008); (2013) foi dos pioneiros do estudo desse gênero no Brasil. O autor remonta às primeiras investidas do gênero nos remotos anos 1980, até as primeiras experimentações usando mídias adicionais como som e movimento. O autor, após inúmeras análises de produções na internet, delimitou algumas características formais desse gênero, a saber: interatividade; animação; diagramação dinâmica; trilha sonora; efeitos sonoros; tela infinita e narrativa multilinear.

McCloud (2006) vê, no entanto, com desconfiança as aplicações de outras mídias nos quadrinhos, especificamente, a inserção de som e movimento. Para o autor, a intenção de tornar a experiência de leitor mais próxima do real, já é feita com maestria pelo cinema e TV. A revolução segundo ele, precisa acontecer no elemento

cerne das HQs, justamente a forma como o gênero justapõe imagens pictóricas em uma sequência deliberada utilizando o espaço/tempo como medida. Outras formas de linguagem fazem isso, o cinema por exemplo, cuja composição é feita pela exposição de centenas de quadros por segundo, essa velocidade nos dá a ilusão de movimento, de continuidade. Nos quadrinhos, não há um motor próprio para isso, o engenho dessa organização do espaço/tempo quem faz é o próprio leitor. Outro fator preocupante para McCloud, a ideia de *hiperlink*, é diametralmente oposta às ideias básicas dos quadrinhos. No mundo do hiperlink tudo está conectado e ao mesmo tempo não está. As relações são estabelecidas a esmo. Não há ponto inicial e muito menos um final delimitado. A gramática textual dos quadrinhos impõe uma ordem, desfilar o fio que une as vinhetas é destituir os quadrinhos de sua essência, segundo McCloud. Para o autor, os quadrinhos da internet devem recuperar aquilo que os precursores da arte sequencial fizeram no passado. A disposição das narrativas visuais era muito mais imaginativa do que as impostas pela imprensa na consolidação do gênero, uma espécie de caixa. Essa revolução possibilitou a popularização e a expansão dos gibis, porém, o preço pago foi o de manter “os aspectos centrais dos quadrinhos em compartimentos minúsculos.” Sair dessa caixa demanda tempo, mas já existem trabalhos que utilizam todo o potencial narrativo da tela infinita, como bem apontou McCloud.

Os quadrinhos (assim como os gêneros que conhecemos) vivem o limiar de um novo tempo. Os suportes tradicionais que conhecemos, as caixas que guardam a essência da música, do movimento, da imagem estão sendo implodidas e esses produtos todos transmutando-se em átomos para informação pura. Cabe aos artistas migrarem para essas novas formas de produção e explorarem seu território quase selvagem. De tempos em tempos somos alvos de pequenas revoluções e é mister que a sociedade se adapte, crie novas formas de relações (todas calcadas no que já se conhece. Esse aspecto da atual modernidade é muito semelhante àquilo que os artistas dos quadrinhos enfrentaram no limiar desse gênero, em um remoto início do século passado.

As páginas dominicais de jornal foram territórios onde se exploraram os limites da forma, e isso permitiu que os criadores andassem em todas as direções e encontrassem o complexo no meio do simples. (...) o território que se começava a explorar ainda era vastamente virgem e não havia normas ou diretrizes editoriais claramente enunciadas ou elaboradas. (BRAGA; PATATI, 2006, p. 19).

A imprensa potencializou novas formas de interação, e por meio desse veículo, surgiram artistas como Outcalt, Fisher, McCay e certamente o mais anárquico e revolucionário de todos: George Herriman. *Krazy Kat*, sua criação máxima, certamente não encontraria seu espaço nas publicações tradicionais. As histórias bizarras apresentavam as desventuras de um trio formado por gato, um rato e um policial. O rato sofria de uma obsessão quase doentia pelo gato. Uma mistura de amor e ódio, que se consumava somente quando o rato acertava uma tijolada no gato, que, em uma estranha relação sadomasoquista, entrava em êxtase quando esse ato se concretizava. O policial servia como freio dessa estranha relação, terminando a história sempre encarcerando o rato. As histórias surreais combinavam com os cenários criados por Herriman, sua *Kokonino Kounty* nunca apresentava um cenário regular de um quadrinho para outro, eles sempre se modificavam. As histórias não eram populares, mas tinham um público fiel, que garantiu sua produção até 1944.

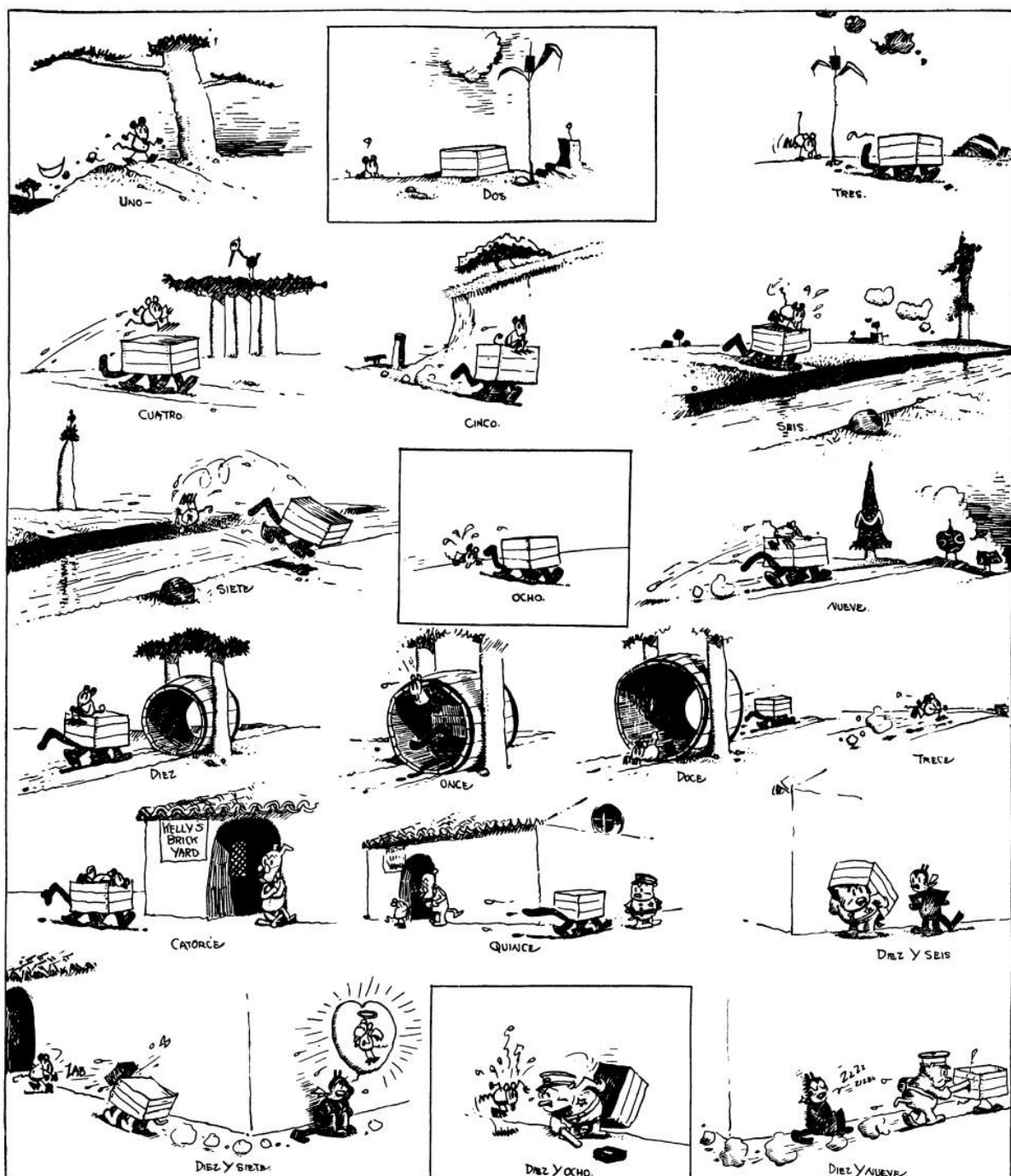


FIGURA 14 – KRAZY KAT

FONTE: - HERRIMAN, George. Krazy Kat. Disponível em <http://www.comicstriplibrary.org/display/107> Acesso em 09/11/2015

Herriman certamente não encontraria espaço nas produções de grande circulação dos anos 1940, 1950. O livro *Sedução dos Inocentes* (1954) de Fredric Whertan deve como consequência imediata a criação de um código de ética dos quadrinhos. Somente com a queda desse código de ética dos quadrinhos, os quadrinhos *underground* retomariam a era das experimentações, abordando temas que tirariam o sono de Wertham e seus asseclas.

O cenário revolucionário repete-se agora, meio século depois, apto para receber um Herriman. O suporte libertário da tela infinita e seu desprendimento das regras mercadológicas são potencialmente solos férteis para criações do naipe de Herriman.

Finalizamos este capítulo com uma citação de Watterson sobre as tiras dominicais. Como já vimos, esse gênero ocupava toda a página dos jornais e sua extensão possibilitava toda sorte de experimentações. Esse cenário possibilitou o surgimento de *Little Nemo*, de McCay. As histórias possuíam uma premissa simples, se vista aos olhos de hoje, porém, a execução, as recriações oníricas do personagem eram de uma plasticidade ímpar, impossíveis de serem executadas no limítrofe espaço de três ou quatro vinhetas. Watterson reclama justamente das limitações que o formato das tiras tradicionais oferece ao artista. O autor parou de publicar as tiras de *Calvin*, em 1996, tempo em que a internet ainda era muito incipiente e as produções digitais se resumiam em *scans* de revistas físicas. Hoje é um vasto território de experimentações, de rompimentos de paradigmas e quebras de tradição. As tirinhas, há muito deixaram de ser apenas piadinhas visuais e se lançaram na elaboração de sofisticadas cenografias, nem sempre vinculadas a temática humorística.

As tiras podem ser muito mais do que temos visto ultimamente. Se chegarão a ser? Isso dependerá também do nível de exigência dos leitores dos jornais. Mas uma coisa é certa: os garotinhos assim, como os tigres, estão sempre dispostos a explorar todos os territórios que puderem. (WATTERSON, 2015 p.127).

Entretanto, deve-se tomar precauções em relação a esse deslumbramento que os aparatos tecnológicos podem nos oferecer. Primeiramente, acreditar que essas invenções preexistam e que as sociedades, os usuários apenas “entram nessa onda”. Ao assumirmos uma visão dialógica de texto, de enunciado, também assumimos uma visão de sociedade e de constituição de subjetividades. E que essas relações são também constitutivas. A litogravura do par de mãos, de Escher (1948), que se encontra em um movimento recíproco e dinâmico de desenhar a outra, é ilustrativa nesse sentido. Na imagem é impossível delimitar qual é a mão desse par é, de fato, a mão original, que iniciou o desenho.



FIGURA 15 – DRAWING HANDS

FONTE: Escher. Drawing Hands. Disponível em

<https://br.pinterest.com/explore/escher-drawing-hands/>. Acesso em 07/10/2016

Essa mesma ambiguidade pode se estender nas sociedades e nas tecnologias desenvolvidas. Sabe-se que essas inovações surgem em respostas a determinadas necessidades sociais, mas, concomitantemente, as tecnologias também acabam por modificar essa mesma sociedade. Ao mesmo tempo que surgem como respostas a algum tipo de problema, lançam-se no terreno da polêmica, criando paradigmas provisórios e gerando outras perguntas, que, inevitavelmente, criarão novas respostas, um ciclo constitutivo e inquebrável.

Castro (2016) faz questão de rememorar esse detalhe dialógico, ou seja, o dialogismo não está restrito às questões relativas a linguagem, mas perpassa todas as esferas de ação humana. Se ignoramos esse detalhe em relação às novas tecnologias, ao considerarmos as inovações tecnológicas como entes autônomos, desencarnadas das ações humanas, estaríamos incorrendo no mesmo “erro” dos estruturalistas, que estudavam a linguagem dissociada de seus usos sociais, de seus agentes. O pesquisador coletou e analisou cerca de 3500 histórias em quadrinhos criadas exclusivamente para internet. Apesar de todas as possibilidades dos mais variados recursos que o suporte potencialmente oferece (inserção de som, movimento), pouquíssimas tiras fazem uso dessas tecnologias, ou seja, o material criado para internet não difere em nada do que se fazia (ou se faz) nos suportes tradicionais (revistas, jornais).

De certa forma, contudo, estabeleceram um raciocínio instrumentalizante, imaginando que as potencialidades tecnológicas seriam determinantes para a produção cultural feita a partir delas. A revolução que conceberam não se concretizou. Ao invés da adição de elementos multimidiáticos, a maior parte dos quadrinhos digitais parece ter desenvolvido novas formas de sociabilidade e enunciação, num tipo de processo criativo em que o autor interage com os leitores de forma mais poderosa. (CASTRO, 2016, p. 36).

Essa talvez seja a resposta “provisória” ao questionamento que Watterson faz a respeito das tiras e onde elas irão chegar. Nesse momento, a trajetória das tiras, do consumo, da leitura e da produção, encontra-se atravessada pelos leitores, que há muito deixaram de ser meros expectadores. São eles, na maioria, que ditam pautas, temas, assuntos, provocando transformações na forma como os textos são consumidos na internet, contudo, ao mesmo tempo, a profusão de novas temáticas, de novas polêmicas, também agido profundamente na constituição desses mesmos sujeitos.



#### 4 O RISO E A CARNAVALIZAÇÃO



LAERTE. Manual do minotauro

As ciências da linguagem, se levarmos em conta a publicação da obra de Saussure como marco, é apenas centenária. Ainda muito jovem perto de anciãs como a Matemática, a Astronomia. Essa tradição, ainda que recente, já lançou muita luz nos diferentes aspectos que envolvem a linguagem humana. Há inúmeros aspectos da linguagem a serem desvelados pela linguística, por setores, áreas que criam o objeto a partir do ponto de vista que assumem. Cada uma dessas áreas, segundo Borges e Dascal (1991), como já vimos, cada setor científico loteia a realidade, de acordo com seus objetivos. Assim, a língua pode ser compreendida (ou apreendida) como fenômenos fonéticos ou como morfemas etc. Mesmo dentro de cada um desses lotes há subdivisões, seções, áreas que, embora compartilhem o mesmo rótulo, encontram-se separadas pela metodologia, pela forma de dissecar o objeto.

Há áreas da Linguística que se preocupam com o chamado núcleo duro e outras cujo loteamento flerta com outras geografias. Uma outra metáfora de Borges (2012)<sup>18</sup> é bem ilustrativa nesse sentido ao relatar a forma como sua mãe separava as partes do frango em que deixava o osso do jogador preservado. Quando casou, sua esposa cortava o frango de outra maneira, procedimento em que o referido osso desaparecia. Ao pensarmos na Linguística e na forma como algumas metodologias

<sup>18</sup> Texto de conferência proferida no I Workshop Internacional de Pragmática, Curitiba, UFPR, 28 de agosto de 2012.



definem o papel do falante, do enunciador, percebemos que há determinados recortes em que o falante necessariamente está presente, em outras, ele encontrase diluído, disperso, ou mesmo, descartado.

Essas repartições da realidade não são exclusividade da linguística. Todas as áreas de conhecimento também são retalhadas e dão uma visão da realidade que lhes é peculiar. O que é importante perceber é que o fenômeno da linguagem desde muito tem intrigado a humanidade. Uma dessas curiosidades é justamente a capacidade de “transportar” sentidos para algo que pode ser completamente diferente do elemento simbolizado, cuja “semelhança” se dá por meio de uma convenção, de um acordo social. Esse gesto de atribuir um sentido a um conjunto signos é umas dentre as habilidades humanas, a mais refinada e complexa.

A linguagem nos parece tão habilmente formulada que é difícil imaginar que ela não seja a obra perfeita de um mestre artesão. De que outro modo esse instrumento poderia conseguir tanto com apenas umas três dúzias de ínfimos punhados de som? Em si mesmas, essas configurações da boca – p, f, b, v, t, d, m, g, a, e, s entre outras – consistem em nada mais que algumas cuspidas e barulhos arbitrários, ruídos aleatórios sem qualquer significado, capacidade expressiva ou poder de explicação. Mas passe-os pelas engrenagens da linguagem, deixe-a ordená-las em algumas sequências especiais, e não há nada que essas correntes de ar sem significado não possam fazer: desde suspirar o interminável fastio da existência (...) até desvendar a ordem fundamental do universo. (DEUTSCHER, 2014, p.14).

A linguagem nos possibilitou escapar do presente imediato. Somos como reféns lúcidos da luta pela sobrevivência. Essa lucidez nos permite elaborar, criar outras formas de interação, de linguagem não vinculada a matar a fome, sobreviver ou garantir a perpetuação de nossa espécie. Pinker (2012) assevera:

O homem não vive só de pão, nem de *know-how*, segurança, filhos ou sexo. As pessoas no mundo inteiro empregam o máximo de tempo que podem em atividades que, na luta para sobreviver e reproduzir-se, parecem sem sentido. Em todas as culturas, as pessoas contam histórias e recitam poesia. Elas gracejam, riem, caçoam. Cantam e dançam. Decoram superfícies. Executam rituais. Refletem sobre causas da sorte do azar e têm crenças acerca do sobrenatural que contradizem tudo o mais que conhecem sobre o mundo. Inventam teorias sobre o universo e o lugar que nele ocupam. (PINKER, 2012, p. 546).

Essa peculiaridade é única e definitivamente nos distingue dos demais animais. Uma habilidade que comporta nuances que certamente são verdadeiros empecilhos para que se crie uma inteligência artificial capaz de produzir enunciados como os humanos. O humor é uma delas. Há inúmeros filmes e séries que registram, num futuro hipotético, as dificuldades de as máquinas adquirirem essa habilidade. O androide *Data* de *Star Trek – Nova Geração*, o robô interpretado por Arnold Schwarzenegger na franquia *Exterminador do futuro*, são alguns exemplos de inteligência artificial que enfrentam grandes dilemas para tentar entender os mecanismos humanos responsáveis pelas emoções, o riso é um deles. Pinker (2012) mesmo já decretou que o horizonte de uma máquina produzir linguagem como nós humanos encontra-se em um tempo muito além da nossa contemporaneidade. As dificuldades advêm justamente daquilo que comumente o senso comum define como linguagem. Ela não é um mero apontar de dedos e nomear a realidade (a missão dada por um bem intencionado Deus a Adão), há muito mais coisas envolvidas nesse processo, e o riso é uma dessas habilidades que desestabiliza e põe em xeque a missão divina, justamente porque lida, em grande parte dos casos, na desestabilidade do sistema linguístico.

Há muitos estudos sobre o humor. Essa é a afirmação com a qual Possenti (1998) concorda. Entretanto, mesmo com tantas publicações sob o rótulo de estudos sobre o humor, ele ainda parece inesgotável. As razões? Para Possenti, há sempre um aspecto, um detalhe, um elemento que carece de análise, de estudos. Nesse sentido, o autor observou que as análises sobre o discurso humorístico, que assumem a cenografia da piada, deram pouca, senão nenhuma, atenção aos recursos linguísticos mobilizados para a produção dos efeitos de humor. Assim, ainda há carência de um ponto de vista da linguística e todos os aspectos da linguagem que colaboram para o riso. É necessária uma atenção aos mais variados elementos da linguagem, desde a materialidade linguística dos elementos mais “atômicos”, como os recursos fonéticos e morfológicos, chegando ao limite do enunciado, elemento dissecado nas análises realizadas por disciplinas como a Sociolinguística, a Pragmática e a AD, a área eleita para nosso engenho.

Possenti discorda que haja uma linguística do humor, assim como não há linguísticas específicas para cada uma das áreas de conhecimento. Para o autor não faz sentido

(...) propor uma linguística do humor. Se a linguística, ou alguma linguística, for razoavelmente boa, deve servir de base para análise de diversos tipos de manifestação da linguagem, e, eventualmente, algumas áreas da linguística podem fornecer instrumentos melhores para clarear determinados aspectos da linguagem da criança, do afásico, do humor, de certo tipo de texto literário etc. Imaginar que exista uma linguística do humor seria mais ou menos como imaginar que os humoristas, em especial, e todos os produtores de chistes, decidissem só construir textos humorísticos que explorassem aspecto de determinada língua ou linguagem. Ora, a análise de textos humorísticos mostra que os aspectos explorados são os mais diversos, talvez todos, mais ou menos como são mobilizados, direta ou indiretamente, todos os recursos linguísticos para falar cotidianamente, para fazer literatura ou para a escrita em geral. (POSSENTI, 1998, p. 21).

A AD, no momento de sua emergência, preocupou-se com a investigação de textos notadamente dicotômicos. Eram os discursos políticos da direita ou da esquerda que serviam aos primeiros analistas. Aos poucos, matérias de outras esferas foram sendo incorporadas para o foco de análise. Campos discursivos variados que, no olhar do analista, mantinham uma relação constitutiva mútua. A interdiscursividade que se observava não apenas no campo político (restringindo-se bem o termo, uma vez que há certamente, um horizonte político-ideológico toda vez que um humano fala), mas também nas relações entre setores como a sexualidade, a religião, a ciência.

As piadas são excelentes extratos de como a língua é posta em funcionamento e das engenhosidades linguísticas possíveis. A piada é uma prova absoluta de como a língua não se presta apenas para comunicar, ou é clara, precisa. Os recursos de que se serve a piada, geralmente entrincheiram-se justamente nos espaços em que há esses desvios do sistema. Terra (2008) utiliza uma metáfora muito interessante sobre a língua. Ela seria uma espécie de Ferrari, capaz de atingir uma velocidade assombrosa em poucos segundos. Esse maquinário todo é limitado justamente pelos aspectos que advêm do seu entorno. Há restrições que limitam essa velocidade, que impõem obstáculos, curvas acentuadas, desvios. As piadas costumam ignorar esses avisos, e colocam a língua no limite máximo de sua velocidade.

Dois exemplos abaixo fazem justamente aquilo que havíamos mencionado, atuam nos desvios que o próprio sistema oferece, um espaço em que pode ser constituído o humor.



FIGURA 16 – CORRETOR ORTOGRÁFICO NA VIDA REAL

FONTE: - LEITE, William. Willtirando. Disponível em [www.willtirando.com.br](http://www.willtirando.com.br). Acesso em 29/03/2016

O humor da tira decorre justamente das possibilidades quase infinitas que as posições paradigmáticas oferecem ao usuário da língua, porém, há condições para que essas trocas sejam realizadas e que os enunciados tenham significação. Há sentidos autorizados e outros que não, mesmo que sejam possíveis dentro do sistema. O humor da tira explora a interdiscursividade que se estabelece com os corretores ortográficos de novos *gadgets*, como smartphones e *tablets* e, por essa razão, aciona uma outra chave de interpretação diferente daquela da produção do efeito de sentido a partir de atos falhos. Se fosse este o caso, as escolhas lexicais para deflagrar o riso teriam que ser necessariamente outras.

#### 4.1 O HUMOR SEGUNDO POSSENTI

A obra *Os humores da língua*, de Sírío Possenti, publicado em 1998, tornou-se um desses novos clássicos dos estudos linguísticos nacionais. Não por menos, o livro reúne uma série de artigos e reflexões sobre o estudo do humor, deixando de lado aspecto sociológicos e filosóficos sobre o tema e assumindo um viés de análise de piadas assumidamente linguístico. Possenti se propõe a apresentar um novo ângulo sobre a habilidade rir, qualidade essa que nos distingue das demais criaturas.

É que este livro tentará ser um livro sobre piadas que as considerará de um ponto de vista exclusivamente linguístico (bem, não tão exclusivamente, como se verá). Isto é, bem ou mal, este livro será um livro de linguística. Talvez não suficientemente canônico para a maioria dos linguistas, mas um livro de linguística. É fundamental que isto fique dito claramente, inclusive para que ninguém se equivoque, comprando

gato por lebre, ou linguística por um desses numerosos campos de saber charmosos e prestigiados que cercam o campo do humor. (POSSENTI, 1998, p. 15)

As descrições linguísticas de piadas realizadas pelo autor abrangem um largo espectro: desde efeitos de humor provocados por aspectos mais atômicos da língua, fonéticos, por exemplo, até elementos profundamente vinculados a aspectos sócio discursivos. Esse último grupo, necessariamente, recruta outros conhecimentos, além do exclusivamente linguísticos, para a produção de humor.

Além de explicitar os recursos linguísticos mobilizados pelas piadas, Possenti também faz uma defesa da relevância do estudo do humor pelo viés linguístico. Há três razões para se descrever e estudar piadas, o primeiro deles, segundo Possenti, é que as piadas revelam facetas sociais controversas, pois a tessitura dos sentidos de humor de muitos textos humorísticos está assentado em aspectos representativos de mazelas sociais, tais como preconceitos raciais, preconceitos étnicos, misoginia, homofobia etc. Além disso, as piadas revelam também sofisticados recursos linguísticos, cuja descrições precisam mobilizar teorias e metodologias também complexas. Segundo o autor, ninguém perderia tempo investigando esse engenho se os enunciados fossem do tipo “o boi baba”.

A segunda razão é de que as piadas são constituídas em cima da estereotipia, uma espécie de “figura de linguagem” que visa resenhar um determinado grupo social ou camada a partir de poucos traços. Essa redução linguístico/discursivo mais “palatável” visa conseguir adesão junto à interlocutores variados. Para Possenti, essas figurações sociais são um material de grande relevância para se assim compreender as diferentes formas de “representações” sociais. O autor assinala, em outro artigo, que as piadas também operam com conceitos de identidade. No humor, esse processo de constituição identitária é sempre realizada sob forma de tradução, ou seja, como um determinado grupo vê, compreende e interpreta outros grupos. Geralmente as piadas revelam uma estrutura de poder assimétrico. Assim, negros, gays, mulheres (em especial as loiras) caipiras, quase sempre são representados negativamente. Por esse aspecto, portanto, poucas piadas teriam um comprometimento com movimentos progressistas. O humor, sobretudo, o que mobiliza multidões, o que provoca o riso mais “fácil”, é conservador, pois investe, em um certo sentido, na celebração do *status quo*.

A afirmação segundo a qual o humor critica é muito parcial. O humor nem sempre é progressista. O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais. O humor pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso veiculador de preconceitos, caso em que acaba sendo contrário a costumes que são, de alguma forma, bons ou, pelo menos, razoáveis civilizados como os tendentes ao igualitarismo, sem dúvida melhores que os seus contrários. Como dizer que o humor é crítico, nesses casos? (POSSENTI, 1998, p. 49)

A tira de Laerte representa bem esse tipo de textos humorísticos que valem-se da apropriação de identidades estereotipadas para produzir humor. Seguindo esse mesmo raciocínio, todas as loiras são burras e disponíveis para o sexo, os negros são bandidos (e bem dotados), os gaúchos “viados” e os portugueses são burros.



FIGURA 17 – O PIADISTA

FONTE: LAERTE. Manual do minotauro. Disponível em

[http://manualdominotauro.blogspot.com.br/2015\\_02\\_01\\_archive.html](http://manualdominotauro.blogspot.com.br/2015_02_01_archive.html). Acesso em 21/10/2016

A terceira e última razão, de certa forma, relacionada à razão anterior, as piadas revelam discursos transversos, pouco evidente em discursos oficiais. Um retrato de um mundo às avessas em que casamentos são realizados por interesses (e por isso a grande quantidade de piadas sobre infidelidade), a inabilidade dos professores (e a falência da educação representada na figura do personagem Joãozinho) e a hipocrisia que circunda discursos religiosos (celibato, honestidade) para ficarmos só nesses exemplos.

Para a AD, segundo Possenti (1998) as piadas (ou os discursos humorísticos) servem para desvelar dois aspectos importantes: as condições de produção, que garantem, mesmo que de forma instável, os sentidos do texto. O outro aspecto diz respeito a tríade *autor-texto-leitor*. Geralmente, a autoria das piadas é desconhecida, são do mesmo grupo de textos como provérbios, receitas etc. Mesmo sem a

assinatura de um autor específico, elas são (re)produzidas por grande parte das pessoas, “uma evidência de que existem discursos que se dizem – que são ditos por todos.” (POSSENTI,1998). O papel do leitor das piadas é crucial, pois estende-se diante dele dois sentidos possíveis no texto humorístico, um mais comum, usual, e outro, incomum, geralmente responsável pelos sentidos de humor. Ele também é responsável por inferências necessárias para ocupar as lacunas do texto humorístico (todo o texto faz isso, uns menos e outros demandam mais trabalho para o leitor). O texto também tem um papel importante, ele apresenta algumas diretrizes que devem, potencialmente, serem seguidas pelo leitor, sem dar relevância a essas determinações, muitas piadas acabam perdendo o sentido de humor.

Em *Humor, língua e discurso* (2010), Possenti aprofunda algumas questões relativas ao estudo do humor pela AD. Se em *Humores da língua*, ele apresenta a abordagem linguística como diferencial de outras e linguística aqui entendida nas mais variadas formas de apreensão e análise do texto humorístico, na obra em questão, ele desenvolve alguns aspectos apenas pertinentes aos analistas do discurso. *Acontecimento, interdiscursividade, dialogismo* são alguns desses aspectos e que, particularmente para esse trabalho são relevantes.

No ensaio intitulado *Humor e acontecimento*, Possenti defende que existem relações entre fatos históricos e linguagem. Seriam elas responsáveis pelo surgimento, circulação e gestos de interpretação de textos. Se pensarmos, por exemplo, na intrínseca relação entre charges e um fato qualquer para a produção de sentidos. Parte da interpretação da charge conta com a “visibilidade” do acontecimento que a gerou, sem essa chave de interpretação, a leitura, de acordo com as orientações do texto original, se perde. Há outros textos humorísticos, no entanto, que mobilizam uma memória discursiva não tão imediata como das charges. Os cartuns, por exemplo, podem apresentar questões polêmicas sem que estejam ancoradas em um fato recente. Rir das injustiças sociais, da miséria humana retoma um conjunto de acontecimentos cuja origem é praticamente impossível de se precisar.

Em outros termos, o que Possenti propõe é que, ao se analisar um acontecimento discursivo, se levem em consideração não apenas aqueles acontecimentos que se inserem numa determinada série, como propõe a Análise do Discurso de base pecheutiana, ou acontecimentos de longa duração como propõem os historiadores, mas tudo mesmo o que se diz em distintas materialidades acerca de

um determinado evento, independentemente da duração de suas temporalidades. (BARONAS; AGUIAR, 2009, p. 170).

O acontecimento aqui define-se não como as expressões ou como o texto veicula a história. Mas como os eventos históricos interferem na estrutura, na constituição do texto. Entretanto, a identificação dessas interferências de fora não são tão simples de apontar. As representações dessa historicidade na superfície linguística não são uma espécie de *toma lá, dá cá*, ao contrário, se fosse assim, seria muito mais fácil identificar, precisar esses acontecimentos. Esse tipo de “negociata discursiva” está muito mais para uma relação intertextual mostrada. As relações são tensas e os sentidos não se encontram fechados e estabilizados, é muito mais uma relação lúdica entre zonas conflitantes (e ao mesmo tempo, constituintes). Quando Angeli desenhou uma charge sobre o massacre de Eldorado dos Carajás (17 de abril de 1996) e escreveu acima das inúmeras lápides a expressão “Enfim, terra para todos” acabou revelando como os sentidos da palavra “terra” são disputados por grupos antagônicos. A imagem dos túmulos e camada de terra sobre cada um dos assassinados aponta um sentido, que, de alguma forma, contrapõe-se ao termo presente no enunciado acima da charge.

Orlandi (2011) afirma que a AD não segmenta a linguagem como as linguísticas imanentes. O analista não se nega a descrever as unidades mínimas da língua, mas o ponto de vista que assume entende que essas unidades estão a serviço da produção de sentidos, cujo funcionamento não é integralmente linguístico. Para tornar esses conceitos mais precisos e claros, apontamos algumas dessas questões na tira abaixo. O texto assume uma cena genérica de piada, valendo-se da linguagem dos quadrinhos, pois utiliza estratégias textuais de construção de sentido semelhantes às das piadas (RAMOS, 2011). A definição de piada dada por Possenti (1998) nos serve para nosso propósito:

Tipicamente, uma piada contém algum elemento linguístico com pelo menos dois sentidos possíveis. E o leitor não tem apenas que verificar quais são esses sentidos. Mais que isso, cabe-lhe descobrir que, havendo dois, o mais óbvio deles deve de alguma forma ser posto de lado, e o outro, o menos óbvio, é aquele que, em um sentido muito relevante, se torna dominante. (POSSENTI 1998 p. 39)





FIGURA 18 – MUDANÇA DE NOME

FONTE: COALA, Fábio. Mentirinhas. Disponível em <http://mentirinhas.com.br/mentirinhashttp://mentirinhas.com.br/mentirinhas-847/847/>. Acesso em 12/02/2016

A tira é baseada em recentes acontecimentos, embora evoquem questões polêmicas de longa data. O primeiro requadro retrata a guerra em que se mata em nome da religião ou de uma visão de mundo cristã em oposição aos infiéis, aos pecadores e aos adoradores de outros deuses. O segundo, aborda a exploração e o comércio da fé. A programação das TV, em especial a brasileira, são tomadas de telepastores clamando por ofertas ou vendendo itens mágicos. A terceira vinheta faz menção aos ataques promovidos pelos evangélicos às denominações religiosas de vertente africana. O quarto quadrinho apresenta uma figura que representa Cristo (os traços estereotipados indicam ao leitor essa identidade), Jesus se mostra triste e cabisbaixo, solicita ao funcionário do cartório sua intenção de trocar de nome. Esse é o elemento disjuntor da piada. Até esse momento, todos as vinhetas indicavam gestos realizados em nome de Cristo, o último quebra essa expectativa, mostrando Jesus descontente com o uso inapropriado que estão fazendo de seu nome.

A tira exhibe pelo menos dois dos três dos motivos que leva ao riso, Segundo Possenti (2010), *o rebaixamento físico ou moral* (Cristo sente-se rebaixado pela forma como usam seu nome em práticas, que segundo o autor da tira, estariam distantes daquilo que Jesus pregou); e uma *técnica eficiente*, que apresenta um elemento surpresa. O outro elemento, ausente nesse texto, é a “liberação do recalcado” (POSSENTI, 2010) via linguagem chistosa. Esse recurso pode ser observado, por exemplo, no texto (FIGURA 21) do homem que quer se tornar humorista e aí acaba revelando, via linguagem, o apreço que sente pelas minorias. Para o autor, pelo menos dois desses três elementos podem aparecer em textos de humor.

O traço mais recorrente é o rebaixamento de figuras sociais como médicos, advogados, políticos, secretárias. Porém, de acordo com o autor:

(...)sabe-se que o mero rebaixamento não produz humor. Se o produzisse, bastaria proferir um desses enunciados e o riso ocorreria. Mas, para que ele ocorra, é necessário que tal traço seja apresentado por meio de uma forma engenhosa, que, em geral, de modo indireto, permite a apreensão de um sentido que a sociedade controla. (POSSENTI, 2010, p. 51).

A fala de Possenti possibilita algumas reflexões a respeito da forma como vamos avaliar e analisar as HQs publicadas em suporte eletrônico. Possenti (2010) também nos esclarece que tipo de humor estamos buscando estudar e de forma os sentidos humorísticos se materializam (ou não) no corpus que analisaremos. Primeiramente, a integração de duas (ou três) das estratégias que objetivam o riso, apontadas pelo autor. Dessas três – *rebaixamento*; *elemento chistoso* e *a quebra de expectativa* - o rebaixamento é a mais importante. Mas não qualquer rebaixamento, é necessário que o gesto de trazer ao chão uma figura representativa da sociedade seja por meio de alguma forma engenhosa, geralmente valendo-se de recursos linguísticos mais sofisticados. O elemento jocoso pretende então desvelar sentidos, significados, que, de alguma forma, são mais controlados ou impedidos de serem produzidos. A carnavalização é um tipo de rebaixamento que só ocorre sob condições especiais.

#### 4.2 A CARNAVALIZAÇÃO COMO UMA FORMA DE TRADUÇÃO

Uma das formas de se estudar as sociedades, de entender seus modos de organização e funcionamento é a observação e descrição de seus rituais. Esse é um dos principais motes de um clássico da sociologia brasileira, a obra *Carnavais, malandros e heróis*, de Damatta (1997). Os objetivos dos estudos do autor são investigar quais são os mecanismos sociais usados para dramatizar o mundo e também como esses festejos são modos de representação com os quais a realidade brasileira é, de alguma forma, exposta e desnudada.

As procissões, as festas do carnaval e a semana da Pátria são comemorações que rompem com o chamado “cotidiano negativo”, ou seja, integram um conjunto de práticas que se realizam fora desse dia-a-dia, são os chamados eventos “extraordinários construídos pela e para a sociedade” (DAMATTA, 1997, p. 47). A tríade festiva aqui mencionada abrange festas de maior duração (e também as mais populares) no Brasil: A Semana Santa com suas missas especiais (Domingo de

Ramos, Lava Pés, Missa do Domingo de Páscoa), o carnaval (festa que se inicia na sexta feira e termina, em geral, na terça feira) e a Semana da Pátria (os desfiles, as cerimônias em que se canta o Hino Nacional etc). Esses festejos são organizados e mantidos por diferentes instituições: as religiosas, as instituições populares e o Estado. Damatta centrou-se nas dicotomias que se revelam no contraste entre as duas últimas instituições e como elas mantêm suas tradições e organizam suas festividades: o desfile de 7 de Setembro e o carnaval.

Os aspectos espaço-temporais em que se inscrevem são analisados minuciosamente por Damatta, a saber, os locais onde as festas se realizam, as datas, o início e a duração. O carnaval<sup>19</sup>, por exemplo, é um evento descentralizado, pois os participantes comemoram de modo “individual”, sem que prestem reverências a qualquer tipo de autoridade ou que estejam cumprindo papéis previamente determinados pelo cerimonial. É o que Damatta denomina de “desfile polissêmico”. Essa flexibilidade garante uma liberdade maior do sujeito em relação ao início e término do evento. Raramente se chega atrasado a um evento popular carnavalesco, da mesma forma como não há um horário de término oficial. A própria data de comemoração do carnaval não é fixa, integra uma temporalidade “cíclica”, constituída a partir de um calendário religioso, cósmico e de cunho universalizante.

O 7 de setembro, ao contrário, organiza-se dentro de uma tensão centralizadora, há um alto grau de formalidade, de rituais a serem previamente cumpridos e respeitados. Há um horário para o seu início, todo um ciclo de cerimonial que culmina em um encerramento. A data de realização nunca se altera e por essa razão é uma festa que se restringe a uma comemoração local, nacional. Ainda dentro desse campo espaço-tempo, há outra diferença significativa que amplia as distâncias entre essas duas festividades: o turno em que elas acontecem. Nas festas de carnaval predominam, em sua grande maioria, eventos realizados durante a noite.

Já as comemorações da Semana da Pátria são durante o dia.

Cada uma delas também se distingue pelo uso simbólico dos trajes. A farda usada nos desfiles cívicos reafirma esse centro de poder. É o fetiche da autoridade que serve para demonstrar e demarcar sua posição (superior) na sociedade. No carnaval, as fantasias prestam-se a outras simbologias. Elas servem para

---

<sup>19</sup> O carnaval aqui estudado refere-se à festa espontânea, de cunho popular, e não ao carnaval “desfigurado” dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro.

desconstruir esses centros de poder. Toda sorte de marginais, de criaturas que vivem nas sombras durante o ano encontra representação nesse momento.

Com as fantasias carnavalescas ocorre o contrário. Aqui os personagens são figuras periféricas do mundo social brasileiro. Os reis, duques, príncipes e outros nobres; os fantasmas, caveiras, diabos e outros personagens do mundo das sombras; os gregos antigos, romanos, havaianos, escoceses e chineses, dos confins do mundo conhecido; os ladrões, palhaços, prostitutas, marginais, malandros, presidiários, caubóis e outras figuras liminares que o cotidiano só revela dolorosamente. O mundo dos personagens do carnaval é, pois, o mundo da periferia, do passado e das fronteiras da sociedade brasileira. Seu foco é o ilícito, o que está completamente fora do sistema, ou que está nos interstícios desse sistema. (DAMATTA, 1997, p.62).

As análises de Damatta constroem-se do registro de como essas cerimônias se contrapõem, compondo um conjunto de relações simbólicas, um jogo de complementação mútua, em que signos são transpostos de uma esfera para outras e aí adquirem novos sentidos. Não é um jogo de um ente solitário, mas de toda uma comunidade, de todo um grupo. Essa premissa justifica as críticas que o autor faz a algumas análises sociológicas, a moda estruturalista, que enxergam e concebem o sujeito como ente “individualizado”. O autor salienta que há uma espécie de gramática que orienta as mobilizações sociais (curiosamente é essa metáfora utilizada pelo autor) estudar o sujeito como ente individualizado, é, segundo Damatta, tratá-lo como um fonema, perde-se a possibilidade de vê-lo como parte integrante de um sistema. Esse pertencimento inscreve marcas nesse sujeito, são os *domínios de origem*.

Deslocamentos e passagens de um domínio para o outro são responsáveis por uma variedade de processos, e isso me parece básico. De fato, é nessa passagem que eles podem ser percebidos como invertidos, reforçados ou mesmo neutralizados (...) (DAMATTA, 1997, p. 96).

O carnaval é um processo de deslocamento de signos de seus domínios de origens para outras esferas. Esse movimento implica um novo processo de simbolização, novos sentidos são costurados a esses signos. Isso pode ser percebido, por exemplo, na forma como determinados objetos no mundo ordinário tornam-se sagrados nas esferas religiosas – as imagens de santos, o pão, o vinho.

Da mesma forma, o carnaval “desritualiza” objetos sagrados, destitui-os da governança ditatorial de sua origem e torna-os a celebração de sentidos diversos. O carnaval transforma aquilo que é reverenciado em motivo de chacota, de riso.

Aquilo que é venerado torna-se o foco de ofensas, de blasfêmias. Vale lembrar que não é o movimento de torná-los objetos neutros – um retorno ao “mundo ordinário” - mas sim, uma referência viva e dinâmica, que mantém uma performance dialética com sua esfera de origem.

Embora separados por algumas décadas, é inegável a existência de pontos de convergência entre os apontamentos de Damatta (1997) e Bakhtin (2003); (2008), guardadas, obviamente, as devidas diferenças. Afinal trata-se de um estudo sociológico e, outro, uma análise literária. Os aspectos coincidentes dizem respeito ao entendimento de como os signos transpostos de uma esfera para outra se modificam, tornam-se, como diz Bakhtin (2008) “biplanares”. O espírito anárquico e libertário faz um movimento de tradução, assim os elementos agregados a essa festividade se modificam, se transformam. Essa transposição é orientada por uma visão de liberdade, de celebração da ambivalência da linguagem, instrumento poderoso que invoca relativamente tudo, promove o rebaixamento de ícones, de ideias, enfim, celebra a implosão de sentidos, em que a heresia se sobrepõe ao dogma.

Já atentamos que nossa tese tem como fio condutor a proposição de que a linguagem é eminentemente dialógica e, partindo dessa afirmação, fomos elaborando os fios que organizam esse trabalho. Os conceitos de discurso, de gêneros, de sujeito e de humor estão profundamente vinculados a essa perspectiva. De que forma adotar essa visão ( ou parte dela) não é risco para nossa perspectiva? É possível perceber a orientação dialógica dentro desse conceito de carnavalização? Castro (1996) menciona que, embora haja uma profusão de nomes, de conceitos, as obras de Bakhtin e do Círculo possuem elementos que não se contradizem, integram um variado conjunto de conceitos, mas todos conduzidos por fio condutor, a questão da dialogicidade.

Nos textos /fragmentos do autor, presentes nesta Estética...não há nada, em momento algum que revele que Bakhtin sofreu algum tipo de mudança epistemológica ao longo de sua vida como pensador; ao contrário, o que se percebe é uma visão dialógica de mundo sempre fiel a si mesma, que encontrou a sua justificação maior e fundamental na linguagem. Além de mostrar essa fidelidade epistemológica do autor, a meu ver, esses fragmentos são também como um golpe

decisivo para aquelas discussões às vezes estéreis sobre a questão da autoria em Bakhtin. (CASTRO, 1996, p. 94).

Observamos em outros momentos desta tese, o fato de que a linguagem é constituída pelo embate de sujeitos que assumem vozes a partir das posições que ocupam, são os “ruídos” da classe, do tempo, do espaço, da ideologia, que inviabilizam a relação de “um para um” entre a linguagem e a “realidade”. Há as forças centrípetas, que procuram reter os sentidos e as forças centrífugas, que desconstroem esse monologismo, ocasionando uma implosão de sentidos. O carnaval bakhtiniano celebra justamente essa força criativa.

A força criativa popular é o motor, desde sempre, para a elaboração das mais variadas formas artísticas. A tese de Bakhtin, esboçada primeiramente na obra sobre Dostoiévsky e desenvolvida em *Cultura Popular na Idade Média*, parte desse pressuposto. As celebrações, desde as sociedades ditas primitivas, foram base para a constituição e elaboração de novos gêneros. Dessa forma, a carnavalização é a forma como esse mundo rico, dinâmico e familiar será recriado e traduzido pelas esferas artísticas.

Essa dinâmica de transposição de gêneros primários em secundários se encontra no texto canônico de Bakhtin sobre os gêneros do discurso, em *Estética da criação verbal*. Os primários, oriundos das relações sociais mais imediatas, são predominantes nas interações face a face, constituídos de gêneros basicamente orais. São esses textos que aprendemos sem a necessidade de mediação formal, aprendemos em casa, na comunidade. São as primeiras formas de relação da linguagem com o outro.

Os secundários são utilizados em esferas mais complexas em que predominam as relações mais estratificadas, em que há os embates visivelmente calcados em hierarquias. Todos esses gêneros só são possíveis porque “descendem”, de alguma forma, dos gêneros primários.

Os gêneros primários são fecundos dentro das relações menos hierarquizadas, realizadas no foro íntimo e familiar. Quais seriam então as características mais significativas desse universo linguístico regido por gêneros “familiares”? Bakhtin aponta quatro: a excentricidade, o contato familiar, a familiarização e a profanação.

A **excentricidade** pressupõe a força libertadora da linguagem. A sociedade medieval possuía uma estrutura rígida, de pouca mobilidade social. Além disso, o riso era cerceado. Acreditava-se que Cristo nunca teria sorrido e esse era o motivo do cômico não ser muito bem visto. Ademais, a religiosidade impunha uma vida para o trabalho e sofrimento. O carnaval era o momento de se refugiar dessa atmosfera, de extravasar. Nos festivais, esses centros organizadores da vida cotidiana são destituídos. Esse rompimento implica festejo sem barreiras, entre ribalta e atores e espectadores. “Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval, mas vive-se nele, e vive-se conforme as suas leis, enquanto estas vigoram (...)” (BAKHTIN, 2008, p.140). Na obra *1984*, George Orwell (2009), mostra um mundo distópico (antes dessa temática virar febre no atual mercado editorial para adolescentes) em que o Estado controla tudo, não apenas vigiando-nos constantemente, mas também, limitando o uso de determinadas palavras, de sentidos e significações. O ambiente opressor não cogitava a possibilidade de os sujeitos terem um instante sequer de alívio, mesmo que de forma imaginária. Não havia espaço para o carnaval, um momento para rir da autoridade do Grande Irmão, do Partido. O cenário que se constitui com essas limitações é sufocante, desesperador. A carnavalescação, embora lide com um universo “de faz de conta”, lança perigosas nuvens de dúvidas e arestas sobre o monologismo. O Grande Irmão sabe disso, a fim de garantir o sistema ditatorial imposto por ele, deve-se evitar momentos de suspensão das hierarquias entre os grupos sociais.

Essa supressão das barreiras só pode ocorrer quando há um retorno às **relações familiares**. Ela possibilitava que os agentes se revelassem e que expressassem os “aspectos ocultos da natureza humana” (BAKHTIN, 2008 p. 40). O carnaval impunha nesse mundo uma outra ordem, a do avesso. A linguagem passava por um processo de “**familiarização**”, liberando-se dos indícios de hierarquização, dos centros de poder. A linguagem da praça era como a de casa, repleta de grosserias e expressões de baixo calão, são um “gênero verbal particular da linguagem familiar” (BAKHTIN, 2002, p. 15). Para Miranda (1997), a linguagem do carnaval apresenta o uso corrente de grosserias blasfematórias, que em tempos passados, possuíam funções mágicas e encantatórias. Em Rodrigues (2013) há o entendimento de que a ambivalência tinha como força desestabilizar o *status quo*, ou seja, desconfiar dos arranjos do mundo que se pretendem imutáveis. Os gestos

buscavam celebrar a relatividade e brevidade da vida. A cerimônia de coroar o rei bufo e depois derrubá-lo explicita essa perspectiva carnavalesca.

La carnavalización será un ejercicio cultural que desterritoriza de manera diversa los valores ideológicos dominantes y las formas de dialogicidad que en determinado momento se hayan estabilizado. Involucra cierto carácter sincrético, ritual y heterogêneo y su praxis presupone la co-participación tanto de actores como de espectadores (que se mezclan) en acciones de signo crítico respecto a órdenes establecidos; se suprimen por un instante distancias sociales y se promueve un contacto libre y familiar entre las personas. (RODRIGUES 2013 p. 121).

E por fim, a **profanação**. Um profundo sentimento anárquico predominava nos carnavais. Se todas as leis eram revogadas, não haveria impedimento para que tudo e todos pudessem ser desconstruídos pelas narrativas carnavalizantes. Era o mundo do avesso em que “tudo tem a sua paródia, vale dizer, um aspecto cômico.” (BAKHTIN, 2002, p. 145). Os alvos das chacotas eram geralmente figuras influentes na sociedade, nobres, religiosos eram personagens constantes nos textos de insultos.

Para Nobre (2014), numa clara aproximação à abordagem bakhtiniana, os gêneros carnavalescos possuem três características determinantes. Primeiro, eles têm como fonte a vida cotidiana. Eles apresentariam um teor “sério cômico”, pois interpretam a realidade de modo crítico. Mas o vínculo com o popular garante a natureza cômica. O critério de atualidade:

(...) está relacionada à própria aceitação da camada socialmente privilegiada da população, no sentido de que críticas sociais são realizadas e legitimadas por textos carnavalescos. Em contrapartida a essa liberdade de intercalação inerente aos gêneros do campo sério-cômico, há um ônus referente que é gozado pelo gêneros ‘sérios’ e que, por sua vez, não é usufruído pelos gêneros carnavalescos. (NOBRE 2014 p. 15).

Outra característica desses gêneros é justamente a temática que abordam. Nos gêneros sérios, predomina uma preferência por temas que possuem uma relativa distância do espaço-tempo presente. Já os gêneros carnavalescos versam sobre temas mais atuais, baseados em experiências cotidianas. A terceira característica diz respeito à forma como esses gêneros “absorvem” gêneros e atividades interativas



diversas. Eles podem assumir diferentes cenografias, parodiar estruturas de gêneros secundários, da vida dita “séria”. Assim, as estruturas de uma carta comercial, de um cheque, de um recibo podem receber um conteúdo carnavalizante. Esses gêneros, dentro de suas esferas de origem, dificilmente podem distanciar-se de suas cenas genéricas. (MAINGUENEAU, 2013) Os gêneros carnavalescos deram origem a diversos outros gêneros. Foram apropriados, como já havíamos dito, pelas esferas artísticas, devorados e reconstituídos em inúmeras manifestações artísticas. O romance moderno, por exemplo, diferentemente da épica e da tragédia, bebe diretamente do diálogo familiar, popular.

Além de descrever a genealogia da literatura romanesca, Bakhtin (2003) também aponta equívocos relacionados ao trabalho de críticos literários. Para o autor, um dos maiores erros cometidos pela crítica especializada foi justamente desencarnar as obras de Rabelais de seu contexto. Assim agindo, ignora-se o princípio dialógico, que pressupõe que tudo está, de alguma forma, relacionado, interligado. Os enunciados se integrariam como uma espécie de fluxo dinâmico, contínuo. Estudá-los dissociados do todo, do material histórico que o ressignifica, que o atualiza, é fazer uma análise vazia.

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra, ele a recebe das vozes dos outros e repleta de voz de outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros. O próprio pensamento dele já encontra a palavra povoada. Por isso, a orientação da palavra entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalinguístico de toda a palavra, inclusive da palavra artisticamente empregada. A cada corrente em cada época são inerentes a sensação a palavra e uma faixa de possibilidades verbais. (BAKHTIN, 2002, p. 232)

Nesse sentido, Rabelais só poderia ser compreendido – a principal chave da interpretação de sua obra – se se recuperarem os festejos, o espírito anárquico do carnaval medieval. É imprescindível levar em conta a cultura popular desse contexto. Sem isso, as leituras descambam em reduções calcadas na lógica burguesa de nosso tempo.

Um dos problemas mais complexos e interessantes da história da cultura é o problema do carnaval (no sentido de conjunto e todas as variadas festividades, ritos e formas de tipo carnavalesco), da sua essência, das raízes profundas na sociedade primitiva e no pensamento primitivo do homem, do seu desenvolvimento na sociedade de classe, de sua excepcional força vital e seu perene fascínio. (BAKHTIN, 2008 ,p. 12).

A tradição carnavalesca popular, tal como descrita por Bakhtin, não é matéria prima apenas da obra rabeliana. Rabelais não foi o precursor da apropriação de elementos da cultura popular para a literatura. Há uma tradição que o precede e que também fomenta até hoje a produção de inúmeros gêneros literários. Cervantes, Shakespeare, Mário de Andrade e seu *Macunaíma* são alguns dos exemplos do tipo de literatura que, declaradamente, bebe de fontes populares e carnavalescas. O carnaval foi responsável por criar “toda uma linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas, entre grandes e complexas ações de massas e gestos carnavalescos.”(BAKHTIN,2008, p. 139) e por esse motivo tornou-se uma fonte inesgotável de temas para a arte.

Para Bakhtin, o carnaval como o que se vivia na Idade Média, está muito além ser “reproduzido” modernamente. O que se produz agora é uma literatura muito mais inspirada no carnaval da Idade Média e nas suas temáticas correlatas. Os gêneros carnavalescos eram profundamente arraigados ao seu texto e nesse momento, esse tipo de produção carece de uma força formadora de gêneros (BAKHTIN 2008), as condições de sua autenticidade desapareceram, foram ocupadas por outras instâncias. Foi esse enfraquecimento do carnaval que Bakhtin encontrou ao analisar as figuras antagônicas de Dom Quixote,: nobre elevado, representado pela figura esquelética do personagem que nomeia o romance, em oposição a Sancho Pança, baixo, cujo ventre imenso aproximava-se do solo.

Apesar de elementos carnavalizantes, não é uma obra do teor representativo de Rabelais,uma vez que há elementos que já se contaminaram de um “caráter privativo e social” (Bakhtin 2003 p. 20) , em que os valores populares do carnaval perdem-se, adquirem um valor “negativo”. Em Cervantes, isso estava apenas no princípio. Esse processo de pasteurização vai se intensificar ao longo do tempo, até praticamente desaparecer.

Muito embora identifique inflexão perspectiva no texto de Cervantes, Bakhtin afirma que a fidelidade da literatura renascentista a uma profunda visão carnavalesca do mundo, cujo realismo agora é produto da articulação da herança cultural da cultura cômica popular com a típica visão da existência de um novo homem da sociedade burguesa moderna. Assim, o realismo renascentista executaria um movimento pendular entre essas duas linhas contraditórias. Fragmentos e vestígios do realismo grotesco estariam também presentes no campo da literatura realista ocidental dos últimos séculos, cuja vitalidade, de tempos, é resgatada, sem no entanto, recuperar, na maioria dos casos, sua força positiva. (MIRANDA, 1997, p. 133).

Nesse sentido, reforçamos que não há nenhuma pretensão, aqui, em apontar a carnavalização como um elemento semelhante ao estudado por Bakhtin. Os horizontes de emergência dos gêneros são outros, mas há “destroços” identificáveis em algumas obras e, em especial, nas que se postam como estandartes que desafiam o poder estabelecido, a ordem.

Os gêneros produzidos e consumidos na internet flertam em muitos aspectos com a carnavalização. Já apontamos, por exemplo, como os quadrinhos produzidos nesse suporte são muito mais libertários do que os produzidos em grandes editoras. As amarras institucionais que determinam o que pode ou não ser dito perde-se na internet (para o bem e para mal).

Na web, chama-nos a atenção uma série de blogs e *wikis* que prestam a disseminação de textos com forte teor cômico/sarcástico em cujo conteúdo se observam, de forma clarividente, ressonâncias dialógicas do folclore carnavalesco, tanto na semiose verbal, quando na hipertextual/multimodal. Em decorrência de seu conteúdo livre, isto é, qualquer pessoa pode contribuir com artigos e verbetes e editá-los nas *wikis* assim como criar blogs, ressalta-se, ainda mais, que o aspecto cultural do carnaval está disseminado em nossa sociedade. (NOBRE, 2014, p. 9).

Os *memes*, por exemplo, são um tipo de texto humorístico constituído por diferentes estratégias. Pode ser um frame, um *gif* (uma espécie de foto animada), um trecho de filme ou uma HQ. Geralmente pega-se uma personalidade que tenha cometido algum tipo de deslize e se recicla isso nos mais variados contextos. Mudase o cenário, às vezes coloca-se um fundo musical, dubla-se, mesclam-se outras fotos e imagens. Todas essas incorporações ao texto original visam, de alguma forma, desconstruir a personalidade, ressignificá-la. Um bom exemplo disso é observar recentemente como o discurso inflamado pró-impeachment de uma professora da

USP, Janaína Paschoal, viralizou. Dentre as montagens, estava a inserção da trilha sonora usada nos sorteios da casa própria, do Baú da Felicidade; uma outra inseria uma música do Iron Maiden; e, outras tantas usavam uma foto da advogada em estado “normal”, o que na foto, corresponderia à segunda-feira e a outra, a que corresponderia à sexta-feira, apresentava um frame da advogada em êxtase. Baseados em acontecimentos recentes, os *memes* possuem uma vida útil brevíssima. Viralizam, são compartilhados na ordem dos milhões, mas dissipam-se assim que o frescor da notícia ou do fato se esvai. Como já apontamos, os *memes* são baseados em figuras de destaque, autoridades, atores, músicos, etc. Ao virarem personagens, assumem outros sentidos, ressentem-se da falta de pudores, de idolatria. Tornam-se motivos de piada e risos. Sofrem um evidente processo de carnavalização.

Bakhtin lembra que os termos chulos, grotescos, muito frequentes nos carnavais da Idade Média podem ser até serem fonte de inspiração para recentes produções literárias. Mas jamais terão a mesma força criativa da época de sua origem.

Parece dormir nelas a recordação confusa da verdade carnavalesca e de suas antigas ousadias. Não se colocou adequadamente o grave problema de sua indestrutível vitalidade na língua. (BAKHTIN, 2002, p. 25).

O carnaval hoje não é tão produtivo e encontra-se enfraquecido porém, “ainda assim continua a fecundar os diversos domínios da vida e da cultura.” (BAKHTIN, 2002, p. 30). Vale ressaltar que nem todo o humor é carnavalizante. Tratase de uma categoria de humor. Há o riso “institucionalizado”, elaborado a partir de sujeitos que se consideram superiores e que não possuem piedade pelo miserável – um conceito bastante próximo do de Bérghson (1983) – geralmente faz rir daquele que já se encontra em uma posição de vulnerabilidade. Um exemplo é a recorrência da piada em que o policial sempre prende o criminoso. O riso carnavalizante desconfia dessa fixidez, dessa ordenação. Este é o humor *chaplino*, cujo Carlitos, o marginal, arranca gargalhadas da plateia ao passar a mão nas nádegas do policial. O deboche à autoridade é uma constante do humor carnavalizante. É o humor que ri e diminui as forças opressoras, que procura coroar aquele que sempre foi considerado a espúria, o negligenciado.

As obras citadas, e tantas outras que seguem essa tradição, podem trazer, pelo menos, umas das 12 imagens carnavalizantes elencadas por Stam (2000 p. 49), que seriam respectivamente:

1. A valorização da força vital; 2. Ênfase na relação íntima entre a vida e a morte; 3. Quebra dos padrões comportamentais de gêneros: travestismo, bissexualidade; 4. Celebração do corpo grotesco em oposição ao corpo clássico, apolíneo. O baixo corporal, as partes pudendas; 5. Ruptura das hierarquias sociais, queda e rebaixamento das autoridades, celebração do mundo às avessas; 6. Dinamismo, renovação. O coroamento e o destronamento que relativizam o estado fixo das coisas; 7. O carnaval como o reino da ambiguidade, da relatividade; 8. A vida em comunhão, o resgate do convívio familiar; a vida em espaços públicos, a praça, as tavernas etc; 9. A linguagem que valoriza o vulgar, o baixo; 10. Fim das regras sociais, da etiqueta, do comportamento formatado; 11. Celebração de uma estética anticlassicista; 12. Fim da barreira entre público e plateia.

Nem todas essas características estão presentes nas obras consideradas carnavalizantes. O aspecto que nos interessa, em especial, é a dessacralização de figuras influentes e a ambivalência. Na próxima seção, analisaremos alguns desses "destroços" de carnavalização em tirinhas de humor.

#### 4.2.1 Derrubando deuses do céu

As duas HQs selecionadas para esta seção apresentam Deus como personagem. Para que os efeitos de sentido planejados pelos autores dos textos sejam percebidos, há uma série de informações que precisam pertencer ao repertório dos leitores – ou coautores. Primeiramente, os autores se valeram de elementos estereotipados para a representação divina. Aliás, as piadas são os textos que mais se utilizam desse recurso, uma espécie de “redução” dos indivíduos a um repertório limitado de características. Os estereótipos também se estendem para todos os que pertencem a essa classe. Assim, todas as loiras são burras e ninfomaníacas, os portugueses pouco inteligentes, os mineiros espertos e os gaúchos sempre dúbios em relação a sua sexualidade<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> A questão do estereótipo é abordado em Possenti(1998) e (2010).

Nas tiras de Laerte e Ruas, Deus é representado com barbas brancas, vestes longas e é uma pessoa mais velha, tal como o Deus recriado pelo grupo Monty Python e também na obra clássica de Michelangelo *A criação de Adão*. Todos esses aspectos reforçam, sobretudo, o conceito de Deus como figura paterna, um sábio que cuidaria com amor de seus filhos, resultante de um imaginário comum que perpassa o ocidente e a cultura judaico-cristã. Leitores que não compartilham, que desconhecem o cristianismo podem até ler as tiras, mas os efeitos de sentido serão outros. Como diria Possenti (1998), não há uma única leitura, mas há leituras que se aproximam das expectativas do autor do texto. O leitor, mesmo possuindo todo o conhecimento necessário para estabelecer uma rede de relação com os enunciados, pode não rir, não achar graça, se ele, por exemplo, pertencer a uma FD religiosa.

#### 4.2.1.1 O Deus de Laerte

A primeira tira analisada é de uma das mais brilhantes quadrinistas brasileiras, Laerte Coutinho, dona de uma galeria de personagens memoráveis como os *Piratas do Tietê*, *a turma do Condomínio* e *Muriel*. Na década de 1990, tornou Deus personagem de tirinhas diárias no caderno **Mais**, da *Folha de São Paulo*. As tiras já foram compiladas em três volumes publicadas ao longo dos anos 2000.



FIGURA 19 – CHAMANDO DEUS

FONTE: COUTINHO, Laerte. Disponível em

[http://www.revista.vestibular.uerj.br/coluna/coluna.php?seq\\_coluna=65](http://www.revista.vestibular.uerj.br/coluna/coluna.php?seq_coluna=65). Acesso em 13/04/2015

Na tira em questão, um devoto procura por Deus. Em cada quadrinho, as expressões faciais e corporais demonstram o crescente desespero. O reforço desse argumento se dá também no número de exclamações que aumenta a cada requadro

e também na dramaticidade assumida pela sua postura física. Não sendo atendido de prontidão, o homem procura elevar-se numa escada e a cada fracasso, as escadas vão se sobrepondo. Na última tira, Deus surge atônito, inquirindo ao fiel o que ele quer. O desfecho, típico de uma piada, apresenta um Deus humanizado, que se encontra não nos céus, mas no nível do solo, da matéria, da terra, quebrando, portanto, a expectativa - construída a partir da idealização - de que Deus é um ser elevado, e se encontra 'nas alturas'. Um dos princípios do humor carnavalesco é justamente de destronar as autoridades, trazendo-as ao chão, ao solo. Para Bakhtin, esse gesto de rebaixar:

Consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um processo de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor. Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais, e, portanto, com atos como coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais. (BAKHTIN, 2002, p. 19)

Nessa tira, o homem estava tentando, ousadamente, chegar até Deus, mas este encontra-se no solo, no nosso mesmo nível. Esse rebaixamento implica uma figura divina mais humanizada. A tira também pode provocar o efeito de sentido de remissão ao gesto ousado dos homens que tentaram chegar até Deus na narrativa bíblica da Torre de Babel. Ao contrário do personagem de Laerte, o Deus bíblico considerou esse gesto um acinte e por isso puniu a todos com a maldição da ininteligibilidade (seria essa a origem mítica das várias línguas no mundo), o da tira em questão, apenas esboça a sua irritação/impaciência ou seu enfado.

#### **4.2.1.2 O boteco dos deuses, de Ruas**

Carlos Ruas é outro cartunista brasileiro que se apropria desse princípio regenerador do rebaixamento. O autor também recriou Deus como personagem. Este é o carro chefe do site *Um sábado qualquer*. O sucesso do site, visitado diariamente por centenas de internautas, possibilitou a Ruas publicar suas tiras em suporte tradicional: três compilações das tiras de *Um sábado qualquer*. O impagável Deus de Ruas vive cercado de personagens baseados na mitologia cristã. Diabo, serpentes, Adão, Eva e Jesus Cristo são alguns deles. Há ainda tiras que se passam em uma

espécie de taverna, onde Deus tem a companhia de outros deuses, já depositos pela memória e pela história. Em muitas narrativas, há a menção do baixo corporal, ou seja, muitas histórias são escatológicas, fazem menção às necessidades fisiológicas humanas: defecar, urinar, um dos tabus ou dos interditos, como bem aponta Foucault (2004) em sua *Ordem do Discurso*.



FIGURA 20– DEUS E ABRAÃO

FONTE: RUAS, Carlos. Um sábado qualquer. Disponível em [www.umsabadoqualquer.com](http://www.umsabadoqualquer.com). Acesso em 08/05/2015.

Como se vê, as histórias mostram um Deus rebaixado, que ri dos humanos, da fé e, sobretudo, das contradições do mundo cristão. Na história selecionada, Deus fala com Abraão fazendo das nádegas uma espécie de boca, outro gesto simbólico de trazer o alto (a boca) para o baixo (o ânus).

Abraão inicialmente, se espanta com o inusitado. As metáforas visuais (as linhas que saem da cabeça) presentes no primeiro e no segundo indicam surpresa, a primeira, pela convocação e a segunda, pelo fato de Deus comunicar-se usando o ânus. No final, Deus e seus companheiros de taverna, riem do absurdo. A taverna – ou boteco – é o lugar aberto em que todos podem entrar, sem restrições. A presença



de Deus na taverna também o dessacraliza, o humaniza, aliás, torna essa presença ordinária, no sentido etimológico do termo, de ‘corriqueira’. Nesses espaços costuma-se viver uma vida “familiar”, de proximidade, não no sentido que temos hoje, de careta, de conservador. Basta pensarmos no significado das expressões “ele é um homem de família”. O sentido na tira remete ao tipo de espaço em que as hierarquizações se anulam, a linguagem torna-se livre das pressões de esferas mais formais. A praça também é outro espaço de festejos, de celebrar o carnaval. A cultura não oficial acontecia justamente nesses ambientes.

O rebaixamento de Deus aqui se materializa pela exibição de suas nádegas – a forma como as mãos estão agarradas na bunda pressupõe que Abraão viu mais do que somente os glúteos divinos. A carnavalização, como já vimos, tinha um apreço muito grande pelo baixo corporal, pela exibição das nádegas, do ânus e dos órgãos genitais. A cultura oficial foi, aos poucos, atribuindo ao corpo nu os sentidos de devassidão, de pecado, o lugar da culpa. Assim, foi cobrindo-o, institucionalizando-o. Sabe-se que parte do projeto religioso das três grandes religiões monoteístas é domar os sentidos do corpo. Os líderes religiosos têm uma verdadeira obsessão pelo corpo, ele precisa ser coberto, escondido, sobretudo o corpo das mulheres. A ousadia de Ruas consiste em dar a Deus características “menos divinas”, com isso, provoca o riso.

#### 4.3 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A CENSURA E O POLITICAMENTE CORRETO

Tudo é passível de riso. Porém, há determinados segmentos em que isso é minado, perseguido. O ano de 2015 iniciou com um violento ataque terrorista ao jornal francês *Charles Hebdo*. O motivo do ataque foi justamente o humor. O semanário fazia constantemente críticas às instituições religiosas, não poupando Papas, rabinos e líderes do Islã. A liberdade de imprensa foi duramente golpeada. Um mundo em que não se pode rir das instituições religiosas e expor suas contradições é um mundo em que se vive com uma liberdade falseada, instável e suscetível aos arroubos das instituições religiosas e financeiras etc. Vaneigem (2004) escreveu uma obra celebrando a liberdade de expressão. Nesse texto, ele defende que todas as restrições deveriam ser suspensas, tudo deve ser dito, nada proibido. Até mesmo os discursos de ódio não podem ser calados. Para o autor, só uma educação humanista minaria esses discursos. A solução não seria impedi-los de serem promulgados, ditos, mas a construção de sociedade em que esses enunciados seriam uma espécie de

peças obsoletas, registros de um passado remoto. As críticas que alguns setores da sociedade fazem às instituições religiosas são seletivas. Afinal, pode-se proibir o uso de véu das muçulmanas, mas o mesmo não se pode fazer sobre as procissões e celebrações cristãs, sobre os shows da fé que arrebanham milhões no mundo todo. Não há plena liberdade de expressão quando ela é partidarizada, raptada por um grupo hegemônico, ela precisa ser plena. “Não há nem bom nem mau uso da liberdade de expressão; há apenas um uso insuficiente”. (VANEIGEM, 2004, p. 19)

Sobre as instituições religiosas, o autor declara:

A religião é o resultado de uma transação pessoal entre aquele que a pratica e a criatura extraterrestre que ele elegeu para governar seu destino. É inadmissível que ela se imponha nos âmbitos externos a uma instituição eclesial ou estatal, diante da qual seja preciso inclinar-se. A liberdade de crer e de praticar ritos não pode ser confundida com o poder arbitrário de prescrevê-los àqueles que não a compartilham. (VANEIGEM, 2004, p. 24).

A carnavalização é um modo de relativizar essas “verdades”, apontar suas contradições e celebrar suas relatividades. Os humoristas que usam esse recurso para obter humor, postam-se na primeira linha de enfrentamento dos discursos religiosos, monologizantes e centrípetos. As tiras implodem diante desses discursos parafrásticos uma gama de sentidos polissêmicos. Por mais simbólico que isso seja, fazer de Deus um personagem de HQ, destronado de sua tradição, rebaixando-o ao nível dos homens em tempos de conservadorismo renascido é um ato de coragem criativa.

## 5 ESPAÇOS DISCURSIVOS – DISCURSOS RELIGIOSOS NEOPENTECOSTAIS E DISCURSOS LGTB



LAERTE. Manual do minotauro

### 5.1 JACK & ENNIS

O conto “O segredo de Brokeback Mountain” de Annie Proulx foi adaptado para o cinema em 2006. A produção, dirigida por Ang Lee, provocou comoção mundial, não por menos, pois o enredo contava a trágica narrativa de dois cowboys que se amavam, mas que enredados por um duro sistema discursivo que, de alguma forma, silenciava essa modalidade de expressão amorosa: o amor entre iguais é divergente do padrão heterossexual hegemônico. *Brokeback Mountain*, lugar tão importante que dá título ao conto, era o único espaço de fuga dos cowboys de vozes repressoras da sociedade. Para os dois personagens que viviam um caso de amor, lá era uma espécie de exílio, um ambiente em que podiam vivenciar livremente esse romance. Pode-se afirmar que o espaço era uma espécie de ponto de fuga das práticas e das cadeias discursivas em que os dois personagens estavam engendrados.

O espaço de exílio era considerado pelo demais personagens um lugar inócuo, não produtivo. Um exemplo disso é o questionamento de Anna, esposa de Ennis, sobre o fato de ir 20 anos às montanhas com Jack (amante de Ennis) e nunca trazer um peixe sequer. Anna só consegue traduzir o relacionamento entre dois homens como improdutivo, sempre soando como uma espécie de ameaça à humanidade. Essa prática discursiva propagada por Anna crê que o sexo entre iguais não decorre da prerrogativa matricial da heterossexualidade, a serviço de uma filosofia cristã. O sexo deve ser inócuo, usufruído exclusivamente para gerar e não para o prazer. (BRANCO, 2015). Outro momento em que esse tipo de discurso se evidencia é quando Anna desiste de tomar contraceptivos e diz a Ennis a razão: o tipo de sexo

que ele gostava de fazer com ela, não lhe oferecia nenhum risco de engravidar dele. Subtende-se que Ennis tinha preferência pelo sexo anal, uma prática, que por razões, já explicitadas, foge do script planejado pela igreja.

Em um dado momento da narrativa, Jack, personagem mais próximo do ponto de deriva desse discurso religioso, tece planos para ambos morarem juntos. A reação de Ennis denota apreensão:

- Calma, calma, calma. Não vai ser assim. A gente não pode. Estou atolado com o que tenho, preso no meu próprio laço. Não dá para sair. Jack, não quero ser como esses caras que às vezes a gente vê por aí. E não quero morrer. " (PROUXL, 2006, p. 49).

A fala de Ennis revela o quão preso ele está nas amarras discursivas. O destino já traçado, de fronteiras bem delineadas: casamento, filhos. Há o confronto entre um embate natural X antinatural na relação entre Jack e Ennis. Ambos acreditam que estão infringindo uma regra que se diz natural, e essa desobediência os coloca imediatamente na posição de não humanos, de agir de maneira antinatural. A fala de Ennis também indica o quanto de nossos discursos são constituídos pelo horizonte iminente do outro, do olhar alheio, institucionalmente localizado (família, igreja, estado etc). Essa relação é um embate de forças não simétricas. Foucault (1998) elenca os dispositivos de poder que procuram subjetivar o homem, sempre no horizonte das relações que possibilitem a emergência da família tradicional burguesa. O pavor de Ennis advém justamente dessas regras de interdição, que reduzem a realidade a apenas duas inexistências.

(...) não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo que anda mais é do que sua supressão. Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não te apareças se não quiseses desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. (FOUCAULT 1988 p. 81).

O discurso assumido por Ennis permite compreender as práticas discursivas que condicionam, tornam possível o sujeito. "A subjetividade é assim estruturada no acontecimento" (ORLANDI, 2008 p. 99). Pela impossibilidade da transparência e sendo a língua atravessada pela ideologia, é possível perceber como o personagem

caracteriza discursivamente os “caras” indexados por Ennis. Há uma remissão para fora da sua fala, um sentido que se constitui na inter-relação de outros tantos, de matrizes históricas diferenciadas. E a atribuição desses sentidos, a constituição, o uso dessa palavra e não outra no lugar, permite também perceber um pouco das matrizes ideológicas que interpelam o personagem. Quem seriam esses “caras” a que ele faz referência? De que maneira a vida desses outros caras, no que diz respeito à sexualidade e à forma como a vivem, afeta seu discurso? Há um conflito que se exhibe na linguagem, um conflito que se estabelece entre “vivenciar” formas fixas e padronizadas de práticas discursivas e entre um modelo que se apresenta instável, incontrolável e que também, de certa forma, desestrutura o mundo discursivo em que Ennis diz se encontrar cativo.

Freire (1983) afirma que nos damos conta da realidade de maneira “ingênua”. Lidamos com objetos simbólicos, mas esse trato não nos garante vislumbrá-los de dentro, percebê-los criticamente. Há um intrincado jogo de relações entre esses objetos simbólicos, eles não existem *per si*, mas se constituem na presença visível ou oculta de outros. Esses pontos cegos se dão justamente porque estamos “condicionados pela realidade concreta, cultural em que nos encontramos.” (FREIRE, 1983, p.17). Mas ao mesmo tempo, sabe-se que, potencialmente, as subjetividades humanas não se constituem somente na obediência, tal como seres robóticos que agem cegamente seguindo uma programação. Existe uma gama de *scripts* e, muitos deles, não contam com o aval dos discursos reinantes. Há que se contar com o fator de imprevisibilidade, de sair pela tangente e vivenciar outras realidades não outorgadas pelos discursos hegemônicos. O homem, segundo Freire:

(...)não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um “ser-em-situação”, é também um ser do trabalho e da transformação do mundo. O homem é um ser da “praxis”; da ação e da reflexão. Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre (sic) ele (sic), o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação. Atuando, transforma; transformando, cria uma realidade que, por sua vez, “envolvendo-o”, condiciona sua forma de atuar. Não há, por isto mesmo, possibilidade de dicotomizar o homem do mundo, pois que não existe um sem o outro. (FREIRE, 1983, p. 17).

Para a AD interessa obviamente entender como esses sujeitos se constituem, não como entes biológicos ou lúcidos, mas como seres históricos que estão vivenciando uma tensão entre identidades potencialmente possíveis, mas que se

encontram em uma dada localização espaço temporal, que ora delimita, está organizada por meio de práticas discursivas, mas que, paradoxalmente, também se abre para a alteridade e para a deriva. Obviamente esse gesto de enfrentamento tem um preço. Há uma angústia que orbita os personagens do conto, em especial, os dois cowboys. Como já havíamos adiantado, há duas possíveis identidades que eles podem seguir, assumir. A segura é a que discursivamente recebe mais aval da sociedade, a outra percorre a margem e pode, como o próprio Ennis diz, causar sua morte, haja vista a ameaça que essa segunda opção, que esses discursos representam para a primeira ordem instituída. Há, claramente, identidades em conflito.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão “mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2005, p. 12).

Diferentemente de Hall, a AD estabelece três instâncias que foram responsáveis por esse deslocamento do sujeito, segundo a perspectiva da AD (ORLANDI, 2008). O *marxismo*, que desvelou a não transparência da história. A *psicanálise*, que descortinou o subconsciente humano e conseqüentemente, a não-transparência do sujeito, e a *linguística*, que percebeu a arbitrariedade da linguagem, a opacidade de sua natureza fadada ao equívoco. Hall (2005) acrescenta a esse conjunto ainda mais dois fatores: a noção de *discurso* de Foucault, que questionou a autonomia, o livre arbítrio do homem, esse sempre sob a tutela de instituições reguladoras, que condicionam, estabelecem e determinam papéis. E por fim, o *feminismo*, que questionou a forma assimétrica das relações de gênero e como os comportamentos tanto femininos e masculinos são, na verdade, construções discursivas, distantes, portanto, de uma “essência” ou “natureza” feminina e ou masculina.

Em Hall (2005), ainda, o sujeito pós moderno é muito diferente do sujeito do Iluminismo. Havia nesse período uma ideia de unicidade, do sujeito centrado, de

identidade invariável. Basta lembrar, por exemplo, a grande cadeia dos seres, os sujeitos nasciam e ocupavam um espaço nessa corrente e a tendência era de ocupá-lo *ad infinitum*. Qualquer alteração nessa corrente era capaz de fazer ruir esse mundo. As narrativas desse momento exibiam com certo horror o que aconteceria, se por porventura, alguém desafiasse essas regras. Os contos de fadas exibem as desventuras e um mundo fora de ordem quando nobres caem em desgraça. Essa ordem só pode ser reestabelecida se o sujeito voltar a ocupar o espaço seu de direito. São narrativas bastante exemplares dessa cadeia, dessa corrente de seres.

Ennis é um personagem que inscreve-se na pós modernidade, pois descortina os discursos possíveis sobre as sexualidades periféricas e ao mesmo tempo também indica, sugere, quais seriam as práticas que possuem o aval das instituições. Em um dado momento da narrativa, Quando Ennis menciona os “caras”, ele se inscreve numa posição que os vê como os “outros”, os invertidos, os pederastas, os sodomitas, os veados, os gays, esses “outros” todos foram constituídos na própria matriz das sexualidades ditas normais, uma tentativa de estabilizar e constituir as práticas reguladoras. O conto, entretanto, arma uma presepada discursiva: apresenta dois personagens icônicos da sexualidade hegemônica ocupando justamente o espaço dos “outros”. Os personagens são vitimados por uma cenografia social que impossibilita essa relação.

Se na Antiguidade, a preocupação era com o ato em si, se o sujeito era penetrado ou penetrava, ativo ou passivo, dava-se pouco mérito ao objeto de desejo em si. O sexo era encarado e regulado como um jogo de dominação. Homem/mulher, Proprietário/escravo, Homem/jovem. O sexo, concebido pelas instituições reguladoras da época, deveria seguir o princípio do isomorfismo, ou, seja, reproduzir as relações de poder da vida social. (FOUCAULT, 1988). A reconfiguração das instituições promovida pela pastoral cristã passou a observar com mais atenção a questão sexual, fazia parte do projeto legalizar apenas as sexualidades que interessassem ao engenho cristão – a procriação e a geração de novas almas. A vigilância sobre os atos em si foi aos poucos sendo abandonada. Na era moderna, a vigilância centra-se nos agentes envolvidos nas práticas sexuais.

Nós indivíduos modernos, somos em parte essa subjetividade confessante incapaz de ver que esse nosso modo de tratar e de levantar a sexualidade como questão urgente é apenas uma das voltas da história do que temos inventado para dar a nós um *mesmo*, isto é,

uma identidade reconhecível, cognoscível, veraz, satisfatória. A genealogia da nossa subjetividade moderna visa mostrar como acabamos por nos constituir enquanto sujeitos a partir de práticas de si, quer dizer, por meio, a princípio, de elaborações éticas da vida que visavam, entre os gregos, as relações sexuais como parte de um regime de prazeres a ser moldado eticamente. Já bem mais tarde, as práticas visavam a carne, vendo nela concupiscência, fonte maior do pecado. (ARAUJO, 2001, p. 125).

Foucault afirma que nunca se falou tanto do sexo como hoje em dia. Apesar de todos os sistemas de censura, o sexo, paradoxalmente, continua sendo topicalizado, estudado, investigado. Decorre de uma herança cristã, cuja prática de confissões multiplicou-se em inúmeras outras formas de falar, de discutir o sexo. A sexualidade tornou-se tão relevante a tal ponto de sermos completamente encapsulados por ela, ou seja, o sexo é um integrante fundamental para constituição de nossas subjetividades, cujos comportamentos são regulados a partir de uma matriz heterossexual, discursos que compõem um “movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual” (Foucault, 1988, p. 39). Uma rápida olhada nas pautas das revistas voltadas para públicos femininos e masculinos revela como os comportamentos sexuais são orientados nesse sentido. O público feminino sempre orbitando, passivamente, em torno dos homens, e estes devem desempenhar o papel de protagonistas, cuja virilidade deve ser indiscutível. Percebe-se uma necessidade de se rastrear as formas de sexualidade a que os indivíduos se sujeitam. É uma forma de desvelar a verdade sobre eles. As formas de repressão e de censura são uma maneira de se trazer o sexo para o discurso.

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. (FOUCAULT, 1988, p.27).

Louro (2004) utiliza a metáfora da viagem para descrever as sexualidades periféricas. Segundo a autora, todo o sujeito empenha-se numa trajetória, em uma viagem. Uma rota de aprendizagem, de formação. Descarta-se a concepção de um sujeito uno, que vai se transformando de modo linear. A viagem aqui interessa pela



própria ação de deslocamento, não pelo ponto de chegada. O viajante é dividido, flutuante, instável e está num processo.

(...) que, ao invés de cumulativo e linear, caracteriza-se por constantes desvios e retornos sobre si mesmo, um processo que provoca desarranjos e desajustes, de modo tal que só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio ao viajante, (LOURO,2004, p. 13)

Os caminhos são traçados, mas como já havíamos dito, o sujeito tem a possibilidade de traçar outras rotas, outros atalhos. Os desviantes serão obviamente caçados por inúmeros fatores discursivos, há necessidade de colocá-los no caminho já traçado. É o laço a que Ennis se diz preso. E são justamente esses pontos de fuga, esses andarilhos que conseguem expor o maquinário por trás dessas estradas já traçadas, a forma como “essas normas são feitas e mantidas” (LOURO,2004, p. 18)

O feminismo (apontado nesse texto como uma das engrenagens do descentramento do sujeito) propôs que as propaladas diferenças entre os sexos nada mais são do que construções históricas e políticas. A emblemática frase de Beauvoir “não se nasce, torna-se mulher” é síntese desse movimento. Nasce-se fêmea, mas os comportamentos de gênero são “ensinados”, “depreendidos” por inúmeros instrumentos reguladores. Para Butler (2003) é necessário fugir da dicotomia discursiva natureza x sociedade (sexo e gênero). A autora aponta justamente para a arbitrariedade desse binarismo. Se o sexo é uma espécie de destino biológico dos sujeitos, o gênero encerraria o sujeito em um destino “cultural”. Para ela, o feminismo lutou discursivamente com os termos fornecidos pelos próprios opressores, é como se dessem armamento cuja munição é de festim. Deve-se repensar o sexo biológico também como gênero: ambos são constituídos dentro de aparatos sócio culturais e sempre dentro de uma relação interlocutiva de vários sistemas simbólicos.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero não faz sentido definir o gênero como interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre qual age a cultura. (BUTLER ,2003, p. 25).

O gênero não seria uma “metafísica da substância” do sexo biológico. Para a autora, deve-se desatrelar o conceito de gênero desse binarismo tido como natural. Foucault já havia apontado essa questão no primeiro volume de sua *História da Sexualidade*. Segundo ele, o sexo não é um “dado da natureza”(Foucault, 1988, p.100) é antes, um dispositivo histórico, cooptado por “grandes estratégias de saber e de poder”. (Foucault 1988, p. 100). A sexualidade, segundo Butler, seria muito mais a assunção de determinados comportamentos, de performances assumidas pelo sujeito assim que ele nasce. Os discursos e as práticas discursivas aí implicadas selam o destino dessa criança. Ao gritar *menina* ou *menino* pressupõem-se uma série de atos performativos aos quais essas crianças estarão sujeitas ao longo de suas vidas. Atos que servem para vincular o sexo biológico, seu gênero e seu desejo. Teme-se tornar esses “outros”, os abjetos, os que se encontram à deriva, em nenhum pólo. Butler diz que há uma tentativa de se alinhar essas três pontas dentro de uma matriz heterossexual compulsória. Esse alinhamento garantiria uma inteligibilidade ao sujeito.

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2003, p. 38)

As ideias de Butler repensam, de maneira audaciosa, o feminismo. A pensadora acredita que há necessidade de desconstrução dos pilares que organizaram a luta feminista nesse mais de um século. De fugir desse binarismo reducionista e agregar outros elementos que contribuíram para uma ideia mais complexa do que seria assumir um comportamento de um dado gênero. A autora acredita que há outros elementos implicados na constituição de gênero de um sujeito, a interação constitutiva de inúmeros sistemas simbólicos. Assim, a perspectiva de Butler propõe repensar não só as cadeias discursivas que formatam as mulheres, mas também diversas formas marginais de orientações sexuais, de gêneros possíveis, de performances constitutivas de um dado sujeito.

A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura fundante em que o feminismo, como política da identidade, vem-se articulando. O paradoxo interno desse fundacionismo é que ele presume e restringe os próprios “sujeitos” que espera representar e libertar. A tarefa aqui é celebrar toda e qualquer nova possibilidade, mas redescrever as possibilidades que já existem, mas que existem dentro de domínios culturais apontados como culturalmente ininteligíveis e impossíveis. Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de um conjunto de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga. (BUTLER, 2003,p. 213)

O final do conto *Brokeback Mountain* sugere que ambos os cowboys foram sucumbidos pelos discursos binários de gênero e sexualidade. Diante dessa esfinge discursiva e das alternativas que, naquele tempo e espaço, se mostravam, restam poucas manobras para os personagens: ou optam por viver dentro de um simulacro que agrada às expectativas impostas, degredados de si mesmos, ou encaram o enfrentamento desse sistema, correndo grandes chances de perderem a própria vida – passo que Jack ousou dar.

## 5.2 ROCK & HUDSON

Os caubóis gays de Adão Iturrusgarai foram criados bem antes dos caubóis de Prouxl. As primeiras tiras datam no final dos anos 1980. De início, foram recusadas pela Folha de São Paulo, justamente pela proximidade com a morte do ator, Rock Hudson, uma das primeiras celebridades de Hollywood vitimada pela aids. Depois de cinco anos, Iturrusgarai reapresentou os personagens e foram um sucesso imediato. As tiras ironizavam os padrões de masculinidade apregoados pelas figuras icônicas dos caubóis estadunidenses (e também, de quebra, a figura viril do gaúcho, figura folclórica do Rio Grande do Sul, estado natal de Iturrusgarai). Hoje, o autor admite que não teria coragem de publicar algumas piadas porque vê nelas um tom homofóbico. Mesmo em tempos de vigília do politicamente correto, os personagens fazem muito sucesso sendo publicados em coletâneas de editoras de diversas línguas e culturas. Inegável não estabelecermos um paralelo entre os cowboys “viados” de Adão com os

"enrustidos" de Proulx e Ang Lee. Na época do lançamento do filme, muitos contestaram a originalidade da recriação cinematográfica de Ang Lee. Como podemos ver no editorial escrito pelo cartunista argentino Liniers (criador da série Macanudo)

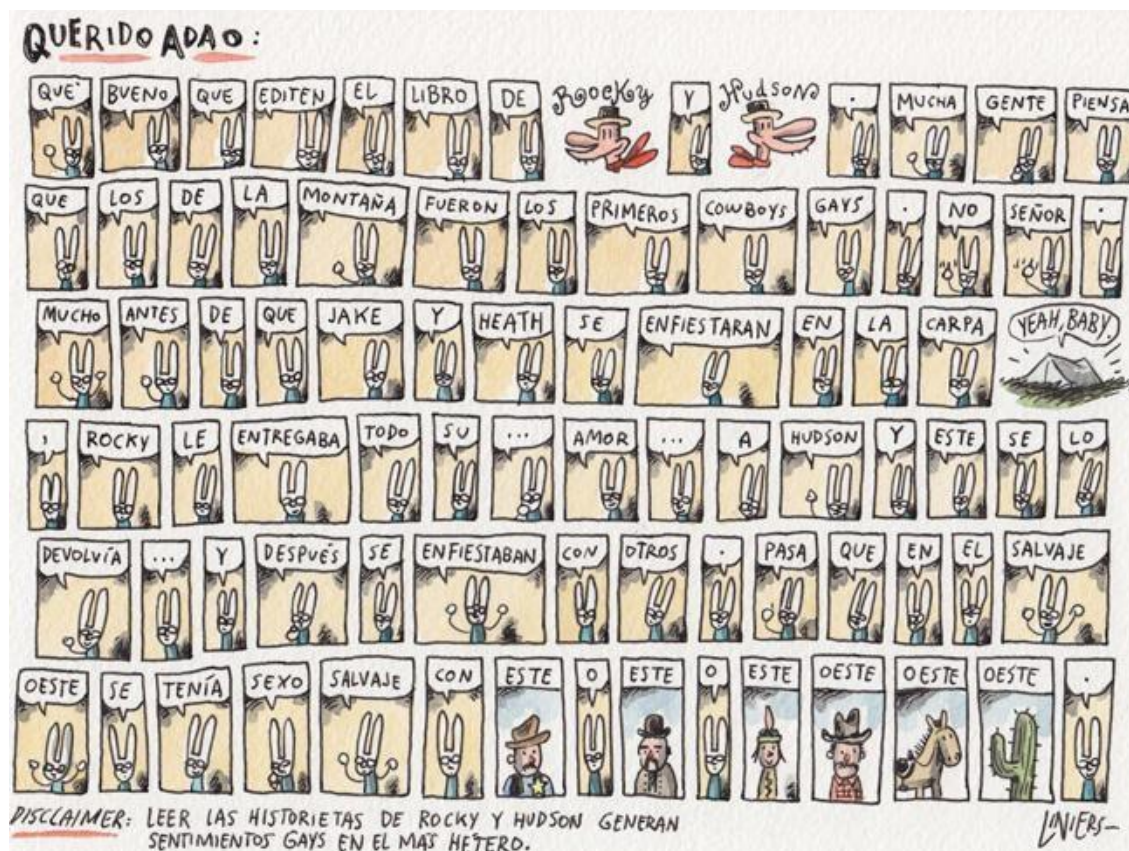


FIGURA 21 – APRESENTAÇÃO DOS CAUBÓIS GAYS POR LINIERS

FONTE: ITURRUSGARAI, Adão. Rocky & Hudson: os caubóis gays. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2015.

O próprio Iturrusgarai brincou com a pretensa originalidade de Ang Lee numa série de tiras publicadas na data do lançamento do filme. Afinal, em termos de "data de nascimento", os cowboys gays brasileiros estão aprontando há mais de 30 anos.

Mas o que nos interessa no texto de apresentação de Liniers são alguns aspectos lançados sobre o que ele chama de sentimentos "gays" que estariam presentes nos personagens criados por Adão. Primeiro, a evidente promiscuidade dos personagens, eles não apenas celebram o amor entre eles, mas também com outros personagens, incluindo aí outras formas de sexualidade periféricas (como a zoofilia e a dendrofilia). O texto de abertura exhibe alguns discursos consolidados primeiramente pela tradição religiosa e depois adentrado nas esferas médicas e nas jurídicas. A promiscuidade, por exemplo, é um desses possíveis atributos compartilhados por essas três instâncias. O sexo normatizado funda-se na matriz heteronormativa, com

vistas para a procriação, para a perpetuação da espécie. No caso de pessoas de mesmo sexo, esse horizonte é perdido, as relações ocorrem no horizonte do prazer, da satisfação pessoal. Nesse sentido, todo o sexo cometido fora da matriz é considerado como desvio, como imoral. Os gays levam essa pecha, como uma característica exclusiva desse grupo. Vale lembrar que durante muito tempo acreditou-se que os terremotos e outras tantas tragédias naturais eram ocasionados por esses comportamentos. Contrariado, Deus fazia recair sobre a humanidade o castigo divino. Tragédias mais atuais, cujas explicações político/sociais/sanitárias mal conseguem dar uma explicação cabível, são reduzidas, pela lógica religiosa, a meia dúzia de expressões, geralmente carregadas de um tom ressentido, fomentado por uma pequena parcela de gestos de leituras que levam o texto bíblico ao pé da letra, ou seja, fazem uma leitura literal de textos religiosos. Sob essa perspectiva, o início da epidemia de Aids, os ataques de 11 de Setembro são alguns exemplos.

Outro aspecto a ressaltar é a redução das sexualidades a um denominador comum, a homossexualidade compreendida como uma espécie de desvio e que potencialmente autoriza os sujeitos a cometerem toda sorte de “sexualidades”, incluindo aí a zoofilia e a dendrofilia. O trecho do discurso do pastor Silas Malafaia, líder da Igreja Vitória em Cristo, na Câmara dos Deputados sobre o Estatuto da Família em 2010 evidencia esse tipo de preocupação. A fala do pastor é notadamente autorizada pelo discurso religioso de vertente neopentecostal.

Vamos liberar tudo que tem na sociedade. Vamos colocar na lei tudo que se imaginar. Quem tem relação com cachorro, vamos botar na lei, porque tem gente que gosta de ter relação com cachorro. Eu vou apelar aqui, mas tem que dizer, é um comportamento, ué. Vamos aceitar? Quem tem relação com cadáver? É um comportamento, vou botar na lei. Ah, se é um comportamento, ué, estão espantados, vão discriminar, ué? É a favor de quê? Então vamos colocar tudo na lei e onde é que vai parar a sociedade brasileira?<sup>21</sup>

Os personagens de Adão parecem chancelar os comportamentos assinalados por Malafaia. Os heróis gays vivem sua sexualidade de maneira escancarada, não

---

<sup>21</sup> Malafaia compara homossexualidade com zoofilia e necrofilia. Disponível em <http://sapatomica.com/blog/2011/03/25/silas-malafaia-compara-homossexualidade-com-zoofilia-ehttp://sapatomica.com/blog/2011/03/25/silas-malafaia-compara-homossexualidade-com-zoofilia-e-necrofilia/necrofilia/>. Acesso em 02/12/2015

nas sombras como os caubóis de Proulx. Nesse sentido, o clima das HQs é muito mais colorido e aparentemente vivo. Não há economia de termos, expressões que denotam que há muito os heróis gays de Adão saíram do armário para viver suas sexualidades. Se Ennis e Jack vivem um amor proibido, a conta gotas, Rocky e Hudson se esbaldam. Os personagens gays vivem suas confusões entremeadas de piadas sobre o universo gay, vale dizer, um tipo de universo gay. Nas tirinhas, eles se veem às voltas com problemas de pílulas hormonais, espartilhos, roupas femininas, homens másculos ativos e sofás de design assinado. Um comportamento que, de certa forma, reproduz o universo do carnaval brasileiro, em que se tolera que homens se fantasiem de mulheres, assumam seus trejeitos e modos de agir. Há nesse período também, uma espécie de trégua em que os efeminados são tolerados e podem, nesse curto espaço de tempo, exibir sua sexualidade.

Para Green (2000) os países da América Latina, em especial o Brasil, mostram um equivocado cenário de tolerância. Ao fim do carnaval, essa convivência é suspensa, “quando caem as fantasias, o cenário é outro”, (GREEN, 2000, p. 24). Eles, os gays, seriam uma espécie de “parâmetro contrastante, representando um modelo divertido, mas inapropriado, não para ser imitado.” (GREEN, 2000, p. 26). Fora do carnaval, muitos gays enfrentam diversas formas de violência simbólica, vindas de uma sociedade hostil, que, herdeira de discursos milenares, consideram a homossexualidade uma aberração, um pecado, uma afronta. Além disso, o imaginário popular considera a homossexualidade como ocupando não um espaço social masculino, mas a posição em que as mulheres se encontram. O seguinte esquema pode ser esclarecedor:

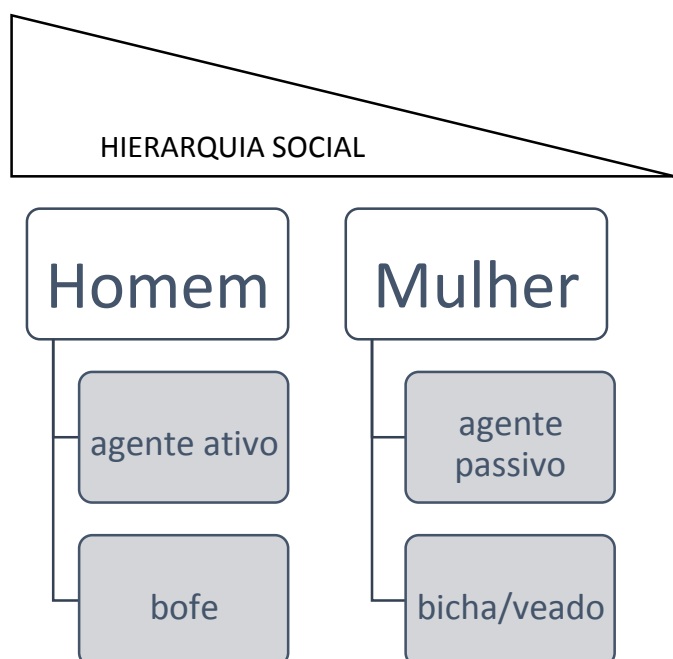


FIGURA 22 – RELAÇÕES DE PODER E GÊNERO<sup>22</sup>  
 FONTE: O autor (2016)

Nessa cultura, profundamente marcada ainda pelo patriarcado, o homem ocupa uma posição social superior à da mulher. Ele é sempre o agente ativo, uma vez que penetra, *come* a mulher. A mulher, conseqüentemente, é considerada como ocupando uma posição social inferior. Nas relações sexuais consideradas “normais”, ela é sempre a penetrada, o agente passivo. Os efeminados não podem ocupar o mesmo espaço social dos homens, uma vez que nossa cultura, em especial a latina, considera o homem “efeminado” em posição semelhante à das mulheres. Assim, os gays são lançados no outro extremo, cuja historicidade os coloca num papel inferior (assim como as mulheres) e acabam assumindo, discursivamente, os elementos característicos desse extremo. Drauzio Varella<sup>23</sup> declarou que a “homossexualidade é uma ilha cercada de ignorância por todos os lados.”, e essa classificação binária é uma prova disso. A sexualidade é determinada, nesse ponto de vista, muito mais pelos papéis sexuais desempenhados pelos parceiros do que pela escolha do objeto sexual.

<sup>22</sup> A tabela ilustra apenas um dos aspectos condicionantes para as identidades de gênero. É sabido que elas são muito mais complexas e agregam ainda questões relativas à classe social, escolaridade e etnia.

<sup>23</sup> VARELLA, Drauzio. A violência contra homossexuais. Disponível em <http://drauziovarella.com.br/sexualidade/violencia-contrahomossexuais/>. Acesso em 15/02/2016

Se o sujeito faz sexo com outro homem, mas ele exerce o papel ativo da relação, portanto, sem macular a estrutura binária, ele é, em muitos casos, considerado homem ainda, viril.

O homem que se envolve em um relacionamento sexual com outro homem, então, não sacrifica necessariamente sua masculinidade culturalmente construída – pelo menos desde que ele desempenhe um papel masculino culturalmente percebido como ativo durante o ato sexual e se comporte como um homem na sociedade. O homem que adota uma atitude passiva, de fêmea, contudo, seja no ato sexual ou na interação social, quase inevitavelmente desvaloriza sua própria masculinidade. Ao frustrar o ajuste culturalmente prescrito entre sexo biológico e gênero social, ele sacrifica sua classificação adequada como homem e passa a ser conhecido como viado ou uma bicha. (...) é vista como uma espécie de fracasso ambulante segundo avaliações biológicas e sociais. (PARKER, 2002, p. 56).

As tiras de Iturrasgarai possuem um funcionamento muito semelhante ao das piadas de tradição oral que se ouvem por aí e que, de alguma forma, se alimenta dessa estrutura binária e estereotipada. Ramos (2011) já demonstrou que as tiras de humor, um segmento de histórias em quadrinhos, utilizam a estrutura discursiva das piadas para produzir efeitos de sentidos humorísticos.

As tiras cômicas têm um formato fixo e muito reduzido, características que exigem do artista uma simplificação do processo de produção (...). Tudo o que é supérfluo tende a ser eliminado. Por isso, a tendência de os personagens serem representados de forma caricata ou estereotipada. Tais rótulos, depreendidos sem muito esforço pelo leitor, facilitariam o processo de leitura. Ter uma estrutura relativamente fixa e repetitiva, tal qual um poema, também tornaria a compreensão mais acessível. (RAMOS, 2011, p. 135)

Para tornar muito mais concreta a utilização da *cena genérica* de piadas em algumas tiras, faz-se necessária uma análise de uma das tiras publicadas e disponibilizadas no portal de Adão Iturrasgarai Vale lembrar, mais uma vez, que as HQs são potencialmente maleáveis em relação à cenografia.





FIGURA 23– ROCK & HUDSON

FONTE: ITURRUSGARAI, Adão. O mundo maravilhoso de Adão Iturrusgarai. Disponível em <http://adao.blog.uol.com.br/>. Acesso em 11/03/2016.

Uma rápida contextualização: o pai de um dos personagens resolve fazer uma visita surpresa. Ele é conhecido pela sua virilidade e pela intolerância aos que fogem do padrão “macho”. Em umas das tiras, por exemplo, ele recusa-se a comer o jantar preparado pelo casal e é visto no último quadrinho matando a fome dando uma dentada em uma vaca ainda viva. A piada presente na tira (figura 23) vale-se de estereótipos que se constituem na base de elementos já consagrados pelo senso comum, ou seja, há uma série de “acontecimentos” que precisam, de algum modo, serem conhecidos pelos leitores, sem essa ferramenta, a piada perde sua autonomia. Sabe-se que são caubóis por conta da vestimenta, chapéu, botas, etc. Os caubóis da tira se apresentam com essa fantasia também, mas possuem uma camisa na cor rosa, cor vinculada historicamente à feminilidade. Basta lembrar que os gays confinados nos campos de concentração da Alemanha nazista utilizavam, diferentemente dos judeus, um triângulo rosa.

Voltando à tira em foco, o pai está indignado pelo fato de dois homens morarem juntos. No segundo quadrinho, ele cita hipoteticamente que para o desgosto se completar, seria o fato de eles terem um gatinho de estimação, mais uma vez, outro ícone considerado não muito viril. O casal, então, diz que não tem um gato e sim um urso. O penúltimo quadrinho é que de fato possibilita o efeito inusitado, um *script* potencialmente possível dentro dessa narrativa. Ao mencionar que o casal teria um urso, o pai mostra-se animado e esperançoso com a possibilidade de uma redenção, mas o último quadrinho enterra suas expectativas: o animal mencionado por eles é uma pelúcia rosa.

Os elementos de cor, de tipo de bicho vinculados a feminilidade podem ser explicados discursivamente: há todo um policiamento discursivo em relação aos

elementos simbólicos presentes na vida das crianças. Desde o berçário há uma seleção daquilo que pode e deve ser considerado apropriado para a formatação da sexualidade, geralmente atrelada ao sexo biológico. O que poderia ser uma simples escolha de cores, o azul e o rosa, na verdade integra um intrincado conjunto de práticas discursivas e sociais, de dispositivos que intentam “naturalizar” e tornar compulsória a heteronormatividade. Não há nada de intrínseco nessas cores que remetam imediatamente ao sexo biológico, é uma relação arbitrária, como todo signo. Trata-se de uma construção social, de uma tradição discursiva, performática que condiciona, e que deveria enquadrar o sujeito dentro de seu destino biológico. O texto traz essa prática discursiva condicionante sob forma de piada. Elas são, para Possenti (1998) um material riquíssimo para se estudar a língua. Para o autor, seria interessante se muitos manuais de linguística observassem os recursos sofisticados de que se valem as piadas para a produção de humor, desde elementos de ordem morfossintática, como semântica e também discursiva. Além disso, segundo o autor, as piadas também são um ótimo termômetro para se avaliar e estudar determinadas mazelas sociais que são tematizadas pelas piadas, em especial, o preconceito. As piadas de loiras, de português, de negros, de gajos são, na verdade, um repertório que desnuda os mais variados tipos de preconceitos e de sujeitos historicamente renegados à marginalidade.

Um dos elementos discursivos mais relevantes é justamente a forma como as piadas reconstituem o outro, a identidade alheia. Possenti (1998) afirma que a formulação de identidades é um simulacro. Os estereótipos são um tipo de simulacro pois reduzem os indivíduos a um número limitado de características, dessa forma, as mulheres sempre são péssimas motoristas, faladeiras; os baianos preguiçosos; os gays efeminados, escandalosos. Os estereótipos são perigosos num certo sentido, pois podem ser perpetuados por instâncias poderosas e acabam se constituindo como uma única verdade sobre um determinado grupo. Durante o período da Alemanha nazista, por exemplo, as intensas propagandas veicularam os judeus como ratos, como inimigos do estado. Elas conseguiram uma forte adesão popular, o que facilitou os planos do partido nazista de dizimar os judeus. Outro exemplo da periculosidade embutida nos estereótipos: os vários atentados realizados por terroristas muçulmanos têm servido de combustível para discursos de ódio colarem a imagem dos povos árabes à de homens ou mulheres bombas. O discurso colou de tal forma que grande parte da população tolera os discursos de ódio aos muçulmanos como se fossem

naturais. Hoje, por exemplo, vive-se um tempo no Brasil em que pipocam agressões aos partidários do Partido dos Trabalhadores, os petistas. Recai sobre eles a pecha de ladrões, de *petralhas*, de corruptos, de comunistas comedores de crianças. Esse estereótipo é resultante pelo tempo de difusão reforçado por uma mídia comprometida com grupos políticos conservadores.

As identidades seriam construtos, que não teriam nenhuma relação com aquilo que de fato seria realidade – a impossibilidade de se chegar a essa realidade é uma utopia, já que tudo é mediado pela linguagem, jamais neutra, sempre comprometida e instituída por relações ideológicas. Os estereótipos, como já afirmamos, reduzem o sujeito a um número limitado de traços.

Piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade – estereotipada, vale repetir. A razão é que esses tipos de textos sempre retomam discursos profundamente arraigados e cujos temas são sempre cruciais para uma sociedade. (...) Ora, é um fato que muitos eventos discursivos funcionam sobre esse suporte. (POSSENTI, 2010, p. 40).

Vamos observar como a piada que se segue se aproxima muito dos discursos sobre a homossexualidade apresentados na figura 18, a tira do urso rosa.

As três bichas foram a um restaurante especializado em frutos do mar.  
 — Pois não? — pergunta o garçom.  
 — Nós queremos ostras!  
 — E como vocês querem as ostras?  
 — A minha eu quero com sal! — pede a primeira.  
 — A minha com limão! — pede a segunda.  
 E a terceira, a mais bicha entre as bichas, dispara:  
 — A minha eu quero com pérola!<sup>24</sup>

Os dois textos apresentam as personagens com características efeminadas. O texto da piada, por exemplo, recupera as personagens referencialmente valendo-se de pronomes femininos. A conclusão da piada é muito semelhante à da tira. Se na primeira é o urso rosa sobre a cama que sobreassevera a orientação sexual como pertencente ao polo do feminino, oposto ao universo masculino, aqui na piada é a pérola que possui esse índice. O simbólico estende-se para o domínio e manuseio de

<sup>24</sup> **Piadas de bichas.** Disponível em <http://www.osvigaristas.com.br/piadas/bichas/pagina3.html>. Acesso em 08/12/2015

objetos. Há determinados tipos de objetos que são vinculados ao gênero feminino, bem como objetos de exclusividade masculina. Armas, bolas de futebol, videogames são tidos como materiais de manuseio masculino; enquanto bolsas, bonecas, bichos de pelúcia, seriam do feminino. O uso indiscriminado de um objeto ou outro fora dos grupos determinados é considerado uma transgressão. Meninos não podem brincar de bonecas, isso indicaria uma tendência homossexual, da mesma forma que meninas não podem manusear objetos “masculinos”. Foucault (1988) já havia observado como o sexo tomou conta de todas as áreas da vida dos sujeitos no Ocidente. A cultura do sexo está entranhada em tudo, em todas as instituições que cercam e cerceiam o homem. A Educação, por exemplo, responsabilizou-se em “sexualizar” o corpo da criança, instituindo, sob a máscara da pedagogia, comportamentos bem delineados de meninos e meninas. Os infratores, como já havíamos dito, correm o risco de serem suprimidos.

Essa relação com objetos e simbolismo sexual presente neles também foi observada em outras culturas, em menor ou em menor grau, e muitos desses comportamentos se aproximam do que se vê no Ocidente, em especial, no Brasil. Os índios guiaiqui, por exemplo, dividem sua colônia em dois grandes grupos: as mulheres ficam responsáveis em catar frutos, cuidar das crianças, atos simbolizados pela cesta. Já os homens, têm como símbolo, o arco, pois ficam responsáveis pela caça. Nessa sociedade, é considerado tabu mulheres tocarem em arcos, bem como os homens em cestos. Evidentemente, existem os degredados, que não se encaixam nesses papéis sociais impostos pelo destino biológico. Eles podem assumir sua orientação sexual, desde que isso também inclua os objetos simbólicos referentes a esse destino. Homens podem manter relações sexuais com outros homens, desde que sejam o agente passivo da relação e que também assumam o cesto. Essas observações de Fry e McRae (1985), podem ser, observando-se algumas diferenças, aplicadas em grupos sociais urbanos. Há também objetos simbólicos que caracterizam agrupamentos e ou funções sociais. As crianças, por exemplo, desde muito cedo, são expostas a instrumentos e também ao valor simbólico de cada um deles. Dar uma bola ou um carrinho para um menino é também reforçar o valor simbólico de cada um desses itens. Os brinquedos devem ser “compatíveis” ao destino biológico do menino. Grande parte da sociedade brasileira tem “internalizados” esse tipo de orientação: uma necessidade de instituir o destino biológico como único possível e para isso há uma série de práticas, de aparatos discursos que criam e

reforçam essa “realidade”. Fry e McRae denominam essa característica como pertencente a uma porção “popular” dos brasileiros.

Como nas sociedades que acabamos de discutir, os papéis sexuais neste Brasil popular são rigidamente separados. Desde a mais tenra infância, meninos e meninas são educados para se portarem como homens e mulheres mais tarde. Os homens deveriam ser fortes, trabalhadores capazes de sustentar sua família, interessados em futebol e outras atividades definidas como masculinas e, sobretudo, não deveriam chorar. Convém também que desde o início da adolescência comecem a ter experiências sexuais. Neste Brasil que estamos evocando, estas experiências podem ser com irmãs, primas, empregadas domésticas ou prostitutas. As mulheres, por outro lado, aprendem as tarefas de casa e lhes é imbuído o que se chama de instinto materno. Ao contrário dos homens, não podem ter relações sexuais antes de casar, chegando ao casamento ainda virgens. Além disso, ainda neste Brasil popular, uma vez casadas, não deveriam demonstrar muito gosto pelo sexo. Afinal, neste esquema, o sexo é apenas um meio para um fim: a procriação. As mulheres que não seguem este caminho, ou porque não querem ou porque não podem, provavelmente serão classificadas de prostitutas, pois estas devem gostar do sexo (ou pelo menos fingir que gostam) e são, por definição, promíscuas. (FRY; MCARAE, 1985, p. 35)

Essa mentalidade vai sofrer um revés a partir dos anos 1960, em virtude das revoluções culturais que sacudiam a década, quando há um grande influxo de homossexuais para os centros urbanos mais desenvolvidos. Já não fazia sentido atribuir a homossexualidade apenas aos papéis sexuais desempenhados pelos parceiros, e sim pelo objeto de desejo, não importando se o sujeito era ativo ou o passivo das relações. (GREEN, 2000). Esse tipo de pensamento binário é muito mais comum do que se imagina. E suas bases, de acordo com Parker, vêm justamente do modo concreto de produção – a economia rural de *plantation* – que fomentou uma estrutura social de dominância do machismo, do patriarcado. Os estudos de Priore, por exemplo, atestam como a formatação de uma identidade feminina foi criada a ferro e fogo pelas instituições religiosas e, concomitantemente, utilizada pelos discursos médicos. Eles serviram de base para a constituição de um musculoso sistema de adestramento da mulher (PRIORE, 1993) e, conseqüentemente, tornou-se a referência para o olhar em sexualidades periféricas, fora da heterossexualidade normativa.

Essa base, como já apontamos, integra um conjunto de saberes que, de alguma forma, inscreviam-se no sujeito. As “recentes” ondas de mudanças serviram para

estabelecer uma perspectiva de relativização. Mas, nem mesmo essas frentes de mudanças promovidas pelo pós-modernismo pôs fim à persistência desse sistema.

(...) a herança desse sistema tradicional ainda exerce uma profunda influência no fluxo da vida diária, constituindo uma espécie de gramática cultural que continua a organizar importantes aspectos da experiência mesmo em grupos que, de outra forma, pareciam mais afastados do passado. (PARKER 2002, p. 102)

Nesse sentido, os caubóis gays de Proulx são muito mais revolucionários nessa questão do gênero do que Rocky e Hudson. Mesmo vivendo uma relação homossexual, os primeiros permanecem no campo simbólico da masculinidade, casam, têm filhos, praticam atos discursivos completamente compatíveis com *ser caubói*. Em Rocky e Hudson não se explicitam experiências, embora sejam caubóis por conta de determinados elementos estereotipados que recuperam elementos simbólicos desse grupo, há uma migração destoante para o feminino, para o manuseio de objetos considerados, sob a máscara da cultura, como exclusivos da feminilidade. Eles ficam, metaforicamente, com o arco e todas as representações imanentes desses objetos simbólicos, são condenados a propagar uma performatividade feminina muito econômica das muitas formas de expressar a sexualidade e a identidade. A piada precisa desse recurso, do uso de estereótipos e o próprio Adão Iturrusgarai sabe disso. Há um momento que os dois caubóis invadem a redação do jornal justamente para protestar sobre as tiras e, como tomam o poder, eles criam um “herói” heterossexual. As tiras dessa safra exibem piadas assumidamente “heterofóbicas” e brincam com alguns trejeitos considerados típicos: coçar o saco, o uso de pochetes, de pentes no bolso etc. A relativização é um ponto positivo para a obra, mas há que se pensar que estamos lidando com um campo em que não há simetria de poder.



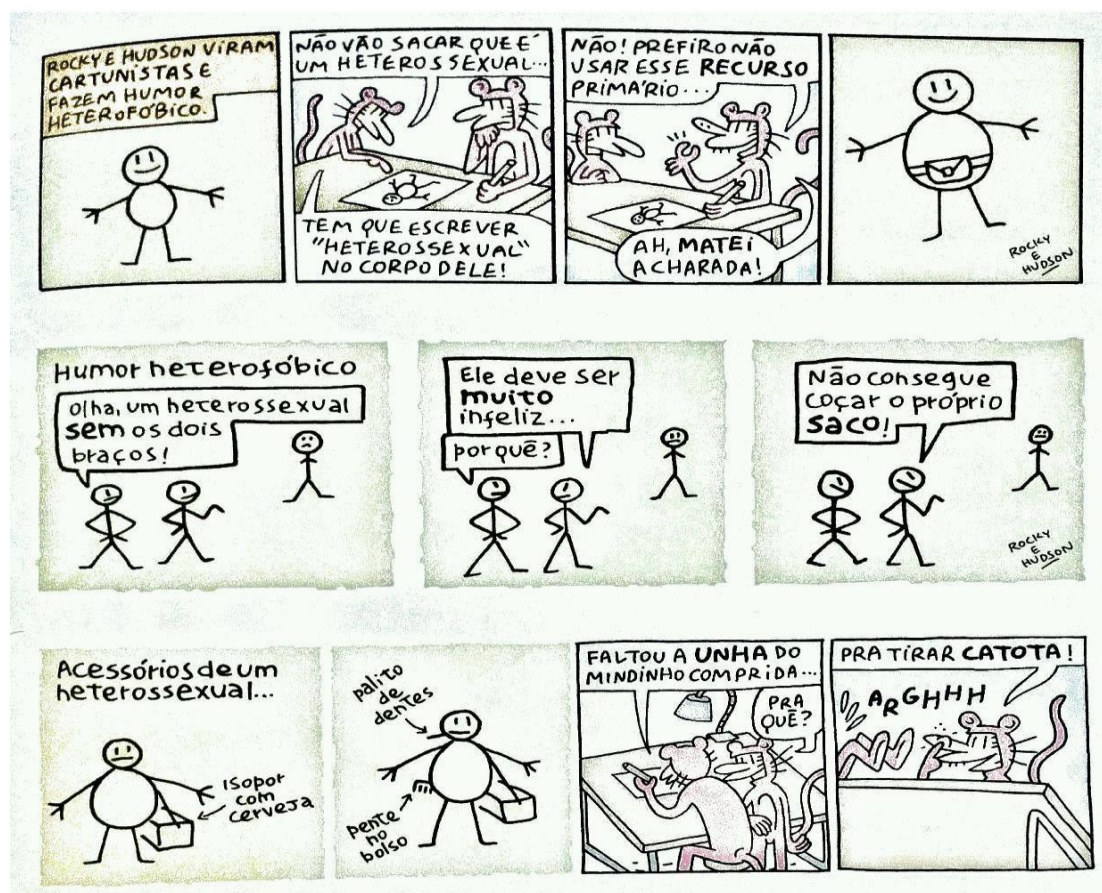


FIGURA 24 – ROCK & HUDSON INVADEM A REDAÇÃO

FONTE: ITURRUSGARAI, Adão. Rocky & Hudson: os caubóis gays. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2015.

Há duas representações sobre os gays nos dois casais que apresentamos. Elas serviram como base para uma discussão sobre a questão da identidade e dos discursos que permeiam as subjetividades sexuais. Ambos os discursos são integrantes de uma mesma cadeia discursiva, mas tomam frentes que se opõem. De um lado, dois homens que desafiam o esquema binário, apontando que existem modelos que fogem a essa regra. Os caubóis gays, mesmo possuindo uma atmosfera menos densa, assumem, como via de regra, o esquema binário, perpetuando a ideia de que homens que fazem sexo com outros homens, se são passivos, devem incorporar todas as práticas discursivas decalcadas no gênero feminino. Grande parte do imaginário religioso repousa nessa última perspectiva. Nem sempre aquilo que se

mostra colorido, dinâmico e vivo representa um discurso inovador. Sob essa máscara de uma falsa carnavalização, se exhibe um discurso que vem se perpetuando há alguns séculos. Discursos estes que fomentaram toda sorte de práticas: desde as execuções da Idade Média, as práticas médicas e a criminalização do corpo homossexual. Ennis Del Mar e Jack indicam justamente as conquistas oriundas do empoderamento dessas minorais ocorridas nos densos anos 1960 e no início da representação dessas vozes. Discussões estas que questionaram o determinismo biológico e a própria constituição do sujeito. Os textos analisados para este trabalho têm como origem justamente o enfrentamento desses aspectos reducionistas e, via de regra, vale-se de um humor que alia-se no campo dos degredados e uma das formas de se desconstruir o oponente é justamente traduzi-lo de maneira carnavalizante. Nesse sentido, há de pensar em estratégias de trazer o inimigo ao chão, tornando passível do riso, da ridicularização. A próxima seção colocará dois campos discursivos frente a frente, analisando como o discurso religioso constitui-se e também na forma como ele apreende as sexualidades periféricas, consideradas distantes do plano divino que requer, acima do tudo, a procriação a fim de encher e povoar a terra.

### 5.3 UM TUÍTE DE 400 ANOS E AS CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO RELIGIOSO

Marcos Feliciano é pastor e deputado. E suas ações no Congresso Nacional não deixam dúvidas dessa dupla função, elas são exercidas sem que haja um limite entre uma e outra. Embora o Estado seja laico, o pastor não hesita em legislar pela causa cristã; Feliciano possui uma grande popularidade tanto entre integrantes de denominações neopentecostais quanto entre e os grupos que ele combate. Alguns projetos defendidos pelo deputado não deixam dúvidas da tentativa constante de minar o estado laico. O Projeto *Papai do Céu da Escola* (PL 1021/2011), por exemplo, visava tornar obrigatórias as aulas de religião nas escolas públicas, o que feria as Leis de Diretrizes e Bases e a Constituição. No documento, a orientação é de que as aulas de religião não sejam obrigatórias e que a disciplina deve pautar-se por uma agenda multicultural, ou seja, apresentar outras manifestações de fé que não somente a cristã. Outro projeto polêmico envolve o ensino de Ciência nas escolas, pois o deputado quer colocar lado a lado, em um ambiente que deveria promover o pensamento crítico e racional, o ensino do Criacionismo, como se fosse uma ciência de mesmas bases do



pensamento científico cujo auge se deu no Renascimento, entre 1550 e 1700 e que até hoje é modelo para o pensamento científico moderno. Vale lembrar que o ocidente estava saindo de um longo período em que a ciência era toda orientada pela direção dos dogmas religiosos. Havia um emparelhamento entre Igreja e Ciência. Muitos cientistas morreram na tentativa de desvencilhar esses discursos. Giordano Bruno, por exemplo, foi condenado a fogueira. Galilei precisou se retratar para não ter o mesmo destino. “Se a teoria de Charles Darwin, que diz que o homem veio do macaco, pode ser ensinada aos meus filhos, por que eu não posso ensinar a teoria de Moisés (sic), a de que Deus criou o mundo em seis dias?” Disse o deputado em uma entrevista para o Portal Terra<sup>25</sup>. Prontamente, diversas associações e entidades repudiaram o projeto.

As ações polêmicas de Feliciano não param por aí, devido a uma manobra política, ele acabou sendo nomeado presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias em 2013. Uma das suas primeiras frases como presidente foi a de que a comissão iria acabar com os privilégios (sic) que os gays haviam obtido nessa comissão. Tanto que apressou dois projetos seus, um deles o de promover um plebiscito para legalizar ou não o casamento homossexual; o outro diz respeito a tornar lícitas as práticas de reversão sexual, ou seja, aquelas em que pastores, psicólogos, alegam curar a homossexualidade, fazendo com que os pacientes retornem ao seu estado ‘natural’, coincidentemente, o heterossexual. <sup>2627</sup>

Assim que assumiu a comissão, obtendo os holofotes da mídia em geral, os internautas menos simpáticos a essa figura controversa trouxeram à tona os tuítes mais polêmicos do deputado/pastor. Os textos traziam mensagens direcionadas aos gays e negros. O tom obedece à FD neopentecostal. Seguem, para leitura, dois dos mais controversos: “Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato.” (tuíte de 31/03/2011); “A podridão dos sentimentos dos homoafetivos levam (sic) ao ódio, ao crime, a rejeição” (tuíte de 31/03/2011)<sup>23</sup>. O primeiro texto explica qual a

<sup>25</sup> **Se ensinam teoria de Darwin que ensinam Moisés.** Disponível em <http://noticias.terra.com.br/educacao/se-ensinam-teoria-de-darwin-que-ensinem-a-de-mois-es-dizhttp://noticias.terra.com.br/educacao/se-ensinam-teoria-de-darwin-que-ensinem-a-de-mois-es-diz-feliciano,4412f34424bcb85b6260806c66698d09ucigRCRD.htmlfeliciano,4412f34424bcb85b6260806c66698d09ucigRCRD.html>. Acesso em 21/07/2015

<sup>26</sup> As dez maiores polêmicas de Feliciano. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013->

<sup>27</sup> [-16/dez-maiores-polemicas-de-feliciano-em-2013.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-16/dez-maiores-polemicas-de-feliciano-em-2013.html). Acesso em 09/02/2016

razão de o continente africano ser até hoje um dos mais miseráveis do planeta. A citação bíblica foi também usada como argumento para justificar e validar a escravidão. Hoje sabe-se que a “maldição” que recai sobre o continente africano é muito mais complexa do que um versículo milenar possa dar conta. Séculos de exploração, negligência e preconceito estão entre as razões mais plausíveis (e cientificamente comprovadas) para explicar esse fato histórico. O segundo apresenta o ponto de vista do pastor/deputado sobre os homossexuais. Nesse tuíte, nossas observações serão um pouco mais extensas.

Os tuítes são um tipo de texto produzido para ser consumido em um suporte próprio, em uma rede social chamada Twitter. Não é possível afirmar que se trata de um gênero, uma vez que o site pode apresentar tweets (ou tuítes) que assumem diferentes cenografias. Há tuítes que apresentam um tom próximo ao dos textos de diários, outros que se assemelham a piadas, outros assumem a estrutura de aforismos, versando sobre os mais variados assuntos, políticos, religiosos, filosóficos etc. Além dessa flexibilidade tipológica, os tuítes também permitem toda a sorte de multimodalidade, ou seja, agregado ao elemento verbal outras linguagens como fotos, desenhos, *gifs* (imagens) e filmes. Outra característica fundamental do tuíte é o limite de 144 caracteres para a redação dos textos, ou seja, é um texto para leitura rápida, ligeira e o aprofundamento pode se dar por meio de links adicionados ao texto. A exigência dessa redação ligeira também contribui para que as fronteiras, antes tão delimitadas, entre oral e escrito se diluam. A multimodalidade e a diluição entre os tipos orais e escritos são características dos textos que surgiram com a popularidade da internet (MAINGUENEAU 2013; 2015).

A cenografia assumida pelo tuíte do deputado/pastor é de exortação, tal como as pregações costumam ser. Geralmente, esse gênero de texto sempre se constitui dentro de um universo binário, maniqueísta. Há uma clara divisão entre os que vivem no mundo, dentro da temporalidade, da mortalidade (morrer, não ver, perder-se) mas

<sup>23</sup> Frases polêmicas ditas pelo deputado Marco Feliciano. Disponível em <http://obutecodanet.ig.com.br/index.php/2013/03/13/10-frases-polemicas-ditas-pelo-deputado-marco><http://obutecodanet.ig.com.br/index.php/2013/03/13/10-frases-polemicas-ditas-pelo-deputado-marco-feliciano/feliciano/>. Acesso em 03/09/2015

que se encontram- salvos pela Palavra de Deus. É a salvação que os conduz para o outro oposto, para o plano espiritual (viver, ver, salvar-se) (Orlandi 2011).

Outra característica desse tipo de discurso é a impossibilidade de reversibilidade (ou da ilusão de reversibilidade) ou seja, aos interlocutores só cabe o papel de concordância com esse tipo de discurso, há pouca abertura para o enfrentamento pois trata-se de uma voz que se constitui por meio de uma dissimetria, autoritária e que age em um constante gesto de auto validar-se. Sua força ilocucionária reside na tradição evocada por esse texto e também pelos agentes credenciados a proferi-la.

Esse peso histórico também se traduz em dogmas, em mandamentos, em leis que se pretendem universais, globais. Essa pretensão de ser a voz que tentaria explicar o sentido da vida, da existência impõe-se por poderosos mecanismos discursivos. O discurso religioso é uma espécie de vórtice que intenta aniquilar os discursos marginais, que fujam do único sentido, o discurso religioso não permite a polissemia, ele tende à monossemia. (Orlandi, 2011). Para Maingueneau, o discurso religioso integra um conjunto por ele denominado de *discursos constituintes*.

Uma das características desse grupo é de justamente não “reconhecer outra autoridade além da sua própria” (MAINGUENEAU, 2008). Além disso, faz parte da natureza desse grupo de discursos não só negar a interação com outros (discursos), como também tentar submeter os demais às suas regras.

Os discursos constituintes dão sentido aos atos da coletividade, eles são a garantia de múltiplos gêneros do discurso. O jornalista às voltas com um debate sobre um problema social recorrerá muito naturalmente à autoridade do intelectual, do teólogo ou do filósofo. Mas o inverso não acontece. Os discursos constituintes possuem, assim, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras. Discursos-limite, situados sobre um limite e lidando com o limite, devem gerar textualmente os paradoxos que seu estatuto implica. Junto com eles vêm à tona, em toda sua acuidade, as questões relativas ao carisma, à Encarnação, à delegação do Absoluto: para não se autorizarem apenas por si mesmo, devem parecer como ligados a uma Fonte legitimadora. (MAINGUENEAU, 2008, p. 39).

Voltando ao tuíte do pastor, podemos observar que inicia seu texto tematizando (e caracterizando) as relações homoafetivas como *podridão*, como aquilo que já está morto, em estado de decomposição. Esse termo delimita dois espaços: de um lado, os que se encontram condenados, no inferno; do outro, estão os eleitos, os

selecionados, que se encontram em uma posição de concordância com os discursos religiosos. A escolha da expressão *homoafetiva* é paradoxal, uma vez que foi elaborada dentro de uma FD diferente da religiosa. Dentro dessa FD dificilmente veríamos esses atributos juntos (podridão, ódio, crime). Movida de seu espaço, a expressão sofreu um processo *tradução*, uma vez que seus significados foram traduzidos para que pudessem ser veiculados dentro dessa outra FD. A concordância verbal desse sintagma nominal deveria (ou como recomenda-se) seguir a regra geral “O verbo apresenta-se no número e pessoa atribuídos ao núcleo do sintagma nominal que serve de sujeito a oração” (AZEREDO, 2008 p. 227). A podridão’ deveria ocupar o papel de centro desse grupo, porém, Feliciano “optou” ou, de fato, foi traído pelo seu subconsciente, em estabelecer a concordância com “sentimentos dos homoafetivos” desfocando o centro do sintagma nominal, mas estabelecendo uma relação de uma causalidade mais explícita entre os sentimentos homoafetivos e o ódio, o crime; produzindo, ainda que de forma não premeditada, um efeito de sentido mais rigoroso, mais contundente.

A expressão *ódio*, por exemplo, é um substantivo que exige uma dupla valência (NEVES, 2011)– o ódio pressupõe um elemento que se coloca na posição de odiar outro elemento. A podridão leva ao ódio. De quem? Dos próprios homossexuais ou do grupo que representa Feliciano? A mesma questão se estende aos demais destinos selecionados pelo verbo *levar*. Todos são de valência dupla, que exigem um agente ativo e um paciente. O texto fecha com o termo *rejeição* e é essa expressão que, de alguma forma, confirma a tese de que os agentes do ódio e da rejeição são a própria comunidade representada por Feliciano. *Crime* não poderia ser, uma vez que a competência discursiva de Feliciano não traduz como crime os comportamentos de homofobia, preconceito, agressão e assassinato de homossexuais. A expressão *rejeição* expressa mais uma acepção desse tipo de amor que não ousa dizer o nome, uma relação que não produz frutos, que se encontra marginal ao grande projeto divino, uma expressão chistosa, que desvela as filiações ideológicas do sujeito e também a sua sujeição à FD em que se encontra.

Ao postar o tuíte, Feliciano age como porta-voz de uma instituição, assume uma posição delimitada por esse espaço. Entretanto, esse "lugar" não é pronto, ele também se constitui frente à ameaça do outro. Automaticamente, ao assumir essa identidade (pastor e político conservador). A identidade precisa atender às expectativas desse espaço, dessa FD. A sua competência discursiva decorre da

sincronia entre os enunciados permitidos pela FD e os que o sujeito efetivamente constrói. Assim, os sentidos de suas enunciações são decorrentes dessa posição e da historicidade atreladas a ela. É um processo não vislumbrado pelo sujeito, visto que sua “lucidez” não percebe que suas enunciações são fruto de dois esquecimentos:

O primeiro diz respeito ao fato de o sujeito considerar-se proprietário do que diz, negando, dentro dessa posição qualquer enunciado incompatível com sua posição ideológica; e o segundo esquecimento é justamente acreditar que seu enunciado possui uma relação direta com o mundo, há uma crença errônea de que a linguagem, de fato, etiqueta e classifica o mundo, uma ilusão de transparência (PECHEUX, 1995).

A ideologia se interpõe entre a língua e o sujeito. É ela também que oferece amparo semântico ao que o sujeito diz e também a forma como ele interpreta e compreende o mundo. “A linguística é solicitada constantemente para fora do seu domínio”, decreta Pêcheux (1995, p. 87) sobre a necessidade de sair do escopo língua como estrutura e verificar como ela se constitui além dos elementos formais.

Nesse sentido, é importante, mesmo que em poucas linhas, traçar a historicidade dos sentidos expostos no tuíte de Feliciano, palavras expostas num suporte que surgiu há pouco menos de dez anos, mas que exibem sentidos constituídos ao longo de muitos anos. Não há pretensão aqui de esgotar a historicidade da homossexualidade, resgataremos alguns momentos.

De acordo com Silva (2015), a ascensão do Cristianismo no século IV como religião oficial do Império estabeleceu como dogma o sexo apenas para fins procriativos dentro de uma relação permitida pelo estado. As relações que fogem desse quadro, começaram a sofrer toda a sorte de perseguições. A figura do homossexual, tal como é delimitada hoje, ainda não existia, esse sujeito, essa categoria vai ser criada no século XIX, quando, além da Igreja, outras instituições vão se debruçar sobre ele.

Na sociedade medieval, a sodomia era considerada uma perversão como outras tantas. Os delitos contra os dogmas religiosos eram divididos em dois grandes grupos. Os naturais: fornicação, adultério, incesto, estupro. Essa “naturalidade” advém justamente desses delitos se situarem muito próximos da matriz heterossexual. Os antinaturais: masturbação, sodomia e bestialidade. Esses últimos são considerados mais graves pois distanciam-se da matriz e também por serem consideradas relações improdutivas, que não geram.

Segundo essas concepções, criou-se um imaginário religioso sobre a figura dos homossexuais entre os que exerciam práticas sexuais heterodoxas. Esses discursos morais de inspiração religiosa influenciaram a humanidade até hoje na contemporaneidade e estenderam-se nos discursos de protestantes e católicos. (SILVA 2015 localização 205).

Spencer (1999) também afirma que as bases em que assentam o preconceito e a homofobia são de origem ainda no primeiro milênio do Cristianismo. A postura da Igreja medieval considerava a moralidade profundamente vinculada à conduta sexual dos sujeitos, “ a tradição sexual medieval criou poderosos tabus, quem têm colorido e influenciado a cultura ocidental” (SPENCER, 1999, p.97). Essa obsessão em atrelar a sexualidade dos sujeitos a sua moralidade e caráter deixou de lado, segundo o autor, outros aspectos morais para a formatação do sujeito – humanidade comum e justiça, distribuição de alimentos, emprego, propriedade e riqueza, por exemplo.

Com a Reforma Protestante e a Contra-Reforma, surgiram novas formas de apreensão e tratamento das sexualidades desviantes. Novas instituições reguladoras surgem, entre elas, a Psiquiatria e a Psicologia. Esses saberes vão atribuir a essas sexualidades um passado traumático, grande responsável pela constituição dessa sexualidade não padrão. Vincula-se, nesse momento, a ideia de que o sujeito é vítima de uma doença, de algo que pode ser tratado.

Pesquisando a constituição dessas instituições reguladoras, Foucault (2010) consegue traçar uma genealogia da figura do anormal, sujeito que vai surgir nas práticas discursivas do século XIX. São três elementos, o primeiro deles é a figura do *monstro*, cujo domínio era de extensões “cosmológicas”. O aparecimento e a incidência de monstros era uma raridade. Eles eram, ao mesmo tempo, um acinte às leis da sociedade e às leis naturais. Decorre dele a figura do *sujeito a ser corrigido*, cujo aparecimento é mais recorrente e cuja circunscrição é o ambiente familiar e a comunidade nos séculos XVIII e XIX.

O indivíduo a ser corrigido vai aparecer nesse jogo, nesse conflito, nesse sistema de apoio que existe entre a família e, depois, a escola, a oficina, a rua, o bairro, a paróquia, a igreja, a polícia, etc. Esse contexto, portanto, é que é o campo de aparecimento do indivíduo a ser corrigido. (FOUCAULT, 2010, p. 49).

A terceira figura é a do *masturbador*, ou da “criança masturbadora”. Seu surgimento acontece em um espaço mais delimitado ainda, é o espaço privado, é o seu quarto, sua cama. É uma figura nova no final do século XVIII e início dos XIX.

Embora esteja restrito à vida privada, o masturbador vai se tornar uma figura universal. O masturbador detém um segredo que é compartilhado por todos. Essa situação paradoxal pode ser percebida na maneira como o sexo, embora cercado de restrições, foi encontrando espaço em diversas práticas discursivas onde é dissecado, discutido e que também serve como medida para classificar os sujeitos.

Esse segredo, que ao mesmo tempo todo mundo compartilha e que ninguém comunica, é colocado em sua quase-universalidade como a raiz possível, ou mesmo a raiz real, de quase todos os males possíveis. Ele é a espécie de causalidade polivalente à qual pode se vincular, e à qual os médicos do século XVIII vão vincular, imediatamente toda a parafernália, todo o arsenal das doenças corporais, das doenças nervosas, das doenças psíquicas. No fim das contas, não haverá patologia de fins do século XVIII praticamente nenhuma doença que, de uma maneira ou outra, não decorra dessa etiologia, isto é, da etiologia sexual. (FOUCAULT, 2010, p 51).

Nesse sentido, o discurso de Feliciano é um exemplo ilustrativo pois desvela como as relações homossexuais são consideradas como uma espécie de patologia. Não por menos, há uma insistência nessa FD em usar o termo “homossexualismo”, que, na sua raiz, vincularia a palavra ao universo das patologias. O gay é um doente, vítima de alguma espécie de trauma e que precisa de uma cura (além da salvação de sua alma). Além disso, o discurso neopentecostal também acredita na força de potestades diabólicas, que estariam incorporadas no sujeito. Em muitos cultos, há realizações de rituais mágicos de exorcismo a fim de livrar o sujeito desse demônio, causador desse desvio.

O discurso religioso pentecostal e neopentecostal encontra-se embasado no discurso cristão do período medievo, o qual considera que a homossexualidade é um estado de possessão demoníaca. Essa interpretação favoreceu o aparecimento de discursos e práticas repressivas à homossexualidade, os quais colocaram em uma posição de inferioridade em relação à heterossexualidade. (SILVA. 2015,localização 682)<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> O trecho lido encontra-se em uma edição eletrônica, por isso, a paginação se dá outros processos.

A bancada evangélica não esconde que uma das suas ambições políticas é justamente sustar a regulamentação do Conselho Federal de Psicologia no que diz respeito ao tratamento de homossexuais. A entidade proíbe que se façam os tratamentos de “reversão sexual”. Desde 1973, por conta da pressão dos movimentos LGBT, a homossexualidade deixou de ser classificada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria. No Brasil, a retirada da homossexualidade do grupo de doenças se deu em 17 de maio de 1990. (FRY; MACRAE, 1985). Há muitos que veem nessa tentativa de tornar a homossexualidade revertida por meio de tratamentos, mais uma fonte de renda para as instituições religiosas. Os tratamentos, como já apontamos nesse texto, seriam um misto de práticas comportamentalistas e rituais mágicos de expulsão de demônios.

Para finalizar esta seção, invocamos o texto de Orlandi (2011) sobre aspectos do discurso religioso, que aponta também a tentação do poder que essa ilusão de reversibilidade traz ao sujeito, justamente pela proximidade com o não-limite e o prazer de não ter que se dividir entre o bem e o mal. Esse sentimento de onipotência pode ser medido pela força com que os discursos religiosos transpassam as paredes dos templos, ganham inúmeras formas e procuram cercear o homem em diversas outras instâncias. A própria presença de uma bancada que se autodenomina evangélica é a prova absoluta disso. Há projetos polêmicos que pretendem estabelecer diretrizes religiosas na educação, na medicina e na psicologia, só para citar alguns setores que se encontram na mira do discurso religioso.

As FDs se constituem no horizonte de outras. Se há uma tendência atual de conservadorismo, calcada em princípios religiosos selecionados, de leituras obscuras de trechos em detrimento de outros, há também o que Foucault (1988) denomina de *discursos de resistência*. E a paráfrase cede lugar à polissemia, ao humor, à toda forma de dessacralizar o instituído. O humor é capaz de quebrar a espinha dorsal de muitos discursos constituintes, valendo-se de diferentes estratégias. Na seção seguinte, faremos uma breve análise de algumas perspectivas linguísticas que se debruçam sobre o humor e também apontaremos quais dessas perspectivas melhor dá conta da nossa empreitada: respostas que devem ser constituídas na adoção do dialogismo, de uma semântica global.



## 6 AS ANÁLISES

Tivemos uma preocupação ao longo dessa tese de ilustrar muitos dos conceitos até aqui apresentados. *Texto, discurso, gêneros do discurso formação discursiva, sujeito, identidade* etc. foram introduzidos de duas formas. O conceito em si, em “estado puro”, em seguida, o conceito foi aplicado dentro de uma mini análise a fim de que perdesse a característica de “coisa abstrata”. A seção que segue tem por objetivo testar as hipóteses levantadas ao longo desta tese – quais seriam os calibres discursivos necessários para provocar a queda do oponente discursivo e aí provocar sentidos de humor carnavalizantes. Os conceitos já apresentados serão utilizados para os exercícios de interpretação. Nem todos serão necessários nos dois blocos de análise que seguem, somente aqueles conceitos que forem essenciais para indicar as estruturas linguísticas/discursivas que estamos investigando.

### 6.1 PIADAS DIVINAS E PIADAS CHEIAS DE HERESIA



FIGURA 25 – CHARGE SOBRE A PL122

FONTE: TEIXEIRA, Mário. Charge gospel. Disponível em

<http://www.portalfiel.com.br/charges/261-charge-pl-122.html>. Acesso em 03/09/2015

Já havíamos apontado a relevância que a descrição e análise de gêneros do discurso tem para o analista do discurso. O exercício de interpretação proposto por Maingueneau exige que se faça a interpretação do corpus selecionado atentando para todos os aspectos possíveis que contribuem para a sua discursividade – entendida como efeitos de sentido de um enunciado, o que ele denomina de *semântica global*.

Toda a produção de linguagem nasce no horizonte do Outro. Essa sujeição pressupõe muito mais elementos modificadores do que as perspectivas que operam em uma ideia reducionista de contexto, como o mero material de entorno dos falantes.

Há toda uma projeção e também recuperação de elementos além do cenário circundante. A historicidade, a tradição e, paradoxalmente, a inovação permeiam os gestos languageiros. *O vocabulário, o tema, as dêixis, o enunciador, e o modo de enunciação* são alguns desses índices responsáveis pela emergência do quadro enunciativo. Quando se realizam análises de corpus, não há necessidade de se descreverem todos esses elementos ou apresentá-los em uma ordem preestabelecida e fixa. Afinal, segundo Maingueneau (2005 p. 81), a finalidade desses instrumentos de leitura é “ilustrar a variedade das dimensões concernidas pela perspectiva de uma semântica global, e nada impede de isolar outras ou de repartir diferentemente as divisões propostas.” A seleção de itens para um corpus para análise nunca é ingênua ou neutra. Há uma motivação que antecede às buscas de material linguístico e eles necessariamente precisam atender a questões levantadas pelo analista do discurso.

No nosso caso, o texto que abre a seção de análises é uma das poucas produções, no gênero que pretendemos estudar, que apresenta um ponto de vista contrário às causas LGBTTs. A peça deve ser analisada justamente para compreender de onde esses sentidos adversos à comunidade LGBTT são produzidos, quem está autorizado a ocupar essa posição de objeção. Sabe-se que espaços discursivos em posições opostas são fundamentais para constituir a sua identidade discursiva. Cada agente inserido em um espaço produz enunciados que atendam à “gramaticalidade” própria dos domínios em que tais enunciados são engendrados. A relação entre espaços discursivos é, ao mesmo tempo, belicosa e constitutiva. Os sentidos repousam justamente nesse jogo opositivo e lúdico. Uma das preocupações da AD (se não o carro chefe de sua empreitada) é perceber como esse externo integra-se ao interno ( ou vice-versa).

As unidades do discurso constituem, com efeito, sistemas, sistemas significantes, enunciados, e, nesse sentido, têm a ver com uma semiótica textual; mas também têm a ver com a história que fornece a

razão para estruturas de sentido que elas manifestam. (MAINGUENEAU, 2005, p. 16).

O texto acima (figura 25) é uma charge, uma peça de humor gráfico que formalmente compõe-se de apenas uma vinheta. Já abordamos, no segundo capítulo desta tese, que esse aspecto formal é a razão para muitos teóricos de HQs apresentarem resistência em considerar a charge um representante genuíno de HQs. Para uns, tem a ver com a falta de “solidariedade” entre as vinhetas do texto, para outros, a questão de se tratar de um gênero geralmente composto de um único quadro, fatores que não apresentam **necessariamente** uma narratividade.

Felizmente, há outras ferramentas que podemos utilizar para classificar um gênero (não que isso seja um aspecto relevante, mas categorizar é um movimento quase automático para o falante, até porque há uma série de garantias que se tem com isso). Nesse sentido, o próprio aval que o autor dá ao texto, etiquetando-o enquanto charge é pertinente. Vale lembrar que a página da web intitula-se **Portal Fiel**, autodenominado site de notícias relativas à esfera religiosa. Sabe-se que, tradicionalmente, as charges são vinculadas à esfera jornalística. Há, inclusive, algumas classificações que a inserem dentro desse campo. As HQs, como já vimos, estão distantes de uma definição que de fato as encapsule.

A perspectiva de considerá-la como um hipergênero é alentadora. Para Maingueneau, os hipergêneros seriam uma espécie de “abstração”, de gênero idealizado, que não se constitui empiricamente, “mas um modo de organização com fracas coerções que encontramos nos mais diversos lugares e épocas e no âmbito do qual podem desenvolver-se as mais variadas encenações da fala”. (MAINGUENEAU, 2014, p. 244). Dito de outra forma, o que existiria seriam inúmeras manifestações linguísticas que se valem de características em comum. No caso dos quadrinhos, ele pode, potencialmente, apresentar balões, sequências narrativas, legendas, etc. e há inúmeras formas de textos que se apropriam da linguagem desse gênero. Os cartuns, as charges, muito embora constituam-se de apenas um quadro, valem-se de muitos elementos dos quadrinhos como vinhetas, balões, entre outros. A charge (figura 25) divulgada em suporte eletrônico se liberta/desvincula de algumas características típicas dos quadrinhos, não há balões e, tampouco, legenda. Há apenas quatro

elementos verbais no texto: dois momentos em que aparece o nome da lei PLC 122<sup>29</sup>; a nomeação de um espaço, no caso, uma escola; e, a assinatura do autor do texto.

Esse tipo de perspectiva, por exemplo, nos exime de questões que, há algum tempo, vêm sendo problematizadas em relação à classificação do gênero *HQs*. Dois dos mais importantes teóricos sobre quadrinhos apresentam uma definição bastante semelhante e que, de certa forma, deixaria de fora as charges e cartuns. McCloud (2007) e Groensteen (2015) acreditam que a textualidade dos quadrinhos, via narratividade, se dá pela justaposição de vinhetas, essas, por sua vez, constituem-se na solidariedade com a que precede e assim sucessivamente. A definição do teórico brasileiro Gagnin (2015), por exemplo, não é tão restritiva assim. Para este autor, as *HQs* são um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelas ilustrações e a linguagem escrita. Tanto a definição de Gagnin, quanto a noção de hipergênero, de Maingueneau nos permite considerar o cartum e a charge (gêneros geralmente compostos de apenas uma vinheta) como um tipo de *HQ*, já que ambos os textos possuem elementos comumente usados em quadrinhos. A charge sob análise é um ato responsivo a um acontecimento, a saber, as movimentações das minorias LGBTQTs para que se criminalize a homofobia. O autor do texto assume uma voz que representa um grupo, uma ideologia que se coloca no lado oposto às causas da comunidade homossexual. Como já havíamos adiantado, na perspectiva da interdiscursividade entende-se que os sentidos são gerenciados nesse espaço de confronto, ou seja, a voz que subjaz ao texto não se encontra pronta, ela precisa de uma outra perspectiva, de um confronto para se estabelecer. Sua condição de possibilidade reside na ameaça que o Outro exerce sobre sua materialidade.

O espaço discursivo tem então um duplo estatuto: podemos apreendê-lo como um modelo dissimétrico que permite descrever a constituição de um discurso, mas também como um modelo simétrico de interação conflituosa entre dois discursos para os quais o outro representa totalmente ou em parte o seu Outro. É esse último aspecto, o de processo de dupla tradução, que vai nos interessar, essencialmente. (MAINGUENEAU, 2005, p. 43).

O texto analisado nessa seção apresenta-se com essa dupla natureza: é assimétrico na medida em que é um discurso religioso, portanto, um tipo de discurso

---

<sup>29</sup> Projeto de lei que criminaliza agressões de motivações homofóbicas.

fundador, uma espécie de matriz de enunciados, gerando e autorizando, a partir dele, uma tradição de outros tantos discursos. É simétrico também já que seus sentidos são negociados na relação com espaços discursivos de confronto, no caso, as relações entre o espaço LGBTTs e o neopentecostalismo. A autoridade desse discurso fundante permite que o enunciador estabeleça, logo de saída, uma posição de relativa superioridade diante de seus possíveis interlocutores, é ele que vai dar as coordenadas, incentivar, julgar. Todos esses gestos são embasados em textos que transmitem a Palavra de Deus; sermões, pregações e textos bíblicos. Essa base discursiva vai fomentar a produção de uma quase infinidade de textos, ao mesmo tempo em que institui e oficializa práticas discursivas. As vinculações a essa FD se inscrevem na materialidade da charge, há marcas concretas do lugar de significação do texto e da filiação de quem o enuncia: o próprio título do site, que é uma espécie de portal em que se leem notícias sobre o universo gospel. Há ainda no site uma seção de estudos bíblicos. O portal é alimentado por vários autores, desde repórteres a pastores. Vale lembrar que, para ocupar a posição de enunciador dos discursos elaborados pelo portal, é necessário que este se preste a formular enunciados compatíveis à FD em que está circunscrito, ou seja, é necessário ter uma competência discursiva compatível à FD religiosa. Essa habilidade nada deve à ideia de competência de Chomsky, que está relacionada a uma capacidade inata, internalizada. A competência discursiva é composta de restrições discursivas de um dado grupo em relação a outro. Ao ocupar uma posição dentro de uma FD, pressupõe-se que o sujeito esteja qualificado, autorizado a ocupá-la. Que ele saiba o que pode ou não ser produzido, dito, significado. O enunciado proferido dentro dessas regras de formação torna-se discurso “legível” para o grupo e, concomitante a isso, essa enunciação também autoriza e legitima a posição do autor.

Com esse conceito de competência discursiva, trata-se somente de dar conta de regularidades interdiscursivas historicamente definidas, e não de descrever uma semelhança entre trajetórias biográficas dos indivíduos que formam o conjunto dos enunciadores efetivos de tal ou tal discurso, mesmo que esses dois aspectos são, com justiça, frequentemente associados pelos historiadores. Existem inegavelmente semelhanças sociológicas, psicológicas interessantes entre esses indivíduos, mas seu grau de homogeneidade não é absolutamente comparável ao grau de coesão da formação discursiva da qual eles são os enunciadores. (MAINGUENEAU, 2005, p. 58)

As filiações intertextuais também integram o conjunto de habilidades da competência discursiva. Para Maingueneau (2005), é importante perceber as relações intertextuais a que os discursos se referem. Nesse caso, a intertextualidade são menos citações explícitas do que filiações a discursos anteriores. Ao mesmo tempo em que há “restrições compartilhadas pelos diversos membros de um campo, há também o passado específico que cada discurso constrói para si, atribuindo certas filiações e recusando outras” (MAINGUENEAU, 2005, p. 81).

A análise do texto que abre este capítulo, (figura 25), possibilitou-nos determinar quais são as tradições discursivas a que ele se filia, e, também, quais as relações intertextuais que ele renega. No campo religioso, neopentecostal, há inúmeras possibilidades de filiações intertextuais, das quais selecionamos duas mais significativas para nosso trabalho. Ambas as tradições tiveram origem no século XIX na Europa. Nesse momento, o protestantismo ganhava força na Europa. Escolas teológicas foram abertas e muitas delas passaram a ler e interpretar os textos bíblicos como se fossem textos literários. A reação não demorou a vir, uma vertente considerava como corretas apenas as leituras literais dos textos religiosos. Nascia aí, segundo Gondim (2014),<sup>30</sup> uma militância que procura proteger a Bíblia de ataques humanistas. Segundo essa linha mais conservadora, os humanistas faziam leituras que relativizavam o imaginário bíblico, segundo estes, os textos eram alegóricos ou metafóricos. Para os fundamentalistas isso não é pode ser feito, o texto bíblico não abre espaço para “segundas” interpretações, é um texto que só pode ser lido de maneira literal.

Essa tradição de leitura foi herdada por vertentes mais tradicionais do protestantismo. As condenações aos homossexuais, por exemplo, partem de uma leitura literal e sem ressalvas do texto bíblico. Uma das mais conhecidas e populares é a punição de Deus sobre as cidades de Sodoma e Gomorra - vem daí justamente o termo *sodomitas*. O livro de *Levítico* apresenta dois trechos citados à exaustão pelos fundamentalistas. São eles:

Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é.  
(Levítico 18:22)

---

<sup>30</sup> Ricardo Gondim. Reflexões sobre o fundamentalismo. Disponível em <http://www.ricardogondim.com.br/estudos/reflexoes-sobre-o-fundamentalismo>. Acesso em 09/06/2016

Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles. (Levítico 20:13).

Os dois versículos de Levítico e a história de Sodoma e Gomorra atestam a atitude pouco paciente do Deus hebreu com os homossexuais. A pena por cometer tal delito é bastante clara: a pena capital, a morte. Embora não se possa sair hoje (pelo menos não de forma lícita) apedrejando homossexuais, pode-se restringir suas movimentações pela sociedade, limitar seus direitos políticos, uma vez que eles não se encaixam nos padrões estabelecidos por Deus. Os homossexuais são reprovados porque ignoram o mandamento que ordena a humanidade “multiplique e encha a terra”.

Dado que a estrutura política dita a forma sexual, toda nova ortodoxia que é aceita acarreta a sua heresia, que define a natureza do outro. Ser um rebelde de verdade, lutando para criar uma alternativa viável, demanda tempo e trabalho árduo. Ser um rebelde sexual, que se recusa a aceitar a ortodoxia de uma época, é um dos atos de rebelião mais significativos e poderosos que existe. Optar por um sexo nãooprocriativo é uma forma de blasfêmia, uma vez que atinge o coração da crença da sociedade em sua própria imortalidade. (SPENCER, 1999, p.377).

Outro aspecto interessante do trecho de Levítico e que, de alguma forma, evidencia-se na charge analisada, é a concepção do sujeito homossexual. Ambos os trechos mencionam que nenhum homem deve se deitar com outro como se fosse uma mulher, ou seja, o elemento passivo, aquele que é penetrado, é que, tradicionalmente carrega todo o estigma. Não há punição aparente aos homens que fazem sexo e exercem aí a função de ativo na relação. O autor da charge investe na caracterização dos homossexuais justamente pelo viés que os “consagrou”: os dois personagens estão maquiados, possuem cabelos coloridos e vestes femininas, ou seja, são afeminados, e, possivelmente, submissos. O único detalhe que denuncia o truque dos homossexuais de se passarem pelo sexo feminino, são as pernas que revelam alguns pelos. Esse detalhe é importante para que os leitores tenham certeza da identidade dos personagens. Os pelos são um índice cultural de masculinidade, comumente associados à masculinidade viril. Se presente nas mulheres, pode indicar um desleixo com o corpo e também a uma tentativa de se masculinizar, a mulher “sapatão”. As figuras da charge são ambíguas, há uma tentativa de fundir dois corpos em um único.

Eles são retratados na tira como um amálgama entre o feminino e o masculino, junção que dá um sentido de desarmonia e de monstruosidade aos personagens.

Todos os recursos discursivos utilizados pelo autor do texto para caracterizar os homossexuais mostram-se eficientes dentro dessa FD, eles estão de acordo com a competência discursiva a que o enunciador está filiado (Maingueneau, 2005). Os sujeitos homossexuais estão no centro da charge. Nas margens, há a presença de toda a sorte de pessoas, há representação de velhos, de jovens, de negros, brancos e até crianças de colo. Todos estão com uma faixa na boca, uma mordaca que traz o título o Projeto de Lei 122. As feições dos transeuntes se opõem às dos gays retratados, o casal está sorridente, enquanto os demais parecem tristes, sorumbáticos, o que dá à charge um aspecto de desolação, de tristeza.

Além dos elementos não verbais, há alguns enunciados verbais, mas são poucos. A assinatura do autor da charge, o termo *PL 122* que aparece em duas funções diferentes: uma delas é dar nome à charge, dentro de um retângulo amarelo; a outra, como inscrição na mordaca presente nos personagens que ocupam as periferias do texto. Há duas construções visíveis, uma delas é uma escola e a outra, uma igreja. A escolha desses elementos, provavelmente, não é aleatória. São justamente essas duas instituições, as mais ameaçadas pelos discursos humanistas, segundo a vertente fundamentalista. Consideremos um exemplo: o ano de 2015 foi marcado por intensos debates em relação à matriz curricular da Educação Básica Brasileira. Em vários estados, simples menções a um currículo que opere com a diversidade e ensine as crianças e adolescentes a conviver com ela, foram alvo de intensas pressões de integrantes religiosos que ocupam as câmaras municipais e estaduais do Brasil. O “kit gay”, apelido dado a uma cartilha que trabalharia com essas questões, foi banido tamanha a pressão de partidos conservadores, mas que compunham a base do governo Dilma Roussef. A lei *PLC 122* representa uma ameaça ainda maior, segundo os setores religiosos mais conservadores, porque, segundo representantes desses setores, a lei pode criar algum tipo de constrangimento em relação aos discursos contrários à causa gay proferidos em templos, em telecultos e em grandes manifestações religiosas, como a Marcha para Jesus. Por causa da pressão, os deputados responsáveis pela redação do projeto deixam bem claro que essas instituições estarão em uma espécie de zona neutra, sem risco de serem ameaçadas no direito de imputar discursos contrários à prática homossexual. Abaixo, os trechos mais polêmicos da lei.



Art. 1º A ementa da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Define e pune os crimes de ódio e intolerância resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero ou condição de pessoa idosa ou com deficiência. (NR)”

Art. 2º Os arts. 1º, 3º, 4º, 8º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes de ódio e intolerância resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero ou condição de pessoa idosa ou com deficiência. (NR)”

Parágrafo único: Incide na mesma pena quem impedir ou restringir a manifestação de afetividade de qualquer pessoa em local público ou privado aberto ao público, resguardado o respeito devido aos espaços religiosos. (NR)”

“Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou o preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero ou condição de pessoa idosa ou com deficiência.”<sup>31</sup>

Todos esses elementos criados dentro desse cenário e contexto, compõem aquilo que Maingueneau denomina de *déixis enunciativa*. O conceito é diferente da *déixis* que vale para ancorar o discurso em um dado tempo e espaço, elementos embreantes (*eu, aqui, agora*). O conceito de *déixis* em Maingueneau considera todos os recursos utilizados para compor a cena enunciativa e ao mesmo tempo sua própria enunciação. Nesse sentido, a charge constitui-se como uma espécie de alerta, de uma pequena apreciação do que seria um mundo distópico, em que todos serão calados pelo que seus enunciadores chamam de “ditadura das minorias”. O autor imprime um tom profético ao assumir que a sociedade vai pagar um alto preço por essa lei.

A intertextualidade, além de se aliar a uma tradição discursiva, como já havíamos afirmado, também se constitui em ocultar trechos das obras fundantes que, porventura, possam desestabilizar a FD, “deixar nas sombras o que vai ao encontro ao seu Outro” (MAINGUENEAU 2005 p. 115). O texto do Levítico, por exemplo, apresenta, além desses versículos contra a homossexualidade, outras tantas leis que são sumariamente ignoradas.

---

<sup>31</sup> **O que diz o PLC 122?** Disponível em <http://www.plc122.com.br/plc122-paim/#ixzz3xuT3TN4N>. Acesso em 07/03/2016

O texto bíblico é fundador. Sobre ele exercem duas forças discursivas: de um lado, os discursos que intentam segurar, reter os sentidos, exercem uma espécie de força centrífuga sobre o texto religioso. Grande parte dos discursos constituintes possui essa “natureza” de retenção de sentidos. De outro, há uma grande força centrífuga que impulsiona outros sentidos. A charge possui uma clara orientação de reter os sentidos de um discurso constituinte religioso. Mantém-se na fronteira do parafrástico, uma postura de reverência ao texto origem, de manter atados os sentidos estabelecidos em uma remota origem. Porém, há também a ação de discursos que enfrentam essa política do monologismo, agem como “terroristas” dos sentidos, atingindo-os justamente nos pontos de deriva, nos flancos obscuros. Apresentaremos na sequência um texto que satiriza justamente os elementos

Os *memes*, como já havíamos adiantado, são herdeiros das narrativas visuais satíricas (que deram origem também aos quadrinhos modernos), e se constituem, muitas vezes, de temas atuais, de acontecimentos recentes. O exemplo de *meme* vai buscar nas sombras partes do discurso religioso que são solapadas, sacrificadas para que o discurso Outro permaneça na linha de identidade fundamental para o estabelecimento da identidade discursiva do primeiro.



FIGURA 26 – MEME SOBRE A RELIGIÃO FONTE:  
AUTORIA DESCONHECIDA. Disponível em  
<https://www.facebook.com/CartazesLgbt>. Acesso em 13/09/2015

O dialogismo, como podemos ver, compõe-se não apenas da parte do Outro que é perceptível na superfície, na heterogeneidade mostrada, como bem definiu Maingueneau (2015), mas também de uma tensão constitutiva, cuja força é necessariamente de outro lugar, de outro discurso. A forma como se abre para o Outro para poder se constituir é um movimento imperativo, fundamental. Porém, nunca essa “abertura” pode ser entendida como a aceitação do Outro, na verdade há um processo de “tradução” de partes da formação discursiva oponente nos termos “aceitáveis” pelo discurso primeiro. O ato de “parafrasear” o discurso do Outro só é possível porque a tradução é regida por um processo regular, “ligado à constituição de formação discursiva que remete para além delas mesmas, a descontinuidades sócio-históricas irreduzíveis”. (MAINGUENEAU ,2005, p.105). Esse engenho todo impede que haja uma “falência” da linguagem, uma vez que os sistemas simbólicos vivem um intenso processo de ressignificação, o que implica nos signos significarem o que significam dentro de uma dada FD e não outra coisa. Sem esse imperativo, todos os enunciados poderiam, a princípio, significar tudo e nada ao mesmo tempo, o que comprometeria gravemente um princípio básico e fundamental da linguagem, a própria comunicação e a compreensão mútua. Essa desestabilidade é necessária, uma vez que esse vazio semântico, o olhar que nos falta, só pode ser dado pelo viés alheio. É a partir dele que se criam as redes semânticas, cuja extensão jamais poderá ser delimitada.

No modelo, isso se manifesta no fato de que cada discurso é delimitado por uma grade semântica que, em um mesmo movimento, funda o desentendimento recíproco. (MAINGUENEAU ,2005 ,p. 103).

Isso significa que o Outro só pode ser legível dentro dos termos do discurso primeiro. Faz parte da competência discursiva que os sujeitos sejam hábeis tradutores do discurso paciente (assim denominado todo o discurso “traduzido” pelo discurso agente). Ou seja, a forma como o movimento LGBTT é visto pelos sujeitos que se associam a uma FD religiosa, de como traduzida dentro dos termos da própria

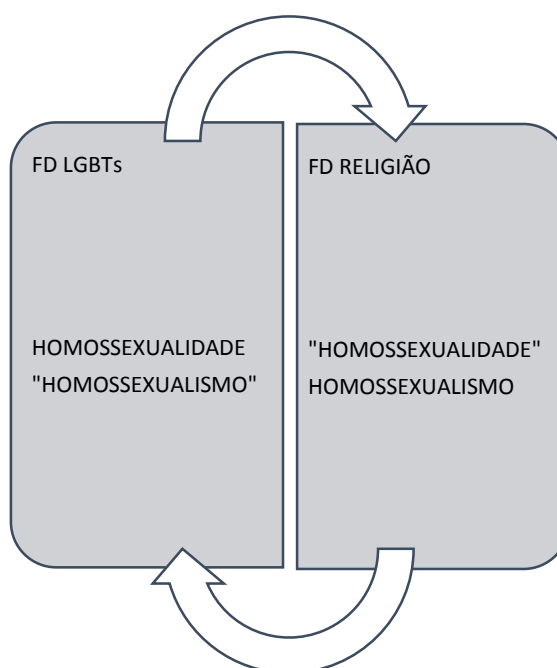


FIGURA 27 – A TRADUÇÃO  
FONTE: DO AUTOR

FD, a saber, a configuração dos homossexuais obedece aos modelos estereotipados que já apontamos nesta tese. São sempre efeminados, usam vestes espalhafatosas, são escandalosos, doentios, maquiavélicos, pois representam uma ameaça a um estado de coisas que se afirma com base em uma tradição milenar como natural, como único. Esse movimento entre as FDs religiosas e neopentecostais, ou em qualquer outra relação de *interincompreensão mútua*, nunca é estático, ao mesmo tempo em que a FD religiosa traduz os discursos da FD oponente, a FD LGBT também faz esse movimento. O esquema apresentado acima adotou o uso de aspas para indicar justamente a forma como a tradução implica outra carga semântica que não a usada pela FD primeira. Assim, o termo “homossexualidade” traduzido nos termos da FD religiosa neopentecostal está muito mais próximo do significado de homossexualismo – o uso do sufixo *-ismo* tem a mesma carga semântica de expressões que denotam algum tipo de doença, de enfermidade. Também se associam a essas expressões outras camadas semânticas que foram agregadas ao longo do tempo. O termo “homossexualismo” na FD LGBT, entre aspas, por sua vez, recebe uma tradução de negação desse termo, uma vez que, historicamente, ele é associado a uma postura de homossexual cujos movimentos sociais anseiam sublimar a figura do doente, do pervertido e do louco.

A análise que realizamos do meme (figura 26) serviu como uma espécie de contraponto às relações intertextuais que o texto da charge (figura 25) deliberadamente omite. Ambos são gêneros inscritos, tradicionalmente em temáticas humorísticas, mas, há, de fato, humor nesses dois exemplares? A charge (figura 25) se constitui numa análise política e sintética de um acontecimento, quase todas as charges valem-se desse tipo de combustível. E necessariamente não precisam ser engraçadas. São textos visuais que se assemelham às crônicas jornalísticas, cuja dependência do fato que lhes deu origem é uma importante chave para sua leitura e interpretação. A charge não é engraçada também porque dentro dos critérios selecionados por nós ela não se encaixa em nenhum deles. O primeiro motivo, o tecido do texto é constituído de material surrado, de elementos que são oriundos de discursos quase milenares sobre a sexualidade e, em especial, sobre a homossexualidade. Há uma preocupação em caracterizar os homossexuais como algozes, como se a conquista de “privilégios” (outra tradução para “direitos”) pudesse por em risco a liberdade de expressão ou até mesmo a espécie humana. Essa forma de rebaixamento, de caricaturizar o outro, a minoria, é um recurso que funcionou com os judeus, na propaganda nazista de Hitler; funcionou com muçulmanos e funcionou com as sufragistas. Fomenta-se o medo, cria-se um espetáculo de horror, que certamente contará com uma imensa plateia de espectadores. As estatísticas, no entanto, mostram um jogo completamente desfavorável às minorias. O número de gays, de travestis, de lésbicas que sofrem violência no Brasil é alarmante. A charge flerta perigosamente com esse tipo de atitude. Afinal, a linguagem não serve apenas emitir informações. Ao falar, o sujeito também age, também modifica de alguma forma o cenário. Falar também é agir. Essa ação no mundo sempre é, de alguma forma, legitimada por práticas discursivas mantidas e reguladas por instituições. Nesse caso, a Igreja tem sido centro irradiador desses discursos. Grande parte deles também foi assumida por esferas médicas e jurídicas, cuja intenção era, de acordo com Foucault (1998), dar uma identidade, uma origem a esse homossexual. Essas práticas objetivavam estabelecer o homossexual como herege, doente e/ou criminoso. Partes desses resíduos discursivos são ainda muito produtivos ao referir-se aos homossexuais. Estratégias, evidentemente, que atribuem ao homossexual uma pecha de “perigoso”, “danoso” à sociedade e que, portanto, deve, no mínimo, manter-se confinado.

Um dos aspectos mais perversos da segregação diz respeito aos problemas identitários, aos problemas da falta de espaço, aos problemas de preconceito e de intolerância que os indivíduos sofrem e vivenciam. Tal segregação pode ocorrer de forma aberta ou de forma velada. Essa última talvez seja a mais perversa por significar, simulando que não significa. Afinal, afirmar que se aceita ou outro, mas querê-lo convenientemente a distância, “confinado” em seu “próprio” espaço, não é aceitação real. Por mais que nos esforcemos em negar a presença do outro – que “diferente” de nós -, ele está em todos os lugares; é primordialmente um problema social, mas que traz em seu bojo outros fatores: históricos, políticos, econômicos e, por que não dizer, discursivos (LARA; LIMBERTY, 2015, p. 7).

Há dois espaços sendo representados na charge. Um deles é o espaço público, a rua, onde convergem todos os tipos sociais possíveis e que a princípio possuem ampla liberdade de ir e vir. A rua é o ambiente simbólico de convivência, de democracia, tal como a praça. As sexualidades periféricas veem os espaços públicos como locais de perigo eminente. E as comunidades marginalizadas buscam proteção mútua e constituem um gueto. Nesse sentido, a charge demonstra a reação das pessoas em relação aos que resolvem, de alguma forma, exibir um comportamento que coloca em risco a ordem discursiva e social imperante. A tristeza decorre da impossibilidade de mostrar aos ‘invasores’ que esse espaço público não lhes pertence. A mordada serve como uma forma de exibir a supremacia de um agente sobre o outro, em que quem está ‘mais à vontade’ domina e cala os demais, impondo-lhes o medo e o ódio.. Ao falar do medo e dos discursos que se originam dele, Tiburi (2016) cunhou a expressão *med’ódio*.

O modo como se produz o medo relaciona-se diretamente com a produção do ódio. São afetos associados. A sociedade que promove a insegurança – e vende “segurança” por todos os lados – depende do sucesso do medo. Medo da economia e da política e, em primeira instância, sempre o “medo do outro”.

Em seu estado enrijecido, o medo pode se tornar paranoia. A paranoia devém (sic) do ódio. Podemos então falar em medo-ódio. *Med’ódio* seria uma palavra muito feia para uma coisa que nos faz muito mal: uma espécie de olhar intransitivo, quase que odiar por odiar. Como visão de mundo, a paranoia serve à negação do outro a quem o paranoico deseja destruir. A origem da paranoia nos escapa, mas sabemos de seus efeitos: ódio para todos os lados, sem limites. (TIBURI, 2016, localização 486).

Para Spencer (1999) o medo aos homossexuais é, ao mesmo tempo, o medo do paganismo. Um receio de que as sociedades organizadas sejam invadidas por hordas



de bárbaros que destruam tudo. Os homossexuais são vistos como portadores dessa ruína, pois “são vistos como dissipadores pagãos, no sentido mais profundo, desperdiçando a força da humanidade simplesmente para obter uma emoção sexual passageira” (SPENCER, 1999, p. 380). Esse tipo de imagem apocalíptica é muito comum nos sermões religiosos. O tom assumido é profético, como vimos na charge, Ou seja, as sociedades, se forem dominadas pela “agenda gay”, poderão colocar a humanidade em risco. Um exemplo, ao comentar sobre a aprovação do casamento gay nos Estados Unidos, em 25 de junho de 2015, Silas Malafaia apenas revela parte desse medo, do receio da sociedade se liquefazer, desmoronar-se: “o que aconteceu hoje nos EUA, é mais um capítulo da decadência moral daquela nação.”<sup>32</sup>

O autor da charge, ao assumir o tom profético, abre mão da produção de humor intencional. Esse tom serve para dar uma “corporalidade” e um “caráter” ao enunciador. O piadista, o humorista não podem ser atributos dessa corporalidade, uma vez que os discursos religiosos geralmente investem em estilos e temáticas mais sérias, mais sisudas.

O ‘modo de enunciação’ obedece às mesmas restrições semânticas que regem o próprio conteúdo do discurso. Não somente o modo de enunciação torna-se frequentemente tema do discurso, mas, além disso, esse conteúdo acaba por ‘tomar corpo’ por toda a parte, graças ao modo de enunciação: os textos falam de um universo cujas regras são as mesmas que presidem a enunciação. Se, em um quadro ‘antisubjetivista’ pensa-se, não sem pertinência, a enunciação como associada a um ‘lugar’, a uma ‘posição’ atribuída pelo discurso, não se deve por isso mesmo ver no enunciador um mero ponto de entrecruzamento de séries institucionais: ele constrói também o seu ‘tom’, ‘caráter’ e ‘corporalidade’ específicos. (MAINGUENEAU, 2005, p. 97).

Vale lembrar que esse fato comprova nossa afirmação sobre a dificuldade de encontrar gêneros humorísticos dentro da esfera religiosa. A incidência de encontrarmos gêneros tipicamente humorísticos, como as charges, dentro do campo religioso é muito rara. A charge analisada nesta seção é um acontecimento discursivo peculiar, mesmo não apresentando, como já dissemos, um conteúdo humorístico, propriamente dito.

---

<sup>32</sup> Disponível em [https://twitter.com/PastorMalafaia/status/614607888158490624?ref\\_src=twsrc%5Etfw](https://twitter.com/PastorMalafaia/status/614607888158490624?ref_src=twsrc%5Etfw). Acesso em 12/06/2016

O tipo de humor que procuramos vai por outras veredas e investe em tons diferentes. O humor carnavalizante não fomenta o medo, nem tampouco o ódio. É criativo, investe na polissemia, em sentidos que fogem do usual, do corriqueiro. Além disso, há uma preocupação em destronar, em rebaixar aquele que se julgar importante. Vimos que os enunciados materializados na charge (figura 25) são, notadamente, inscritos dentro de uma FD religiosa neopentecostal e faz um simulacro, uma tradução em seus próprios termos, do que seria uma lei que coibisse qualquer tipo de manifestação homofóbica. A liberdade de poder demonstrar relações afetuosas entre seus pares é traduzida pela FD religiosa como uma ofensa, um tipo de censura que limitaria ações de repúdio e ódio. Para os sujeitos circunscritos dentro do campo neopentecostal, o amor homossexual é entendido como um tipo de vício, de doença, de pecado, por isso, a insistência no uso do termo homossexualismo, que, como já vimos, apresenta uma relação intertextual com discursos que criminalizavam e estigmatizam as relações homossexuais. O quadro que se segue procura apresentar alguns desses itens lexicais, ou enunciados e como cada FD elabora suas redes de sentido elaboradas a partir de critérios determinados pela própria FD.



<b>FD LGBTTs – Semas positivos (tradução)</b>	<b>Semas</b>	<b>FD NEOPENTECOSTAL – Semas negativos (tradução)</b>
Amor	Pessoas do mesmo sexo que mantém um relacionamento	Vício, doença
Liberdade para demonstrar expressões afetividade em público; sair do armário	Toques e carícias em público	Imposição de um comportamento; má influência; plano de dominação mundial
Sujeito que vive sua sexualidade “livre” de comportamentos instituídos;	O sujeito homossexual	Aberrações, monstruosidades, pecadores; invertidos (homens afeminados e mulheres masculinizadas)
Sexo como fonte de prazer	As relações sexuais	Pecado – fuga do plano divino de procriação; promiscuidade

FIGURA 28 – TABELA DE TERMOS TRADUZIDOS FONTE: DO AUTOR (2016)

Os léxicos, incorporados em enunciados, possuem um “fechamento” na relação constitutiva com outro espaço, com outros enunciados. O termo “amor” por exemplo, dentro da FD LGBTTs, necessita, para seu fechamento, o horizonte do espaço discursivo oponente.

A formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo, atribuiria por isso mesmo, ao Outro a zona do interdiscurso, isto é, do dizível errado. Se o universo do gramaticalmente dizível, um discurso define uma ilha de enunciados possíveis que se considera que saturam a enunciação a partir de uma posição dada, no conjunto de enunciados assim recusados, ele define igualmente um território como sendo o de seu Outro, daquilo que, mais que qualquer outra coisa, não pode ser dito. O Outro circunscreve, pois, justamente, o dizível insuportável sobre cujo interdito se constitui o discurso; por conseguinte, não há necessidade de dizer, a cada enunciação, que ele não admite esse

Outro, que ele exclui pelo simples fato de seu próprio dizer. (MAINGUENEAU, 2005, p. 39-40).

O texto que segue não apresenta, a princípio, elementos verbais “visíveis” que evidenciarão sua posição contrária aos discursos religiosos. Essa relação não se dá na forma de citação direta, dá-se em noutro plano. A narrativa do texto (figura 34), por exemplo, exibe um conceito de normalidade que é, de alguma forma, combatido pelos discursos religiosos, ou seja, a identidade considerada “normal” é atravessada pelos discursos religiosos (BORRILLO, 2010). A interferência desses discursos é perceptível nos estilos selecionados, nas expressões faciais, nas motivações para a produção dos enunciados verbais e no tom do texto.



FIGURA 29 – LÉSBICAS E A VIDA PÚBLICA FONTE: Cartazes e Tirinhas LGBT. Disponível em <https://www.facebook.com/CartazesLgbt/?fref=ts>. Acesso em 30/08/2015.

Outro aspecto que merece destaque é a configuração formal das figuras sob análise. A primeira charge dessa sessão (figura 25) apresenta uma narratividade contida em apenas um quadro, a estrutura prototípica da charge. O humor gráfico da figura 29, traz uma narrativa que se estende por quatro vinhetas. Embora sejam diferentes, apresentam um mote semelhante: a exposição de um casal homossexual

em um espaço público. A primeira, como já vimos, foi originalmente publicada em um site cristão, a segunda, em uma comunidade do Facebook chamada *Tiras e cartazes LGBTTs*. A forma como ambos os casais são retratados segue a cartilha de orientações de cada uma das FDs. O primeiro enunciador vale-se de traços caricatos, disformes. Além disso, o autor reitera os discursos que classificam os homossexuais como “afeminados” e “passivos”. A segunda narrativa (figura 29) também é composta de personagens que apresentam traços estereotipados (os cabelos curtos, a vestimenta, uma bem masculinizada e a outra ‘mulherzinha’) elementos recorrentes do imaginário lésbico. Esse recurso é necessário para o público, distinto da audiência da charge (25), se “reconheça”, se identifique de alguma forma, com as personagens retratadas na HQ. Para tanto, os personagens da charge (figura 25) são retratados de forma exagerada, já o texto da figura 29 investe em retratar homossexuais mais humanizados. Notam-se traços mais limpos, as proporções do corpo mais harmoniosas, enfim, é uma “redação visual” que está comprometida com a FD LGBTT. Além dos traços gráficos, a narrativa também apresenta um contraponto ao texto do chargista (figura 25) ou seja, o enunciador da HQ (figura 29) fala de uma posição de dentro de uma outra FD. Essa distinção se dá por meio como ele constrói os sujeitos homossexuais, narrando as peripécias pelas quais passam um casal de lésbicas. O trajeto do casal é interrompido por três sujeitos, três tipos de discursos:

1. Relações lésbicas são incompletas. Há necessidade de um homem que as ‘cure’; ainda, a imagem da relação erótica entre duas mulheres consolidou-se como uma espécie de fetiche masculino;
2. Relações lésbicas não precisam de visibilidade; o comportamento desse tipo de casais é um perigo para a formação dos jovens, já que pode incentivar posturas semelhantes;
3. Relações lésbicas são exóticas, bizarras, por esse motivo são motivos de espanto, de surpresa.

A primeira fala – “comia as duas” – é uma espécie de ‘cantada’, uma forma de assédio muito comum no Brasil. É um tipo de expressão que sinaliza desejo, vontade de transar, de possuir a outra pessoa – geralmente do sexo feminino. Evidencia-se no enunciado uma relação assimétrica de poder. Quem se coloca na posição de “comedor” é sempre o mais forte, quem fica na posição de “comido”, é o elemento passivo, o mais fraco.

O sistema androcêntrico se estabelece em bases assimétricas de poder hierárquicas que oprimem as mulheres. A sexualidade está orientada pela perspectiva da complementariedade entre homens e mulheres, com base no sexo biológico. (PINAFLI, 2010, p. 333).

O sistema androcêntrico possui também um repertório de práticas discursivas, um imaginário em relação às lésbicas. Os discursos fomentados dentro desse sistema de regras de formação dão a entender que as mulheres são seres incompletos, que precisam do homem para se tornarem seres plenos. As lésbicas violam esse princípio, já que vivem seus relacionamentos sob a recusa do par homem/mulher. Para ilustrar essa questão, vale citar o trabalho de Priore (2005) sobre a construção da identidade feminina que foi moldada sob forte controle institucional, em especial, da Igreja, mesmo aparentemente distantes, esses discursos ainda são audíveis.

A mulher tinha que ser naturalmente frágil, agradável, boa mãe, submissa e doce etc. As que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais. Partia-se do princípio de que, graças à natureza feminina, o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente, anormal. (PRIORE, 2005, p. 208).

Além da ideia da incompletude, as lésbicas também integram um imaginário sexual androcêntrico.

A homossexualidade feminina suscita uma curiosidade particular nos homens. Nos filmes pornográficos, mostram-se poucas cenas de coito homossexual entre homens, mas constantemente cenas de relações sexuais entre mulheres, não para saber como elas fazem amor, já que elas nada têm para poder fazer, mas por fascinação pelo interior escondido da mulher e por vontade de despojá-la do poder que se supõe que ela tem e de degradá-lo. (CHILAND, 2005, p.91).

O segundo enunciado é produzido, possivelmente, por uma figura materna. O enunciado revela alguns aspectos importantes: trata-se de um imperativo, é uma ordem. O pedido tem, obviamente, duas finalidades: manter a invisibilidade dos grupos estigmatizados. É imperativo que estes se mantenham nos guetos, em espaços próprios para esse tipo de relacionamento. A segunda finalidade é de salvaguardar crianças e jovens do contato e convívio com sexualidades marginais. O gesto de obstruir a visão da menina com as mãos é revelador nesse sentido. Há um receio de

que a convivência, ou mesmo a observação, possa modificar os comportamentos considerados saudáveis. (MACHADO; PICOLLO, 2010).

O terceiro enunciado “Nossa! Lésbicas de verdade, que até andam de mãos dadas e tudo, vocês arrasam!!!” – A expressividade denotada pelas expressões faciais do locutor e a quantidade de pontos de exclamação servem como modalizadores desse enunciado, ou seja, amplifica-se o grau de surpresa do sujeito ao deparar-se com um casal de lésbicas na rua. A frase, a princípio, destoa do tom das que foram ditas durante o passeio do casal, ou seja, não há agressividade verbal, como no enunciado encontrado na primeira vinheta e tampouco se assemelha ao o gesto pouco amigável de se tapar os olhos de uma criança, encontrado na segunda vinheta. No entanto, acreditamos que o enunciado dito nessa 3a. vinheta possui também uma dose de violência simbólica. O encantamento, o espanto do sujeito que visualiza um casal de lésbicas denuncia a raridade dessa visibilidade. Explicamos: como vimos cada um dos enunciados revela uma *posição-sujeito*, ou seja, o lugar de onde o sujeito fala e como os sentidos são produzidos nesse espaço. A fala do ‘macho’, a fala da dona de casa, do simpático/deslumbrado à ‘causa’, são, de alguma forma, conservadoras, Lakoff (2010) afirma que usamos a linguagem, mas que também somos usados por ela, ou seja, as palavras são capazes de determinar nossa posição, nossa geografia em relação a determinados aspectos, fatos ou eventos. Há a ilusão de que as palavras podem ser sinônimas, pois possuem o mesmo valor denotativo, mas sabe-se que ao selecionar um modo de dizer “comer”, “foder”, “ficar”, “transar”, exibimos também um modo de perceber e entender esse fato. Cada um dos enunciados revela uma forma de violência simbólica, instituída por diversos agentes e espaços. São enunciados que mostram uma das facetas da desigualdade, constroem, oprimem, procuram expulsar dos espaços públicos a presença de elementos considerados exóticos.

A heterossexualidade aparece, assim, como o padrão para avaliar as outras sexualidades. Essa qualidade normativa e o ideal que ela encarna é constitutiva de uma força específica de dominação, chamada *heterossexismo*, que define como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa a posição superior. Todas as outras formas de sexualidade são consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patologias, criminosas, imorais e destruidoras da civilização. (BORRILLO, 2010, p.31).

Há o medo de se assumir e também a homofobia inviabiliza a presença dos homossexuais em espaços públicos. Os casos de violência, agressão e assassinatos de homossexuais são um dos altos no Brasil. (COSTA, 2010).

O texto finaliza, aparentemente, com a mesma premissa do texto da charge (figura 25), ou seja, há possibilidade de ser gay e ter garantido o seu direito a visibilidade, a demonstrações de carinho em público? O termo “silêncio” presente nas duas HQs tem acepções diferentes. Se para o texto ele simbolizaria a censura, como proibição na liberdade dos integrantes da FD neopentecostal de criticar posturas contrárias a sua fé, no texto da HQ (figura 29) o silêncio é traduzido pela FD LGBTTS como positivo, já que indicaria banalização, indiferença e aceitabilidade. O silêncio é constitutivo de sentidos também (ORLANDI 2007), ou seja, ele também é significativo.

Para Orlandi, o silêncio é entendido, sobretudo no Ocidente, como ausência, como a não significação, de falta. O homem fala para significar, para ser constituído pelo simbólico. Assim, os homens produzem enunciados buscando uma unicidade (mesmo que instável). O silêncio, ao contrário da linguagem, que estabiliza os sentidos, é composto de inúmeros sentidos, de inúmeras possibilidades de identidade desses sujeitos. Os enunciados devem uma parte do que significam justamente àquilo que não é enunciado, ao silêncio. E esse não dizer é, segundo Orlandi, profundo como o mar, onde “...está o real do sentido. As ondas são apenas seu ruído, suas bordas (limites), seu movimento periférico (palavras)”. (ORLANDI, 2007, p. 33). O casal feminino quer a visibilidade, mas sem abrir mão do direito de serem diluídas na multidão, sem serem expostas a tanta violência simbólica, de não serem encaradas como criaturas exóticas e ou incompletas.

Os dois principais textos analisados nesta seção foram interpretados a partir da relação constitutiva entre discursos que se colocam em posição de oposição. Apesar de serem gêneros propensos a produzir humor, os recursos mobilizados não constituem o tipo de riso que estamos investigando, o humor carnavalizante. A charge (figura 25) embora represente os homossexuais com traços exagerados e, a princípio, poderíamos considerar como carnavalizante traz, porém, uma figuração não inovadora dos homossexuais, aliás, vale-se uma sintaxe visual muito recorrente nos discursos religiosos sobre os homossexuais. Essa configuração apenas reforça a assimetria de forças, ou seja, os discursos religiosos não sofrem nenhum tipo de revés, permanecem na posição hegemônica. Não há ambivalência, não há abolição da ordem hierárquica e tampouco profanação na constituição da voz do Outro. Isso

apenas reforça a resistência dos discursos religiosos de assumirem uma cenografia humorística, embora façam uso de um gênero muito comum em temáticas de humor, o fazem revestindo de uma cenografia semelhante à de uma pregação religiosa, uma espécie de admoestação em tom profético. A modulação discursiva utilizada pela HQ (figura 29) também não constitui o humor carnavalizante, aliás, contribui na tentativa de apresentar aspectos positivos dos homossexuais, ao mesmo tempo em que revela uma face negativa dos discursos opositores. Porém, os recursos mobilizados para a captura do discurso do Outro não se fazem nos moldes de um rebaixamento.

## 6.2 O PASSADO E O PRESENTE; O ALTO E O BAIXO

A obra *Religiões e homossexualidade* organizada por Maria das Dores Campos MACHADO e Fernanda Delvalhas PICOLLO apresenta um amplo painel das relações entre as cinco principais orientações religiosas brasileiras e a questão da homossexualidade. A obra constitui-se de entrevistas com líderes religiosos católicos, rabinos, médiuns, pais e mães de santo e pastores. Os temas destacados na obra tratam de aspectos diversos relacionadas à política LGBTT dentre as quais destacamos a questão da união civil, o casamento gay, a lei que torna crime a homofobia e o direito de demonstrações de carinho em lugares públicos. As cinco filiações religiosas não apresentam opiniões fechadas em torno de um único ponto de vista, há desacordo em relação às políticas LGBTTs, há desavenças até mesmo entre líderes da mesma denominação. Um dos aspectos mais interessantes que se nota nesse documento, e em especial, em entrevistas de líderes evangélicos, são as filiações, as relações intertextuais que as posições contrárias e pró gays assumem.

Como visto nas análises das figuras anteriores (25-29), há uma vertente mais “moderna” em que as relações intertextuais buscam uma tradição de negação do texto bíblico do Velho Testamento e optam por filiar-se às perspectivas presentes nas pregações e mandamentos do Novo Testamento. Há um relativo abandono do Deus implacável das escrituras em detrimento do Deus que prega o mandamento de “amar a todos como ama a si mesmo”. Até um dos ateus mais radicais, como Richard Dawkins concorda, com ressalvas, de que há de fato uma mudança radical no caráter de Deus nos textos do evangelho em relação ao Deus do Velho Testamento:



Bom, não há como negar que, do ponto de vista moral, Jesus é um enorme avanço se comparado com o ogro cruel do Antigo Testamento. Se é que existiu, Jesus (ou quem quer que tenha escrito seus livros, se não ele) foi certamente um dos grandes inovadores éticos da história. O Sermão da Montanha é bastante progressista. Seu “ofereça a outra face” antecipou Gandhi e Martin Luther King em 2 mil anos”. (DAWKINS, 2007, p. 322-323)

Mesmo com a possibilidade de uma filiação intertextual a uma tradição mais flexível, os discursos religiosos ainda mantêm a característica da *não reversibilidade*, ou seja, se há discursos que estabelecem enunciadores e interlocutores gozando de uma relativa simetria, há outros, porém, em que a relação entre esses agentes não é tão simétrica. O discurso religioso pertence a esse segundo grupo. Discursos dessa natureza são classificados por Orlandi como um tipo de discurso *autoritário*. Como exemplo, o discurso religioso busca anular a possibilidade de tomada da palavra do interlocutor. (ORLANDI, 2011). As instituições religiosas têm um papel fundamental no gerenciamento desse tipo de discurso. Segundo Maingueneau (2005), há uma imbricação de um discurso e de uma instituição. São elas que validam, reforçam esses discursos. Por exemplo, os discursos contrários à homossexualidade já foram validados por instituições jurídicas – ser gay era crime- por instituições médicas, o homossexual entendido como alguém que padece de um mal, de uma doença.

De fato, e esse é um ponto crucial, a passagem de um discurso a outro é acompanhada de uma mudança na estrutura e no funcionamento dos grupos que gerem esses discursos. Não é o mesmo tipo de organizações que se desenham em um e outro caso, nem se trata dos mesmos protagonistas. Proporemos a hipótese de que essa divergência pode, ela também, ser analisada através do sistema de restrições, e, então, que ela se conecta com o espaço discursivo. (MAINGUENEAU, 2005, p. 125)

Nas análises anteriores observamos como as instituições recusam sentidos, filiações. As vertentes mais tradicionais e conservadoras insistem na leitura literal de partes do texto bíblico. Os conservadores recusam algumas relações intertextuais da própria fonte “inspiradora”. Por exemplo: Os trechos bíblicos que consideram os homossexuais como pecadores são sempre citados, porém, há outros versículos que apresentam leis muito datadas, atreladas ao contexto histórico em que foram escritas.

Por essa razão, elas soam como anacrônicas, estranhas aos dias de hoje: comer camarão e vestir roupas com tecidos diferentes – uma peça de lã e outra de algodão - são alguns exemplos. Por essas razões que esses trechos são mantidos

na obscuridade, porque o conteúdo não é relevante e também porque podem, de alguma forma, mostrar aspectos contraditórios da FD religiosa. As leituras literais visam proteger os textos bíblicos de leituras contextualizadas. O versículo de Levítico condenando as relações entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, não pode ser lido nem interpretado como uma apenas uma lei restrita àquele contexto histórico. Por razões ideológicas, o sentido literal deve ser mantido, diferentemente do que acontece com outras leis presentes no mesmo livro religioso, que são, sumariamente, ignoradas.

Os textos de fundação são considerados intocáveis, acredita-se que são imutáveis, dado o vínculo que têm com elementos mágicos, metafísicos. A citação que se segue é reveladora nesse sentido, trata-se de um pequeno trecho da entrevista que um pastor evangélico cedeu aos pesquisadores da já referida obra *Religiões e homossexualidade*.

O mundo evolui, mas a palavra é a mesma. O mundo cresce, prospera, mas o Deus é o mesmo. Ele não mudou, segundo nossa fé, ele não mudou. Ele opera da mesma maneira que ele operava no começo. (MACHADO; PICOLLO, 2010, posição 1293)

A postura do religioso é vestígio de uma época em que praticamente todos os discursos convergiam para a religião. A igreja era o referencial utilizado para abonar (ou desabonar) quase todas as práticas discursivas. Esse tipo de estrutura social, de maquinário discursivo, deixou de ocupar o centro, deixou de ser o princípio regulador das sociedades. Há uma tendência entre os cientistas sociais (MACHADO; PICOLLO, 2010) de que há uma separação nas sociedades modernas entre moral e princípios religiosos, ou seja, os discursos que regulariam a moralidade, os comportamentos estariam sendo irradiados de setores vinculados a questões de Direitos Humanos. O diferencial é que esses discursos fornecem uma norma organizadora e padrões de ações públicas mais abrangentes.

Os textos que seguem apresentam essa tensão entre a religião e as questões relativas aos direitos humanos, em especial, às políticas pró LGBTTs, o novo, o moderno em oposição ao tradicional, ao imutável. Se para as esferas religiosas, o avanço relativo aos direitos humanos implica degradação moral da sociedade, para o espaço LGBTT, trata-se de uma revolução, de um passo adiante. Por essa razão, as estratégias de reconstituição do Outro, do discurso religioso, serão diferentes dos recursos dos textos analisados anteriormente. Posto assim, nossa hipótese é que a

construção do humor se serve de outras estratégias, investe em outros tons. Restanos saber em que medida essa modulação pode ser entendida como carnavalizante.



FIGURA 30 – PROTESTOS CONSERVADORES ONTEM E HOJE

FONTE: Disponível em <https://stophomofobia.wordpress.com/category/midia-e-entretenimento/page/3/entretenimento/page/3/>. Acesso em 12/11/2015

A HQ, acima, constitui-se de apenas duas vinhetas que correspondem a situações históricas diferentes, há, portanto, dois acontecimentos sendo retratados no texto. A charge analisada foi traduzida para o português e compartilhadas por centenas de sites pró LGBTT. Ela foi originalmente produzida nos Estados Unidos<sup>33</sup> e refere-se as acaloradas discussões entre conservadores e ativistas pró LGBTTs sobre a regulamentação do casamento homossexual. A lei acabou sendo aprovada em 2015. A charge contrapõe a questão dos gays a uma situação vivida pelos negros estadunidenses nos anos 1960: a luta pela igualdade de direitos. Dentre as reivindicações, constavam o fim da separação de banheiros para homens brancos e negros, de lugares que só poderiam ser frequentados por brancos etc. A suspeição de que o fim desse tipo de regime de segregação racial estava chegando provocou a

<sup>33</sup> Neste site é possível encontrar a tira original. **Gay marriage political cartoons**. Disponível em <https://allforalltodosparatodxs.wordpress.com/2011/03/16/gay-marriage-political-cartoons/>. Acesso em 13/10/2016

ira de amplos setores conservadores estadunidenses, o religioso era um deles. A segunda vinheta apresenta um acontecimento mais recentemente, a luta por direitos iguais, desta vez pela comunidade LGBTT, aí incluso, o direito de legalizar as uniões homossexuais.

O personagem, branco e, possivelmente, cristão - o termo “santidade do casamento” e como essa expressão é recorrente no meio conservador são indícios da filiação do personagem - traz um cartaz em suas mãos, ela apresenta um símbolo usado em placas de trânsito, que indicaria proibição, negação. No centro, os dizeres *Casamento inter-racial*. A leitura obtida pela junção dos dois códigos (verbal e escrito) é o enunciado: proibido casamentos (uniões) inter-raciais. O homem justifica seu ato, dizendo que “estamos apenas protegendo a santidade do casamento”. O enunciado insere o sujeito dentro de uma comunidade, é a partir dela que ele formula sua enunciação, o sujeito presente na HQ não é um indivíduo, solitário. A segunda vinheta introduz um outro personagem, desta vez um negro, também ergue uma placa, desta vez os dizeres são voltados aos grupos LGBTTs, o símbolo de proibição, tal como o que se encontra na primeira vinheta, tem no centro a expressão *casamento gay*.

Ambos os personagens ocupam uma *posição-sujeito* dentro do campo religioso. Eles assumem as vozes de um grupo, de um coletivo, que por sua vez, materializa sua ideologia em práticas discursivas variadas. Há dois lugares simbólicos retratados na HQ. O primeiro, o espaço em que a ideologia religiosa considerava casamentos inter-raciais como pecado, como perigosos à sociedade. O outro espaço, em tempos mais atuais, desloca sua interdição contra as uniões homossexuais. O autor da HQ expõe um mesmo discurso em tempos diferentes – a santidade do casamento. Entretanto, a história tratou de “deletar” uma camada de sentido desse discurso, ou seja, o sentido de um casamento ideal, dentro dos padrões aceitos pela sociedade, não contemplava as uniões inter-raciais. O tempo modificou esse discurso, esse “sentido negado” acabou sendo incorporado, é tolerado, não é mais um campo oponente. Nesse momento, não são mais as uniões entre brancos e negros que põem a perigo as instituições, mas sim, o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Para explicitar essa alteração de sujeitos e sentidos, o autor vale-se de um recurso metalinguístico só possível graças à constituição formal dos quadrinhos – a passagem do tempo fica registrada na superfície textual – ela é material, é possível através de recursos metalinguísticos retomá-la. O negro, ao apontar para a vinheta da esquerda, aponta para um “nós” (religiosos) no passado do espaço religioso que, dentro das

condições de produção da época, não via sentido em um casamento inter-racial. O autor da HQ aponta uma contradição, revelando que o discurso religioso, tomado por muitos como imutável, intransigente, pode também se modificar. Essa maleabilidade é mais uma prova de que os enunciados são produzidos filiando-se a uma determinada tradição, ou seja, “uma intertextualidade externa em que um discurso define uma certa relação com outros campos conforme os enunciados destes sejam citáveis ou não” (BRANDÃO, 2004, p. 95).

(...) mesmo o discurso religioso tradicional trata a relação afetiva como possível apenas entre um homem e uma mulher, sendo a relação homoafetiva um desvio dos planos de Deus. Outros discursos vão sustentar que a família pode se compor, sim, com dois sujeitos do mesmo sexo biológico. Há um momento em que os discursos se chocam pela disputa do conceito de família e vão para o embate, vencendo aquele que tiver mais força conjuntural e mais poder político para influenciar decisões normativas da sociedade. Discursos se mantêm tentando excluir discursos contrários. É uma luta que se manifesta nas práticas sociais. (FREIRE, 2014, posição 176).

O quadrinho abaixo (figura 31) trata da mesma questão. A narrativa, porém, é desenvolvida pelo autor valendo-se de mais vinhetas. As estratégias utilizadas para a produção de efeitos de humor também divergem da HQ anterior (figura 30)



FIGURA 31 – CASAMENTO GAY X CASAMENTO INTER-RACIAL

FONTE: Disponível em <http://spotniks.com/os-8-argumentos-mais-usados-contr-o-casamento-gay-e-por-que-eles-estao-terrivelmente-errados/> Acesso em 12/10/2015

Em ambas as HQs (figuras 30 e 31) revelam-se algumas contradições do discurso religioso. O segundo quadro/vinheta da HQ (figura 30), no entanto, traz novas facetas desse discurso: a ideia de que o casamento (gay ou inter-racial) desencadearia uma espécie de bola de neve e que a sociedade entraria em uma espiral de comportamentos ilícitos que poderiam destruí-la. Outra questão importante apontada no texto, e que também já mencionamos neste trabalho é a impossibilidade de casais não padronizados educarem uma criança, por serem considerados pessoas “anormais” e “doentes”, eles não conseguiriam criar uma criança dentro dos princípios da normalidade. Seriam um modelo equivocado para se seguir. Um trecho de uma notícia sobre as declarações de Silas Malafaia em relação ao casamento gay reforça o que afirmamos acima.

O pastor defendeu a posição de que nem todos os comportamentos sociais devem ser aprovados em lei. “Vamos colocar na lei tudo o que se imaginar. Quem tem relação com cachorro, vamos botar na lei. Eu vou apelar aqui. É um comportamento, vamos aceitar. Quem tem relação com cadáver, é um comportamento, vamos botar na lei”, disse. Sobre conceder direitos civis para homossexuais, Silas Malafaia disse que essa é uma porta de entrada para a aprovação do casamento entre o mesmo sexo. Para ele a formação de família é uma instituição irrefutável, afirmando que a composição é homem, mulher e filhos, apenas. Ele chegou a citar que essa é a configuração familiar afirmada na Constituição Federal do Brasil. (REDAÇÃO GOSPEL, 2010)<sup>34</sup>

O ponto de vista sobre a questão de direitos LGBTTs das duas histórias assume uma estrutura discursiva e textual de piadas, ou seja, cada uma a seu modo, encaminha-se para um desfecho previsível, mas há a inserção de um final alternativo, porém, perfeitamente possível e aceitável. Essa ruptura da expectativa gera o riso. Maingueneau (2005) defende que a má interpretação de enunciados se deve menos a questões relativas a ambiguidade e ou mal-entendidos encerrados no quadro

---

<sup>34</sup> Em discurso contra o casamento gay, Silas Malafaia compara homossexualidade a zoofilia e necrofilia. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/em-discursohttps://noticias.gospelmais.com.br/em-discurso-contr-o-casamento-gay-silas-malafaia-compara-homossexualidade-a-zoofilia-e-necrofilia.htmlcontra-o-casamento-gay-silas-malafaia-compara-homossexualidade-a-zoofilia-ehttps://noticias.gospelmais.com.br/em-discurso-contr-o-casamento-gay-silas-malafaia-compara-homossexualidade-a-zoofilia-e-necrofilia.htmlnecrofilia.html>. Acesso em 02/05/2016.

enunciado, do que de posições sócio-históricas divergentes. A *interincompreensão* constitui-se na disputa dos sentidos do termo *casamento*: o primeiro, entendido como uma união estável entre um homem e uma mulher, realizada dentro de uma cerimônia religiosa; o segundo, uma concepção que desabona o entendimento religioso, e se constitui como um direito civil que deve se estender a todos os cidadãos, sem distinção. O humor investe nas contradições do discurso religioso, um deles é a negação da relatividade desses discursos, a crença também que esses discursos são imunes aos fatores históricos. Fica implícita uma pergunta: se houve uma mudança em relação ao casamento inter-racial, porque não mudar em relação ao casamento homossexual?

A legenda no alto de cada uma das vinhetas da figura 30 indica uma data e também o espaço onde os sentidos em relação ao casamento são produzidos. O texto serve para delimitar os acontecimentos produzidos em cada uma dessas épocas e seus respectivos enunciados. De uma vinheta para outra, há um salto no tempo e essa mudança também se observa nos discursos. As rupturas, as transformações sociais, as reorganizações das instituições agem sobre os discursos, afinal, são as instituições que controlam e modulam os sentidos. Para Freyre (2014) são as *derivas* que permitem ao sujeito romper com os discursos. Essa possibilidade de derivar é o motor que reconfigura os sentidos; eles podem se deslocar, se fortalecer e até mesmo serem extintos. São as determinações históricas responsáveis pelo destino dos sentidos.

Nenhum discurso está imune a isso. Por exemplo, os sentidos de um “casamento normal” nos anos 1960 não contemplavam os casais inter-raciais. Esse é um sentido “esquecido”, já não se materializa nos enunciados da esfera religiosa, a interdiscursividade constitui-se agora no embate em outro espaço. Esse comportamento volátil dos sentidos dos discursos valida a tese de Maingueneau (2005) sobre o primado do interdiscurso, ou seja, os sentidos não se encontram afixados, pré-determinados em um dado discurso. Eles, os sentidos, são constantemente desalojados, constituem-se nas zonas de relação entre os discursos, são, portanto, de identidade aberta e relativa. A matriz de sentido se dá nessas relações voláteis entre os discursos. Esse movimento de resignificação e da volubilidade dos discursos foi descrito por Bornheim:

Para evitar equívocos, convém sublinhar que o que realmente se verifica não está na pura e simples supressão do universal. O que vem se constatando ao longo dos últimos séculos, e com intensidade



crescente, sem que se perceba o menor indício de reversão neste quadro, está na destituição de um tipo de valor, de uma família bem determinada de universais concretos, e que podem ser classificados sob o rótulo geral de valores políticos-religiosos, todos centrados na esfera onto-teo-lógica (sic). Mas não faria sentido disso inferir que o próprio conceito de universal esteja destinado a desaparecer, ou que passe agora a ser suficiente a sua caracterização puramente formal, como ocorre com as ciências da natureza e com as constituições políticas. (BORNHEIN, 2007, p.362)

Os quadrinhos que seguem (figuras 32 e 33) reforçam esse choque quanto a uma nova constituição familiar e social em oposição a um modelo tradicional.



FIGURA 32 – MODERNIDADE X PRIMITIVIDADE

FONTE: <http://www.humopolitico.com.br/sem-categoria/cnj-aprova-casamento>  
<http://www.humopolitico.com.br/sem-categoria/cnj-aprova-casamento-homoafetivo/homoafetivo/>. Acesso 20/09/2016.

Ao colocar em evidência o casal de lésbicas, o autor reforça a perspectiva de novos tempos, da atualidade que nossa sociedade vive. O segundo grupo, localizado no segundo plano, se opõe a essas conquistas sociais. O efeito de desfocamento e de figuras representadas sem preenchimento, apenas com o contorno, evidencia o atraso desse grupo e também reforça o protagonismo do primeiro. A ideia de atraso é potencializada por uma simbologia bastante recorrente nos quadrinhos: as metáforas visuais de atraso, de primitivismo são produzidas pela presença de roupas de pele, clava e adereços de ossos nos cabelos e há ainda um reforço imagético fornecido pelo



pterodátilo no céu. Tais elementos referenciam um tempo remoto, a pré-história, que indicaria, metaforicamente, o atraso, a ignorância, a falta de desenvolvimento humano, tecnológico e social. Os enunciados analisados nessa HQ, de uma forma ou outra, também ecoam nos textos analisados nessa seção (figuras 31, 32): combater a ideia de que os discursos do passado eram melhores do que os de hoje.

Os textos apresentam essa relação opositiva de forma humorística, ou seja, são chistosos porque apresentam uma estrutura discursiva/formal que se baseia na oposição *casamento tradicional x casamento moderno* (passado X presente). São dois *scripts* contraditórios concorrendo na mesma narrativa e, para que ocorra o sentido de humor, um deles é acionado, geralmente, o mais inesperado. Apesar de serem de humor, as peças analisadas ainda não podem ser enquadradas como carnavalizantes. Explicamos: há dois espaços delimitados em cada uma das cinco narrativas analisadas (figuras 25-31): O espaço neopentecostal e o espaço LGBTT. Cada um deles “sequestra” enunciados do Outro, do oponente, mas devido às diretrizes da FD em que estão, e seguindo uma lógica de sua própria competência discursiva, cada um deles traduz o Outro, valendo-se de termos próprios de sua FD, da posição que ocupa. A interpretação de enunciados precisa necessariamente recorrer ao silêncio, aos sentidos que não podem ser enunciados. Esses sentidos são provenientes de outros espaços discursivos. No nosso caso, o espaço LGBTT complementa, orienta os sentidos dos discursos neopentecostais.

O mundo refratado pelos textos analisados do primeiro bloco até esse momento revela-se assimétrico, ou seja, mesmo desafiado pelo discurso LGBTT, o poder hegemônico da voz religiosa é de grande musculatura. Grande parte dos saberes, dos discursos orbitam ao seu redor. Essa força discursiva revela que o espírito da quaresma é o vencedor, ou seja, as regras ainda são impostas por “uma sociedade ocidental, cristã, capitalista e individualista” (SILVESTRI, 2014, p. 66). Valores que se opõem aos que o espírito carnavalizante simboliza. Para a autora, as sociedades se organizam no entremeio desses dois festejos, ou seja, entre a placidez e a loucura, entre o silêncio e o riso, entre a lei e a anarquia, entre o individual e a multidão. A retomada do Outro pelas FDs LGBTT apresentam-se apenas como uma estéril contraposição à FD neopentecostal. Nas HQs seguintes, observe-se como os efeitos de sentido de humor valem-se de estratégias que procuram fissurar por dentro um mundo organizado a partir de um ponto de vista oficial.



FIGURA 33 – MARCO FELICIANO

FONTE: RUAS, Carlos. Disponível em <http://www.umsabadoqualquer.com/1532-sobre-oboicote-ao-boticario>. Acesso em 09/08/2016

A HQ acima, diferentemente das demais HQs analisadas aqui, que foram retiradas de uma página do Facebook, foi publicada em um dos sites de quadrinhos eletrônicos mais visitados e populares do Brasil<sup>35</sup>. Carlos Ruas, seu criador, tem milhares de seguidores. Suas tiras são lidas e compartilhadas em dezenas de outros sites e redes sociais. Ruas consagrou-se com o personagem *Deus*, mas a página

<sup>35</sup> Os trabalhos de Carlos Ruas podem ser conferidos no site [www.umsabadoqualquer.com.br](http://www.umsabadoqualquer.com.br).

exibe também histórias de outros núcleos temáticos. Essa popularidade permitiu que o autor publicasse as tiras também em suportes convencionais.

A HQ, que apresentamos aqui, retrata uma conversa entre Marco Feliciano e Jesus. Não há nenhum tipo de formalidade no tratamento entre os dois, o que denotaria, na tira, que Feliciano teria um canal de comunicação mais direto com autoridades divinas. A solicitação de Feliciano é que Jesus boicote pautas que atingem em cheio a agenda neopentecostal – liberdade sexual, casamento gay, evolucionismo e religiões negras. Jesus não nega o pedido e diz que o levaria para um lugar onde todos pensam como Feliciano. O chiste é justamente este: o canal direto com Cristo e o fato de ser um religioso conduz a uma expectativa óbvia - o lugar deve ser o paraíso. O gatilho, porém, aciona outra conclusão, justamente, o espaço oposto, o inferno. Os traços do lugar (as chamas) e o personagem que dá boas vindas confirmam esse caminho interpretativo.

O personagem ficcional criado sob o molde do “real” reproduz os enunciados ditos pelo deputado em sua longa trajetória de polêmicas. Já analisamos neste trabalho a posição política e religiosa do pastor em relação aos negros (e sua religião), os homossexuais e a ciência. Há também um convite para boicotar marcas e produtos que porventura defendam valores progressistas. Pode-se afirmar que os discursos emitidos pelo personagem estão de acordo com aquilo que a competência discursiva do deputado chancela, ou seja, valores defendidos pelo discurso religioso neopentecostal. *Boicotar* e *enfrentar* são verbos significativos nesses enunciados. O ato de boicotar quaisquer coisas implica desvalorização da imagem da empresa junto a um tipo de público. Acredita-se que isso incentive a empresa a não produzir mais propaganda que dê visibilidade às minorias. O verbo *enfrentar* pressupõe luta, batalha, guerra, é uma metáfora recorrente no meio neopentecostal. Há muitos hinos, canções e pregações em que ela é usada. Fala-se em *inimigo*, *guerra*, *armadura*, *espada*, *marcha da vitória*... O trecho de uma pregação de Silas Malafaia, divulgado no site Verdade Gospel, reitera o que afirmamos:

As hostes espirituais da maldade são formadas por **tropas, exércitos** de demônios, que estão prontos para **atacar** a qualquer hora e em qualquer lugar onde a **batalha for mais renhida** (grifos nossos). Essas entidades malignas são enviadas a todo instante contra pessoas,

grupos ou nações. Exercem autoridade também sobre os homens perdidos e sobre aqueles que rejeitam Jesus. (MALAFAIA 2013 s/p)<sup>36</sup>.

Na HQ da figura 33, porém, o sentido desses termos (e dos enunciados) é deslocado do solo religioso, transposto para a esfera dos direitos humanos, nesse espaço, esses enunciados soam estranhos, deslocados. Jesus é recriado dentro dessa esfera contrária de um certo discurso religioso, seus traços obedecem, portanto, a outras regras de enunciação, de gramaticalidade discursiva. Na tira, por exemplo, ‘Jesus’ não compactua com Feliciano e o envia a um lugar onde esses discursos de intolerância, de acordo com a FD LGBTT, fazem sentido.

A tira faz um questionamento lúdico de todas as formas de poder, um gesto muito comum da literatura carnalizante, trazer ao centro tudo aquilo que é, de alguma maneira, excluído pela cultura oficial. É uma prática libertadora, em que negros, homossexuais, mulheres e todos os banidos pelos discursos oficiais podem participar. Segundo Fiorin (2006), o carnaval estabelece um mundo utópico em que a liberdade, a igualdade e a abundância reinam. Para isso, a carnavalização lida com categorias da excentricidade em que as coisas se encontram em um mundo às avessas. Um religioso no inferno e minorias “pecadoras” no céu validam essa leitura.

O texto que se segue é outro exemplo em que o mundo obedece a uma lógica diferente. Nesse exemplo, as mulheres ocupam o centro da narrativa, e parodiam situações cotidianas em que experimentam e sofrem de *sexismo*.

---

<sup>36</sup> MALAFAIA, Silas. **Como é a hierarquia no reino das trevas?** Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/silas-malafaia-inimigo-transformar-simples-fato-caos-50283.html>. Acesso em 27/07/2016





FIGURA 34 – MUNDO AO CONTRÁRIO FONTE:

Quadrinhos ácidos. Disponível em

<http://www.quadrinhosacidos.com.br/2014/03/conversa-acida-02-o-mundo-das-mulheres.html>. Acesso em 29/09/2016

Aqui encenam-se situações de um mundo ao contrário, em que elas se encontram na posição de sujeitos de discursos hegemônicos e essa posição lhes garante poder falar como estão falando, de assumir um protagonismo negado em muitas instâncias. Nota-se que a passagem de um discurso a outro (de machismo para o feminismo) é acompanhada “de uma mudança na estrutura e no funcionamento dos grupos que gerem esses discursos” (MAINGUENEAU, 2005, p. 125). O texto observa como a desvalorização feminina no mercado de trabalho e a objetificação do corpo da mulher são algumas dessas práticas que foram desalojadas de um discurso machista e realocadas, nos mesmos termos, para outros alvos, no caso, os homens.

Esse deslocamento é realizado de forma que o Outro experimente a tradução que faz do discurso alheio, que ele mesmo vivencie o simulacro que teceu para o Outro. Como se tivesse, ele mesmo, que experimentar parte do veneno destinado ao Outro.

O cartum a seguir organiza-se pelo mesmo princípio. São duas vinhetas. A primeira apresenta o discurso religioso dominante, cristão. Essa posição assimétrica de forças, permite aos padres sentirem-se superiores a outras culturas. No quadro seguinte, o mundo se inverte. Quem ocupa o centro agora são os 'pagãos' da FD anterior e sua fé, eles observam e riem, tal como fizeram os cristãos.

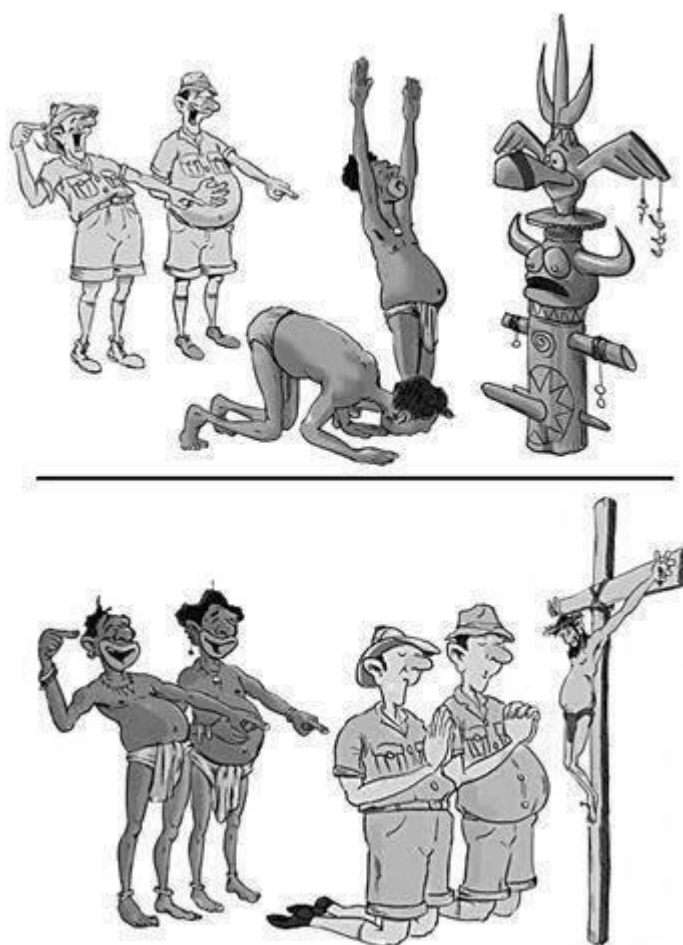


FIGURA 35 - A FÉ ALHEIA

FONTE: Ateísmo e humor. Disponível em

<https://ateismouniversal.wordpress.com/2016/01/15/un-poco-de-humor/>. Acesso em 09/12/2013.

Outro elemento importante a destacar é a equivalência de poder das vozes presentes no texto. As nossas primeiras análises (figuras 25 a 31) apresentavam esses discursos, porém, a estratégia era de revelar ainda a força e a truculência dos discursos hegemônicos. O riso constituía-se na desestabilização dessa força, mas ela

ainda é apresentada como uma voz de tom mais alto. A visão de mundo carnavalesca, no entanto, é mais democrática, apresenta tanto as vozes dos desvalidos quanto a dos poderosos, portanto, não há um tom que se sobressaia, que seja mais audível que as demais. Vale lembrar que o carnaval primitivo trazia toda a sorte de pessoas para a praça, não havia pobre, rico, rei ou rainha. Nessa praça festiva, todas as vozes adquiriam a mesma valoração, o mesmo estatuto.

Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. (BAKHTIN, 2002, p. 8-9).

A literatura carnavalesca também se propõe a equiparar as vozes, que elas se tornem menos assimétricas. No cartum acima (figura 35) há espaço para a tradição cristã, mas também para os pagãos. Essa equiparação mostra-nos, afinal, que o exótico, o inculto, o crédulo, são conceitos localizados e construídos e eles dependem justamente daqueles que detêm o controle da narrativa.

As categorias carnavalescas – as do avesso (“mundo ao avesso”, “vida ao contrário”); a abolição na ordem hierárquica (livre contato familiar entre os contrários); a abolição da ordem hierárquica (livre contato familiar entre os homens); a mistura de valores, pensamentos, fenômenos e coisas (sagrado e profano, sublime e ínfimo, sábio e tolo etc.); a da profanação (sacrilégios carnavalescos e sátira carnavalesca). (PONZIO 2008 p. 172).

Na carnavalização, corpos e discursos tornam-se um só. O riso, a tristeza, a volúpia, a indiferença, a vida e a morte podem compor uma mesma criatura. Vale lembrar das velhas grávidas apontadas por Bakhtin (2002) no estudo sobre as imagens recorrentes na obra de Rabelais. Elas são criaturas de corpos decrepitos que trazem também um lampejo de esperança e de renovação. Essa dubiedade garante o lúdico, a incerteza, “a vida se revela no seu processo ambivalente, interiormente contraditório. Não há nada de perfeito nem completo, é a quintessência da incompletude.”(BAKHTIN, 2002 p. 23). O corpo carnavalesco é dúbio, preñado de múltiplos sentidos. É o corpo da coletividade. Ele é o oposto do corpo da quaresma, do corpo do renascimento, dos discursos oficiais em que o corpo é domado, fechado, sem fissuras, sem aberturas, enfim, é um corpo individual, que nega a coletividade



FIGURA 36 – CASAMENTO ENTRE FELICIANO E BOLSONARO

FONTE:

AROEIRA.

Disponível

em

<http://www.humorpholitico.com.br/semhttp://www.humorpholitico.com.br/sem-categoria/cnj-aprova-casamento-homoafetivo/categoria/cnj-aprova-casamento-homoafetivo/>. Acesso em 22/11/2015.

O autor criou para a charge uma criatura que parece um amálgama entre seres distintos. As cabeças são caricaturas, isso implica que as figurações se baseiam em exagerar determinados aspectos físicos tais como orelhas e narizes. Na charge, a anatomia disforme representaria o discurso conservador, oficial, na figura de dois dos maiores opositores das políticas LGBTTs, Marco Feliciano e Jair Bolsonaro. As duas cabeças parecem enxertadas em corpos femininos, a desproporção dos traços, a falta de harmonia entre cabeça e tronco reforçam esse sentido de dois corpos em um só. Os troncos estão trajando um vestido de noiva, o que sugere, por meio de uma simbologia religiosa, o sentido de pureza, de virgindade. Porém, a junção desses dois elementos, homem e corpo de mulher, resulta em sentidos ambivalentes. Ao mesmo tempo em que são figuras respeitáveis, ambos se encontram travestidos de noivas, algo veementemente proibido e vetado pelos personagens representados por essas figuras. Há, para além da questão do travestimento, a clara alusão ao casamento homoafetivo, assunto veementemente combatido pelos personagens aí representados.



Outro aspecto que apresenta traços carnavalizantes é a presença do velho e do novo, do estéril e do procriativo. Como já observamos, os traços que compõem a cabeça são exagerados, destacam proeminências faciais (narizes, olhos, boca), o que dá um aspecto deletério, insano.

Ao destacar as diferenças entre os corpos grotescos e corpos da cultura oficial, Bakhtin aponta e reforça o caráter ambivalente e ambíguo das retratações carnavalizantes e como eles descontrolam as certezas e relativizam tudo:

Na realidade função do grotesco é liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseiam as ideias dominantes sobre o mundo. O grotesco derruba essa necessidade e descobre seu caráter relativo e limitado. A necessidade apresenta-se num determinado momento como algo sério, incondicional e peremptório. Mas historicamente as ideias sempre são sempre relativas e versáteis. (BAKHTIN, 2002,p.43).

Para Silvestri (2014), os corpos grotescos mostram-se como duplos em relação aos corpos padronizados da cultura oficial. Ele é revolucionário, porque procura subverter os corpos formatados pela ideologia oficial. Para isso, torna-se a representação de um corpo maior, de uma comunidade, é um corpo dialógico, ou seja, “formam uma multidão de sujeitos em busca de uma constituição que não seja a massificação, liquidez angustiante, armadilha e ocultamento, mas da flexibilidade, diferença, infuncionalidade e renovação”.(SILVESTRI ,2014, p. 139).

A 15ª. Parada Gay de São Paulo em 2015 trouxe uma performance artística que pode ilustrar algumas das questões aqui apontadas. A transexual Viviany Belebony<sup>37</sup> crucificou-se em um dos carros alegóricos. A performance criticava os discursos religiosos que acabam, segundo a artista, alimentando e justificando ações de ódio contra a comunidade gay. O corpo da atriz uniu o elemento considerado profano – as travestis têm uma identidade de gênero que não condiz com seu sexo biológico – e o sagrado – a cruz, a coroa, as chagas de Cristo. A comunidade gay, em especial os transexuais, estava, de alguma forma, representada no corpo da travesti. O corpo que se abria para o espetáculo, para a praça pública, levava uma mensagem contundente e ao mesmo tempo, procurava destronar, relativizar as certezas da

---

<sup>37</sup> G1. **Transexual é intimada a depor por crucificação em Parada Gay 2015**. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/transexual-e-intimada-depor-por-crucificacao-emhttp://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/transexual-e-intimada-depor-por-crucificacao-em-parada-gay-de-2015.htmlparada-gay-de-2015.html>. Acesso em 21/09/2016.

cultura oficial. Cristo estava representado na figura ambígua que traz no mesmo corpo marcas de ambos os sexos, o masculino e o feminino. O gesto polêmico provocou a ira de setores conservadores e a atriz passou a ser vítima de ameaças de morte. A charge (figura 36) também representa uma perspectiva positiva sobre a liberação da união civil entre os homossexuais. O sujeito do discurso faz isso de forma alegórica, paródica e carnavalesca. Traz para o centro da comemoração dois políticos hostis à comunidade gay, despe-os e os traveste com roupas do imaginário religioso, ou seja, do mesmo campo em que se encontram os políticos. Entretanto, a vestimenta pertence ao gênero feminino e não pode ser usada por homens. A masculinidade hegemônica manifesta-se por meio de performances que excluem qualquer elemento do universo feminino. Os homossexuais infringiriam esse comportamento porque usam roupas e acessórios femininos, além de mesclarem performances de ambos os sexos. Os personagens acabam provando de seu próprio discurso, que se volta contra eles. Tornam-se reis bufões que ocupam a cena de uma paródia de casamento do mundo “sério”, das instituições religiosas.

É o tipo de humor em que o enunciador experimenta ocupar a posição do Outro, provando da tradução que ele mesmo faz desse Outro, um rebaixamento que visa provocar a empatia, ou seja, sentir-se no lugar do outro, ouvir seu próprio enunciado ocupando um espaço que não é o seu de origem. Nos três últimos discursos analisados, observamos o reposicionamento de sujeitos que falavam de um lugar privilegiado. Eles experimentam o espaço discursivo do Outro.

Três das quatro últimas HQs apresentadas nesse bloco (figuras 33, 34 e 36) apresentam uma diferença significativa nas estratégias discursivas para constituição dos sentidos de humor. A primeira história leva ao inferno uma das figuras mais representativas da comunidade neopentecostal. A segunda história inverte o mundo das relações de gênero. É a mulher que ocupa os espaços discursivos do homem, enquanto ele experimenta os dissabores do sexismo. Na terceira história, dois dos mais notórios políticos contrários às questões LGBTTs veem-se travestidos de noiva e certamente, serão vítimas de todas as práticas discursivas direcionadas aos sujeitos que vivem uma sexualidade não padronizada. A fala de Feliciano demonstra um pouco esse sentido de deslocamento: “Bolsonaro? O que você está fazendo no meu pior pesadelo?”.

Há uma tonalidade diferente nas traduções que se faz do Outro das traduções realizadas pelas HQs já analisadas. Embora o riso esteja presente (em maior ou

menor grau) há um estado de conformidade, de alienação até. Os textos carnavalizantes investem em outros sentidos, ou seja, há aquilo que Bakhtin (2002) denomina de desejo utópico, pois o carnaval “apontava para um futuro ainda incompleto” (BAKHTIN, 2002, p.9). Silvestri (2014) explica:

(...) a visão e ação carnavalesca tornam-se transgrediência face às relações de poder. Não obstante, toda liberdade da consciência, nascida de uma ressignificação, é abertura para outras novas possibilidades. A tensão entre as ideologias – oficial e cotidiana – revela um dinamismo da memória de passado e memória de futuro. Esse dinamismo permite entender os impulsos de mudança como utopia prática real e histórica presente nos eventos cotidianos e vivenciados na temporalidade do sujeito. (...) Desestabilizar é o papel de uma utopia crítica. A carnavalização traz uma relatividade pela qual os polos são deslocados, libertados da seriedade. Inverter as configurações habituais, deslocar as suposições corriqueiras, colocar o mundo de cabeça para baixo é a dimensão estética, ética e utópica desse evento. (SILVESTRI, 2014, p. 81; p.85).

Além de desafiar os discursos oficiais por meio da transgressão, os textos carnavalizantes são construtivos, porque nos oferecem a perspectiva de uma sociedade mais igualitária, em que todos compartilham o mesmo tom de voz. Nesse sentido, o riso carnavalizante é sempre positivo. O escritor Antonio Prata, no documentário *O riso dos outros*, faz uma diferenciação entre o *riso negativo* e o *riso positivo* presentes na atual safra de comediantes brasileiros. Para o autor, o humor politicamente incorreto é antirrevolucionário, é o riso descendente, ou seja, que parte de cima para baixo. Os humoristas que tematizam negativamente as minorias para produzir o humor estão na verdade a serviço das elites. É um humor conformado, imitativo de um estado de coisas, lúgubre. Prata diz que são piadas que seguem o estilo “guarda passa a mão na bunda do mendigo”. Já o humor positivo estaria na contramão, é um humor ascendente, popular, e profundamente revolucionário pois confronta o *status quo*. Um tipo de humor, segundo Prata, em que é o mendigo agora que passa a mão na bunda do guarda.

A praça pública era o espaço em que o segundo tipo de humor era produzido. Diferentemente dos carnavais televisionados, em que o espectador vê o evento de longe ou pela TV, o carnaval da praça era vivido e compartilhado. Havia a supressão, mesmo que provisoriamente, das diferenças sociais, o artesão, o camponês, o nobre e o religioso festejavam lado a lado. As praças públicas foram se tornando espaços marginais, cuja criminalidade e insegurança acabaram por afastar grande parte da

população. Os espaços de convivência pública foram sendo lentamente transferidos para os shopping centers, os quais, ao contrário da praça, constituem-se nas novas áreas de convivência que segregam, proíbem, por exemplo, a presença massiva de jovens da periferia.

A praça é o logradouro público por excelência, o palco de um povo que naturalmente o elegeu e o preserva. É uma extraordinária oportunidade de conagração, de intercâmbio cultural, de interação democrática. O shopping, pelo contrário, não passa de paraíso dos mercadores e de garantia dos oligarcas. Aqui o povo, plebe rude e ignara de ricos e pobres em virtude de uma perversa democracia atada apenas e tão somente à ignorância geral, lá vai em busca da praça e encontra o apelo consumista, tanto mais sedutor na ausência de estímulos e alternativas. O shopping é rincão deprimente, de aterradora melancolia, onde fermentam, em áspera contraposição, ilusões e frustrações a demarcar as diferenças sociais acima da pobreza intelectual e do conformismo comuns. (CARTA, 2014, s/p)<sup>38</sup>

A democratização dos meios eletrônicos possibilitou que a internet se tornasse um espaço de convivência mais democrático, é a *ágora moderna* em que muitos grupos sociais se reúnem, trocam experiências, marcam eventos, manifestações, opinam sobre fatos diversos, compartilham e publicam textos. Para Levy(1996).

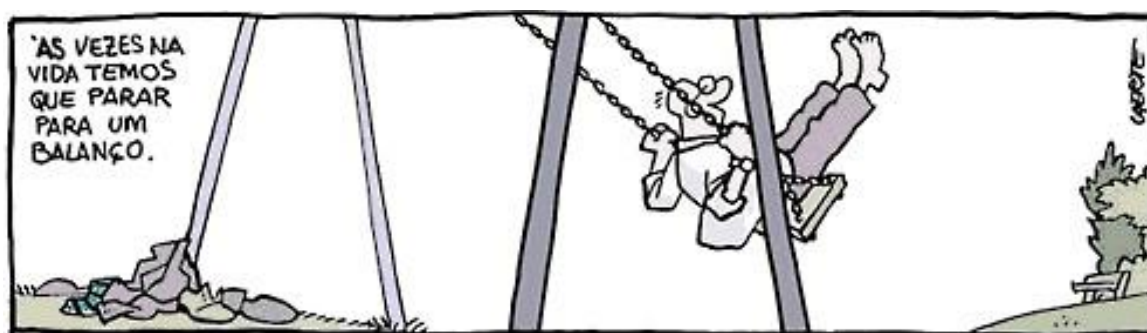
As coisas só têm limites claros no real. A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos. Por isso a virtualização é sempre heterogênea, devir outro, processo de acolhimento da alteridade. (LEVY ,1996, p. 25)

Os textos analisados nesta seção foram criados e compartilhados na internet. Parte deles integra páginas de comunidades em redes sociais pró LGBTTs.

---

<sup>38</sup> CARTA,Mino. Shopping Center. não é praça. 17/01/2014. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/revista/783/shopping-center-nao-e-praca-6350.html>. Acesso em 22/09/2016

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS



LAERTE. Manual do minotauro

Diz o velho ditado que “rir é o melhor remédio”. Para a AD, entretanto, o riso, antes de ser remédio, é um sintoma. Ele denota aspectos sociais e comportamentais de uma dada comunidade. As piadas pejorativas, por exemplo, sobre negros, mulheres, estrangeiros e gays são indicadores de como esses grupos sociais são compreendidos e tratados. O trabalho de análise que realizamos ao longo desta tese foi o de tentar compreender que recursos discursivos são necessários para a produção de sentidos de humor em HQs, em especial, as peças humorísticas produzidas dentro de dois campos discursivos: o neopentecostal e o LGBTTs.

A análise desses dois campos constitutivos teve como orientação o dialogismo bakhtiniano que considera o material textual como não acabado, não pronto, ele se encontra em um devir cujo “fechamento” reside no horizonte de outras práticas discursivas. Maingueneau (2005) afirma que os discursos sacrificam parte dos sentidos em prol do Outro, ou seja, é o Outro que detém o seu fechamento, em um jogo de constituição mútua. A interdiscursividade prevalece sobre o discurso, e é nessa zona fronteira que os sentidos são elaborados e mantidos. A *semântica global*, de Maingueneau, orientou-nos sobre alguns aspectos importantes na constituição do dispositivo enunciativo. O *gênero do discurso*, o *papel social dos agentes envolvidos* e a *historicidade* em que tais discursos estão circunscritos, são alguns exemplos. Um dos aspectos da semântica global muito relevante para o nosso exercício de interpretação foi descrever a importância do suporte onde os textos são publicados. No nosso caso, destacar como a internet implodiu os espaços entre obra, leitor e autor. Ela ampliou as possibilidades de leitura, na medida em que oferece outras semioses agregadas, outros links que direcionam para outros textos. O leitor também tem uma participação ativa, impõe temáticas, sugere, condiciona sentidos.

Delimitamos também as zonas investigadas: o espaço religioso neopentecostal e o espaço LGBTT, sempre dentro de um campo discursivo religioso. Para proceder a análise foi necessário também descrever cada um desses espaços, os discursos religiosos e os discursos que encerram o sujeito homossexual. Toda essa mobilização em torno dos enunciados analisados nos coloca em uma posição teórica que não “fetichiza” o texto, ou seja, este não é tratado como uma peça autônoma, desencarnada de seus falantes e de seu solo histórico, ele faz parte de uma engrenagem de um maquinário composto por muitas peças.

As análises procuraram descrever justamente esse funcionamento. Nossa hipótese era de que o humor possui tons variados, ou seja, os recursos mobilizados para produzir, por exemplo, humor irônico, o riso amarelo, o riso carnavalizante, seriam diferentes. As análises buscaram então, descrever justamente os aparatos técnicos responsáveis pelos sentidos de humor. Possenti (1998) nos oferece uma teoria que descreve os mais variados recursos para a produção de humor, uma descrição que abrange desde elementos mais atômicos - fonéticos, morfológicos, até os discursivos. O autor afirma que a criação de piadas, de textos de humor, envolve técnicas complexas e elaboradas, mas que podem ser descritas linguisticamente e, portanto, cientificamente. Assim, segundo ele, evita-se o “achismo” ou a relativizações do estilo “cada um faz a leitura que quiser”.

Para a AD, a leitura interpretativa visa desconstruir a errônea ideia de que por meio da linguagem temos acesso as coisas do mundo de forma direta. Faraco (2003) expõe que a relação língua e coisas no mundo (no sentido amplo do termo), se dá sempre obliquamente pois, “nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas.”(FARACO, 2003, p.49). As análises buscam os indícios, as pistas que denunciam o espaço onde os sentidos são tramados. Observando-se esses detalhes, as análises procuraram perceber como o Outro é traduzido pelo oponente, especificamente, os sujeitos homossexuais e a “tradução” que as FDs neopentecostais fazem destes. Trata-se, pois, menos de uma questão de mal-entendido mútuo, de ambiguidade e mais de sujeitos cujos embates se enunciam numa dada posição.

O humor carnavalizante constitui-se dialogicamente, na medida em que a tira faz uma tradução do Outro em um tom que procura relativizar as posições autoritárias e os discursos hegemônicos, de tendências monologizantes. A desconstrução do

oponente se dá justamente em um processo em que os enunciadores desses discursos, no nosso caso os religiosos conservadores, passam a ocupar uma posição inferior e nessa posição, passam a provar, experimentar as mesmas palavras direcionadas aos seus oponentes (ou vítimas). O riso carnavalizante não é conformado com um estado de coisas, é uma espécie de semente de um mundo mais democrático, mais igualitário. Por essa razão, o riso carnavalizante se afasta da distopia, da desesperança – se não o fizesse, seria um riso grotesco, desesperançoso - e assume, através da linguagem alegórica, festiva, uma visão utópica de mundo. Como diria Bakhtin, o riso carnavalizante não seria uma força tranquila e nem visa a estabilidade, como a seriedade presente nas festas oficiais, o riso “suprime o peso do futuro (do porvindouro), livra das preocupações do futuro; o futuro deixa de ser uma ameaça. ” (BAKHTIN, 2003 p. 397). Esse mundo mais justo, mais esperançoso, é celebrado, revigorado por inúmeros gêneros discursivos, neste trabalho, observamos como as HQs publicadas na internet podem apresentar riso dessa natureza. Ademais, o riso carnavalizante propõe a inversão do *status quo*, da organização social vigente, no caso do nosso objeto de análise, embora a nova legislação brasileira permita a união oficial homoafetiva e criminalize a discriminação dirigida a pares do mesmo sexo, a comunidade em geral não reage da mesma forma em relação a essa nova lei.

Nesse sentido, o que observamos é que há um comportamento recomendado na letra da lei e outro nas práticas sociais cotidianas. Considerado dessa maneira, o discurso neopentecostal, embora contrário aos ditames da lei, circula sem maiores problemas, engrossa as vozes que compõem a organização social vigente. Assim, qualquer tira de humor que problematize essa visão discriminatória de mundo é, em essência, carnavalizante, mesmo quando não o é explicitamente. Os autores/humoristas de tiras que apresentam a temática LGBTT em relação com o discurso religioso estão problematizando a questão e forçando a reflexão a respeito das posições consagradas. Por essa razão, podemos considerá-los carnavalizantes na acepção bakhtiniana.

Encerramos com um trecho de uma composição de Billy Blanco, na voz de Elza Soares, que sintetiza de forma precisa, o movimento descendente da carnavalização.

E acaba essa banca  
A vaidade é assim, põe o bobo no alto  
E retira a escada

Mas fica por perto esperando sentada  
Mais cedo ou mais tarde ele acaba no chão  
Mais alto o coqueiro, maior é o tombo do coco afinal  
Todo mundo é igual quando a vida termina  
Com terra em cima e na horizontal<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> <https://www.lettras.mus.br/elza-soares/1390573/>



## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean-Michel **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAUJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica ao sujeito**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

ATTARDO, Salvatore. **Linguistic Theories of Humor**. Berlin–New York: Mouton de Gruyter, 1994.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss de Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**, São Paulo: Parábola, 2011.

\_\_\_\_\_. **Língua, linguagem e linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética em Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BERGSON, Henry. **O riso**. Trad. Nataniel C. Caixeiro. Zahar: Rio de Janeiro, 1983.

BARBOSA, Alexandre RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro;; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

BARONAS, Roberto Leiser; AGUIAR, Gisele Freitas. **Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o político na charge**, BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-182, 2o sem. 2009.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Contribuições Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto. **Diálogos com Bakhtin**. Editora da UFPR, 1996.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online – textos e práticas digitais**. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola, 2015.

BAZERMAN, C.. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005  
BERISTAIN, Helena. O chiste. In: LUSTOSA, Isabel.(org) **Imprensa humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Editora UFMG, 2011.

BORGES NETO, José; DASCAL, Marcelo. **De que trata a lingüística, afinal ?**. Histoire Épistémologie Langage. Tome 13, fascicule 1, 1991. pp. 13-50.

BORNHEIM, Gerd. O sujeito e a norma. In: NOVAES, Adauto (orgs). **Ética**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

BRAIT, Beth; SOUZA-e-SILVA, Maria Cecília (orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

BRANCO, Fabiana de Souza Castelo. **Um corpo estranho no santuário – discurso de instituições religiosas e experiências de indivíduos homossexuais em igrejas**. Curitiba: Appris, 2015. Kindle Edición.

BRANDÃO, Helena H. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo, Unicamp, 2004.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2.ed. São Paulo: EDUC, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Gilberto. Os apontamentos de Bakhtin: uma profusão temática. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

CASTRO, Thiago Estevão Calixto. **Tiras cômicas online: mediação e interação na linguagem das tiras**. Dissertação de mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia, Curitiba, 2016.

CLARK; Alan; CLARK; Laurel. **Comics: uma história da banda desenhada**. Distri: Lisboa, 1991.

CHACAL, Ricardo. **Belvedere**. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 214.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

CHILAND, Colette. **O sexo conduz o mundo**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2005.

CHINEN, N. **linguagem HQ – conceitos básicos**. São Paulo: Criativo, 2013.

COSTA, Horário et al (orgs). **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: Editora da USP, 2010.

CRISTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANNER, Alexander; MAZUR, Dan. **Quadrinhos: História moderna de uma arte global – De 1968 até os dias de hoje**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo** – condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Brasília: Edunb, 1993.

\_\_\_\_\_. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DEUTSCHER, Guy. **O desenrolar da linguagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas de Will Eisner**. Trad. Leandro Luigi. São Paulo: Devir, 2013.

\_\_\_\_\_. **Quadrinhos e arte sequencial**: tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, José Luis. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth: **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Tradução; Claudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: vontade de saber.** Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANCO, Edgar Silveira. Histórias em Quadrinhos e hipermídia: as HQtrônicas chegam à sua terceira geração. In LUIZ, Lucio (org.). **Os Quadrinhos na era digital: HQtrônicas, webcomics e cultura participativa.** Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **HQtrônicas: do suporte papel à rede Internet.** São Paulo: Annablume & Fapesp, 2 ed., 2008.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Sergio. **Análise do Discurso – procedimentos metodológicos.** Manaus: Instituto Censur e Gestão do Conhecimento; edição Kindle, 2014.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o cômico.** Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. VIII. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1977. Edição original: 1905.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que homossexualidade?.** São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.

GAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos: linguagem e semiótica.** São Paulo: Criativo, 2015.

GARCÍA, Santiago. **A novela gráfica.** São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GOIDA; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos quadrinhos.** São Paulo: LP&M, 2011.

GONDIM, Ricardo. **Reflexões sobre o fundamentalismo**. Disponível em <http://www.ricardogondim.com.br/estudos/reflexoes-sobre-o-fundamentalismo>. Acesso em 09/06/2016.

GRANT, Morrison. **Super deuses**. Tradução Érico Assis. Seoman: São Paulo, 2012.

GREEN, James N. **Além do carnaval. a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

GROESTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Tradução Érico Assis. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOLQUIST, Michael; CLARK, Katerina. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ITURRUSGARAI, Adão. **Rocky & Hudson: os caubóis gays**. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2015.

JEAN, Georges. **A escrita – memória dos homens**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KOCH, I. ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é virtual?**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LARA, Gláucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco (orgs). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015,

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUIZ, Lucio (org.). **Os Quadrinhos na era digital: HQtrônicas, webcomics e cultura participativa**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014.

MACHADO, Daniela Zimmermann; WACHOWICZ, Teresa Cristina. Dialogismo. In: COSTA, Iara Bemquerer; FOLTRAN, Maria José (orgs). **A tessitura do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

MACHADO, Maria das Dores Campos; PICOLLO, Fernanda Delvalhas (orgs). **Religiões e homossexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. Edição do Kindle.

MAINGUENEAU, Dominique. **Analisando discursos constituintes**. Revista do GELNE Vol. 2 No. 2, 2002.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação – versão ampliada**. São Paulo: Cortez, 2014.

\_\_\_\_\_. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos**. Trad. S. Possenti. São Paulo: Criar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. Texto, gênero de discurso e aforização. In: BRAIT, Beth; SOUZA E SILVA, Maria Cecília. **Texto ou discurso?**. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2010.

MCCLOUD, Scott. **Reinventando os Quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2006.

\_\_\_\_\_. **Desenhando quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2008.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2007.

MERINO, Ana. **Women in Comics: a Space for Recognizing Other Voices**. In: Comic Journal no. 237. 2001.

MIRANDA, Dilmar. **Carnavalização e multidentidade cultural: antropofagia e tropicalismo**. Tempo Social; Rev. Social. USP, São Paulo, 9 (2): 125-154, outubro de 1997.

MOURILHE, Fábio. **Origem do balão nas histórias em quadrinhos**. Rio de Janeiro: FLCMS, 2013.

MOYA, Álvaro. **Shazam!**. São Paulo, Perspectiva, 1977.

NEVES, Maria de Moura Neves. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2011.

NOBRE, Kennedy Cabral. **Ressonâncias dialógicas da cultura popular e do carnaval na web**. Entrepalavras, Fortaleza, ano 4 vol.4, no.2, p. 8-22, jul/dez 2014.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**. Campinas. Editora da Unicamp, 2007.



\_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. 4ª ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: 3ª. Edição Pontos Editores, 2008.

ORWELL. George. **1984**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Tradução Rytá Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. **Almanaque dos Quadrinhos** – cem anos de uma mídia popular. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PECHEUX, Michel. **O discurso – estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Pontes: São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PINAFI, Tânia. Assimetrias de poder na militância entre gays e lésbicas. In: COSTA, Horário et al (orgs). **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: Editora da USP, 2010.

PINKER, Steven. **Como a mente funciona**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana**. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

PIVOVAR, Altair. **Escola e quadrinhos: o agon discursivo**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 2007.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dialogando sobre o diálogo na perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João editores, 2012.

POSSENTI, Sírío. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre língua, texto e discurso**. In: BRAIT, Beth; SOUZA E SILVA, Maria Cecília. *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Teorias do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org) **Introdução à linguística volume 3 – fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2009.

PROULX, Annie. *O segredo de Brokeback Mountain*. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos** – coleção Linguagem & Ensino. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. **Faces do humor – uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas: Zarabatana Books, 2011.

\_\_\_\_\_. **Tiras livres – um novo gênero em quadrinhos**. Paraíba (João Pessoa): Marca Fantasia, 2014.

RAMOS, Paulo; Vergueiro, Waldomiro (Orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

RIBEIRO, Roberto Irineu. **A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros**. São Paulo: GLS, 2010.

ROBINS, R.H. **Pequena história da linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ROBINSON, Jerry. **The comics: an illustrated history of comic strip art**. New York: Putnam, 2011.

RODRIGUES, Raúl Ernesto Garcia. **La carnavalización del mundo como crítica: risa, acción política y subjetividad en la vida social y en el hablar**. Athenea Digital 13 (2) 121-130 (julio 2013).

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L, BONINI, Adair, MOTTA-ROTH, Désirée (orgs). **Gêneros, teorias, debates e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

RUSHDIE, Salman. **Haroun e o Mar de Histórias**. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. Tradução Rosaura Eichemberg. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo da. **Histórias em quadrinhos e práticas educativas**. São Paulo: Criativo, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Cultrix: São Paulo. 1993.

SILVA, Fabiana de Souza Castelo Branco. **Um corpo estranho no santuário – discursos de instituições religiosas e experiências de indivíduos homossexuais em igrejas**. Edição do Kindle, 2015.

SILVESTRE, Kátia Vanessa Tarantini. **Carnavalização como transgressão da multidão**. São Paulo: UFSCAR, 2014.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Circulo de Bakhtin**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade, uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TERRA, Ernani. **Linguagem. Língua e Fala**: coleção Percursos. São Paulo: Editora Scipione, 2008.

TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista**: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2016.

VANEIGEM, Raoul. **Nada é sagrado, tudo pode ser dito: reflexões sobre a liberdade de expressão**. Trad. Marco Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. Desenvolvimento e tendências do mercado de quadrinhos nacional. In: VERGUEIRO, Waldomiro e SANTOS, João Elísio dos. **A história em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Laços, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). **Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª Arte**. São Paulo: Devir, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. **Os pioneiros no estudo de Quadrinhos no Brasil**. São Paulo; Criativo, 2013.

VOESE, Ingo. **Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo : Cortez, 2004.

VOLOSHINOV, V. N; BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

VOLOSHINOV, V.N. **O freudismo**. Perspectiva: São Paulo, 2004.

WATTERSON, Bill. **O livro dos domingos de preguiça de Calvin e Haroldo**. Trad. Alexandre Boide. São Paulo: Conrad Editora, 2015.

XAVIER Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (orgs.). **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003,